

"Riding the Storm is electric, a deliciously erotic thrill ride that will have readers on the edge of their seats!" —Angela Knight

Riding the STORM

THE STORM IS OVER.
BUT THE SEDUCTION
IS JUST BEGINNING....

SYDNEY CROFT



Potencial Operante ACRO : Remy Begnaud

Ocupação: Ex- SEAL

Status Operacional: classificado



Habilidade: parece ter um vínculo com o tempo - pode controlar as tempestades em certa medida, o que parece ser controlado por elas. Potencial de destruição em todo o mundo, se não estiver contido.

Objetivo: tem que ser ensinado a controlar esses impulsos. Potencial de seqüestro pelas agências hostis é alto demais para ser ignorado - assunto deve ser levado imediatamente para ACRO.

Operante ACRO: Haley Holmes

Ocupação: Parameteorologista ACRO

Status Operacional: Não operando em campo



Antecedentes: Ex-meteorologista da Aeronáutica. Trabalhou investigando fenômenos meteorológicos para empresas privadas depois de deixar o serviço militar. Pais falecidos. Sem irmãos. Se auto denomina viciada em trabalho.

Retirado do site: <http://www.sydneycroft.com/acro/operatives.php>

Capítulo 1

T-Remy, onde você está? Sa va mal¹.

— Então o que mais é novo, Papai?— Remy murmurou, com os olhos semicerrados pela escuridão e a chuva que os limpadores de pára-brisa não agüentavam, enquanto ele lutava para continuar na estrada lamacenta e discar em seu celular ao mesmo tempo.

Para seu velho dizer que as coisas estavam más significava uma de duas coisas: Ou tudo era negócio como de costume e ele estava sendo dramático, ou o mundo estava chegando ao fim. Tinha apenas preto e branco com seu pai, que é por que Remy se encontrava confortavelmente no cinza na maior parte das vezes.

E realmente, as coisas sempre iam mal para Remy Sênior, e ligar para T-Remy, como ele era conhecido carinhosamente por essas bandas, era como ligar para sua própria cavalaria pessoal. Estilo Marinha. Exceto que Remy tinha renunciado sua comissão no mês passado e tinha pego sua licença definitiva de seu time da SEAL sete dias antes, algo que ele não estava ansioso para contar ao seu pai.

¹ Sa va mal : francês - as coisas vão mal

Seguindo os passos do seu velho, Remy Sênior tinha falado para ele orgulhosamente oito anos atrás, então assinou os papéis permitindo que seu filho se alistasse no seu décimo sétimo aniversário, logo depois de se formar no ensino médio.

A Marinha tinha sido a rota de fuga de T-Remy da baía, e se juntar aos times da SEAL tinham sido uma das coisas mais difícil que ele já tinha feito. Deixá-los tinha sido igualmente difícil, mas ele sempre iria saber, em todos os níveis, que ele não foi feito para ser um jogador de equipe.

Então realmente, não havia desculpa na baía verde de Deus para não visitar e checar seu pai. Família era família, e toda essa porcaria, mesmo que isto fosse a última coisa que ele queria fazer.

Ainda sem resposta. Nem mesmo uma maldita secretária eletrônica no outro lado da linha da casa ou do celular, três dias e sete horas inteiras desde a última ligação de Remy Sênior. Ele jogou o telefone e empurrou a caminhonete adiante na estrada lamacenta conduzindo para a casa de seu velho. A estação de furacões tinha chego forte na baía este ano, e ele não podia ter certeza se era por isso que seu pai tinha ligado.

Na noite passada, Remy tinha estado desenhando de novo em seu sono – a mesma figura que ele vem desenhando desde que ele tinha seis anos, a mesma figura que ele vem desenhando toda noite pelos últimos seis meses, o punho contra um fundo de nuvens, segurando um punhado de relâmpagos num aperto firme – e ele sabia que o furacão que tinha se agitado do nada na noite passado iria segui-lo para o interior vindo da costa. Ele sempre tinha sido uma atração para tempestades. Um cata-vento humano. Rumores

mantinham que ele tinha nascido durante um furacão, nascido e então deixado nos degraus da entrada da igreja enquanto os ventos da noite uivavam ao redor dele.

Não tinha como negar que havia algo sobre ele e o clima. Ele podia prevê-lo, superá-lo, sempre sabia quando a Mãe Natureza ia estragar sua festa. Seus antigos colegas de time o chamavam de Tempestade, mais como uma piada do que qualquer coisa e principalmente quando ele não está por perto para ouvir, por que Remy não levava bem piadas.

Ultimamente, a Mãe Natureza vinha trabalhando sua magia em tempo extra nele, necessitando de isolamento antecipado, e hoje não era exceção. Especialmente quando a ponte começou a cair atrás de sua caminhonete. Ele tentou não olhar para trás fascinado enquanto os pesados troncos que tinha estado ali por tanto tempo, quanto ele conseguia se lembrar se quebraram como palitos de fósforo sobre o vento lamentoso.

É, isto não podia ser bom. Ele não se sentia com vontade de nadar na água escura abaixo. Ou de perder sua caminhonete. Sem pensar nas costelas doloridas, recentemente lesionadas por uma tentativa de assalto quando ele deixou seu apartamento em Norfolk para a baía.

Ele urgiu o acelerador lento e constantemente, não querendo encorajar a ponte a cair diretamente abaixo dele. Mais um interminável metro e meio e ele teria cruzado para dentro da terra de ninguém e poderia se preocupar em como voltar depois.

Parte dele queria parar a caminhonete ali mesmo, parar no meio da fúria da natureza e deixá-la tentar acabar com ele. Mas seus sentimentos de responsabilidade o importunaram mais forte.

Não é hora para brincar, T-Remy.

Mas isso não significava que a Mãe Natureza não podia brincar com ele na pior maneira possível e seu pênis endureceu num lembrete doloroso. Ele tinha tentado ignorar o impulso que tinha começado na noite passada enquanto ele dormia, daqueles que iriam normalmente o tirar da cama, quente, inquieto e rondando por qualquer coisa para arranhar sua coceira.

Isto não iria acontecer esta noite, ele forçou a si mesmo a afundar o impulso, desligá-lo e, com quinze minutos, sua caminhonete subiu o caminho sujo e arrancou para frente da casa que ele tinha crescido.

O lugar ainda era um buraco.

Três anos atrás e uma tempestade que deixou o paraíso escancarado acima da baía não tinha atenuado as memórias, e ele estava feliz por ter dirigido a noite. A ampla luz do dia não iria ser nem um pouco mais gentil e ele não estava esperando muito de qualquer jeito.

A caminhonete dele se moveu facilmente sobre a escavada estrada e parou logo na antiga garagem que há muito tempo tinha perdido sua porta. Ele prendeu sua faca em seu bíceps esquerdo com um faixa preta de velcro, porque os jacarés locais tendiam a se exasperar durante uma tempestade,

especialmente quando eles foram deslocados de suas casas na baía. Mais de umas poucas vezes durante sua juventude ele tinha sido surpreendido por um ou dois perdidos que estavam tão aborrecidos por vê-lo quanto ele. Ele tinha aprendido como brigar com jacarés da maneira difícil, uma necessária habilidade de sobrevivência por aqui.

Ele saiu, agarrou sua mochila e foi em direção a porta dos fundos antes que perdesse a coragem e fugisse com medo. E quanto mais ele pensava sobre isto, mas ficava nervoso, até que se agarrou em suas entranhas e se pendurou lá enquanto chegava à porta.

Ele tinha perdido a chave da casa, tentou perder seu caminho de volta também, anos antes. Claro, seu pai nunca trancava a porta. Inferno, ele não poderia pagar um ladrão para vir atrás deste lugar.

A primeira coisa que ele notou quando apertou o interruptor de luz foi que funcionou. Confessadamente, o apertou por força do hábito, mas ele tinha imaginado que era uma aposta certa que a energia, e outras contas, não vinham sendo pagas em meses. A única coisa que sabia com certeza, era que seu pai o tinha ligado da casa e agora não tinha sinal do cara para ser encontrado.

A próxima coisa que ele notou foi que a cozinha estava limpa. Limpa e esfregada. Sem pratos em nenhum lugar além dos gabinetes, e tinha até um alegre pano de prato amarelo pendurado na alça do fogão.

A terceira coisa que notou, foi o som de água correndo. Seus pensamentos foram imediatamente para a linha de canos quebrados ou

vazamentos no telhado. Ele largou a mochila e se moveu em direção do banheiro.

Um estouro simultâneo de relâmpagos e estrondo de trovões fez a energia tremer e então se arremessar para fora quando ele alcançou a soleira da porta do banheiro. A tempestade iluminou o pequeno banheiro brevemente, apenas o suficiente para ele conseguia dar uma boa olhada na bela mulher nua no chuveiro.

Bela e nua, mas não amigável. Gritando como um gato do pântano pega numa armadilha de quati, ela atirou um frasco de xampu nele. Ele desviou uma fração de segundo antes que pudesse atingi-lo, e bateu na parede atrás da cabeça dele.

Bem vindo ao lar, Remy. Isto iria ser pior do que ele tinha pensando.



Haley Marie Holmes amava surpresas. Contudo, ela não amava homens estranhos a surpreendendo no chuveiro. No escuro. Se ele estivesse esperando o homem estranho em algum momento, não importava. Ele podia ter batido na porta.

— Sai fora do meu banheiro!— ela gritou enquanto puxava a barata cortina de banheiro de plástico ao redor dela. A *transparente* barata cortina de banheiro de plástico.

— Seu banheiro? Esta é minha maldita casa, então eu acho que você está um pouco confusa, senhora.

A voz era baixa, controladamente pausada, o sentimento por trás das palavras nada além daquilo, e o homem que ele esperava ser o Pequeno Remy estava parado delineado pela luz vinda da tempestade, encharcado no meio do pequeno banheiro, usando uma camiseta, calças cargo e chinelos, como se ele estivesse vindo de um dia na paia em vez da faixa exterior de um furacão. Exceto que ela nunca tinha visto nenhum homem usando uma faca de aparência letal na praia.

Ela estremeceu, ergueu os olhos para as fortes, características masculinas da face dele, então acima para o cabelo dele. Ela sempre tinha sido uma amante de cabelo escuro, e ele usava o dele curto, mais longo que os militares idiotas que ela tinha conhecido, e ele tinha penteado para fora de seu rosto, seus dedos deixando selvagens vincos.

Este era definitivamente Remy, aquele uniformizado SEAL na foto do dossiê que ela tinha recebido de sua agência. Saber deveria a ter acalmado. Em vez disso, sua postura de alerta, o jeito que ele parecia preparado para batalha apesar das roupas casuais que usava a colocou ainda mais no limite.

— Você pode me dar um minuto aqui?— vociferou, e então forçou a si mesma a não desviar o olhar dos olhos dele, quando os dele se estreitarem em fenda quando ele a encarou

— Eu não dou nada a intrusos. E onde diabos está o meu pai?

— Ela desligou a água, feliz que já tivesse acabado de se enxaguar, e deu um profundo, calmo suspiro de vapor.— Eu não sou uma intrusa, e se sair fora daqui eu vou explicar tudo.

Tudo menos a verdade. Ele não iria se informar do porquê ela estava realmente ali. Ou como, depois que ela contatou o Serviço Nacional de Clima ela tinha transmitido as cartas de Remy Sênior para ela, ela o tinha subornado a ligar para Remy e implorar para ele voltar para casa, algo que tinha revirado seu estômago por que ela sabia em primeira mão quanto poder os pais tinha para ferir seus filhos.

O velho tinha todas as más qualidades de um vendedor de carros usados e apenas metade do charme, e ela esperava que seu filho fosse diferente. Perita em personalidade, no entanto, o charme de T-Remy não estava exatamente passando pela cortina do chuveiro.

No brilhante cintilar dos quase constantes relâmpagos, ele a estudou, as rígidas linhas de suas sobrancelhas franzindo uma expressão tão dura quanto o homem parecia ser.— Eu não me importo com a visão de onde estou parado. Então por que você não começa a explicar agora? – por que eu não sou tão paciente assim.

Deus, ela odiava homens militares. Ela tinha os odiado mesmo quando *ela* tinha estado no serviço militar. De jeito nenhum ela ia derrubar-se em submissão como algum vacilante, verde recruta apenas por que um grande, valentão ex-SEAL sofrendo de um excesso de testosterona latiu uma ordem para ela.

— Eu vou explicar quando eu estiver vestida,— ela disse em um tom desafiante que foi provavelmente perdido para a tempestade.

Ela reuniu a cortina de chuveiro mais seguramente ao redor dela. — por todo o bem que ela fazia — e se esticou em direção à barra de toalha, mas Remy foi mais rápido. Ele apanhou a toalha e a balançava fora de seu alcance. Nas sombras cintilantes do rosto dele, ela conseguiu distinguir um sorriso malicioso — um sorriso que não deveria ser sensual, mas por alguma razão era. A tempestade devia estar afetando-a.

Ou talvez as histórias sobre o Remy fossem verdade.

Descontando este último pensamento por que ele era ridículo, ela tentou agarrar a toalha, mas ele a puxou para longe.— Me diz quem você é.

Ela hesitou, não por que sua identidade falsa fosse um segredo, na verdade, mas por que sua ordem em corte militar irritava vários pontos dolorosos. Que era o porquê de ela e a Força Aérea terem sido uma combinação desastrosa.

— Meu nome é Haley. Haley Holmes. E,— ela disse, espremendo água para fora de seu longo cabelo,— eu não vou dizer outra palavra até eu estar seca.

Ela empurrou a cortina do chuveiro de lado por que ela era inútil de qualquer forma, o som dos enferrujados aros de metal raspando a igualmente enferrujada haste mal era audível sobre o súbito rugido de vento através das árvores. Água escorria por seu rosto, pingando de seu queixo para seus seios,

e os olhos de Remy, brilhando nos flashes de luz, descaradamente pegaram tudo isto.

A apreciação no olhar dele a fez engolir. Fez ela ficar quente e formigante e sentido a necessidade de tomar outro banho, mas com água fria.

Ela saiu da banheira, e desta vez, quando ela alcançou a toalha, ele a segurou para ela. Os dedos dela se fecharam no tecido, os dedos dele se fecharam ao redor do pulso dela. O homem se movia como uma cobra impressionante, e o coração dela parou como se ela tivesse sido mordida.

Ela levantou seu queixo, encontrou o olhar intenso dele. Ele olhou para ela de sua considerável altura de ao menos um metro e noventa, e deu um passo mais próximo dela, tão perto que ela podia sentir calor saindo de seu largo corpo. O pai dela sempre tinha dito que sua natureza impulsiva e a sua absoluta falta de medo iriam colocá-la em problemas algum dia, mesmo ele encorajando essas qualidades.

Agora, enquanto o seu estômago revirava, ela fez um esforço consciente para não tremer. Sair do chuveiro nua, na frente de um completo estranho, não era a coisa mais inteligente que ela já tinha feito. Então novamente, depois de várias semanas estudando o homem voltando até o nome de seu cachorro da infância, ela provavelmente o conhecia melhor do que ela conhecia as pessoas com quem ela vinha trabalhando por meses.

— Você tem cinco minuto para se secar e se vestir e então você vai falar,— ele disse, a voz dele mais áspera que tinha estado um minuto atrás.

As luzes tremeram, combinando com o rápido bater do pulso dela. Então elas apagaram totalmente, deixando-a parada com o traseiro meio nu, meros centímetros distante de uns dos homens de melhor aparência que ela já tinha visto em sua vida, com apenas um canto da toalha e um ralo véu espiral de vapor entre eles.

Ela tentou se torcer para se libertar do aperto dele, mas ele a segurou por um momento a mais, como se para provar que ele podia, o olhar dele viajando lentamente da face dela, descendo para seus seios, para sua barriga, sua pélvis. A pele dela se comprimiu e formigou, os mamilos se contraíram e um calor se propagou em um lânguida onda da sua bochechas para a junção de suas coxas.

Os olhos semicerrados dele arderam, mas uma veia pulsava em sua têmpora, logo abaixo de seu cabelo, e ela sentiu mais do que viu a batalha que se enraivecia dentro dele, mesmo que ela não a entendesse completamente. E ela tinha certeza que ele não tinha idéia que seu dedão estava acariciando o lado sensível de seu pulso mais do que ele sabia que seus dedos estavam cravados dolorosamente no mesmo pulso.

Um trovão soou a distância, e ele recuou, retornou seu olhar para ela.— Como eu disse, cinco minutos. E você pode se vestir agora.— Com isto, ele soltou o pulso dela, girou com rudeza militar e saiu do banheiro.

Xingando, ela bateu a porta.

Que. Idiota.

Não ajudou que os dedos dela tremeram quando ela segurou a toalha no seu peito como se Remy ainda estivesse no lugar, observando-a com aqueles intensos, inteligente olhos que piscavam mesmo sem relâmpago.

Ela esperou até sua batida de coração desacelerar, até a tempestade do lado de fora ter retornado – as faixas externas do furacão se moviam para fora tão subitamente quanto para dentro – e então ela se secou, com a exceção de sua roupa de baixo, se vestiu com as roupas que tinha usado no banheiro antes do banho. Ela não estava esperando Remy aparecer esta noite, afinal.

Ela tinha estado na casa dele por quarenta e oito horas, e ela tinha imaginado que tinha ao menos mais doze para revisar os arquivos que a agência tinha dado a ela na última vez, aqueles que continham seus registros militares e um impossivelmente detalhado relato de toda a vida de Remy – incluindo informação obscura obtida pelos psíquicos da agência.

Desde aceito o serviço cinco semanas atrás, ela descobriu estatísticas pessoais, sobre como ele comia qualquer coisa com camarão, tinha uma alergia a chocolate e que ele compartilhava o aniversário em três de março com ela, embora ele fosse três anos mais jovem. Os detalhes mais fascinantes, porém, os detalhes do clima, vieram das gravações que tinha obtido secretamente enquanto conversava com o pai de Remy.

Em qualquer caso, ela tinha esperado mais tempo para se preparar esta noite, e então, amanhã, conhecer o homem que supostamente atraía fenômenos no clima, como parques de trailer atraíam tornados. O que era um mito, mas uma piada popular na profissão dela.

Ela alugou o lugar por um mês, tinha uma história de disfarce trabalhada, e se tudo saísse como planejado, T-Remy Begnaud nunca iria saber que ele era objeto de um estudo científico sancionado pelo governo, mas financiado quase que inteiramente por fontes privadas.

A menos que as alegações contra o homem provassem ser verdade, e todas as apostas apontavam o contrário. O trabalho dela ia se desviar de pesquisa para recrutamento, por que o inimigo poderia estar batendo na porta dele em dias.

Exceto que a Itor Corp não batia. Eles forçam a entrada, pegam o que eles querem e destroem o que resta.

Claramente, ela totalmente esperava que sua investigação rapidamente revelasse que as histórias eram nada mais que rumores fantásticos, o que o Sr. Begnaud – Junior ou Sênior – era um charlatão. De qualquer forma, ela tinha apreciado a oportunidade de observar uma tardia estação de furacões antes de mudar para seu próximo serviço como parameteorologista, alguma coisa muito mais interessante – a possível existência de uma máquina de clima.

Ela se frustrou quando ordens para investigar as aparentemente malucas divagações de um homem do tempo da televisão tinham descido pelo cano, mas realmente, os militares vêm tentando controlar o clima por décadas. Plantação de nuvens. Projeto Cirrus... então se a coisa existisse e pudesse causar tempo violento, a ACRO precisava colocar suas mãos nisso antes que o inimigo conseguisse.

Primeiro, porém, ela tinha que passar os próximos dias com um homem que, as pessoas afirmavam, podia convocar um relâmpago por vontade. Que tinha saído ileso do centro de um furacão F5. Que tinha supostamente transado incessantemente com uma mulher durante uma tempestade que o tinha tornado insaciável.

Naturalmente, nenhuma dessas afirmações podiam ser fundamentadas, mas quando ela alcançou a maçaneta da porta e a força caiu novamente, ela jurou chegar ao fundo dos contos. Se alguém sabia sobre extraordinários fenômenos do clima, era Haley. E depois de dar uma olhada no seu objeto, ela estava mais que disposta a ir onde quer que ela precisasse ir para conseguir a informação que necessitava.

Mesmo se isso significava testar os poderes de Remy na cama.

Capítulo 2

As costelas de Remy começaram a doer em conjunto com sua cabeça, e suas bolas, quando outra célula de tempestade se moveu e a noite caiu rapidamente. Ele sempre tinha apreciado o inesperado – não gostava, mas apreciava do modo como ele fazia com um saco de Gris-Gris ou as rainhas vodu lançadoras de feitiços com que ele tinha crescido ao redor, mas isso tinha ido além do que ele estava preparado para lidar.

Certamente, ele *podia* lidar bem com Haley, apalpar a curva de seus quadris e separar as coxas dela com uma das suas enquanto o vento sacudia o mundo em volta deles, respirar o aroma de sabão e mulher enquanto ele encontrava o centro dela com seus dedos, sua língua. *Ela não estava com medo de você.* Seu sexo se contraiu, e ele olhou em direção ao banheiro. Ela não parecia como se quebrasse facilmente.

Controle-se, porra. Ele girou ao redor e pressionou sua testa contra a janela virada para o quintal, fechou os olhos e deixou a fria sensação do vidro acalmá-lo um pouco.

Ele nunca deveria tê-la tocado. Apenas vê-la já tinha sido suficiente para levá-lo perto do limite, mas uma vez que sua mão se fechou ao redor do pulso dela e o rápido tique-taque de seu palpitar bateu forte em sua palma, ele sabia que ia ser próximo do impossível passar qualquer período de tempo perto dela sem possuí-la. Um deles teria que ir embora.

Um segundo a mais nos pequenos limites do banheiro e ele a teria tomado ali mesmo contra a parede de azulejos. Ele mal podia controlar a si mesmo com uma mulher durante condições normais de vida nas malditas tempestades, e do jeito que esta estava se intensificando, era melhor Haley Holmes correr.

Assim como o fervor da tempestade se elevava, também o seu, e se ligava a ele como uma febre que não conseguia abalar. Ele não seria capaz até que transasse ou se masturbasse umas poucas vezes para aliviar a pressão, e mesmo assim, não iria apagar o desejo, a necessidade, até que a tempestade se enfraquecesse e o libertasse de seu controle.

Infelizmente, sua excitação iria aumentar a duração da tempestade, se aproveitando um do outro até que os dois apenas queimassem a exaustão em um frenesi de uma quente, destrutiva necessidade.

Seus dedos agarraram o parapeito quando suas bolas se apertaram – cada nervo estava no limite e gritando por algum tipo de doce alívio que ele não tinha completamente encontrado desde que tudo isto começou com a gigante onda de testosterona quando ele fez catorze anos.

Quando ele se encontrava perto de uma mulher durante um tempo como este, forçava-se a se conter, temendo machucá-la, o que não era satisfatório para ambas as partes. A única vez que ele deixou se libertar, muito tempo atrás, antes que ele tivesse aprendido sair dessas situações rapidamente quando uma tempestade estava se aproximando e se dominar era limitado, as coisas não acabaram muito bem. Ele retomou o controle antes que a

machucasse, mas merda, ela tinha ficado apavorada. E contou a todos os seus amigos.

Sua ligação sexual com a tempestade não ficou mais fácil enquanto ele ficava mais velho, mas com esforço, planejamento e orações, ele era capaz de se manter na linha. Ainda assim, efetivamente matou qualquer esperança de uma vida amorosa. Ele estava tão cansado de assustar as pessoas, cansado de ser uma aberração e cansado de ser sozinho, mesmo que esse fosse o jeito mais fácil para viver.

Aos vinte e cinco anos, ele estava quase certo que as coisas não podiam ficar muito piores, mas ao longo dos últimos seis meses suas necessidades tinham aumentado a tal nível que mal podia conter a si mesmo durante um período de tempestade. E ele sabia que a necessidade atual que estava experimentando nunca tinha sido tão ruim ou durando tanto tempo. Alguma coisa diferente tinha acontecido justamente nas últimas quarenta e oito horas para mudar o já distorcido equilíbrio de poder.

Ele arrancou a faca de seu braço, a enfiou dentro da bolsa e se virou, segundos antes de Haley emergir do banheiro e a assistiu passear pela sala de estar vestindo shorts e camiseta, seu longo cabelo, ainda úmido, puxado para trás em um baixo rabo de cavalo. Quando as luzes se apagaram novamente depois que ele deixou Haley no banheiro, ele apenas se importou em acender uma das lâmpadas de furacão a óleo na cozinha, mesmo ela tendo espalhado ao menos dez pela casa. A menos que ele visse dela, ou melhor, mesmo que a imagem de suas molhadas, nuas curvas estava queimando em seu cérebro.

O vento uivou com uma força que sacudiu as paredes enquanto ele assistia as passadas largas das longas pernas de Haley. Ela não parece notar a súbita oscilação e ele não se incomodou em contar que três de seus pagamentos tinham ido para reforçar a estrutura para resistir à violência da maioria dos ventos com força de furacão que ameaçavam a Louisiana e suas preciosas baías.

— Então, você é o Pequeno Remy,— ela disse por cima do ombro, enquanto adentrava a conzinha.

— T-Remy — ele disse, dentes trancados.

Ela se encolheu.— Mesma coisa.— Ela escancarou a porta para a antiga geladeira e se inclinou na cintura, dando a ele uma visão de uma sacudida tipo Daisy Dukes que deveria ser ilegal. Ela pegou uma Miller Lite, que não era a primeira escolha de cerveja de seu pai e se virou novamente para ele.

Ela tinha estado aqui tempo suficiente para comprar mantimentos.

— Na verdade, não é a mesma coisa — ele disse.— Mas desde que você não cresceu por aqui, você não saberia algo melhor.

— Então como eu sei que você é que você diz que é? Quero dizer, eu não vi foto alguma.

— Eu sou meio dono desse buraco - *tonnere m'ecrase si j'sus pas apres dire la verite*— ele murmurou.

— Tradução, por favor.

Merda, ele mudou de volta para francês Cajun sem pensar. Nunca um bom sinal.— Quer dizer, que um relâmpago me mate se eu estiver mentindo,— ele disse com um sorriso, por que ela não tinha idéia. Ela deu, de qualquer forma, a ele um olhar estranho, provavelmente se perguntando que tipo de idiota desafiava a Mão Natureza durante uma tempestade. Se ela apenas soubesse.— E eu estou começando a perder minha paciência com você

— E eu não estava esperando por você,— ela atirou de volta.

— Mas meu pai me mencionou para você. Você sabe o meu nome.

— Ele disse que tinha um filho na Marinha, mas não disse que você estava vindo para casa esta noite,— ela disse, e por mais que ele quisesse acreditar que fosse verdade, ele não podia.

Remy Sênior tinha sempre lutado para manter as bizarrices climáticas de seu filho fora do olhar público, mas isto não significava que ele não podia tentar fazer dinheiro com isso de qualquer forma que pudesse. Especialmente quando envelheceu, começou a beber mais e continuamente perdia seu dinheiro suado, e do T-Remy também, nas ridículas invenções que Remy Sênior pensava que o fariam um milionário.

Alguém tinha amado seu pai uma vez. Sua morte levou um pedaço do coração de Remy Sênior que ninguém mais foi capaz de completar. E Remy

soube disso por si mesmo, entendia como era sempre sentir que algo estava faltando.

Ele olhou fixamente para Haley, com sua pele suave e firme, corpo bronzeado quando o seu próprio começou a doer.— Meu pai me chamou,— ele disse.— Ele soava chateado. Em apuros. Pediu que eu viesse para casa.

— Bem, como você pode ver, ele não está aqui.

— E o que – você é a mais nova namorada dele ou algo do tipo?

Seu nariz ligeiramente arrebitado enrugou em desgosto que ela não se preocupou em esconder.— Dificilmente. Eu estou alugando a casa para o próximo mês, e a última vez que eu o vi, ele estava perfeitamente bem.

Merda. Convidar alguma mulher estranha aqui era algo que seu pai faria, mas por que diabos alguém viria para a Baía Blonde se não tivessem que vir?— Você está em férias?

Ela bufou.— Férias significaria Hawaii, não algum deus perdoe pântano. Eu estou aqui a trabalho.

— Que tipo de trabalho?

Ele olhou ao redor do cômodo e viu as pilhas de papelada e livros no chão próximas a mesa encharcada no canto, que estava carregada com equipamento eletrônico, caixas de plástico rígido e um laptop, que devia estar

em algum tipo importante de bateria. Ele praguejou, se perguntando como diabos não tinha notado tudo isto até agora.

— Eu sou uma meteorologista. Eu estou estudando os efeitos ecológicos posteriores dos furacões.

— Por que aqui?

— Por que esta área tem estado relativamente intocada por mãos humanas desde que foi devastada pelo furacão Tessa vinte anos atrás.— Ela torceu a tampa de sua cerveja e a jogou na lata de lixo na base do balcão.— Tessa foi uma anormalidade, não apenas como uma rara tempestade de maio, mas em seu comportamento e padrão único de destruição. Por estudar como uma área se recupera organicamente de uma irregularidade, nós podemos aprender como a natureza se protege inerentemente por si mesma de furacões.

É, Tessa ser uma anormalidade tudo bem, ele também era. Que tipo de mãe abandona sua criança do lado de fora durante o pior furacão que as baías já tinham visto? Ele nunca poderia entender como sobreviveu por três horas do lado de fora na tempestade, a única cobertura sendo um fino cobertor e um toldo acima da escadaria da igreja, mas seu pai sempre insistiu que foi assim que aconteceu.

Ele não tinha certeza se isto era besteira, mas ele sabia que o pseudo-ambiental estudo de Haley definitivamente era. Por que esta área nunca tinha realmente se recuperado, e muitos não iriam dizer, nem ele.

Sua pele formigou, e meio segundo depois houve outro choque de relâmpago, malditamente perto demais para o conforto. Ele examinou Haley por uma reação, mas ela apenas apertou seus lábios ao redor da garrafa de cerveja, rodeando a entrada. Ele observou o jeito que sua garganta se movia enquanto ela tomou uns pouco longos goles, e percebeu que tinha dado dois passos em direção a ela.

Sua boca seria uma sensação muito boa ao redor dele, lábios frios, língua quente, o convidando para deslizar mais para baixo de sua garganta.

Recomponha-se, Remy. E ele lentamente se afastou dela mesmo que toda fibra pulsava por Haley Holmes e aquele lugar quente aconchegado entre essas primorosamente musculosas, bronzeadas coxas. Se ela apenas o tocasse, colocasse uma mão entre suas pernas e o acariciasse através do tecido de sua carga, ele estaria bem. Ele colocaria suas mãos atrás das costas e a deixaria tomá-lo, talvez instruí-la a algemá-lo assim ele não poderia machucá-la, e então tudo estaria bem.

Exceto que você odeia ser amarrado...

— Você está bem?— ela perguntou, e ele odiou a preocupação em sua voz, odiou o fato que ele tinha deixado um baixo ruído de um gemido escapar do fundo de sua garganta enquanto a casa balançava e o vento batia forte no já desgastado exterior, como se quisesse entrar.

Ele sabia que nem o vento ou ele iriam parar até que eles conseguissem o que queriam, e ele pegou sua bolsa em um último esforço desesperado para

salvar o que ele pudesse.— Desde que você já pagou o aluguel pelo lugar, eu serei aquele a partir.

Ela sacudiu a cabeça e baixou a garrafa próxima de seu equipamento.— Você não pode ir lá fora agora. As condições estão indo abaixo — O laptop apitou, e ela bateu levemente nas teclas. Franzindo o cenho, ela examinou a imagem em um radar portátil de tela pequena.— Eu não entendo isto — ela murmurou.— Esta célula não é parte da faixa do furacão... não faz sentido algum. Está se movendo sobre nós, vindo da direção errada. É quase como se tivesse formado *em cima* de nós.

Há uma razão para isto.

— Eu vou ficar bem, e você também vai, contando que você permaneça dentro da casa,— ele disse, sua voz áspera com um misto de desejo, medo e *Baby, você não tem idéia no que está se metendo...*

Ela não olhou para cima.— Permaneça dentro. É perigoso demais lá fora – nós vamos entender tudo mais tarde.

Ele sabia que devia partir, sabia o que o quente fluxo de sangue pulsando entre suas pernas significava, mas não podia dar outro passo mais do que podia desviar o olhos enquanto ela mordicava o lábio inferior. Levantando a mão, ele tocou seu próprio lábio subconscientemente, se perguntando como seria o gosto dela contra sua boca.

Uma impressora na danificada velha mesa da sala de jantar cuspiu uma página, que ela rasgou para liberar e escaneou no brilho esverdeado de seu equipamento.

— Atualização do Centro de Furacão— Jogando a página no chão, ela se virou novamente para a imagem do radar.— Isto é muito mais fascinante. Extraordinário.

Ela estava falando mais com consigo mesma do que com ele, perdida no clima. Ela lançou um olhar para seu relógio e então sacudiu o pulso e franziu o cenho, e ele olhou para o antigo relógio que estava colocado na cornija da lareira por tanto tempo quanto podia se lembrar. Os ponteiros tinham congelado às nove e quarenta e cinco da noite – o exato momento que ele tinha entrado na maldita casa.

Um suspiro impaciente estremeceu em seu peito. Seu impulso estava ficando mais forte e ameaçando toda a baía, e Haley iria entender um pouco disso logo. Suor corria por sua testa quando nervos e músculos se alongavam. Ele tinha que sair daqui, por que quando o relâmpago caísse novamente, iria ser tarde demais para ele parar a si mesmo.

Outro clarão, perto demais, e pelo tempo que o boom acertou segundos depois, seu corpo tinha sido tomado por seu membro dominante.

E enquanto Haley se inclinava, encarando a tela, sua concentração mais na tempestade iminente lá fora do que nele, seu cérebro afogou. Levado pelo calor do corpo de Haley, ele jogou sua bolsa e encontrou-se pressionado

contra ela, suas coxas nas nádegas dela, sua excitação pronto para sair e adentrá-la.

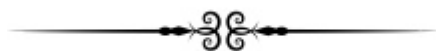
Ela engasgou quando ele envolveu seus braços em volta de sua cintura e a puxou verticalmente para ele. Ele franziu a camisa dela com seu punho e a empurrou para cima, precisando apalpar totalmente seus seios tanto quanto ele precisava de ar. Em algum lugar no fundo de seu cérebro, ele ouviu um trovão, e então o som de equipamento eletrônico disparando.

Em seguida, suas mãos estavam se movendo mais rápido que seu cérebro, para desabotoar os shorts e a camisa dela. Um violento puxão e então eles livraram seu quadril, e mal a ouviu dizer— Remy— antes que a janela sacudisse quando as ondas da tempestade avançaram contra a casa.

— *Remy, por favor...*

Com um gemido que saiu como um uivo, ele se afastou dela, a deixando parada com seus shorts a meio caminho do chão, sem explicação, e seguiu para fora para a tempestade que estava ficando pior em vez de melhorar, um fato que nenhum equipamento ou pesquisa de Haley poderia explicar, para acabar com isto. A força da Mãe Natureza o empurrava para seu ponto de ruptura e, finalmente, deixou se romper.

Tinha que doer menos do que isto.



Haley se inclinou contra a mesa, coração batendo forte, joelhos tremendo dentro do shorts enrolado em torno deles. O que tinha acabado de acontecer? Um minuto ela estava tentando descobrir de onde a célula de tempestade furiosa acima deles tinha vindo, e no próximo ela estava à mercê das fortes mãos de Remy.

Não que ela tivesse se importado. Não quando ela sentiu o rígido volume de sua excitação empurrando contra ela, as mãos dele sob a sua blusa, massageando seus seios, beliscando seus mamilos. A voz dele, áspera e baixa, tinha murmurado frases em seu ouvido – algumas ela entendeu, embora elas não fizessem sentido. *‘Toque o relâmpago!’* Outras ela não entendeu, embora soubesse que elas tinham sido proferidas em suave, sensual francês.

Então o hálito quente dele tinha soprado atrás de seu pescoço enquanto ele sussurrou,— Preciso de você agora,— e empurrou seu shorts para baixo. Ela não tinha tido tempo para pensar, para protestar ou implorar pela penetração que poderia seguir, por que ele rugiu como um urso ferido e correu para a tempestade.

A tempestade. Oh, Deus, ele estava em perigo. Rapidamente, ela puxou o shorts, não se importando em abotoá-lo, e disparou para a porta da frente. Quando ela virou a maçaneta, a porta se abriu em um golpe e bateu dolorosamente em seu quadril, quase a tirando do chão. A chuva ardia em seu rosto enquanto ela caminhava para fora. Ela olhava furtivamente pela escuridão, lutando contra o vento a cada passo. Seus pés descalços se afundaram no chão lamacento, e ela tentou manter seus pensamentos em encontrar Remy, não no que podia estar sendo esmagado sob seus pés.

— Remy!— ela gritou, mas o vento engoliu seu grito.

E então, delineado por um disparo de relâmpago que fez os cabelos de sua nuca se levantar, ela o viu. Lá, uns poucos metros de distância, um braço e sua testa apoiados contra uma árvore oscilante. De algum modo, ele tinha perdido sua camisa, e ao fundo de brilhantes clarões e manchadas sombras, os profundos vales e picos arredondados dos incríveis músculos dele atraíam seu olhar, mesmo quando um trovão estalou, fazendo seus tímpanos chacoalharem.

Remy mal se mexeu.

— Remy!

Ela cambaleou para frente. O que ele estava fazendo? Estava ferido? As gotas de chuvas pareciam como pequenas agulhas enquanto ela lutava por cada passo, desesperada para alcançá-lo, se perguntando como conseguiria atenção médica para ele. Sua van, estacionado nos fundos, iria ser inútil se as estradas estivessem inundado.

— *Remy!*

Ele não se moveu. Não, *por favor, não*. Seu dedão do pé acertou um galho caído, e ela tropeçou, se inclinou perigosamente por três árvores com força para machucar antes que ela perdesse o equilíbrio e caísse vários metros morro a baixo. Ignorando o chicote cortante da vegetação, ela usou vinhas e raízes como empunhadura enquanto escalava a inclinação.

No topo, ela se encontrou a poucos metros de Remy. Quando o relâmpago reluziu e o trovão ameaçou romper seus tímpanos, ela notou a expressão dele, marcada por infelicidade. Dor.

Ela arrastou seu olhar para baixo, para onde seu braço direito trabalhava furiosamente – e então sugou um sopro de ar saturado de chuva com tal força que ela quase engasgou. Sua expressão, querido Senhor, sua expressão – não uma de dor. Uma de prazer.

Os longos dedos dele bombeavam para cima e para baixo em volta do saliente comprimento de seu sexo. Chuva gotejava dentro de seus olhos e ela piscou. Talvez a água estivesse pregando peças em sua visão. Mas não. Remy estava apoiado contra a árvore, que o protegia apenas ligeiramente do furioso vento e chuva, aparentemente despreocupado que ficar de pé em baixo de uma árvore era o pior lugar do mundo – próximo a campo de golfe e lago – para se estar durante um tempestade de trovões.

Ela sabia que era estúpido permanecer do lado de fora. Ela sabia o que ariscava. Ela sabia que não deveria estar assistindo.

Mas tão pouco podia desviar o olhar.

Cada violento golpe do punho dele fazia seu pulso dedilhar fundo em sua barriga. Cada vez que sua palma envolvia a cabeça de seu pênis, calor descia em seu corpo. E quando ele jogou sua cabeça para trás e gritou para a chuva, ela sentiu seus músculos vaginais apertarem e umedecer.

Ela sabia que desde o momento em que o viu estava disposta a abrir suas pernas para ele. Inibição sexual nunca tinha sido um problema para ela, e mesmo que não tivesse que ir para cama com ele por razões científicas, faria por ela mesma. Ela gostava de sexo, e ele parecia como se soubesse os caminhos ao redor do corpo de uma mulher.

Seria tão fácil se aproximar e tomá-lo em suas mãos, sua boca. Mas fazê-lo não era uma opção. Alguma coisa estava acontecendo aqui, alguma coisa íntima entre Remy e a Mãe Natureza, e ela não podia interromper. Ela podia apenas assistir da escuridão, uma voyer cativada por uma poderosa imagem de sensual, selvagem luxúria.

O mundo girou quando seu próprio corpo reagiu, faminto por algo que ela não provava em muito, muito tempo. Desejo rodopiava por ela tão impiedosamente quanto o vento girava ao seu redor, e espontaneamente, sua mão escorregou para dentro de seu desabotoado shorts. As pontas de seus dedos deslizaram para baixo de sua lisa barriga, por cima da tatuagem que parecia ter ficado tão sensível quando no dia que ela a fez. Quando percebeu o que estava fazendo, era tarde demais.

Seus dedos encontraram suas macias dobras, e ferozmente, penetrante prazer se irradiou para cima, onde a chuva golpeava seus seios como beijos de um amante. Seus quadris se moviam contra seus dedos, e ela quase gritou quando apertou a pérola de nervos entre o polegar e o indicador, a pressão angustiante embora tranquilizante. E ainda, não era suficiente, não quando os dedos que queria tocando-a eram os de Remy.

Relâmpago e trovão explodiram simultaneamente. Uma árvore caiu atrás da casa. Se Remy tinha visto ou não, ela não sabia. Sua única reação foi descobrir seus dentes e bombear sua mão ainda mais rápido. Mais rápido, e a tempestade se enfureceu mais. Cada estocada da base até a coroa terminava com luzes riscando o céu. Cada impulso dos quadris dele vinha com uma mudança na direção do vento.

Chuva a golpeava, corria em regato por seu braço e ao longo de seus dedos que afagavam seu sexo, a água fria aliviando o fumegante calor entre suas pernas. Sua pele febril acolhia a chuva mesmo que queimasse pelo toque do homem a sua frente.

— Remy — ela suspirou, e a cabeça dele girou, seu intenso, brilhante olhar capturando o dela. Seus sensuais lábios se separaram, e ele disse algo, algo que ela não pode ouvir. Então seus olhos se fecharam e ele se virou de volta, apoiando sua testa contra seu antebraço onde o suportava contra a árvore.

Umidade cremosa cobriu seus dedos enquanto ela empurrou dois para dentro de seu sexo, onde agora ela queria apenas a parte de Remy que se projetava magnificamente por entre as pernas dele. Seus músculos internos iriam puxá-lo profundamente, enrugar-se ao redor de seu grosso eixo enquanto ele estenderia o tecido sensível dela e a levaria ao orgasmo.

Suas pernas ficaram trêmulas, sua respiração entrecortada. Uma torcida, dolorosa sensação se arrastou, de seus seios que enrijeciam contra o molhado, frio tecido de sua camiseta para o seu pulsante, doloroso clitóris, que gritava por atenção. Apenas uma leve carícia a faria passar do limite. Um

leve movimento de seu dedão, ou melhor, um leve movimento da língua de Remy. Mas ela esperou, o assistindo, seus pés lentamente a movendo para mais perto.

Os dedos longos de Remy apertavam sua rígida carne, golpeavam, e então seus quadris estremeceram para frente e ela ouviu seu rugido de liberação sobre a tempestade que rompeu sobre suas cabeças como se os céus tivessem aberto.

Ela sentiu o fedor acre do ozônio, sentiu sua pele chiar com eletricidade, e em algum lugar no fundo de sua mente, sabia que nunca tinha estado tão perto da morte – nem mesmo em seus dias de caçar tornado – mas não importava. Nada importava além de encontrar alívio.

Ela circundou a ponta de um dedo ao redor de seu clitóris, pressionou contra ele no lugar exatamente certo, e seu grito se juntou ao de Remy, e de algum modo, sobre o tumulto da tempestade, ela ouviu suas vozes se misturarem.

Quando ela pode pensar claramente de novo – e ela não sabia quanto tempo isto levou – descobriu que a chuva tinha parado. O céu ainda lampejava, mas o relâmpago estava distante, os trovões mudos. Ela piscou água para fora dos olhos, e estava surpresa em encontrar Remy a uma mera distancia de um braço.

Não tinha sido ele a ter se movido.

Seu peito arfou enquanto ele sugava oxigênio para seus pulmões. Ele desmoronou contra a árvore, seus braços tremendo. Uma mão ainda se movendo em lentos, fracos golpes ao longo de seu agora semi-rígido pênis. Uma gota de líquido agarrada à ponta, mas no escuro, ela não podia dizer se era água ou esperma. Ela queria cair de joelhos, tomá-lo em sua boca e descobrir por si mesma.

Como se ela tivesse falado seus pensamentos em voz alta, ele fixou seu olhar afiado nela, e sua respiração se prendeu na garganta com o olhar nos olhos dele. Ele parecia exausto, aliviado e irritado, tudo de uma vez. Ele mudou seu olhar para baixo, e seus mamilos se enrijeceram quando ele focou neles.

Em um movimento suave, ele colocou-se novamente dentro de suas calças largas de cargo e estendeu a mão para ela, parando muito perto de tocar um redondo mamilo que empurrava contra o tecido molhado como se desejasse a atenção dele.

Praguejando, ele recuou.— Feche os botões,— ele resmungou, e ela percebeu que sua mão ainda estava debaixo de suas calças.

Como um adolescente que havia sido pego no banheiro com uma revista pornô, ela puxou seus dedos da úmida cama de cachos onde eles estavam sendo aconchegados. O calor queimou seu rosto, e estava imediatamente feliz pela escuridão e o recuo da tempestade de relâmpagos. Ele não era nenhuma puritana, tinha freqüentemente acariciado a si mesma para o orgasmo durante uma relação sexual, mas nunca tinha se masturbado em frente de um completo estranho. Sua humilhação superou completamente

sua irritação de como Remy tinha acabado de vociferar uma ordem para ela – uma que ela obedeceu.

— Remy,— ela resmungou, sua voz soando desacostumada e áspera,— o que... o que acabou de acontecer?

Seus olhos se estreitaram, ele não disse nada, mas um músculo em seu maxilar se movimentou por um instante e seus punhos se cerraram ao lado dele. Ele parecia tão cansado, tão cheio de arrependimento que partiu o coração dela – algo que ela achava que tinha secado e morrido muito tempo atrás.

Ela deu um pequeno, cuidadoso passo a frente, sentido estranhamento como se o que ela estava se aproximando fosse um tímido corço não um totalmente crescido, marcado de batalhas SEAL. A cabeça dele se levantou, e suas narinas se alargaram, e assistiu cautelosamente enquanto ela se aproximava. Ele retrocedeu quando ela deixou sua mão repousar em seu antebraço. Se ela pensava que sua pele tinha queimado durante a tempestade, não podia comparar com o jeito que uma quente e branca eletricidade parecia marcá-lo.

— Não — ele disse grosseiramente. Mas ele não se afastou.

Encorajada, ela se aproximou, até que seus seios tocaram os bíceps dele, mandando um erótico chiado corrente através dela.— Nós precisamos conversar.

Ele lançou um olhar para sua forquilha, onde era óbvio que ele tinha ficado rígido novamente, e subitamente, um disparo de relâmpago veio do nada.— Merda.— Ele rompeu o contato entre eles e seguiu para a cabine. Ele não se virou enquanto disse em voz alta,— Vá para dentro. Uma tempestade está chegando.

Capítulo 3

— Que diabos você estava fazendo lá fora?— Remy perguntou. Sua raiva tinha aumentado a cada passo que ele dava em direção a casa. Haley mal havia atravessado a entrada e fechou a porta antes que ele se virasse para ela.

Ela respirava com dificuldade, sua camisa encharcada colada em seus seios. Seus mamilos espremidos contra o tecido, e ele deixou seus olhos trilharem para o shorts dela, ainda desabotoado, lembrando o modo que ela olhava enquanto tocava a si mesma. Selvagem, encharcada com água, sua língua presa entre seus lábios enquanto ela o olhava com os olhos de pálpebras pesadas, a mão dela embaixo do shorts, onde ele desejava estar.

— Eu estava... ela começou, então tirou o cabelo molhado de suas bochechas coradas e olhou para ele. — Eu estava preocupada com você.

— Não deveria.— Cada um dos seus sentidos permanecia em alerta máximo e, Deus, ele podia sentir o cheiro dela, queria sentir ela, correr sua língua entre suas pernas e fazê-la gemer seu nome da forma que ela havia feito perto da árvore. E ela iria deixá-lo — ele tinha certeza disso.

Cada um de seus sentidos a queria por ela se preocupar com ele, e era isso que o preocupava mais. De onde aquilo estava vindo?

— Eu não deveria?— Ela fez um gesto raivoso para a janela, arremessando gotículas de água no chão deformado de madeira. — Esse tempo está louco. Você poderia ter morrido.

— Eu estou indo pegar minha caminhonete e dirigir pra longe daqui, e tudo ficará melhor — Ele disse. — Confie em mim sobre isso.

Não importava se aquela droga de represa havia estourado—ele já tinha dormido na sua caminhonete, em uma barraca e em lugares aberto no meio da chuva; ele fez pior nas missões. Além disso, ele já tinha dormido fora mais vezes do que ele gostava de lembrar quando ele era uma criança, quando seu pai mijava de bêbado ou quando ele organizava seus jogos de poker semanais em casa e seus amigos idiotas o tratavam como se fosse merda.

Ele e o tempo haviam feito uma trégua desconfortável pela maior parte da sua vida, pelo menos até que ele correu para o Furacão Haley e seu toque mágico. Agora todas as apostas estavam lá fora e ambos, o tempo e Haley, estavam ameaçando chutar a bunda dele.

Seus olhos seguiram para onde o zíper do shorts dela estava aberto, e o cabelo na parte de trás do seu pescoço perto de uma rosa. Ele se perguntou como não tinha visto o símbolo antes, quando ela estava no chuveiro. Ela seguiu o olhar dele, e então indolentemente, traçou a tatuagem em seu quadril direito com o dedo do meio.

— Eu fiz isso quando eu estava na Força Aérea — ela falou, porque ele não parava de olhar fixamente. O rugido nos ouvidos dele ficou mais alto.

— Isso foi uma estúpida, bêbada ousadia. Eu pensei em removê-la uma vez, mas... Ela encolheu os ombros.

— Quando?

— Quando eu ia removê-la?— Em homenagem a ele, ela circulou a tatoo uma vez mais.

— Cerca de seis meses atrás, eu acho.

Mais ou menos o tempo que a Natureza havia começado a mexer com ele ainda mais que o normal.

Um passo a frente, sem tocar, e ele olhou para o símbolo e então para ela. Isso não era nada bom. — Haley, você tem que me contar realmente o porquê que você está aqui.

— Eu lhe disse, eu estou aqui para estudar os fenômenos do clima nessa área.

— Papo furado.— Ele fechou seus punhos, cada um de um lado para mantê-los fora de alcance.

— Você não acha que eu sou uma meteorologista?— Ela cruzou os braços sobre seu peito, e eles puxaram seus seios para cima e para fora. Ele engoliu seco.

— Eu irei fazer você entender, eu tive minha formação inicial na área militar, e então eu fiz minha especialização em meteorologia e trabalhei para o National Weather.

— Não isso,— Ele falou áspero, arrastando seus olhos para longe dos seios dela. — A razão de você estar aqui. É papo furado.

Ela virou-se para longe dele. — Eu não tenho que provar nada para você.

Os quadris dela balançavam enquanto ela andava de encontro ao seu equipamento, pés enlameados deslizando no chão, e assim como ele sabia que o vento estava prestes a chegar, ele soube que ele não deveria tocá-la. Mas mesmo assim ele fez isso. Apertou o cotovelo dela e a virou para ele.

— Isso — ele falou, olhando para a tatuagem dela. — Eu já vi isso antes.— Ele guardou para ele mesmo o fato que havia visto aquilo nos seus sonhos. Ele sonhava com aquilo desde seus seis anos de idade.

— Bom, há algumas evidências sólidas que eu estou mentindo — Ela bufou, mas ele parou de escutar, encontrando-se de joelhos na frente dela para olhar mais perto a tatuagem.

Ele não quis tocar nela—inferno, suas mãos estavam grudadas ao seu lado—mas sua língua serpenteava para fora para delinear a mancha e a mão segurando os relâmpagos brilhantes, deixando isso se prolongar na suave, doce expansão de pele úmida.

Ele teria de perguntar a ela o que a tatuagem simboliza. Mais tarde. Quando ele estivesse transando com ela.

Não havia como negar que isso estava para acontecer.

Ela gemeu quando ele lambeu uma gota de água de chuva que vagava por sua barriga, e sua resposta encorajou ele, deixando ele traçar círculos cada vez mais amplos e maiores até que ele abriu a frente do shorts dela para obter um melhor acesso. E quando ele olhou para ela, não ficou surpreso ao encontrá-la contemplando-o, com sua boca já inchada como uma preparação para o beijo dele.

Ele não iria beijá-la. Eles estavam bem longe daquela intimidade.

Quando a base da sua espinha começou a formigar e trabalhar para cima mais rápido do que nunca, ele fechou seus olhos, porque ele não queria ver a escuridão que estava a segundos de distância da descida.

Quando ele ouviu o som, como um trem pronto para estraçalhar a casa no meio, o computador enlouqueceu atrás dela, a impressora cuspiu furiosamente os gráficos e tabelas, nenhum deles precisou olhar para perceber que eles estavam em condições meteorológicas desfavoráveis.

O que ela não sabia é que aquilo era tudo culpa dele. A Mãe Natureza não a machucaria enquanto ela estivesse com ele, mas o mesmo não se podia falar dele. Ele não deveria estar ali.

— Haley.— O nome dela passou por seus lábios como um apelo, o qual ela respondeu agarrando os ombros dele, segurando-o perto dela.

Ela não iria deixar ele escapar do seu toque—ele poderia ter escapado facilmente, como os dois sabiam, mas as mãos dela no corpo dele o hipnotizou, tornando-o prisioneiro de outras formas que não eram físicas. A pressão estava começando a se formar de novo; seu orgasmo anterior pouco o tinha ajudado, e de repente, não importava o porquê dela estar ali. Nada importava a não ser a antecipação do pele com pele e a necessidade de sentir o corpo dela se contraindo ao redor dele.

Ele esfregou seu rosto contra o úmido Denim do shorts dela até suas bochechas se sentirem em carne viva, e então ele puxou o cócs, primeiro com os dentes e depois com as mãos. O shorts veio todo a baixo, e ele abriu as coxas dela. Ela gemeu, sentindo o tecido sair por seus pés.

Seu pênis era uma rocha dura todo o tempo que sua língua corria por seus cachos úmidos e em direção a carne quente entre as pernas dela, deixando-a sem dúvidas que ele clamava por ela, com sua boca, a ponta de sua língua, o traço de brilho dos dentes dele contra seu clitóris que a deixou suplicando incoerentemente.

Ele se livrou da sua calça, seu rosto ainda enterrado no meio das coisas dela, recusando-se a sair com o gosto da doçura e do pecado, e de tudo que isso envolvia.

O assoalho vibrava embaixo dos seus joelhos assim que ele usava uma mão para trabalhar seu pênis enquanto ele lambia o sexo inchado dela, então

aprofundou, forte e rapidamente. Ele estava preso em um frenesi de desejo e necessidade, e sua mão livre cravada no quadril dela, e Deus, ela estava tão molhada por ele. Ele estava vagamente consciente das mãos dela segurando seu cabelo, puxando o rosto dele ainda mais perto dela, e do pedido dela, Não pare, por favor não pare...

Algun vidro quebrou em algum lugar da casa—as janelas zuniam—e ela gritou mais que o barulho, conforme ela veio de encontro com a boca dele. Ele rodopiou sua língua contra a concavidade dela, facilitando ela se abaixar mesmo enquanto sua mão trabalhava em prol do seu prazer próprio, para cima em direção a ponta. Talvez se ele pudesse chegar lá, ele soltaria energia suficiente para poder tomá-la como uma pessoa normal, sem riscos, sem terror. Ele não poderia suportar fazê-la ter medo dele.

Ele afrouxou o aperto nos quadris dela, e ela caiu de joelhos, diante dele. Desejo tinha escurecido seus olhos castanhos de pálpebras pesadas para um esfumado olho escuro, e suas bochechas brilhavam com o calor. Um sorriso sensual inclinou o canto da sua boca, e ele nunca tinha visto nada tão bonito, tão tentador. Droga, mas ele estava em apuros.

Ela colocou sua mão quente sobre a dele e isso apertou o pênis dele, e ela olhava dentro dos olhos dele enquanto ela guiava seus dedos para onde ela queria que eles fossem. Então, como uma criança petulante, ela deu um tapa na mão dele tirando-a de lá e substituiu pela dela.

Seus testículos se contraíram quase que dolorosamente quando a mão dela desceu para segurá-los em concha, suas unhas arranhando levemente o local sensível atrás deles.

— Você gosta disso?— ela murmurou, ele só podia gemer, e então ela tirou a sua camisa e ficou de quatro na frente dele, sua bunda curva descoberta ao vento, sua respiração ardente na cabeça do seu pênis.

O corpo dele inteiro tremeu em antecipação quando os lábios dela pairaram perto da ponta, lambendo, beijando, pressionando sua língua contra a fenda, gemendo. Choques de prazer permeavam da sua virilha até os dedos do pé, e sua pele enrugada como se ele quase pudesse sentir a luz dos raios sobre sua carne.

— Não me provoque, Haley,— ele disse rispidamente. — Eu não posso... Isso é muito perigoso...

Ele não pode terminar a frase porque ela o colocou profundamente na boca, e a única coisa que ele podia fazer era entrelaçar seus dedos entre os cabelos dela que tinham se soltado do rabo de cavalo, e puxar para cima. Ela murmurou, ou lamentou ou gemeu—ele não conseguia dizer o que, mas as vibrações correram da cabeça do seu pênis até suas bolas, e a sensação quase o fez transbordar.

Uma trovoadas. Na cabeça dele. Na cabine. Merda. Outra janela havia quebrado na cozinha, e a tempestade continuava tentando abrir caminho para dentro.

Droga. Ele não poderia fazer isso com ela. Ele não iria. Não importava que seu corpo estivesse tenso ao ponto de quebrar, ele não iria ser o responsável por machucar ela.

Segurando a cabeça dela com as mãos trêmulas, ele afastou-a. — Vá para o banheiro e fique lá. É a parte mais forte da casa.— Ele ficaria ali e cuidaria da sua necessidade furiosa, mandando a tempestade embora.

Ele colocou ambos de pé, e assim que o cabelo dela bateu selvagememente no rosto, ela abaixou o olhar para ele. — Não. Nós vamos terminar isso.

A raiva e a necessidade colidiram-se em uma bola maciça de ira no topo da barriga dele. — O furacão maldito está aqui! Vá. Agora!

Ao invés de obedecer, ela chegou mais perto dele novamente, fechou os dedos ao redor do pênis dele. Um zumbido estranho chicoteou dentro do crânio dele, e sua mente zunia tão rápido, ele não conseguia pensar direito. Ele empurrou-a, levou ela em direção ao banheiro e espreitou a janela quebrada, seus flip-flops triturando o vidro.

Parado no vento, ele fechou os olhos, deu três profundos e longos suspiros. Precisa ir embora, cara. Precisa ir embora. Ele precisava sair dali. Levar a tempestade embora.

Cuidar das suas necessidades longe dali, onde o vento uivou em fúria contra Haley como um amante ciumento.

— Remy!

Ele virou-se, dentes arreganhados, fechando em escuridão em seus pensamentos e a cabine. Ela estava caminhando em direção a ele, seu

sombreado e molhado corpo, pingando, o triângulo escuro na junção das coxas era um sinal luminoso que fazia seu pênis ir em direção a ela.

— Nem. Mais. Um. Passo,— Ele se ouviu dizer, como se aquela voz não fosse dele, não do jeito que soou, parecendo sair das profundezas do inferno. — Você não tem idéia do que eu sou capaz.

— Eu preciso saber,— ela disse, chegando até ele. — Me mostre.

Ele balançou a cabeça, uma última tentativa desesperada para se manter no controle, mas no momento que ela tocou sua pele, a batalha estava perdida. Seu tênue controle sobre a sanidade estourou, e com um rugido que se perdeu dentro da tempestade, ele se colocou entorno dela, inclinado ela sobre as costas do sofá manchado laranja.

O chiado da sua cabeça girou rapidamente. O vento uivante de fora ganhou velocidade. Ele segurou seu pênis, derrotado a ponto da agonia, e colocou dentro do sexo de Haley que estava a espera. Ela gritou, e querido Deus, ele esperava que não fosse de dor porque ele não poderia parar.

Segurando os quadris dela com os dedos trêmulos, ele entrou nela, cada socada ela e o sofá eram empurrados para frente. Suas paredes pulsantes sugaram-no, apertando-o com tanta força que sua concentração se centrou apenas no lugar onde seus corpos se juntavam.

Filha da puta, ela fazia-o se sentir bem. Quente, sedoso e apertado.

Ele olhou para baixo, para seu pênis, ardendo com o sumo dela, enquanto ele se dirigia para dentro dela. Fixado pela visão do ato sexual, ele arrastou o polegar na firme nádega dela e então apertou-a inteiramente com os dedos. A claridade batia nas suas nádegas pálidas enquanto ele roçava um dedo ao longo da fenda dela, circulando sua abertura, fazendo-a se contorcer e gemer.

— Remy... Ela arqueou as costas, colocando ele ainda mais dentro dela, testando o seu controle. Normalmente ele tinha o orgasmo rápido e terminava com a tempestade e com o perigo que vinha com ela, mas aquilo era diferente, Haley era diferente, e ele rangeu os dentes pensando que um iria quebrar. Ele precisava fazer isso direito. Ele precisava testá-la, precisava fundir cada parte dos seus corpos.

Com um grunhido, ele se inclinou sobre ela, posicionando a boca na encosta suave de seu ombro. Ele não podia deixar de morder a pele macia e ouvir seus gemidos de prazer quando ele não se deixava ir.

Cada músculo gritava enquanto ele se dirigia para ela. Um trovão sacudiu a casa, enviando ondas de choque para suas pernas até suas bolas, que bateram contra os lábios inchados.

— Mais forte,— Haley chorou roucamente, e ele não podia acreditar que ela queria mais, não quando qualquer outra mulher que tinha transado com ele, teria pedido para ele aliviar muito antes dele chegar a esse ponto.

Ela alcançou o meio da suas pernas, usou dois dedos para acariciar o saco dele, e ele sabia que queria mais também, queria ver os olhos dela quando ela chegou.

Ele resmungou quando saiu dela, e ele não precisava rodopiar ela neste momento. Ela se virou, colocando uma perna entre ele para engancha sua panturrilha e jogá-lo para o chão com ela. Eles caíram brutalmente, e ele mal teve tempo de torcer o corpo para tirar o peso do impacto.

De alguma forma, ele tirou os flip-flops e os tirou de suas calças, e então ela estava toda sobre ele, as pernas espalhadas e envolvidas em torno dele. Pernas fortes que abraçaram com firmeza ao redor da cintura e não o deixava ir.

Ele tinha parado de pensar no segundo, ela o havia tocado a um momento atrás. Agora, mergulhado dentro do corpo de Haley, seu centro lústo do orgasmo, mas ainda apertado o suficiente para fazê-la suspirar, pensamentos estavam começando a passar, pensamentos sobre como ela não estava nem um pouco com medo.

E ela estava segurando ele, seus braços envolvendo os ombros dele, os olhos dela focados nele e escuros com o prazer.

Ele estava murmurando coisas para ela, frases em Cajun francês, e de algum jeito, ela estava respondendo, dizendo a ele que ela amava isso.

— Você gosta disso,— ele murmurou. — Gosta do meu pênis enterrado profundamente dentro de você.

— Mmm, sim.

— Comendo você com tanta intensidade que você não tem nenhum controle,— ele disse, colocando suas mãos contra o chão para ter apoio, seus joelhos raspados na madeira velha, e ele não se importava porque ele estava concentrado tão profundamente no ato.

Ela ainda estava agarrada a ele como se ele fosse mais do que apenas uma ferramenta, acariciando as costas, beijando seu pescoço enquanto ela acompanhou o balanço ele não podia parar, combinando o impulso contra impulso.

Ele deveria ter falado, porque ela estava dizendo a ele para vir, dizendo para ele não se preocupar sobre machucá-la, dizendo-lhe que estava tudo bem deixar ir.

Ela não tinha idéia do que estava dizendo, mas ela disse isso, e isso era tudo que precisava. Ele bateu dentro dela, fincou as unhas curtas na pele macia dos ombros dela.

Uma lança em brasa de explosão de prazer em sua pélvis. Um estrondo de um trovão abalou a casa.

Ele estremeceu quando foi. Derramando dentro dela, porque a tempestade não havia dado a ele tempo suficiente para pensar sobre a proteção e ele não se importava—amava a maneira apertada e quente que ela o ordenhava, subindo e descendo, a forma que aquilo a tinha feito sentir

preenchida completamente com a sua semente, que derramava por entre eles e lubrificando ele para a próxima rodada.

Ele ainda estava rígido, aço envolvido em suavidade. E ele estava tão longe de terminar. Devagar, ele prendeu a respiração por um segundo antes de ele entrar nela novamente.

Haley esmagou Remy entre suas coxas, ergueu os quadris para levá-lo profundamente, arqueou-se para que os seus mamilos roçassem o peito úmido dele. Nunca ela esteve com um homem que poderia igualar sua fome na cama—não que ela e Remy tinham feito isso em uma cama. Mas agora, este foi o melhor tipo de pesquisa que já tinha feito.

Ele falou coisas sexy no ouvido dela enquanto mordiscava alternadamente seu lóbulo e depois o acalmava com sua língua. Sua voz era suave, mais delicado do que tinha sido antes de seu orgasmo, e louco o bastante, como foi a tempestade.

Talvez realmente houvesse algo entre Remy Begnaud e a coisa do tempo. Parte dela, a cientista, curiosa dedicada, queria controlar todos os movimentos que ele tinha feito desde que ela o encontrou, analisar a forma como o seu comportamento tinha sido paralelo aos eventos climáticos. Mas a parte feminina e extremamente excitada não se importava com nada disso, enquanto Remy continuasse fazendo o que ele estava fazendo. Se o tempo fez dele o mais forte amante, o mais intenso da vida dela, então deixe rugir os céus.

— Conte-me o que você quer catin chere— , ele murmurou no ouvido dela.

— Diga-me, enquanto eu ainda posso pensar.

— Isso— , ela disse enquanto inseriu uma mão entre seus corpos para circular levemente seu clitóris com um dedo calejado, seu toque quente liberando uma erupção de ondas ardente em seu centro.— Apenas. Isso.

Rajadas prata dos relâmpagos faziam as sombras dançar nas paredes, no chão, na pele dos ombros dele, mas o trovão foi silenciado, permitindo-a ouvir as suas palavras, sussurradas que ela não reconheceu como o Inglês, mas que, no entanto, falou volumes mais do que nunca.

Ela fechou os olhos, deixou-se sentir e não pensar, porque se ela deixasse sua mente ir, ela iria para lugares que ela não deveria ir. Iria pensar como Remy iria reagir quando ele descobrisse que ela estava ali para estudá-lo para o seu recrutamento possível para uma agência super-secreta. Ou como ele se sentiria sendo traído por seu pai. Ou se ele fez outras mulheres chegar a um ponto tão duro quanto ela tinha chegado.

Mas, na verdade, nenhum desses pensamentos importava, porque ela não se importou. Este foi um trabalho. Remy foi um trabalho. E ele estava fazendo um bom trabalho.

Ela se arqueou para cima, tomando ele todo, forçando a sua mão para tocá-la onde ela precisava dele, forçando seu pênis entrar no lugar que a deixou selvagem. Quando ele abrandou o ritmo de seus golpes, ela cravou as

unhas nos músculos atados nas costas dele. Sua resposta, uma respiração áspera que assobiou entre os dentes cerrados, a fez sorrir contra a sua pele, especialmente quando ele dirigiu para dentro dela mais fortemente que antes. As costas dela raspada no chão de madeira áspera, mas ela não se importava, a dor só fez mais consciente das sensações agradáveis entre as pernas.

O corpo dela se adaptou ao seu comprimento tão bem que ela podia sentir cada cume, cada solavanco, cada textura ao longo de seu eixo, e gritou com a tensão doce, que começou a serpentear dentro dela. O deslizamento do seu pênis massageou o seu ponto G a cada enfiada escorregadia, drenando gemidos do fundo do peito dela, estimulando seus quadris a rolar freneticamente contra ele. Em algum lugar no fundo, a mente dela registrou o som do vento abrindo a porta da frente, e então quebrando algo pesado de dentro da casa.

— Sinto muito,— Remy falou roucamente, e mergulhou fundo dentro dela.

— Não sinta,— ela voltou, sua voz um pouco mais que um gemido. — Isso é... mmm, sim, oh, bem ali...

As janelas restantes se agitaram, e o teto rangeu e estalou como se fosse sair como uma tampa. Remy aumentou seu ritmo, agarrou a cabeça dela com as duas mãos e a forçou a olhá-lo nos olhos. Os olhos que ele tinha deixado feroz e luminoso com os contínuos relâmpagos da tempestade.

— Me aterre.

Não era a voz dele. Não podia ser. Não, a menos que a tempestade havia sido personificada, porque soou como um trovão. Só mais poderoso.

Choques simplórios apedrejaram a pele dela. Ele tinha pedido para ela aterrá-lo... aterrá-lo aqui e agora? Como foi estranho ele ter usado um termo elétrico.

Mas ela fez o que podia. Ela fixou seu olhar no dele, vendo o reflexo brilhante em seus olhos, viu que aquilo emanava de algum lugar mais profundo, de algum lugar de dentro dele.

— É isso Remy,— ela respirou. — Deixa sair. Eu tenho você.

A fome feroz se intensificou nos olhos dele, e ele bateu ferozmente, lançadas rápidas para dentro dela. A pele dela formigava e o calor queimava na superfície da sua carne. Os tendões se tencionaram no pescoço de Remy, seu maxilar cerrado, e então ele veio, desta vez em silêncio, seu sêmen quente queimando ela de dentro para fora como uma corrente elétrica vinda de um fio vivo.

A pressão implacável que poderia pôr um edifício em ruínas, e cacos de prazer atravessou o corpo dela. O sólido e profundo orgasmo rasgou sua fenda, deixando ela ofegante, trêmula, todas as sensações de uma só vez espremidas e energizadas.

Ela não conseguia lembrar a última vez que um homem havia conseguido dar a ela mais de um orgasmo em uma noite, mas ela sabia, com toda certeza, que nenhum homem tinha feito aquilo tão bem.

Como uma meteorologista obcecada por mau tempo, ela sempre escondeu uma fantasia secreta, uma que levasse ela para o centro de uma tempestade com um homem que era forte o suficiente para enfrentar a Mãe Natureza.

Isso tinha sido uma fantasia segura, porque ninguém era tão louco.

Errado. Remy era esse tipo de louco. Mesmo se a coisa como tempo era uma brincadeira ou era tudo coisa da sua imaginação, isso não importava. Porque ele tinha acabado com as tempestades, e ah, cara, ele tinha ela.

Sr. Remy Begnaud olhou para a janela do Widow Johnson, vertendo chuva e pano de fundo dos raios. Um trovão sacudiu a casa. Rosnando rajadas de vento para as árvores até seus galhos arranharem todo o telhado de lata velha como se fossem unhas.

T viria para casa.

Merda em uma vara. Ele esfregou seu queixo, áspero depois de não ser barbeado por dois dias. Sua mente havia estado em outro lugar, nas suas mais novas invenções, no talento de Widow Johnson na cama, no fato que ele poderia ter cometido um grande erro contando aquela pequena, linda meteorologista sobre a associação T-Remy com a Mãe Natureza.

Ele havia feito aquilo para o próprio bem de T, e ele nem ousava pensar o contrário. Claro, Haley tinha dado a ele uma porrada dinheiro pela informação, mas isso tinha sido o mais importante. A coisa importante era ter

certeza que T teria ajuda com seus problemas e com tempo, um trabalho fixo fora da Marinha, se ele não quisesse arruinar com sua vida como Remy havia feito. Haley havia prometido que T teria os dois, se o que Remy contou a ela fosse verdade.

Ele fechou os olhos e ouviu a chuva cair na grama. Isso parecia uma idéia muito boa, deixá-la ir para Bayou Blonde para estudar seu filho. Uma boa idéia até ele ajudou a doce jovem a descarregar seu equipamento. De repente, seu sangue correu frio e nada parecia tão bom como antes. A forma que ela havia falado, como se T fosse uma espécie numa placa de petri² e não uma pessoa, havia enchido ele de medo e com uma sensação de mau-agouro.

Se T descobrisse o que ele havia feito, ele não diria, ele não entenderia o porquê. Remy poderia perder seu filho. Um tipo de ironia, ele supostamente, tinha ganhado seu filho para perdê-lo em primeiro lugar.

Uma dor bruta brotou em sua garganta como se a sua ferida de vinte e cinco anos tivesse sido reaberta. Sua amada Fay Lynne, tão solidária e confiante quando ele tomou a decisão de deixar a Marinha depois que seu primeiro mandado acabou, quando ela estava grávida de seis meses e ele não tinha um trabalho para apoiá-los. Se ele apenas tivesse ficado na carreira militar, tivesse se esforçado um pouco mais para estar no esquadrão e não hesitasse a cada comando...

² Uma placa de Petri, é um recipiente cilíndrico, achatado, de vidro ou plástico que os biólogos utilizam para a cultura de micróbios

Merda, ele podia jogar o jogo— Se Apenas— toda a noite e nada mudaria. Fay Lyne e seu ainda não nascido filho, continuariam mortos, vítimas de um acidente de carro que ele poderia ter prevenido se ele tivesse dinheiro para concertar o veículo quando ele havia sido avisado pela primeira vez pelas vibrações da quebra. Sua vida havia acabado com a deles naquele dia, tinha saído do controle até três meses depois quando ele ouviu sobre o menino que havia nascido no dia do nascimento do seu filho. Nascido durante o furacão Tessa e abandonado nas escadas da antiga Igreja Batista que estava enfrente ao cruzamento onde o acidente tinha acontecido.

Remy não era alguém que acreditasse em maldições, ou vudu, ou mesmo superstições, mas ele acreditava em fatos. Quando a mãe do bebê morreu no rio e ninguém o queria porque todos os outros acreditavam em maldições, vudu e superstições, Remy achou muito fácil adotar a criança. Especialmente uma vez que o pai, um New Orleans casado sangue-azul, tornou isso simples sujando algumas mãos para manter a coisa toda e silêncio.

— Remy? Você continua preocupado com o seu garoto?

Distraído, ele olhou para Widow Johnson, lá não havia mais nada a não ser as suas criadas, segurando uma vela pela luz. — Ele está em casa.

— Ele ligou? Eu não ouvi seu celular tocar.

— Não tocou.— Trovão laminou através da casa, através de seu peito.
— Eu apenas sei.

— Então volte para a cama.

Relutante, ele seguiu ela pelos corredores escuros. Ele não merecia dormir confortavelmente. Não enquanto T estava, provavelmente, sob o microscópio, sendo testado, cutucado e exibido depois de andar de encontro a uma armadilha que seu próprio pai tinha ajudado a construir.

Remy tinha visto o equipamento de comunicações dos meteorologistas, e se essa mulher trabalhou para o National Weather Service como ela havia dito, ele comeria um dos ratos do pântano que viviam logo do lado de fora da janela de trás da casa. Não, senhorita Haley Holmes estava sustentada pelo dinheiro e poder, e quando ela descobrisse que seu filho podia estalar os dedos e destruir a cidade com um tornado, T estaria com problemas.

As vísceras se contraíram tão fortemente que ele tropeçou, ele fez uma coisa que ele não fazia desde que Fay morreu. Ele rezou. Rezou que seu desespero não lhe tivesse custado a pessoa que restava na vida dele. Rezou para seu filho perdoá-lo. Rezou, pois seu filho não estava bem nesse exato momento, em apuros e odiando a vida.

Capítulo 4

Haley ainda estava ali. Tudo bem, talvez fosse por que ela estava parcialmente presa abaixo do peso de seu corpo, mas ela não parecia assustada ou chateada quando Remy olhou para o rosto dela em busca de traços de ambas as emoções. Ela parecia... saciada.

Filha da puta, o que diabos ele deveria fazer com isto?

Ela gentilmente acariciou com uma mão por suas costas nuas, e ele se afastou mais rápido do que se ela tivesse dado um tapa em seu rosto.

— Remy espere,— ela disse, mas ele pegou um cobertor velho do sofá e entregou a ela, o mesmo que ele usou todos aqueles anos que o sofá funcionou duplamente como sua cama e o único canto do mundo que ele podia chamar de seu. Quando ela se cobriu, ele a ajudou a se levantar e a conduziu até o sofá.

— Não se mova até eu limpar um pouco desse vidro,— ele ladrou, por que não sabia o que mais dizer a ela. Reconhecidamente, ela obedeceu e se afundou nas almofadas. Ele puxou suas calças cargo, não se incomodou em abotoá-las ou procurar pela camisa que ele vagamente lembrava-se de perder no lado de fora. Em vez disso, ele acendeu duas das mais próximas lâmpadas

de furação, desde que a eletricidade ainda estava avariada, e então pegou uma vassoura do chão da cozinha.

A tempestade não tinha terminado. Ele podia sentir na maneira como sua pele ainda formigava, estendia como se fosse apertada demais para seu corpo.

Ele podia fazer de novo facilmente, agora mesmo, e o pensamento de oscilar contra Haley, dentro dela, fazia o fraco zumbido em sua cabeça ficar mais alto. Ele se forçou em não olhar para ela. Em vez disso, ele varreu o vidro e outros detritos em uma arrumada pilha perto da porta dos fundos e se perguntou o que diabos fazer em seguida.

O sexo com ela tinha sido bom – tão malditamente bom. Quase um verdadeiro alívio, o que ele precisava em mais de um nível, porque fazia um tempo para ele. Quatro meses afastado no deserto com seu time e sua decisão de não reabastecer e tirar seu foco compassivamente do sexo e do clima, mesmo que ele tenha sido forçado a reavaliar exatamente que porra ele iria fazer com o resto de sua vida quando tudo que ele podia pensar era sexo e clima.

Ele tinha amigos que entraram no lucrativo negócio de trabalho mercenário. O expediente era longo, mas o pagamento era o máximo e a carga de adrenalina não podia ser batida. E mais, era algo que ele podia fazer sozinho.

Mas ele não estava sozinho agora.

— Eu machuquei você?— Haley perguntou a ele. Ela estava em pé novamente, e o coberto tinha se aberto, expondo seu corpo a ele. Mesmo quando ele olhou, ela não o fechou em sua volta.

— Você me machucou?— Ele perguntou em espanto, odiando a maneira como sua voz tremeu. Ele empurrou a vassoura para o lado e massageou sua nuca onde ainda sentia o formigamento em sua pele.

— Suas costelas. Os machucados. Eu tentei ser cuidadosa em torno deles...— Ela se moveu em direção a ele, levantou uma mão para tocar seu peito, e por um segundo ele estava fascinado pelo modo como seus seios oscilavam ainda pesados e corados pelo sexo. Então ele notou a furiosa e vermelha marca de mordida no ombro dela.

— Não. Não me toque e não se preocupe comigo,— ele disse. Ela não se aproximou dele de novo, mas também não se afastou, e pela primeira vez em sua vida ele não se sentiu encurralado em ter alguém parado tão próximo. Sua presença era quase tranquilizadora, e ele culpava seus orgasmos pela falsa sensação de segurança.

Aquela maldita tatuagem estava o derrubando também. E, como se ela tivesse lido sua mente, os dedos dela brincavam ao longo da tinta.

— Você tem que me contar sobre o que foi tudo isto,— ela disse suavemente.

Ele queria perguntar a ela a mesma coisa, queria colocar sua boca no quadril dela novamente e traçar as linhas familiares com sua língua, queria

estar enterrado dentro dela completamente. Em vez disso, ele encolheu os ombros como se nada disso fosse grande coisa e a energia reprimida ainda implorando para ser liberada de seu corpo não fosse um perigo para os dois.— Furações me excitam.

— Uh, é, eu que o diga.— Ela parou.— Esses machucados não aconteceram apenas esta noite, não é?

Ele olhou para as manchas escuras que se formaram quase que imediatamente depois de uma tentativa de assalto ontem à noite. Dois homens o tinham encurralado perto de seu carro, enquanto um terceiro e um quarto o pegaram por trás. Eles quase o derrubaram, algo que não deveria ter acontecido, dado que ele tinha sido treinado para matar o dobro desse grupo com nenhuma arma além de suas próprias mãos. Em um ponto da luta, seus pulsos pareciam presos um ao outro, embora quando ele olhou para eles, eles estavam completamente livres.

— Não, não desta noite.

— Do trabalho?

— Não,— ele disse abruptamente, e ele desejou que ela usasse o cobertor para cobrir seu corpo. As luzes na casa piscaram brevemente e então foram embora novamente.— Não foi do trabalho. Você tem certeza que eu não machuquei você?

— Você não me machucou, Remy,— ela disse.— Eu sou mais resistente do que pareço.— Ela sorriu, e maldita seja, ele quase baixou sua

guarda e sorriu em retorno. Quando ele não o fez, ela suspirou.— Eu acho que nós dois precisamos nos limpar. Eu vou procurar um pouco de comida para nos deixar mais confortáveis. Nós podemos comer enquanto conversamos sobre isto.

Por uma fração de segundo, ele imaginou como seria conversar com alguém que poderia realmente entender esta montanha russa que seu corpo e a Mãe Natureza o enfiaram. Talvez ela poderia explicar isto para ele logicamente.

E talvez estar dentro dela tenha fodido com sua cabeça, por que ele sabia malditamente bem que seu relacionamento com o clima não tinha nada a ver com lógica.

— Não há nada para se falar,— ele disse.— Além disso, eu preciso encontrar meu pai.— Suas entranhas se apertaram ao pensamento de Remy Senior, o lembrando onde ele estava e por que tinha voltado para casa novamente.

— Você não pode ir lá fora agora procurar por ele – não é seguro.

Ele riu.— Baby, eu conheço estes pântanos como a palma da minha mão. Não há nada por aqui que me assuste.

Exceto você.

— Seu pai obviamente sabe o caminho para cá também,— ela apontou.— Eu tenho certeza que ele se refugiou em outro lugar, se ele ainda está mesmo na área.

Ela tinha um ponto – se havia uma coisa que o velho sabia fazer bem, era cuidar de si mesmo. Ele podia sair às primeiras luzes do dia e fazer uma varredura na área. Ele podia tirar algum tempo agora para limpar o resto da bagunça, checar o gerador... ou ele podia dormir.

Ele lutou contra a vontade de bocejar, percebendo que fazia semanas desde que tinha dormido bem. E tempestades como esta sempre o torciam. A familiar dor de ossos cansados tinha começado a se estabelecer e ele sabia que era inútil lutar contra ela. Ele precisava de descanso, e pela primeira vez em anos, ele sabia que podia realmente fechar seus olhos e dormir.

Ela ainda estava parada próxima, olhando para ele quase de forma protetora. O que era ridículo. Ele deu alguns passos para longe dela.

— Eu vou, ah, dormir um pouco. Eu limparei o resto disso mais tarde,— ele disse.

Ela inclinou a cabeça e o observou até ele se sentir como um fascinante novo microorganismo em uma lâmina de microscópio.— Você sempre fica cansado depois? Após o sexo?

Não sexo. Tempestades. Mas mesmo apesar de ele não ter dito as palavras em voz alta, o vento agitou o ar. A porta se escancarou, e ele a fechou, endireitando uma lâmpada que tinha sido derrubada.

— Você pode querer descansar um pouco também,— ele disse, ignorando as perguntas dela.

Ela ainda estava olhando-o fixamente, e então ele percebeu que estava olhando de volta, mas não para seu rosto. Ela corou e puxou os cantos do cobertor, os unidos para esconder suas deliciosas curvas. Desapontamento correu por ele, mesmo quando ele bocejou de novo.

— Tudo bem, você descansa,— ela disse.— Eu não estou cansada, então eu vou ligar o gerador e ver o que eu posso fazer com o resto deste lugar.— Ela agitou uma mão para a bagunça. Normalmente, ele iria discutir, dizer a ela para não tocar em coisa alguma, mas não dessa vez.— Por que você não dorme na minha cama? Será mais silencioso no quarto.

— Eu vou dormir aqui,— ele disse.

— Mas esta coisa velha é tão encaroçada,— ela começou, e ele deve ter baixado sua guarda, deixado sua expressão trair a longa amargura de sua infância, por que ela mordeu seu lábio e baixou os olhos.— Desculpe.

— Tudo bem. Eu estou acostumado.— Ele a deixou sozinha por um minuto para usar o banheiro e se limpar um pouco, quando saiu, ela já estava vestida e pairando sobre seus equipamentos. Agradecido por ela ter achado outra coisa para estudar além dele, se afundou nas almofadas que fizeram o chão vazio parecer confortável, e se ajeitou. Seus olhos se fecharam e sua respiração se suavizou em um ritmo estável instantaneamente, mas suas juntas permaneceram rígidas, seus músculos tensos.

— Haley?— ele murmurou, virando para o lado dele.— A tempestade não terminou.

— Haley, a tempestade não terminou,— ela resmungou enquanto examinava as mais recentes fotos de satélites NOAA.

A tempestade estava, de fato, terminada. Tinha contornado e virado a noroeste enquanto se desfazia. Exceto pelas células errantes movendo lentamente do Golfo, eles deviam estar livres de clima significativo até que a frente se deslocasse, e o próximo sistema de baixa pressão parecia estar ao menos a dois dias de distância.

O que a intrigava era o fato de que radares produzidos nacionalmente e imagens de satélite indicavam um furacão de categoria um, com bandas externas que tinha desaparecido antes de atingir a Baía Blonde. De acordo com os gráficos, esta parte da Louisiana tem estado limpa o tempo todo.

Não fazia sentido. Ela tinha visto um eco intenso surgir do nada em seu radar portátil antes de correr para fora, ainda assim o mesmo eco não apareceu nos produtos do National Weather Service.

Isto não deveria estar acontecendo. Mas Haley aprendeu muito tempo atrás que por mais avançados que equipamentos metrológicos fossem, a Mãe Natureza sempre podiam lançar uma bola curva. Clima imprevisível acontecia. Mas isto... isto era simplesmente esquisito. E por mais estranho que o comportamento da tempestade tenha sido, o de Remy tinha sido ainda mais.

Enquanto a tempestade crescia em intensidade, também tinha crescido sua agitação.

Ela não queria acreditar que Remy estava de alguma maneira conectado com incidentes do clima, mas para ser honesta, os eventos das últimas horas tinham confundido-a. O clima parecia intensificar toda vez que o humor de Remy fazia o mesmo. Jesus, ela pensou que a casa iria cair com cada orgasmo. Então por que a falta de dados durante os horários aproximados que o clima foi abaixo? Por que a tempestade que ela tinha experimentado desapareceu e não deixou evidências?

Nós nunca fomos capazes de fundamentar relatórios que o Suboficial Begnaund já tivesse diretamente afetado o clima, porque provas meteorológicas além de dano localizado nunca foram encontradas.

Agora ela entendeu o que seu chefe na Agência para Raros Operativos Secretos – ACRO – tinha tentado dizer a ela. Se Remy afetava tempestades, ele fazia... invisivelmente.

O que era completamente absurdo. Ela tinha visto muita coisa na ACRO, o suficiente para mudar seus conceitos do que era possível e o que não estava de cabeça para baixo, então enquanto ela não podia descartar uma forma de telecinesia que controlava o clima, ela não podia envolver seu cérebro em torno de tempestades fantasmas que não apareciam em fotos de satélite.

Não tão ridículo, contudo, era a teoria que o clima afetava o comportamento de Remy.

Pressão atmosférica, luz do sol, umidade... estes elementos e outros sempre tinham influenciados vidas humanas, animais e vegetais em maneiras não completamente entendidas pela comunidade científica. Algumas podiam ser racionalizadas, algumas não podiam. Como uma parameteorologista, era seu trabalho explicar o inexplicável. Ou ao menos provar que o inexplicável, de fato, existe. Fenômenos misteriosos como raio globular, um assunto controverso que se colocava solidamente entre dois campos – crentes e descrentes – era um favorito pessoal. Remy, no entanto, podia superar raio globular como seu novo queridinho.

Os poderosos na ACRO ficariam decepcionados se Remy não pudesse controlar o clima, mas eles encontrariam um uso para ele mesmo se alguma conexão menor existir. O que eles planejavam fazer com ele não era sua preocupação; sua carreira era, e seu futuro dependia de sua habilidade de descobrir a verdade.

Descobrir a verdade em qualquer maneira possível, algo que o chefe de operações da ACRO, Devlin O'Malley, deixou claro.

— Sr. O'Malley, eu tenho algumas perguntas,— ela disse.

Os dedos dele traçavam círculos na mesa de carvalho que os separava. Ele usava o mesmo uniforme de combate que todo operativo com um talento excepcional usavam quando eles andavam pelos corredores do complexo principal da ACRO, e embora ele fosse o chefe, seu crachá branco de identificação o identificava como ninguém mais importante do que um operativo designado ao departamento Médiun na Divisão Paranormal

Haley passou os dedos por sua própria identificação, exibindo o azul claro da Divisão de Ciência. Como um— civil— com nenhuma habilidade especial, ela vestia o que queria, o que geralmente significava terninhos, mas hoje ela tinha optado por uma saia, o que a deixou se sentindo estranhamente vulnerável em frente deste homem cego com quem ela tinha falado apenas duas vezes, muito brevemente, antes de agora.

— É Devlin. Sr. O'Malley era o meu pai — ele disse finalmente.

Ela assentiu. Seu nome era adequado a ele. Forte, misterioso, sensual. Tão escuro quanto seu curto cabelo castanho que estava sempre espetado, como se ele não pudesse manter os dedos fora dele.

— Devlin, eu tenho alguns problemas com a tarefa que me foi dada.

— Tal como?

— Eu não a quero,— ela disse abruptamente.— Eu não tenho o tipo de treinamento que seus outros operadores têm. Eu não sou uma pessoa de primeiro contato. Eu sou uma cientista.

Uma cientista a quem foi pedido entrar em um curso intensivo em procedimentos de primeiro contato, o que significava estudar intensamente manobras de autodefesa, aprender técnicas de operação disfarçada, e estudar a psicológica arte de sedução. Ela passou por meses de treinamento inicial de operativo quando ela entrou para agência, mas não tinha sido a extensiva instrução do tipo militar que os operativos de campo com habilidades especiais recebiam. Agora, de repente, ACRO queria reparar um pouco disso.

— Nem todo o pessoal de primeiro contato possui habilidades especiais. O importante, você é a única pessoa na ACRO com o conhecimento e experiência necessário para determinar os talentos de Remy Begnaud. Você é a única que precisamos,— Devlin disse, sua própria experiência militar mais do que clara em seu tom não-me-interrompa enquanto se levantava, então ele deu alguns passos, delineando seu plano para ela.— Você tem muitas armas, Haley. Cérebro, beleza. O pacote completo. Não tenha medo de usá-lo da maneira que você foi ensinada.

Seus cegos olhos azul penetraram nos dela como se ele pudesse ver dentro de sua alma se ele se esforçasse o suficiente.

— Você ainda não acredita, mas sexo é tudo sobre poder e controle. Ele sempre tem sido uma ferramenta subestimada, uma que está totalmente a sua disposição como uma agente ACRO.

— Subestimado, uma ova,— ela sussurrou enquanto lançava um olhar para a forma de dormir de Remy, a maneira como o zíper de sua calça tinha se aberto para revelar seu sexo que repousava pesado e grosso contra sua barriga. O corpo dela corou com o calor, algo que a água gelada que ela vinha engolindo perto do galão para conter o calor pegajoso não podia aliviar.

A marca de mordida avermelhada em seu ombro doía, mas uma dor boa, a mesma dor boa que fazia seu sexo desejar as poderosas investidas de Remy. Oh sim, ela se divertiria descobrindo a verdade. E se a verdade não revelasse ligações entre Remy e a Mãe Natureza, ele continuaria seu caminho sem entender, mas ela teria se saciado com o melhor sexo de sua vida.

Seu sangue se agrupava e fervia em todas suas áreas erógenas, como se seus hormônios estivessem se rebelando a idéia que ela nunca experimentaria as mãos dele em seu corpo novamente. Então ele gemeu em seu sono, e ela se esqueceu de tudo menos do jeito que ele aparentava sonolento, estranhamente alerta, mas quase inocente, assim como ele deve ter parecido quando garoto.

Ela tentou imaginar um Remy jovem dormindo no sofá, provavelmente por tanto tempo quando ele viveu aqui, desde que a casa tinha apenas um quarto.

Por que Remy Sênior assumiu a responsabilidade por uma criança? Ele não podia ter descoberto o que Remy poderia ser capaz de fazer, mesmo quando bebê – ou podia?

Qualquer mulher alguma vez esteve por perto para ajudar a criar Remy? Para cozinhar biscoitos para ele, elogiar sua arte de macarrão e arrumar a bagunça depois dele? Ela olhou para a camisa enlameada dele, que ela tinha encontrado do lado de fora da porta quando ela jogou fora os detritos, e fez uma nota mental de lavá-la uma vez que a força voltasse e a máquina de lavar não sugasse todo o combustível do gerador.

E então ela se perguntou quando tinha se tornado tal deusa doméstica, por que qualquer desejo que ela pôde ter tido de cuidar de um homem tinha sido esmagado anos atrás pela devoção anormal de sua mãe pelo seu pai. Uma devoção correspondida igualmente ardente, e uma que ela se ressentia e nunca completamente entendeu.

Seu laptop apitou e ela empurrou para o lado os pensamentos que ela não tinha por que pensar para examinar um e-mail da ACRO. Tanto Dev quanto o diretor da Divisão de Ciência queria um relatório da situação. Depois de correr um olhar por Remy para ter certeza que ele ainda estava dormindo, ela os atualizou, disse que entraria em contato com Dev se determinasse que eles precisassem mandar os Convencedores.

Ela nunca teve que lidar com o grupo de último recurso da ACRO, o time convocado para enviar— difíceis— recrutas em potencial para o complexo em Nova York. O recrutamento de Haley chegou via uma pessoa de primeiro contato fazendo o mesmo trabalho que Haley estava fazendo agora com Remy. Ela apenas esperava que os Convencedores não fossem necessários. Fora de necessidade, seus métodos não eram tão gentis quanto o de Haley.

Enquanto o e-mail voava pelo ciber espaço, ela considerava seu próximo movimento. Os relatórios da ACRO que lhes foram dados detalhavam reclamações dos superiores e da equipe militar de Remy que sua mera presença parecia causar a falha de equipamentos elétricos. O pai de Remy tinha afirmado a mesma coisa. Seu próprio equipamento avariou temporariamente, mas então, picos de tensão proporcionavam as explicações mais prováveis.

Batendo em seu queixo, ela observou Remy por um momento. Se Remy afetava equipamentos, como? E quando? Seu efeito em equipamentos era relacionado a qualquer relacionamento que ele tinha com o clima? Remy não responderia suas perguntas, mas ela conhecia alguém que podia.

Ela só esperava que Annika estivesse de bom humor, por que se Haley pensava que Remy era arisco, Annika o fazia parecer um gatinho.

Capítulo 5

A Operante Especial da ACRO Annika Svenson estava com ótimo humor. Ela podia estar sozinha numa casa mal assombrada, cuja energia elétrica superava os limites do alcance de seu multímetro modificado, mas ela gostava de estar sozinha, e além disso, ela tinha seu iPod e seu próprio sistema de segurança pessoal de choque elétrico que ninguém – fantasma ou humano – iria ultrapassar.

Então não, ela não estava com medo, mas ela estava, entretanto, com frio. Mesmo que fosse apenas final de setembro, Siracusa, Nova York, não tinha recebido o memorando de que era outono e não inverno.

Embora, pensando nisso, ela não se lembrava de estar tão frio do lado de fora.

Tanto faz. Ela estava em posição por dois dias, iria passar as próximas poucas noites aqui, gravando o que podia e então reportando seus achados para Dev. Uma tarefa fácil o bastante, embora ela preferisse muito mais estar no trabalho de Louisiana. Trazer um homem que podia supostamente controlar o clima seria muito mais legal que sentar em alguma empoeirada mansão gravando campos elétricos.

Mas Dev tinha crescido nessa casa, e era especial para ele. E ele, por sua vez, era especial para ela, então ele podia pedir que ela andasse pelo fogo que faria sem questionar. Sem questionar, mas provavelmente muito

amaldiçoar.

Seu celular tocou, ela pensou muito em ignorar ele já que passava da meia-noite, mas quando o código de operante de Haley pulou na tela, ela cedeu. Haley era a única pessoa na ACRO, além de Dev, que podia suportar.

— Seja rápida, Hays. Eu tenho que voltar para meu tédio extremo.

A conexão era uma porcaria, e o fato de que Haley estava falando em uma baixa e apressada voz não ajudava. Annika mal podia escutar a outra mulher perguntando se Annika era capaz de causar um curto circuito em um equipamento elétrico.

— Se eu intencionalmente mandar um pulso para algo, sim. Mas eu não quebro projetores durante filmes, se é isso que você quer dizer.

— Poderia uma pessoa causar curto circuitos sem saber? Apenas por estar no lugar?

As luzes do lustre acima escureceram. Despreocupadamente, Annika saiu debaixo da coisa de mau gosto. Se algo queria sua atenção, teria que fazer mais do que conjurar truques de salão de queijo.

— A existência de campos eletromagnéticos ao redor de todo objetivo conhecido no mundo é um fato. Em humanos, a energia varia tanto em força quanto em maneabilidade. Algumas pessoas não podem usar relógios por que elas causam curto circuito nas baterias. Outras atraem os mortos com sua energia. Então eu não descartaria alguém tendo energia o suficiente para

causar curtos circuitos em equipamentos quando eles não fazem nada mais do que andar por eles.

— Mas?

Annika sorriu ironicamente. Haley podia ser cética, mas não era estúpida.— A coisa é, eles não poderiam manter esse nível de poder sem queimar a si mesmos ou alguém notar. Se seu cara do clima causa curtos circuitos, ele provavelmente não pode controlar isto.

— Você pode.

— Eu sou especial.— Ela conduziu um corrente de eletricidade através da superfície de sua pele apenas por que ela podia.— Se ele tem algum tipo de coisa elétrica acontecendo, pode estar relacionada com sua habilidade climática. Você estabeleceu a existência desse talento?

— Ainda não. Eu estou tentando determinar se as falhas do equipamento elétrico estão mesmo relacionadas a ele.

— Se ele afeta equipamentos, provavelmente acontece durante períodos de extrema emoção – irrite-o, deixe-o excitado ou algo. Estes são gatilhos para a maioria dos poderes incontroláveis.

Maioria dos poderes, mas não o de Annika. Ela tinha estado no controle do seu desde a idade de vinte meses, quando, da altura de um ataque de birra, ela eletrocutou uma babá e a levou direito para a unidade de queimados de um hospital sueco. Desde então, ela identificou o único

interruptor que fazia seu poder incontrolável, e evitava dar um passo em falso a menos que estivesse sozinha.

As orelhas de Annika dispararam.— Merda. Haley, eu tenho que ir.

Ela desligou. Uma calma anormal caiu sobre a casa, e então uma faixa elétrica que ele podia sentir mais que ver serpenteou pela grande sala onde ela estava. Deus, ela odiava essa besteira sobrenatural. ACRO empregava mais médiuns que o suficiente para lidar com isso – inferno, psíquicos superavam em números as pessoas com talentos raros como ela de dez para um. Por que ela tinha ficado presa com essa porcaria estava além dela.

A faixa flutuava sobre a grande escadaria. Ela alcançou o volume de seu iPod, preparada para explodir seu cérebro com Green Day enquanto seguiu a energia, mas o som de passos a congelou no chão. Passando para o modo batalha, ela se agachou, rastejou silenciosamente para a entrada da sala. Ela inundou seu corpo com eletricidade. Ela não temia ninguém, vivo ou morto; contudo, temia ser capturada pelo inimigo, e morreria antes de ser pega novamente.

Certamente, qualquer um que tenha a coragem e habilidade para pegala não estaria pisando duro pelo piso de mármore como um cavalo Clydesdale.

Ela afrouxou sua Beretta do coldre do tornozelo, mas raramente, se alguma vez, ela precisou de uma arma. Ela era uma arma de curto alcance ambulante, preferindo o toque pessoal. O que a agradou quando ela pensou sobre isso assim.

Se ela precisasse atirar, no entanto, seu alvo não tinha chance. Com a exceção de um homem, um atirador com extraordinária visão, reflexos e ego, ela era o melhor tiro da ACRO. Não que ela se gabasse. Muito.

Sua faca, presa no outro tornozelo, viu ainda menos ação. Se ela estava perto o suficiente de seu oponente para usar a lâmina mortal, ela estava perto o suficiente para usar combate corpo a corpo ou seu dom.

A porta da sala abriu em um gole, e seu coração se prendeu na garganta. Ela lançou, reagiu pelo instinto e o treinamento que começou dezenove anos atrás quando a CIA a roubou de sua mãe com dois anos de idade.

Atire antes, deixe para perguntar depois.

Um maciço raio de eletricidade rompeu de seu braço para as pontas de seus dedos, volts o bastante para tirar as solas do sapato do cara.

Mas quando ela agarrou seus bíceps vestidos de couro, o cara não fez nada além de vacilar ou soltar fumaça de suas orelhas. Ele girou, agarrou o pulso dela, e antes que ela pudesse voltar ao seu modo de treinamento de combate e derrubar o bastardo no chão, ele deu um passo atrás e soltou sua mochila para levantar sua outra mão em defesa.

— Por que você está tentando me matar, Annika? Você sabe que deveria fingir que nós damos bem, pelo bem do Dev.

Merda.

— Creed.— O caçador de fantasma se elevou sobre ela, vestido em seu usual couro preto da cabeça aos pés, salvo pela camiseta preta, a tatuagem que cobria o lado direito de seu rosto e desaparecia por baixo da gola quase brilhando contra sua pele bronzeada. O Neandertal vestido de couro a observou atentamente com deleite, o que a fez querer golpear o sorriso para fora de seu rosto angular.

Isso, ou beijá-lo. Ele tinha a melhor boca, lábios carnudos que estavam sempre ligeiramente inclinados para cima como se ele soubesse um segredo e não fosse contar, um piercing na língua que parecia como se pudesse criar alguns desses segredos.

Aparentemente, um monte de mulheres tinha pensamentos similares, por que a sua reputação como jogadores famosos, por relação amorosa de uma noite, vinham sendo conversa de bebedor por anos. Não que ela perdesse tempo fofocando, mas alguns rumores ganhavam vida por si mesmo.

— Dev não está por perto, kukhuvud, então eu não tenho que fingir merda nenhuma.

— Kukhuvud?

— Idiota.— É, ela deveria estar irritada como o inferno para xingar em sueco, algo que apenas Creed podia fazer com ela. A CIA a tinha encorajado a permanecer fluente em sua língua de nascimento, que era porque ela odiava falar. Não precisava de lembretes de sua vida antes da ACRO.

Ele levantou uma sobrancelha, fazendo o piercing de lá, uma barra prata com contas na ponta, subir. Era forçada a admitir, mas as tatuagens e piercings dele a fascinavam, a fazia imaginar se as partes que ela não podia ver eram similarmente decoradas. Ela sempre tinha tido um pouco de inveja de sua capacidade de expressar sua individualidade, desde que ela era incapaz de fazer o mesmo. Não desse jeito. Nenhum operador especial disfarçado em sua consciência iria adornar seus corpos com marcas identificáveis. Não, a habilidade de se misturar fazia um bom agente. Um agente que se destacava era um agente morto.

Mas esta não era a única razão para não gostar de Creed. Ela também odiava como sua estranha energia psíquica que afastava todo mundo tinha o efeito oposto nela, atraía-a e zumbia por ela como um vibrador com baterias novas.

Não que baterias novas fizessem algum bem a seus vibradores, desde que ela causava curto circuito neles com o primeiro orgasmo.

Praguejando para si mesma por que sua vida era lamentavelmente escassa de orgasmos e cheia demais de circuitos queimados, ela liberou a energia que segurava antes que causasse um curto circuito em si mesma. Ela sempre podia eletrocutar pessoas por vontade, mas apenas raramente usava o poder como um escudo, assim qualquer um ou qualquer coisa que vinha ter contato iria sofrer uma surpresa desagradável. Segurar o escudo por muito tempo a drenava emocional, física e mentalmente, deixando-a um pouco mais que um ponto, estremeando por horas

Havia apenas um pequeno problema. Sua energia não funcionava em Creed. E a estranha sensação pulsante ainda corria por seu corpo, vinda do ponto onde ele tinha segurado seu braço, deixando-a saber, pela primeira vez em sua vida, talvez ela devesse ficar com um pouco de medo.

Creed McCabe nunca tinha deixado alguém fazê-lo se sentir como uma aberração. Ele tinha uma elevada tolerância com pessoas, suas suspeitas e necessidade de estereotipar, tinha que ter realmente, por causa do jeito que ele aparentava e sempre atraía mais que uns poucos olhares diretos. A maioria desse olhares era de apreciação, especialmente quando ele fez dezesseis ou mais e muitas das mulheres – e homens – que ele veio a ter contato pela tatuagem que girava ao redor de seu olho direito e bochecha e desaparecia descendo por seu pescoço, eram legais.

Legais. Muito Foda.

Eles não tinham como saber que ele tinha nascido com essas marcas. Ele tinha sido educado em casa por que seus pais não queriam que ele tivesse que lidar com professores e conselhos escolares que iriam acusá-lo de ser um punk. Especialmente por que ele decidiu se rebelar fazendo múltiplos piercings – língua, sobrancelha, orelhas e mamilos – por que ele precisava de alguma maneira de se rebelar. Mas as garotas com quem ele tinha estado sempre se divertiam descobrindo que a tatuagem não acabava em seu pescoço – e que ela fazia todo o lado direito de seu corpo extra-sensível.

A tatuagem – e a fantasma acompanhante que ele gostava de chamar de Kat – tinham sido tanto uma parte dele que estar sem os dois seria como

estar sem ar. Ou ao menos ele não tinha pensando em se separar de nenhum deles até os últimos anos terem cobrados seus direitos sobre ele.

Ele tinha nascido na ACRO – seus pais foram uns dos primeiros recrutas quando Stargate foi dissolvida e os pais de Dev começaram a agência com uns poucos psíquicos e não muito mais. Os pais de Creed tinham sido caçadores de fantasmas – melhores amigos do Sr. e da Sra. O'Malley. Ele foi resgatado de uma caverna abandonada no Tennessee que pensavam ser assombrada pela famosa Bruxa Bell, e adotado pelos McCabes que estavam tentando sem sucesso ter suas próprias crianças por anos. Eles não se importavam com suas marcas ou o fato de ele ser seguido por um espírito que dizia ser descendente direto da Bruxa Bell, e eles tinham encorajado o fato de ele ser capaz de falar com os mortos através desse espírito – um tradutor de fantasma, algo do gênero.

Ele tinha crescido no mundo irreal das Habilidades Especiais, e assistiu Dev assumir as rédeas e trazer tipos ainda mais estranhos que o próprio Creed.

Tipos como Annika, que tinha se tornado algo como o animal de estimação especial de Dev. Se você acreditasse nos rumores, o que Creed tendia a não fazer.

— Você pode me soltar agora?— Annika perguntou o azul de seus olhos ligeiramente menos indiferente que o normal.

Ele libertou seu pulso e ela esfregou seu antebraço onde os dedos dele tinham aberto.— Eu assustei você?

— Sim, Creed. Eu estou tremendo de terror,— ela murmurou.— Dev não mencionou que você estava vindo.

— Decisão de última hora, baseado no seu último relato,— ele disse. Ele tinha se virado de costas para dela, o que era bem difícil de fazer por que ela era deslumbrante – loira, cheia de curvas e mais quente que quente – mas ele sentiu a mudança no clima desde o momento que ele entrou no lugar e não poderia ignorar isto.— Quando foi a última atividade que você gravou?

— Um minuto antes de você entrar pela porta— ela disse. Ele se virou para encará-la e ela girou os olhos quando ele pegou o multímetro dela.

— A última gravação foi uma hora atrás, centrada no corredor de cima, logo no alto da escada.

Ele subiu as escadas de dois em dois degraus para ver se ele podia pegar o final da energia, mas estava há muito perdido.

— Como está a sua sombra?— Annika perguntou atrás dele.— Talvez ela pudesse se fazer útil e resolver tudo isto.

Ele colocou sua palma estendida contra a parede norte e fechou seus olhos.

— Ela é um fantasma, não uma sombra. Por que não pergunta para ela você mesma – ela odeia ser falada como se não estivesse aqui.— Ele sentiu a familiar coceira na sua nuca e soube que o espírito estava perto dele, e que não estava feliz. Assim como Annika.

Seu espírito era do tipo ciumento – ela não se importava que ele dormisse com mulheres, enquanto elas não significassem qualquer coisa. Sempre que ele tentou namorar, Kat tinha causado malditos problemas demais para valer a pena. Aos vinte e nove, ele começou a querer mais que transas de uma noite, e toda vez que ele via Annika, ele era lembrado de apenas quanto este desejo tinha crescido.

Ele se concentrou em tentar extrair a energia da casa em vez de se preocupar com as duas mulheres hostis com que ele iria ter que lidar pela duração desta tarefa.— Isto é um portal.

— Assim nós devíamos montar o equipamento aqui, então?

Ele sacudiu sua cabeça.— Não a menos que você queira ser sugada,— ele disse, e notou que ela estava abraçando seus braços em seu peito.— Você tem estado com frio o dia todo?

— Sim, desde que eu entrei aqui. Você pode sentir?

— Eu não sou afetado desse jeito. Você tem certeza de que não está doente?

— Eu não estou doente,— ela disse.

— Você está toda ruborizada.— Ele tentou colocar uma palma contra a testa dela, mas ela jogou um braço para bloqueá-lo.— Olhe, isto é importante. Eu preciso saber como esta casa está afetando você. Se é perigoso demais para você estar aqui.

— Eu não vou embora.

— Apenas sente Annika. Eu tenho que colocar minhas mãos em você.

— Você não vai me tocar.

— Eu tenho que ter certeza de que a presença que estava aqui não tenha entrado em você.— Ele disse.— A única maneira para eu fazer isso é colocar minhas mãos na sua pele nua.

— Você já me tocou — ela protestou, e ele se perguntou por que diabos ela estavam se importando tanto com isso.

— Você não poderia conseguir uma leitura longe de mim então?

— Eu não consegui tipo algum de leitura, o que não é normal. Apenas sente com suas costas para mim e puxe sua camisa para cima.

Ela o encarou e murmurou por debaixo de seu fôlego sobre Dev estar devendo a ela. E então ela sentou de lado na escada e lentamente levantou sua camisa para expor uma extensão suave da pele.

Ele admirou suas costas elegantemente musculosas enquanto esfregava as palmas das mãos para aquecê-las. Ele se ajoelhou perto dela, fechou seus olhos e colocou suas palmas em ambos os lados de sua espinha.

Ele sentiu um solavanco que foi direito pelo seu corpo para sua virilha e forçou a si mesmo a manter suas mãos firmes quando Annika inspirou profundo e irregularmente. Merda. Não um bom sinal.

Ele afastou suas mãos assim elas roçavam os lados dela perto de seus seios. Ele enfiou seus dedos impacientemente debaixo do tecido do seu sutiã assim ele podia sentir pele sobre pele. Ela inclinou sua cabeça para um lado, e ele moveu seu rosto para mais perto do dela assim sua bochecha estava quase tocando na dela, seu corpo inteiro tentando extrair seja o que tenha entrado nela.

Suas palmas estavam quase vibrando pela energia que ela descarregava, e ele levou uns poucos minutos para perceber que ele não estava atingindo o campo de energia de um espírito perigoso. Não, a sensação era puramente Annika.

Pulsou pelo seu corpo como um zumbido agudo, fazendo seus dedos dos pés curvarem do jeito que uma boa dose de Jagermeister faria. Ou um orgasmo.

Ela virou seu rosto em direção ao dele, o corpo dela inclinado para trás contra o dele, como se ela quisesse ficar mais perto, e por um momento ela apenas o observou, seus lábios ligeiramente entreabertos. Ele podia ter jurado que ela estava se preparando para beijá-lo. Ele teria retribuído também, se a janela acima deles não tivesse estourado.

— Merda.— Ele se arrastou para se levantar em frente dela, para cobri-la. Mas ela estava em pé também, olhando ao redor pela fonte.

— O que está acontecendo?— ela perguntou.

— Nós o irritamos. Nós formamos um bom time — ele disse, e Annika não parecia muito feliz sobre esta possibilidade.

— Venha aqui — ele disse, e não deu a ela uma chance de dizer não antes de estar segurando-a perto, frente a ele. Ela tentou se soltar, mas ele não a deixou, parcialmente pela própria segurança dela, parcialmente por que ele apenas queria tocá-la, para conduzir as palmas de suas mãos sobre cada único centmetro quadrado de pele, o que faria seu corpo vibrar melhor do que sua velha Halley jamais fez.

Sem aviso ele enfiou suas mãos debaixo da camisa dela de novo.

— Isto é tanta besteira, Creed,— ela disse, mesmo quando a casa começou a sussurrar novamente.

— Chama-se caça ao fantasma, querida. Confie em mim.— Mas ela não confiava nele, verdadeiramente não confiava em qualquer um, exceto Dev.

Creed gostava de irritar Annika, principalmente por que era fácil de fazer, e ele gostava do rubor que trazia a seu rosto. Rumores mantinham que ela era frígida como o inferno e excitada pelo Dev. Nenhum deles fazia completo sentido, especialmente o jeito que o seu corpo reagia ao dele.

Mas nada disso era sua preocupação agora. Ele estava no trabalho. Adulando a caça fantasma. Algo do tipo.

Seu espírito era mais como a caçadora de recompensas que trazia as posses para ele. Pela Kat, os fantasmas iriam contar suas histórias. Não como Oz, que podia ver pelos próprios fantasmas. Claro, Oz era sempre contactado pelo pior dos piores.

Oz nunca iria responder a Creed se ele podia realmente ver o espírito que tinha estado com Creed desde o nascimento.

Oz tinha estado fora da ACRO por um tempo – três anos pelas contas de Creed. Supostamente, ninguém, incluindo Dev, tinha ouvido falar dele novamente.

Ele se perguntou se Dev se abriu sobre isso para ela, ou para qualquer um. Oz teria sido a escolha natural para vir aqui e sentir qualquer energia restante.

— Eu não acho que haverá muita — Dev tinha contado a ele noite passada.

— Mas eu estou esperando para ver se algum espírito conversa com você especificamente sobre adoção. Ou seqüestro.

Creed não tinha questionado além, tinha a sensação que Annika foi mandada a frente para procurar por energia, mas não estava certo sobre o que mais realmente deixaram ela saber.

Para ele, até agora, não havia nada além de uma sensação de intensidade nesta casa. Em si mesma isto era normal para uma casa mal assombrada. Normalmente, a energia se traduzia em uma sensação de intensa perda ou tristeza, misturada com outras emoções. Mas aqui, não havia confusão ou dor. Todos esses sentimentos normais foram suprimidos. Partiram. Substituídos com nada mais que um vazio.

O que não era absolutamente normal.

— Diga-me o que você sente,— ele disse, suas mãos firmes contra a parte superior das costas dela.

— Eu estou com frio,— ela sussurrou.

— Você não me parece com frio de qualquer modo,— ele sussurrou de volta.— Eu preciso que você me toque – coloque suas mãos debaixo de minha camisa e me toque.

Ela obedeceu, puxando a camisa dele para fora de suas calças e colocando suas mãos congelando em suas costas. Seu corpo se moldou ao dele, procurando por seu calor. Ele inclinou sua cabeça no pescoço dela, fechou seus olhos assim ele podia se concentrar no fantasma da casa, que estava agora buscando seu próprio calor de Annika.

Isto iria terminar em desastre. Annika sabia. Nada bom jamais tinham vindo dela tocando um homem tão intimamente.— Por que isto está irritado?— ela perguntou, tentando não notar quanto duro, quanto definido

ele estava sob de seus dedos. Ela definitivamente não precisava notar a bruta sensualidade emanando dele como algum tipo de rede de poder masculina.

— Ele quer se apossar de alguém. Está atraído pela sua energia. E a minha. Mas juntos, somos muito fortes para ele.

— Eu juro por Deus, Creed, se você está inventando essa merda como desculpa para colocar suas patas em mim...

Divertimento vibrou nos fundos negros de seus olhos quando ele olhou para ela.

— Você acha que eu estou tão desesperado?

— A furiosa ereção batendo em mim repetidamente diz que sim.

Ele se empurrou contra ela, arqueando suas costas, e seu primeiro instinto foi derrubá-lo. Mesmo quando suas mãos se enrolaram em punhos, ela notou como o corpo inteiro dele tinha ficado rígido, sua respiração sibilando pelos dentes cerrados. Não, isto não era sexual.

— Está tentando nos separar. Segure-se em mim – porra... Os pais do Dev Assassinados.

Tudo bem, ela oficialmente odiava essa merda paranormal. Pessoas mortas não deviam ter tanto poder.— Diga ao fodido que todo mundo sabe que os pais do Dev foram assassinados. Eu não estou impressionada.

— Ele diz... aqui. Na casa.— Creed ficou tenso como se estivesse tentando respirar, e ela não tinha idéia do que fazer, exceto segurar-se nele como ele tinha dito, e Cristo, agora ela estava começando a ficar assustada. Não do fantasma, mas por Creed. Ela apenas esperava que seu espírito perseguidor, Kate, Kat, ou seja, o que ela fosse chamada estivesse o ajudando.

— Tanto... sangue,— ele disse num som estridente.

— Na casa?

— Onde nós estamos em pé.

Um calafrio que não tinha algo a ver com temperatura correu por ela. Ela não sabia exatamente onde os pais de Dev tinham sido mortos, mas agora não podia evitar imaginá-los sangrando no ponto em que seus pés estavam. Pobre Dev.

Annika não tinha conhecido seu pai biológico, sua mãe nunca disse seu nome. E realmente, nunca conheceu sua mãe também. Mas ela sabia que sua mãe tinha sangrado até a morte, sua garganta cortada, então tinha uma idéia de como Dev devia se sentir sobre o assassinato de seus pais.

Uma presença invadiu seus pensamentos, um espectro sombrio que se contorcia em todo o ar ao seu redor até que gavinhas geladas serpenteavam a sua volta. Instantaneamente, ela inundou seu corpo com energia, percebendo tarde demais que os volts seriam lançados no Creed assim como na aparição. Energia chiou através de sua pele, estalando em seus ossos, estendeu seus músculos e os dedos gelados a libertaram. Felizmente, Creed relaxou

completamente impassível a pesada emissão de energia, exatamente como antes, quando ela tinha tentando eletrocutá-lo para fora de suas botas.

Ninguém jamais tinha sido imune ao seu poder, mas ela não teve muito tempo para pensar sobre isto, por que Creed baixou a cabeça em seu ombro como se a exaustão, murmurando uns poucos palavrões escolhidos,— Essa coisa matou os pais de Dev?

— Nenhum fantasma podia ter feito isto — ele disse firmemente, como se soubesse mais do que estava dizendo, e estivesse tentando protegê-la. Se ele apenas soubesse as coisas que ela tinha visto e feito, ele não iria se preocupar em cobrir seus olhos nunca mais. Inferno, ele provavelmente nem mesmo olharia para ela.— Não desse jeito.

— Itor,— ela sussurrou.— Bastardos. Por que o espírito está contando tudo isso a você?

— Está tentando me ajudar.

— Por quê?

— Quer alguma coisa de mim — ele disse puta merda, sua respiração estava saindo como sopros brancos de ar, mas ela não detectou uma queda na temperatura. Esta coisa não deveria saber o que estava falando.— Espíritos permanecem por monte de diferentes razões. Alguns têm negócios inacabados. Algumas vezes, um espírito fica confuso, embora isto geralmente acontecesse com crianças pequenas e adultas que tiveram uma rápida e inesperada morte, e não percebessem que eles passaram a diante.

— Então qual é este?

Creed estremeceu, e ela esfregou suas palmas para cima e para baixo nas costas dele, por que, estranhamente, ela era a aquecida agora. E era sua imaginação, ou era um lado do corpo dele mais frio que o outro?

— Este é uma consciência culpada,— ele disse, e tudo ao redor deles, a casa parecia tremer em um largo e coletivo suspiro.— O espírito não quer seguir em frente, por que sabe que será julgado severamente pelo que fez.

— E o que, exatamente, foi isto?

— Não vai me contar.

Ela tomou consciência das mãos dele passeando por sua pele, através de suas costas, ao redor de sua cintura, e quando as pontas de seus dedos sondaram por baixo do cóis de seu jeans de cintura muito baixa, seu coração parou, meia batida, mas isto não parou o pulso de desejo que disparou direto para seu centro.

Isto não ia acontecer mesmo.— Podemos nos soltar um do outro agora?

— Não. Não é seguro.— Suas mãos ainda vagueando, cada círculo baixando uma fração de uma polegada mais para baixo.

— Nem. Fodendo,— ela se afundou, se contorcendo para escapar, mas ele fechou seus braços mais apertados ao redor dela, e enterrou o rosto em seu pescoço.

— Shh,— ele sussurrou contra sua pele repentinamente sensível.— Kat está o tranquilizando, levando-o embora. Ele quer usar um de nós, assim enquanto nós estivermos juntos, estamos bem. Fortes demais para ele.

— Usar-nos? — Ele se aconchegou.— Para sair. Para falar com quem ele realmente quer. Talvez algo pior. Não tenho certeza.

Então talvez fosse completamente besteira, mas ela seriamente duvidava que estivesse juntos requeria as mãos dele em sua bunda. Ou a ereção em sua barriga.

Mas uau, ele era grande. Em toda parte. Ela já tinha reparado seu tamanho antes; ele era difícil de não notar. Mas estar assim, contra ele, cercada por ele, ela quase se sentiu perdida.

Então novamente, isto poderia ser por que ninguém jamais a tinha segurado ninguém exceto Dev e a mãe de quem ela nem mesmo lembrava, e não tinha idéia de como lidar com esse tipo de contato próximo.

Especialmente contato próximo que disparava faíscas em cada terminação nervosa e a fazia querer esfregar a si mesma ainda mais intimamente contra ele.

Creed abriu sua boca como se fosse dizer algo – oh, por favor, algo como, O espírito se foi então você pode me soltar agora. Em vez disso, ele respirou fundo, respiração estremecida e arrastou seus dentes sobre o colar apertado em seu pescoço.

— É melhor isto ser algum tipo de técnica caça fantasma, McCabe — ela se afundou, soando muito mais firme do que sentia, por que naquele momento seus quadris estavam ondulando por vontade própria, respondendo ao erotismo absoluto de seu toque.

— Eu estou mostrando ao espírito que ele não pode ter qualquer um de nós.

Uh-huh, ela iria derrubar a bandeira da besteira nessa, e deveria ter derrubado exceto que ele empurrou sua perna entre as dela e agora ela estava balançando em sua coxa musculosa, quase ofegante pela deliciosa pressão contra seu centro.

Isto era surpreendentemente excitante. Cada pequeno movimento mandava vibrações de prazer correndo pelo seu corpo. Ela podia ter um orgasmo assim. Creed sabia, e apalpou seu traseiro para segurá-la firmemente contra ele, usou sua força para manter ambos em pé.

Foda-se. Isso não ia acontecer. Era perigoso demais.

Além disso, ela realmente odiava o Creed. Tinha odiado desde que ele a entregou por alguma porcaria estúpida em uma missão dois anos atrás.

Então não era justo, que ele conseguisse excitá-la tanto fazendo nada mais que tocá-la para enganar o espírito.

É, certo.

Lenta e deliberadamente, ele correu sua língua, firme e úmida, ao longo da linha de seu queixo até sua orelha. A bala do piercing batendo de leve sobre o lóbulo da orelha, mandando um corrente de desejo chiando de sua orelha para seu clitóris. Ela gemeu, se perguntando como seria essa bola mágica em outro lugar.

— Ele já foi?— Sua voz estava rouca, perdida demais na luxúria para fingir o contrário.

Ele deslizou sua coxa para frente e para trás entre suas pernas duas vezes, levando-a ao limite, antes de responder.— Sim.

— Bastardo.— Seu corpo gritando por alívio, mas ela se afastou, parou ali olhando para ele.— Por quanto tempo?

Ele encolheu os ombros. — Tempo suficiente para saber que você não estava atuando.

Deus, ela queria queimá-lo. Por que ela não podia?

Talvez os estranhos pulsos que seu próprio corpo mandava o faziam imune a eletricidade dela. Ou talvez o espírito que estava preso a ele, declaradamente desde o nascimento, o protegia.

Seja o que fosse, Annika estava irritada.

E estranhamente excitada, por que se... Não. Apesar do que acabou de acontecer, Creed não a queria mais do que ela o queria. Ele era apenas

como todos os outros na ACRO, invejosos de sua relação com Dev. Claro, ninguém vinha na cara e dizia, mas todos eles pensavam que ela e Dev estavam transando, o que não era verdade, mas encorajar o rumor matinha todos a distância.

— Nós acabamos? Eu preciso de um banho. Eu tenho que me livrar desse nojo de noite estranha da minha pele.— Talvez ela pudesse lavar a sensação de Creed também.

— Nós acabamos.

Ela marchou em direção a seu quarto, e Creed a seguiu, até que ela se virou e bateu a mão em seu peito.— O que diabos você está fazendo?

— Eu não quero deixar você sozinha. O espírito gosta da sua energia.

— Então você vai me assistir tomar banho, ou o que?

— Você quer que eu assista? Por que eu não tenho problema com isso.

— Você é tão idiota.

Mas ela não disse que não, por que se ele queria assistir, ela podia apresentar um puta show. Naturalmente, Creed McCabe, o homem que a tinha entregado por quebrar as regras, nunca iria espiar uma mulher nua no chuveiro. Azar o dele, por que ela estava excitada, em séria necessidade de alívio, e tinha a intenção de consegui-lo.

Capítulo 6

Haley ficou de pé próxima a Remy, seu copo de água gelada em uma palma da mão e seu barômetro portátil na outra. Quando nada aconteceu, ela baixou o dispositivo até que se apoiou contra o braço dele no toque mais leve. Ainda nada.

Irrite-o ou deixe-o excitado.

Remy se moveu, e o cobertor que estava enrolado entre seus joelhos deslizou para uma poça no chão, o zíper de sua cargo escancarado. A pele bronzeada de sol de seu torso superior misturava-se gradualmente em perfeição cremosa na base do zíper. Nenhuma linha de bronzeado estragava sua beleza suave, como se ele passasse ao menos parte de seu tempo ao ar livre sem roupa, talvez mergulhando nu.

Imagens eram selecionadas por sua mente, de Remy saltando nu em límpidas águas oceânicas, dele cortando a superfície com suaves e poderosas braçadas. Ela viu a si mesma se juntando a ele, apesar do fato que ela odiava a água, deslizando seu corpo contra o dele, e usando a molhada fricção para misturá-los a um frenesi erótico de membros, pele e línguas.

Oh, cara. Haley segurou o gelado copo suado em sua testa e desejou que seu pulso desacelerasse. Ela não era dada a sonhar acordada, preferindo gastar suas habilidades criativas em decifrar mistérios climáticos, e esta súbita

mudança de comportamento não era bem vinda. Além disso, o homem em carne e osso apresentava-se diante dela, eminentemente real e tangível.

Sem necessidade de fantasiar.

Ela colocou a água e o barômetro na mesa de café e se ajoelhou no chão. Cuidadosamente, ela roçou um dedo sobre o peito dele, recordando como seu tronco superior, largo e poderoso, tinha parecido do lado de fora na luz da tempestade. Como a chuva correu em longas correntes através das depressões profundas entre suas costas e os músculos do ombro.

Ela deixou a ponta de seu dedo seguir seu olhar para baixo da linha de crego, cabelo castanho para onde crescia espesso entre as pernas dele, amortecendo seu sexo. Roubando um olhar de seu rosto, ainda serenamente dormindo, ela abriu mais as abas de seu zíper. Um ardente ímpeto de antecipação disparou através dela à visão de seu membro, inchado e excitado, mas não rígido ainda.

Molhando seus lábios, ela traçou as veias ao longo do lado inferior, relembrando como ela tinha lambido-o ali, como seu gosto era defumado, como noqueira, e limpo como a chuva que o cobria quando ele se masturbava na tempestade. Os ouvidos dela ainda ressoavam os ecos do trovão que cresciam mais alto e mais perto quanto mais rápido seu pulso bombeava para cima e para baixo em seu rígido membro.

Ela lançou um olhar para o barômetro e voltou. Em repouso, ele não parecia afetar equipamentos elétricos, mas e se ele ficasse excitado? Tornasse-se quente, suado e tenso dentro de sua pele?

Remy mudou de posição, o sofá rangendo enquanto ele rolava de seu lado para suas costas. Delicadamente, ela o tomou em seu punho e o acariciou, estabelecendo um ritmo que combinava com sua respiração rápida.

Ele era longo, espesso, e quando o sangue começou a invadir as veias numa onda de calor, seu próprio sexo teve um espasmo quando se lembrasse dos incríveis orgasmos que ele tinha dado a ela. Um grande fluxo de umidade molhou a calcinha que ela tinha posto depois de um rápido banho mais cedo. Maldição, mas ela nunca tinha desejado um homem desse jeito. Nunca tinha se sentindo tão excitada, tão eletrificada, como se correntes elétricas cruzassem entre cada terminação nervosa.

Eletricidade. Merda. Ela tinha se esquecido do experimento. O barômetro indicava uma ligeira alteração na pressão, algo normal e previsível, desde que a tendência estava em alta.

Quando ela se virou para Remy, ela jurava que seu peito subia e descia um pouco mais rápido do que tinha estado. Ele ficava mais rígido em cada momento que se passava, seu membro desenvolvendo uma curva mais pronunciada, a cor se intensificando num vermelho escuro.

— Vermelho a noite, deleite do marinheiro,— ela sussurrou, sentindo-se tola e insensata, e colocando a culpa no fato de que era ao menos uma da manhã

O que ela não podia culpar o horário, era sua excitação, o jeito que seus seios firmaram e ela ficou impossivelmente molhada. Ela o queria dentro dela com uma ferocidade que parecia tão externa quanto natural. Todo aquele

músculo rígido e poder contido trazendo a ela prazer de novo... Ela teve que apertar suas coxas juntas para aliviar o desejo antes que começasse a se contorcer.

Uma gota de líquido leitoso se formou na ponta do pênis de Remy, e ela passou seu dedão por toda a viscosa umidade. A brusca respiração dele a assustou, mas seus olhos ainda estavam fechados, seus sedutores lábios ligeiramente entreabertos com cada expiração.

Lentamente, ela espalhou a gotícula em volta da cabeça, deixando uma fina e brilhante camada de lubrificação sedosa para seus dedos deslizarem. Quando ela retornou seu olhar para o barômetro novamente, decepção abateu fundo.

Sem avaria.

Então a pressão deu um mergulho. A tela ficou preta, e uma mão envolveu seu pulso.

— Que porra você acha que está fazendo?

Sua boca ficou tão seca que ela praticamente podia sentir o gosto de sua culpa, mas conseguiu dar um sorriso.— Seu cobertor caiu. Eu vim para colocá-lo de volta, e eu não pude me controlar.— Ela deu um aperto na ereção dele para enfatizar.

— Aprenda,— ele resmungou, e empurrou sua mão para o lado. Movendo-se para mais perto assim ele não poderia se sentar sem forçá-la a se

afastar, ela fechou seu punho em torno dele novamente.— Eu aprendo devagar.

— Eu duvido disso,— ele disse, enquanto ela batia de leve o dedão ao lado da beirada cheia de nervos do lado inferior da cabeça, e ele sussurrou entre os dentes cerrados.

Excitação crescia dentro dela, excitação e adrenalina por como o barômetro tinha apagado quando Remy acordou, todo mal humorado e rosnando como um urso que acordou mais cedo da hibernação. Poderia ter sido nada. Então novamente, ela podia estar no caminho de uma inacreditável descoberta meteorológica.

— Maldição, Haley — ele exalou, mas desta vez, não fez movimentos para pará-la.

O barômetro estalou de volta a vida, e curiosamente, a pressão permaneceu onde tinha baixado.

Haley retornou suas atenções para Remy, mas evitou olhar diretamente em seus olhos. Era o suficiente ela sentir seu olhar latente.

Ela rodeou o topo com a palma de uma mão enquanto ela ocupava a outra dentro das calças dele em envolver seus testículos, que estavam firme, atraídos perto do corpo dele. Quando ela acariciou a junção entre eles, Remy dobrou os joelhos, permitindo melhor acesso.

O aroma da excitação dele, escuro e almiscarado, subiu no ar úmido, realçando a sua própria, e ela quase gemeu. Ela mudou seu peso para seus joelhos assim seu sexo estaria acomodado em um calcanhar. A pressão era boa, boa demais, e a tentação de balançar para frente e para trás até chegar a seu clímax a fez apertar os dentes.

Um fraco ressoar de trovão testou os limites de sua audição, mas então Remy ficou tenso, e ela sabia que não tinha imaginado o som.

Ignorando a necessidade gritando dentro dela, ela se inclinou para frente e abriu sua boca sobre a larga ponta de seu sexo. Seus lábios não o tocaram enquanto ela soprava um longo e lento sopro de ar quente.

— Você quer que eu pare?— ela perguntou, já certa da resposta, mas querendo que ele sentisse que tinha o controle, uma técnica favorita dos Sedutores.

— Lembre-se de seu perfil psicológico — seu treinador Sedutor tinha dito, referindo-se ao documento de vinte páginas que ela tinha sido ordenada a memorizar.— Dê a ele controle para atraí-lo. Retire-o para expor emoção e aumentar o prazer.

E seu treinador devia saber, como um das duas dúzias de psíquicos especializados da ACRO que recebiam impressões psíquicas apenas durante o sexo, quando, segundo eles, nenhum humano podia manter as paredes ao redor de suas mentes.

As juntas se estalaram quando punhos dele se cerraram ao seu lado. Ele os abriu, os fechou e então os abriu uma vez mais.— Não — ele disse firmemente.— Não. Você é boa demais.

Embora ela esperasse a resposta, sentiu-se feliz por suas próprias razões. Ela tinha estado sozinha por tempo demais, presa dentro do laboratório de clima com apenas um punhado de colegas e sem tempo para relacionamentos. Tocando Remy, e sendo tocada, satisfazia uma necessidade que ela negligenciava por anos.

Faminta por ele, ela roçou seus lábios sobre o quente trecho de pele da ardente cabeça até a base de seu membro, onde ela pressionou a superfície de sua língua firmemente contra o pulso acima de seus testículos. Ele arqueou-se e seus dedos acariciaram o couro cabeludo dela, encorajadores, mas não exigentes.

Ela arrastou sua língua para cima, e o gemido torturado dele desceu para ela, profundo e estrondoso. Ressoou mais alto quando ela aprofundou sua língua na fenda gotejante.

Quente e penetrante, seus fluidos masculinos cobriram sua língua, levando sua luxúria para mais alto, e ela desejou que ele a tocasse entre suas pernas, onde tudo o que ela usava debaixo de sua camisola de botões na frente eram suas calcinhas encharcadas. O pensamento dos dedos deles ocupados em levá-la ao clímax a faz estremecer com desejo.

— Você tem um gosto bom.— ela disse num fôlego agitado.— Como uma tentadora chuva de verão.

Como se em resposta, outra gota brotou, e ela a tomou gananciosamente, aplicando sucção até que ele se balançou dentro dela. Indecisão a afligiu: Oh, ela queria ir até o fim, agora mesmo, sem consideração a experimentos, clima ou ACRO, mas sua carreira dependia do que ela aprendesse disso. A carreira de Remy também.

Ela lançou um olhar para o barômetro. Uma vibração movia-se por ela no ligeiro declínio. Ainda assim, um desprezível milibar de variação dificilmente era prova de que ele afetava o clima, inadvertidamente ou não. Ela precisava de mais. Algo que os Sedutores disseram sobre emoção e perda de controle ser um gatilho deu a ela uma idéia.

— Remy?— Ela deixou sua boca zunir ao redor de seu membro enquanto falava

— Mmmm.

— Você gosta disso? Quando eu chupo você?

Ele inclinou seu quadril, aprofundou-se, e baixou uma mão no quadril dela, onde massageou, o dedão raspando contra sua tatuagem excessivamente sensível até ela quase gritar. — Fodidamente sim.

Oh, então ela o fez. Ela queria estender suas pernas e tocar a si mesma, ou melhor ainda, deixar Remy tocá-la. A palma dele massageava em círculo sua coxa, e seus dedos, arrastando-se para trás, deslizaram para a fenda entre suas penas e seu sexo.

— Pare,— ela exalou.— Sem tocar.

— Haley

Ela chupou forte, atraiu seu pênis tão fundo que roçou a parte de trás de sua garganta. O som da respiração ofegante dele ecoou para fora das paredes revestidas de madeira.

— Eu quero controle, Remy.— Ela espalhou beijos ao longo da dobra no lado inferior de seu membro.— Você o teve mais cedo. Conceda-me agora.

E Deus a ajudasse, se ele não concedesse a ela neste exato momento, ela o deixaria ter tudo o que quisesse da maneira que ele quisesse.

Seu silêncio fez o coração dela bater enlouquecidamente, e ela ousou olhar para o rosto dele. Oh, cara, ela não devia ter arriscado. Sua respiração travou presa em sua garganta. O jeito que ele a olhava, seu olhar tempestuoso tão dominante e ferozmente masculino, quase a teve rolando em submissão. Ela sempre tinha gostado de seus homens um pouco refinados, mais que um pouco de cordeiro com hortelã e pinot noir, mas de repente, ela se perguntava o porquê, por que Remy era churrasco e cerveja, e nem no mínimo civilizado.

Dev tinha dito que Remy poderia ser perigoso se ele possuísse mesmo um décimo do poder que a ACRO suspeitava, mas ela estava começando a ver uma razão muito diferente para este perigo. Ele era uma ameaça para mulheres em toda parte. Engraçado como os psíquicos não tinha mencionado este importante pequeno detalhe.

Lentamente ele balançou a cabeça.— Eu não posso dar o que você quer.

Suas palavras diziam uma coisa, a tensão em sua voz dizia outra. Ela ainda tinha uma chance.

Circundando seu pênis com dois dedos, ela usou sua própria saliva como lubrificante para acariciá-lo com vivas e leve batidas molhadas contra a borda brilhante.— Apenas por um minuto. Eu quero tomá-lo com minha boca. E quero que você se entregue, deixe-me chupar fundo. Chupar até você gozar.

Seus dedos se contorceram onde eles repousavam apenas milímetros do centro dela. Ele praguejou, mas removeu suas mãos. A perda do toque dele a fez querer chorar.

Lembre-se do trabalho, Haley.

Ela lançou um olhar ao barômetro: 29,83. Outra pequena queda. Não o suficiente.

— Coloque suas mãos sobre a cabeça. Aperte-as juntas. Se elas se separarem, eu paro.

Ele obedeceu, mas mais maldições saíram de sua boca, e seus músculos ficaram tensos, movendo furiosamente abaixo de sua pele, que agora brilhava com suor. Poder a encheu numa enchente de energia, um afrodisíaco que ela não tinha antecipado.

Três milibars: 29,83. Sim. Ela esperava que seu equipamento na mesa estivesse gravando as condições do lado de fora para comparação, por que esta queda era considerável.

Um trovão moveu a distância, porém mais perto que antes.

— Merda,— ele disse em repreensão.— Eu estou atraindo-o.— Ela duvidava que ele soubesse que estava falando alto, mas a luta para regular sua respiração e emoções era óbvia na expressão torturada em seu rosto, o jeito que seus olhos estavam contraidamente fechados, seus lábios franzidos e pálidos.

Quando um homem goza, suas paredes desintegram-se.

Sob os dedos dela, Remy estremeceu, e ela sentiu sua necessidade de trazer o conflito de volta para algo que ele pudesse dominar. Rapidamente, ela girou sua língua em volta da cabeça de seu sexo, mas os nervos fizeram sua boca ficar seca. Suas mãos tremeram quando ela alcançou seu copo e tomou um gole. Um dos cubos bateu em seus dentes. Abrindo a boca, ela o sugou.

Remy a assistiu, seus olhos se arregalando quando ela fechou seus lábios sobre ele. O gelo girando ao redor de seu membro, e ele sibilou quando ela usou sua língua para esfregar o gelo para cima e para baixo ao longo do rígido topo.

— Jesus,— ele murmurou.— Ninguém jamais... porra.

Suas mãos baixaram nos quadris dela novamente, e ela balançou a cabeça. Sua blasfêmia ecoou, mas ela o ignorou, usou o calor sua boca e calor do corpo dele para derreter o cubo de gelo em seu sexo. Quando ele se foi, ela sussurrou, sugou para cima, a respiração dele ficou mais difícil, parou e então se apressou com seu primitivo e violento rugido.

Seus quadris pularam, e ele gozou em longas e fortes contrações que cresciam contra a língua e os dentes dela. O picante e inebriante sabor levou a sua fome por ele ainda mais alto, e ela avidamente sugou e extraiu tudo dele, amando como o corpo dele estremecia e seu pênis pulsava a cada carícia de sua boca,

Enquanto a pele dele suavizava e seus gemidos silenciavam, ela lambia-o para limpá-lo.

— Deus, Haley,— ele disse, sua voz bruta e pouco mais que um suspiro.— Isto foi...

— Ótimo?— ela propôs.— Maravilhoso? O melhor de todos?

— Estúpido.

— Não é a resposta que eu estava procurando, realmente.

Balançando sua cabeça, ainda respirando pesadamente, ele se ergueu a uma posição sentada, não se importando em se vestir— O que você estava pensando, brincando comigo enquanto eu estava dormindo? E o que você planejava fazer com isto?— Ele apontou para o barômetro, e ela xingou

silenciosamente, tendo se esquecido de olhar para as leituras quando ele chegou ao clímax.

Idiota. Não era surpresa que a ACRO não a tinha nomeado como um operador. Bem, havia também o fato de que ela não possuía qualquer habilidade especial, como telecinese ou o poder de eletrocutar com um toque.

— Nada, eu só estava conseguindo algumas leituras pós tempestade.

Ele deu a ela um olhar vazio.— Enquanto me acariciava.

Pega no flagra.— Não. Eu estava

— Fazendo algo que não devia ter feito. Você não entende?

Era isto. A abertura que ela precisava.— Entender o que?

Ele hesitou, desconfiança colocando um brilho glacial em seus já gelados olhos azuis. Finalmente, ele jogou a cabeça para trás contra o encosto do sofá e coçou a parte de cima do nariz.— Merda. Nada.

Suspirando, ela agarrou sua água e dobrou uma perna debaixo dela no sofá. Ela não queria confessar nada, mas sentiu que ele exigiria mais dela a fim de se abrir como ela precisava.

— Remy, há algo estranho se passando com o clima aqui, e eu devia saber. Eu lido com fenômenos meteorológicos bizarros para viver. Eu sou uma parametereologista.

Suas sobrancelhas se inclinaram em um franzido profundo que combinava com a posição de sua boca.

— Você é o que? Quem emprega pessoas como você?

Cuidado, Haley. Conte a verdade a ele, mas apenas até um ponto.

— Detetives policiais, companhias de seguro, às vezes, quando a perda ocorre sob estranhas condições de tempo. Idem para a NTSB. Médicos ocasionalmente precisam de perícia para lesões estranhas – normalmente elétricas. Uma vez uma companhia marítima me pediu para investigar uma rota onde tripulações de barcos tinham reportado lampejos verdes ofuscante, muito perto durante o céu limpo — Ela encolheu os ombros.

— Nós somos raros, mas nós existimos.

Em sua maioria, o punhado de parameteorologistas ao redor do mundo eram empregados por pequenas e privadas companhias climáticas, assim como ela tinha estado, mas ela já não mais trabalhava nessa capacidade, e investigações mundanas já não eram sua responsabilidade. Seu trabalho com a ACRO deu a ela mais liberdade e tarefas mais interessantes.

Como o Remy. Claro, ela não queria este trabalho, mas também não tinha pensando que havia uma chance no inferno que ele tivesse qualquer conexão real com o clima. Ou que ele fosse tão excitante.

— Bem, agora — ele murmurou em uma profunda e sombria voz enquanto se virava para encará-la e segurá-la com seu igualmente sombrio olhar — não é interessante que você esteja aqui.

Ela engoliu o súbito inchaço em sua garganta.— Remy, o clima nesta área é legendário. Pessoas reportam tempestades que nunca apareceram em relatórios oficiais. Dois tornados arrasaram partes dessa região, mas fotos de satélite mostram céu limpo. Granizo despedaçou veículos nas ruas, mas deixou casas ilesas. Granizo no formato de crucifixos caíram perto de um bordel.— Os olhos deles cintilaram com algo – divertimento? Arrependimento? Ela não podia dizer. Mas ela o tinha tirado do rumo.

— Esta é a característica principal para uma parameteorologista. E agora,— ela disse, se inclinando tão perto dele que seus narizes quase se tocaram,— eu estou começando a pensar que não é coincidência que você tenha crescido aqui.

Deus, ela devia ser uma atriz. Talvez Devlin realmente soubesse o que ele estava fazendo quando deu a ela essa tarefa, um que ela nunca deveria ter tido, por que a agência tinha um departamento inteiro designado para fazer primeiros contatos e determinar se ou não o indivíduo podia ser um trunfo para ACRO.

Infelizmente, como Dev tinha dito, como a única parameteorologista da ACRO, ela sozinha era qualificada para lidar com Remy.

— Bem? Você tem algo a dizer?

Um músculo em seu maxilar saltou e seus lábios pressionavam em uma fina e severa linha.

— Eu não sei o que você quer, Haley. Só por que você me fez gozar não significa que eu tenha que me ocupar em uma conversa pós transa. Então sai fora.

Haley suspirou. Dev estava errado. Muito errado. Por que parameteorologista ou não, ela não estava de maneira alguma qualificada para lidar com Remy Begnaud.

Capítulo 7



Às vezes, Devlin O'Malley tinha certeza que ele podia ver a luz através de seus olhos cegos. Por apenas um segundo, normalmente logo quando ele acordava e suas pálpebras abriam, mais por hábito do que por escolha, ele estava convencido que o feixe contínuo de luz branca que ele tinha visto, era real.

Uma vez que seu corpo começou se mexer, ele percebeu que isso era parte desespero, parte presente e, finalmente, parte aviso. Um passo de distância da luz e todas essa merda. Motivo pelo qual ele odiava as manhãs. E cochilos. Eles o deixavam desorientado. Disperso.

Na sua pressa de acordar, sua bunda virada para cima como em uma peça teatral, ele jogou vários objetos para fora da sua mesa. Dos sons, ele supôs que sua caneca de café e o cinzeiro de vidro foram suas vítimas mais recentes.

Tudo estava bem —o cinzeiro o lembrou que ele havia parado de fumar, e ele não gostava de ter de parar com qualquer coisa que fosse. Todo mundo precisa de um vício, mas fumar o tinha impedido de executar seu hábito de correr 5 milhas por dia, então isso tinha que parar. E 10 anos depois, ele ainda perdia isso.

— Devlin, está tudo bem com você aí?— Marlena West, sua assistente pessoal, perguntou através da porta ligeiramente aberta do seu escritório.

— Bem,— ele disse. — Eu estou bem, Marlena.— Ele se levantou, ainda um pouco instável, inclinou sua cabeça de um lado para o outro para dar ao seu pescoço uma brecha, a dor lembrava ele que trabalhar sem parar durante a noite inteira não tinha sido a melhor idéia.

— O Creed está apenas checando. Ele se reuniu com Annika, e eles estão fazendo progresso — ele falou.

— Bom. Tenha certeza que ele sempre pode ter progresso comigo.

— E Haley está off-line já faz uma hora, e ela não esta se comunicando.

Ele passou os dedos pelos cabelos e suspirou quando ouviu Marlena saindo pela porta. Ele precisava de um banho e fazer a barba—e depois ele mudaria para o mesmo despretensioso BDUs pretos que todos os agentes da ACRO usavam no complexo

Os vizinhos que rodeavam a área Catskill de Nova York, pensava que eram uma empresa de segurança privada, contratada pelas empresas ricas em todo o mundo.

Isso explicava os helicópteros Pads, os jatos particulares e os homens e mulheres em BDUs vistos pela cidade, e para a maior parte, eles eram aceitos sem questionamento. Os habitantes da cidade realmente se sentiam mais seguros com os empregados da ACRO ao redor, e Dev se sentia mais seguro em ter mudado o complexo para uma área mais deserta do que perto de Syracuse.

Os invernos aqui eram difíceis, a quantidade de neve que a área recebia tornava difícil para ele implantar seus agentes, mas era ainda mais difícil de entrar. E mesmo aos seus agentes especiais de habilidades operativas que se vangloriavam que eles poderiam ter vantagem sobre praticamente qualquer pessoa, em qualquer lugar, a qualquer hora, Dev gostava de ser capaz de fornecer eles com uma pequena medida de segurança.

Ele havia assumido o cargo de chefe da ACRO com certa relutância, mas uma vez lá dentro, ele estava totalmente empenhado em proteger seus agentes. E em recrutar novos.

O recrutamento foi a maior luta que ele teve com a velha guarda da ACRO. Os veteranos, sobretudo os psicólogos que tinham estado lá desde o início da empresa e que haviam trabalhado com seus pais, não apreciavam qualquer pessoa com um background militar dizendo-lhes o que fazer. Eles eram ativamente contra recrutar novos membros, especialmente aqueles com habilidades chamadas incontroláveis.

Dev veio de um lugar diferente, onde preferiam chamar seus novos agentes de Habilidade Especial das Operativas. Eles estavam a enfrentar um

novo inimigo, que é muito mais perigoso do que o governo de outro país. Itor Corp usava métodos para coletar os seus trabalhadores e tratá-los como espécimes que virava estômago dele.

Dev se tornou mais determinado do que nunca, a oferecer refúgio aos agentes de Habilidade Especial das Operativas em troca da ajuda deles para manter seguro o mundo todo.

Falando em segurança, ele esperava que Haley estivesse fazendo progressos na sua atual missão. Seus investigadores tinham descoberto o sabor favorito do sorvete de Remy, mas nenhum dos psicólogos da ACRO tinha sido capaz de determinar ou não se o ex-SEAL podia realmente controlar o tempo. Embora, eles foram capazes de imaginar que o tempo era controlado por Remy, e Dev sabia que o homem ia precisar de ajuda, não importava como. Quanto mais cedo Haley o trouxesse de volta ao complexo, melhor. Itor tinha sido executado no pescoço e colo com a ACRO quando veio a se aproximar de potenciais agentes e recentemente tinha roubado alguns recrutados por Dev. Ele não podia dar ao luxo de perder outra Habilidade.

Especialmente, pelo saco da ACRO, e pelo de Remy.

Misturar os antigos e os novos não foi fácil, nunca seria, mas as coisas estavam funcionando de forma mais suave agora. Todas as cooperativas poderiam concordar com uma coisa—eles nunca deixariam o inimigo vencer em seu relógio.

Dev tinha seus próprios demônios para conviver durante esses anos— como um adolescente, que tinha sido assombrado por um espírito o qual deslizava muito perto ao longo da linha do bem e do mal. Ele já havia suspeitado que esse mesmo espírito, que misteriosamente o havia libertado de seu aperto quando ele ingressou na Força Aérea, tinha algo a ver com a sua queda do C-130 e posterior cegueira.

Sua perda de visão, que nunca nenhum médico explicou, tinha ido longe demais para ser chamado de cegueira histérica. Mas a cegueira tinha trazido o seu dom de segunda vista, a aprender VCR—Visão de Controle Remoto—feita pela popular Stargate na década de 1970, e levou esse dom a um nível totalmente diferente.

E agora ele suspeitava de um traidor, ali mesmo, entre os operários, quem os tinha jurado amor, honra e proteger o mundo com a ajuda da ACRO. A traição o socava no intestino cada vez que ele pensava sobre isso. As conseqüências de não encontrar o vazamento de informações seriam desastrosas, os métodos que ele precisaria usar para garantir o sucesso, duplamente desastrosos. Mas agora não era o momento de pensar nisso, não até que ele não tivesse um relatório do Creed e Annika.

Fechou os olhos—novamente, o hábito— e iniciou a sua rotina normal de VCR. Quando ele não estava distraído, ou esgotado, ele poderia mover-se através do complexo facilmente, departamento por departamento, como se ele tivesse algum tipo de sistema de segurança em seu cérebro.

Ele colocou as mãos sobre os ouvidos, algo que muitos operários da Divisão Paranormal faziam quando as coisas ficaram muito fora de controle—

que era uma inútil tentativa de bloquear as vozes, mas a pressão levava embora um pouco da dor.

Às vezes, no meio a todo caos combinado do ambiente ACRO embutido em seu cérebro, ele pensava que podia ouvir as vozes de seus pais também. Mas isso sempre foi um engano.

Ele não tinha dúvidas de que os espíritos de seus pais o cercavam—a velha guarda não achava que ele falava nisso, especialmente não Samantha Hawkins, uma das psicólogas e médiuns mais respeitadas da ACRO. Ela falava com os mortos, ou eles com ela, desde que ela tinha três anos.

Ela disse-lhe que sua mãe e seu pai estavam ao redor dele, na maioria mas não todo o tempo, mas eles nunca disseram nada. Se o silêncio deles era para o melhor ou para pior, não era a responsabilidade de Sam dizer.

Ele abriu os olhos de novo por instinto, porque Marlena estava ao pé da porta. Ele imaginava a forma que ela se sentia sobre o toque—alta, magra, cabelo longo descendo até o meio das costas dela. As mãos dele ansiosas, os dedos flexionados ao longo do couro marrom e macio dos braços da cadeira, que antes ele havia feito um sinal com um ligeiro aceno para ela chegar mais perto.

— Você está tenso—, ela sussurrou, passando a mão fria na parte de trás do pescoço dele. Ele abaixou a cabeça para frente, deixando seu rosto descansar contra os seios dela para permitir às mãos dela um maior acesso aos seus ombros e costas.

Desde o acidente de dez longos anos atrás, qualquer outro sentido dele ficou mais sensível—quase demais. A linha entre o prazer e a dor parecia um borrão, especialmente quando ele era tocado.

— O Senhor dá e o Senhor tira—, o capelão velho lhe dissera. Parado sobre o seu leito no hospital, e tentou toda essa merda de Há-uma-razão-para-tudo. Até Dev provar para o cara que, embora sua visão tivesse desaparecido, não havia nada de errado com seu punho.

O capelão não voltou para vê-lo em toda a sua estada no hospital.

— Pare de pensar, Dev,— Marlena pediu, e ele sentou-se para trás, as pálpebras fechadas, e deixou-a desabotoar sua calça.

Parar de pensar era algo que tinha a vontade de se fazer. Na verdade, a capacidade de desligar o cérebro e apenas apreciar havia se tornado cada vez mais difícil nestes dias do que nunca. O velho ditado de que os outros sentidos eram fortalecidos quando um era cortado foi duplamente verdade no seu caso. E ultimamente os seus, então chamados poderes, tinham crescido. Mudado. Duplicado. Ele podia determinar o vento e as previsões meteorológicas a partir da pressão do ar em sua pele e da forma como o ar cheirava, podia compreender a emoção em qualquer sala, saindo de qualquer pessoa, a partir do segundo em que se aproximava. Ele podia ouvir coisas que não devia e sua necessidade de contato era constante, quase obsessiva—para sentir nas pontas dos dedos a sensação de como era a ponte entre o céu e o inferno.

A boca de Marlena deslizou sobre seu pênis, exigindo que ele prestasse toda a atenção no que ela estava fazendo, e ele gemeu. Às vezes,

Marlena o pegava talvez um pouco demais. Ela sabia que ele nunca poderia amá-la. Seu coração estava em outro lugar, com alguém que falou com ele de forma que ninguém jamais havia sido hábil de fazer.

Suas bolas tensas, os dedos dela cravados em seu quadril. Seus orgasmos foram iam tão perto como se ele estivesse sempre começando a voar baixo novamente. Ele aceitou ficar cego, mas nunca ficou em paz com isso. Ele daria qualquer coisa para substituir a sua segunda vista com a sua forma original de ver o mundo. Não importava o quanto ele lamentasse sua perda de visão, a dor nunca ia embora.

Pare de pensar, Dev. Pare com esse negócio de pensar.

Capítulo 8



Remy tinha certeza de que ele sabia o que Haley queria dele. E ele estava ainda mais seguro que ela não iria usá-lo. Talvez ela pudesse basear suas teorias meteorológicas em um golpe de emprego, mas ele não estava disposto a deixar-se tornar um brinquedo do sexo pela ciência.

Parte do problema era que ele não tinha certeza de como ele poderia responder a ela, mesmo se quisesse. Seu destino com o tempo vinha acontecendo há muito tempo, ele já não estava certo de onde o tempo acabava e ele começava.

Ele levantou-se, praguejou, passou os dedos pelos cabelos. Ele precisava sair daquele lugar, caramba. E uma cerveja também não faria mal.

— Há quanto tempo você está aqui?— Ele perguntou a ela por cima dos ombros enquanto se dirigia para a cozinha, mesmo ele já sabendo a resposta

— Eu vim pra cá antes de ontem,— ela disse.

Quarenta e oito horas atrás—um dia depois que seu pai tinha ligado, implorando por ajuda. Quarenta e oito horas atrás, os estímulos começaram mais fortes do que nunca, empurrando-o para uma mulher que parecia não ter medo desses estímulos.

Nada disso era coincidência. Mas ele já sabia disso desde o segundo que ele havia visto a tatuagem de Haley.

Ele pegou uma cerveja e bateu a porta da geladeira fechando-a com força suficiente para balançar os armários. A tampa da garrafa saiu com um assobio, então ele arremessou-a pelo quarto em um movimento suave de soltar a tampa entre o polegar e o indicador, e tomou um grande gole.

Quando ele olhou de volta para ela, ela ainda estava sentada no sofá, vestindo uma camisa denim vagamente abotoada. Ela havia tomado banho e seu cabelo estava seco, livre de galhos e folhas, solto e selvagem ao redor de seus ombros. Ele sabia em primeira mão que aquilo era a coisa mais macia que ele nunca tinha tocado, e ela não se preocupou com o estilo do cabelo ou em se arrumar da forma que a maioria das mulheres que ele tinha conhecido faziam—como se elas tivessem vergonha de deixar ele vê-las de como elas realmente eram.

Então novamente, ele nunca havia gasto tempo real, e de qualidade, com nenhuma mulher que ele tinha dormido mesmo aquelas com quem ele esteve durante os tempos de mais calma.

Cristo, o modo que ela olhava para ele poderia deixá-lo de joelhos se ela mandasse. Ela estava assistindo ele—o estudando na verdade—os olhos dela luminosos e grandes na luz da lâmpada, e dessa vez ele poderia jurar que ela não estava fazendo isso pela ciência. Mas ela estava, e ele deveria malditamente entender o ponto de vista dela. Se Haley queria brincar, ele iria

fazer isso para fazer o dinheiro dela valer a pena. Porque ele devia ter alguma diversão durante tudo isso.

Esperançosamente, a Mãe Natureza iria cooperar, porque ele não tinha certeza se ele poderia lidar com duas fortes mulheres se rastejando para ele ao mesmo tempo. Uma equipe de tango sim, mas nenhuma parecia estar disponível no momento.

Ao longo dos anos, ele aprendeu como ter mais controle, sabia exatamente o que era necessário para manter o seu controle tênue sobre suas emoções e—conseqüentemente, as condições meteorológicas. Sua mente racional poderia mantê-lo no controle, na maioria das vezes, mas se ele ficasse ofendido ou deixasse a sua ira tirar o melhor dele, as pessoas precisavam começar a correr, porque como a Mãe Natureza podia controlar ele, ele aprendeu que ele poderia controlar de volta.

Agora era hora para esse dinamismo.

— Você sabe, eles dizem que a barragem é um lugar muito mágico, chéri — ele disse.

— Muitas dessas coisas do tempo que você está falando só puderam se formar parte por essa área. Misteriosa e inexplicavelmente.

— Eu não acho isso,— ela disse.

— Você não acredita em fenômenos inexplicáveis?

— Eu acho que tudo tem uma explicação, se você apenas procurar com intensidade o bastante,— ela disse.

Ele pensou sobre puxar a camiseta dela para fora dos seus ombros para expor seus seios de novo, em um baixo estrondo de um trovão fez soou longe. Ela franziu as sobrancelhas, olhando para o barômetro, e então de volta para ele.

Ele deu de ombros, colocou sua melhor cara de eu-sou-completamente-inocente, e viu a de cor aparecer nas bochechas dela. Dessa vez foi fácil— a existência do seu tesão não causou uma tempestade que estava para acontecer, mas se havia uma na área quando o seu pênis pedia atenção, ele acabaria puxando a energia em sua direção. — Eu disse que a tempestade não acabou.

— E como você sabe isso?

— De viver aqui nos primeiros 17 anos da minha vida. De assistir todos os tipos de coisas esquisitas, inimagináveis ocorrerem.

Como o tempo, Melissa LaRue tinha tirado sua virgindade—ele tinha quatorze anos, ela tinha dezesseis anos, e era muito bonita, isso era muita explicação para a chuva de granizo que tirou alguns carros na frente da casa de Melissa. O granizo na forma de crucifixo tinha sido apenas por prática. Ele também formou granizo em forma de chifres do diabo fora de uma igreja, só para ser justo.

— E você nunca as questionou?— Haley persistiu.

Ele tinha que questionar. Tinha nascido com esse com esse atrativo que era tão parte dele quanto seus dedos e dedões do pé eram, e até recentemente, ele havia conseguido conviver com alguns momentos de eletricidade estranhas que viviam dentro dele. Mas ultimamente, a Mãe Natureza tinha se comportado como uma criança petulante, e ele havia repetindo como o inferno, na esperança que ela tivesse ficado feliz.

— Eu aprendi a gostar do que eu não posso explicar — ele disse. Isso era mais que uma mentira parcial, especialmente do jeito que esses últimos seis meses tinham se cobrado sobre ele—sua vida e sua carreira—mas ela não sabia disso. Ele tomou outro gole de cerveja enquanto a o granizo começou a martelar no velho telhado. No lado esquerdo do telhado, para ser preciso. Ele assistia entretido assim que Haley saltou do sofá e foi perto do seu equipamento meteorológico em cima da mesa.

— Isso é impossível — ela murmurou assim que examinou o que parecia ser uma demanda de imagem de radar no seu laptop, e ele tinha que somente admirar a pessoa para quem ela trabalhava, para ter tal tecnologia avançada de satélite, tudo dentro do computador dela.

— O que é impossível?— ele perguntou, embora já soubesse.

— O granizo,— ela vociferou, provavelmente irritada por toda a sua merda científica não poder explicar aquela coisa maldita.— A célula de tempestade mais próxima que temos daqui está a várias milhas, de acordo com isso.— Ela voltou-se ao radar portátil que não parecia tão portátil, e como diabos ela tinha conseguido aquela coisa ali?— Meu radar, todavia,

indica um considerável eco bem em cima de nós, e se eu percorrer envolta— ela apertou um botão, e a tela mostrou séries de imagens —você pode ver que esse eco se forma quase que instantaneamente.

É, com certeza se formava. Interessante. Ele nunca tinha visto evidências de como seu trabalho estranho com o tempo trabalhava.— E do lado de fora, a pressão aumentou, a temperatura caiu e o vento aumentou, compatível como o granizo que não deveria estar aqui.— Os aparelhos da estação metrológica de mesa piscavam com todas as atualizações.

Maldição, ela era sexy quando ela estava agitada, o modo que ela ficava tirando seu cabelo do rosto e mordendo o lábio inferior. Ela tocou em um molho de chaves e olhou para o teto, onde o granizo ainda fazia barulho. Ele parou de repente, como ele havia começado isso, principalmente porque o seu estômago começou a roncar.

— Você não disse que estava ainda fazer alguma comida?

— Comida?— Ela se inclinou para perto do radar, seu olhar pulando entre a máquina e a estação meteorológica.— Como você pode pensar em comida quando— Ela respirou em uma inspiração áspera.— Está se dissipando. Muito rápido. Isso não é normal.

— Eu tentei te dizer que há coisas misteriosas e inexplicáveis por aqui.— Seu estômago roncou de novo, dessa vez, alto suficiente para ela conseguir ouvir.

Ela se virou para ele.

— Eu não sei o que está acontecendo, mas eu irei descobrir.

Balançando sua cabeça, ela suspirou.

— Amanhã. Quando tiver todos os dados, e tiver algum descanso. E comida. Eu provavelmente deveria organizar um pouco as coisas, apesar de tudo.

Pela primeira vez, ele realmente inspecionou o quarto, e isso o acalmou de novo. Ele viu que quatro das cinco janelas na sala e cozinha estavam completamente quebradas. Haley devia ter limpado enquanto ele dormia, e ela havia tentado recolocar as patéticas cortinas de renda que deviam ter uns 25 anos, se não mais. Ela havia ajeitado as fotos nas paredes, empilhado os livros molhados e papéis em um canto, e ela tinha juntado uma pilha de escombros que ele havia varrido anteriormente.

Ele nunca tinha visto isso assim tão mal. Até então, ele nunca havia sido coagido a permanecer no interior, enquanto uma tempestade assola. Mesmo os membros da sua equipe tinham desistido de tentar mantê-lo em casa pelo menos uma vez, eles perceberam que as coisas ficavam melhores alguns minutos depois que ele saía para a tempestade. Além disso, vários deles tinham aprendido da forma mais difícil a não contê-lo fisicamente, quando o seu fervor da tempestade, estava no limite.

Mas isso...isso tinha sido realmente ruim, e ele puxou um longo, profundo suspiro, levando para as narinas o cheiro queimado, ele sempre sentiu depois de um episódio, uma combinação de nojeira e canela, não desagradável, não doentiamamente doce, apenas forte. Normalmente, ele recebia

bem isso, porque isso significava que as coisas tinham acabado, mas a forma como sua pele ainda formigava, logo abaixo da superfície, disse que era diferente.

Haley ainda estava no meio da cozinha. Ela esfregou o rosto com as palmas das mãos por um segundo e depois balançou a cabeça, como se ela tivesse feito algum tipo de decisão interna. Ela pegou a vassoura e se moveu para varrer a pilha pela porta dos fundos.

Ele encostou-se na geladeira e abanou a cabeça lentamente.

— Esqueça isso. Você não pode varrer isso para fora.

— Eu não posso deixar isso desse jeito. O gerador está quase sem gás e eu não quero que um de nós tropece na pilha se precisarmos chegar até a porta.

— Nós podemos usar a porta da frente em vez disso.

— Qual é o grande negócio, Remy?

— Você apenas não pode varrer isso para fora da porta. Não essa noite,— ele disse, percebendo que ele estava parecendo ainda mais como uma grande aberração, mas hey, algumas coisas eram nascidas e criadas para que nunca pudessem se perder.

— Olha, isso é uma superstição antiga Cajun, ok? Você nunca deveria varrer a sujeira para fora da porta depois de anoitecer

— Por que não?

— É má sorte,— ele disse, a vendo morder seu lábio e tentando, sem sucesso, devolver a ela um sorriso.

Ela não fez isso—uma pequena explosão de risadas saiu dela antes que ela cobrisse sua boca.— Me desculpe,— ela disse, mas ainda havia riso na voz dela, algo que fez ele se sentir mais...vivo.— É só que...— Ela fez um sinal ao redor deles e ele não conseguia impedir sua própria boca de levantar os cantos, até que ele se deixou desabrochar em uma gargalhada gostosa junto com ela.

— É, bem, você cresceu aqui ao redor, você não escapa sem um pouco de superstições.

— Por que eu tenho um pressentimento que você tem mais do que um pouco?

Ele sorriu para sua cerveja, o pensamento sobre o tempo que ele tentou acabar com um tornado, quando ele era mais novo, fazendo uma cruz com duas facas, nove vezes em uma fileira.

— Elas existem por um motivo, você sabe.

— Sim, para aterrorizar as pessoas até a submissão.

— Eu pensei, que com sua linha de trabalho, você tivesse a mente um pouco mais aberta para coisas como essas.

— Eu sou uma estranha combinação de mente aberta e ceticismo. Eu não acredito em assustar pessoas—Eu acredito em usar a ciência para provar os fatos. Uma vez que você conhece os fatos, e as razões, bem, isso pode ser muito libertador.— Ela fez uma pausa.

— Você não comprou a idéia.

— Nem um pouco. Você deve ter algumas superstições, mesmo se você realmente não acredita nelas.

— Eu não ando debaixo de escadas, se é isso que você quer dizer. Mas isso é porque passar de baixo de uma escada não é seguro. — Ela apoiou as mãos nos quadris, conseguindo olhar tanto sério quanto bonito. — Agora eu estou morrendo de fome—é definitivamente a hora da comida.

As portas do armário foram arrancadas de suas dobradiças, e os talheres da gaveta de algum modo deslizaram para fora, derramando garfos e colheres pelo chão. Somente o pano de prato que Haley devia ter comprado permaneceu intacta. Ainda pendurado sobre o fogão, dobrado e ileso.

— Eu não acho que nós tenhamos alguma louça restante,— ele disse, sem tirar seus olhos da toalha.

E, enquanto ele olhava, a toalha lentamente deslizou saindo da alça e caiu no chão lamacento.

Ele pegou a toalha e olhou para ela.— Merda— ele murmurou.

— O que? Há alguma superstição sobre pratos quebrados?

— Significa que a companhia está vindo.— E realmente, ela sempre tinha uma comprovada verdade para ele. Talvez o velho homem estivesse voltando E, realmente, que sempre tinha uma comprovada verdade para ele ...ou pior.

Ela olhou por cima dele, através da janela da cozinha semi-destruída. — Baby, não existe ninguém que saia em um tempo desse— disse ela em um sotaque exagerado.

— Ah, ela acha que pode falar nas línguas Cajun— ele murmurou.

— E logo eu irei aprender a fazer gumbo³ e lutar com.— Ela deu um passo à frente e fez uma careta. — Droga, eu pensei que eu tinha consumido com todo o vidro.

— Você deveria continuar usando sapatos, baby, baby, — disse ele, não dando a mínima para seus próprios pés descalços.

— Fique aí.— Em três passos, ele terminou com a distância entre eles e pegou-a no colo, carregou-a até a mesa da cozinha e colocou ela do lado de alguns de seus equipamentos.

³ O Gumbo (pronuncia-se gambo) é o prato mais marcante da culinária Cajun da Louisiana

— Isso realmente não era necessário,— ela disse.

— Apenas permaneça sentada.— Colocou o pé dela contra suas coxas, viu sangue escorrendo da área que rodeava o caco de vidro enfiado no peito do pé.

— Não parece muito profundo. Pare de olhar e apenas tire isso.

— Você é uma coisa mandona, não é?

Ela puxou seu pé de volta e empurrou-o para longe.

— Eu vou fazer isso sozinha.

— Hey— . Ele agarrou seu pé novamente.— Relaxa. Foi uma piada.

— Claro que foi. Porque você é um cara muito engraçado, Remy. Um pacote de risadas.

Ele não tinha idéia do que a havia feito lembrar, mas ela estava definitivamente irritada.

A curiosidade se arrastou para ele, mas primeiro as coisas mais importantes.— Eu vou puxar o vidro e ver se você precisa de pontos. Eu tenho o meu kit médico comigo, então eu poderia...

Com uma abafada blasfêmia, ela arrancou o vidro e o jogou no chão. Ele pegou a toalha de prato que tinha sobre o dorso coberto de uma das

antigas cadeiras da cozinha e enrolou aquilo ao redor de seu pé para ele parar de sangrar.

— Que infernos você está tentando provar, Haley?

O PÉ DE HALEY ARDIA onde ela tinha arrancado o caco de sua carne. Ela arrancou seu pé das mãos de Remy.

— Eu não estou tentando provar nada a ninguém — disse ela, mesmo que não fosse verdade.

Havia muito para se provar—para a agência, ao seu velho comandante, a seus pais. Aos pais dela que estavam mortos, não importava.

— Você pode me dar um pouco de espaço, por favor?

— Sim, como você está dando a mim. Éspèsces de tête dure,— ele murmurou com um movimento de cabeça, mas ele não parecia zangado ou chateado.

— E o que isso quer dizer?

— Quer dizer que você é uma cabeça dura.— Ele ignorou o pedido dela para se afastar e agarrou seu pé de novo, usado a toalha para colocar pressão sobre a ferida.

— Eu disse, eu posso fazer isso eu mesma.

— Eu tenho certeza que você pode fazer um monte de coisas sozinhas, mas isso não significa que você sempre tem que fazer.

— Eu sou como você, Remy. Eu não conto com muitas pessoas.— Ela não precisava do arquivo da ACRO sobre Remy para saber disso. A atitude dele gritava Solitário.

Seu olhar se trancou no dela, fazendo ela mudar de posição de maneira desconfortável sobre a superfície de madeira dura debaixo dela, e ela repreendeu-se mentalmente por deixar escapar mais do que ela queria sobre sua própria vida, sem mencionar o quanto ela sabia sobre a dele.

— Isso não é jeito de viver. Confie em mim nisso—eu sei isso melhor do que qualquer um.— A mão dele roçou a panturrilha dela em uma leve carícia, e a respiração dela ficou presa em sua garganta. O corpo dela, ainda afetado do jogo sexual de mais cedo, ardeu.

A aguçada consciência penetrou seus sentidos assim que os dedos dele acariciaram a parte de trás do seu joelho antes de continuar até a parte interna de sua coxa.

Fora da tranquilidade, raios reluziam pela janela, iluminando os olhos dele, os rígidos planos de sua face. Deus, ele era lindo, e ela se pegou desejando que ele não fosse, porque, então, quando ele deixou o pé dela cair e se posicionou, assim que o corpo dele separou as coxas dela, ela poderia ter permanecido objetiva. Atenta-na-Ciência. Ela deve ter se perguntado onde os

raios tinham vindo e como—e se— isso estava relacionado ao humor de Remy ou a sua excitação sexual.

Mas como fosse, assim que os dedos dele se moveram para cima até que tocaram a fina barreira de seda na junção das coxas dela, a objetividade foi passada para trás pelo prazer.

— Como isso — ele murmurou, explorando os morros e vales do sexo dela através do tecido.

— Isso, eu sei que você pode fazer você mesmo. Eu vi você, lembra? Lá fora perto as árvores, quando você pôs sua mão dentro de suas calças, fez você mesmo gozar.

Balançando a cabeça, inclinou-se para trás nos seus braços mordeu um gemido, lutou contra o desejo de puxar a mão dele desenfreadamente. Ela precisava de ajuda, mas ela não queria ser tão vulnerável, não queria acreditar que precisava de um homem para qualquer coisa que ela poderia fazer sozinha.

Ela não queria especialmente que ele soubesse como seu levíssimo toque afetou-a, mas não havia como esconder o quão ligada ela estava quando ele quando ele enfiou seu dedo embaixo do tecido e empurrou um dedo para dentro de seu quente, úmido canal. Um pequeno sussurro escapou dos lábios dela, e ele adicionou outro dedo e acariciou lentamente.

Ela sentiu os dedos dele a capturando a abertura elástica de pernas, ouviu o suave rasgar de pano assim que ele abriu a virilha e mergulhou os dedos para dentro dela.

Ele circulou escorregadio gomo com o polegar, e trovões ribombavam perto. Por um momento ela perguntou se eles eram para uma outra tempestade perigosa, mas assim que o som se aproximou, tornou-se um lento e suave. Sua mão moveu mais rápido, dentro e fora, espalhando sua umidade através de suas dobras, trazendo todas as terminações nervosas da ponta para o centro.

Pequenos choques atingiam em cima do seu clitóris com cada curso, e ela estremeceu pronta para explodir.

Ele a levou para perto do limite, tão perto que ela gritou com os primeiros tremores de orgasmo, e então puxou-a para trás, quase como se em uma missão. A missão de mostrar a ela quem estava no comando.

Ele não tinha esquecido o incidente no sofá.

Resmungando em frustração, ela se inclinou e pegou o mamilo dele com a boca, dando-lhe um puxão afiado que o fez gemer.

— Você joga sujo, Haley—, ele respirou. — Mas este é o meu show.

Ela levou a mão entre as pernas, se separaram suas dobras ingurgitadas para terminar as coisas.

— Eu posso cuidar de mim.

Ele empurrou a mão de com sua mão desocupada.

— Não é como eu posso.

Como se para provar o ponto dele, ele tornou o tormento de um entalhe, enchendo-a com três dedos agora, bombeando mais rápido, mais forte, até que suas respirações vieram em suspiros difíceis e as pernas tremiam.

— Você quer que eu pare?

Maldito seja ele. Ele se transformou o que ela tinha feito para ele voltar para ela, e ela foi longe demais para dizer sim.

— Não — ela gemia, e copulava quando os dedos dele escovavam o sensível chumaço de nervos por dentro.

Sorrindo, ele inclinou-se, puxou a blusa aberta com os dentes. O ar frio bateu-lhe nos seios como os botões perderam a batalha e bateram no chão, e Remy se moveu para tão perto que seu hálito quente soprava sobre seu pescoço e a parte superior de seu corpo nu encostava no dela. Seus mamilos cresceram tensos toda vez que ele os tocava, e eles estavam tão dolorosos agora. Ela esfregou contra a parede dura do seu peito, abandonou-se ao êxtase, não se importando que ela estava balançando contra ele, buscando alívio que só um orgasmo gritando traria.

— Então diga isso. Diga que esse é o meu show.

Não. Mas antes que pudesse parar a si mesma, ela obedeceu, falando as palavras entre as respirações ofegantes.

— Sim, Remy... seu show.

— Minha casa, minhas regras, e essa é a forma que jogamos certo?— ele perguntou, e isso não era justo, porque no momento ela teria prometido a ele qualquer coisa se ele apenas a fizesse gozar.

Suas panturrilhas enroladas em torno de da bunda dele e ela trancou tornozelos contra a base de sua espinha.

Ela precisava dele entre suas pernas. Mais perto. Ela chegou até agarrar os ombros, para derrubá-lo em cima dela, mas ele foi mais rápido. Ele manteve uma mão em seu liso fogo e com a outra agarrou um pulso com força.

— Minha casa, minhas regras,— ele repetiu.— Me dê seu outro pulso.

Ele abriu sua mão grande, e, silenciosamente, maldizendo a inversão de papéis, ela fez o que foi dito. Ele agarrou os dois facilmente na palma da mão e, em seguida, puxou os braços acima da cabeça então ela estava totalmente indefesa. Vulnerável. Desperta como nunca antes. Ele estava começando seu retorno para o controle que ela tinha tirado dele, e ela odiava isso. Amava isso. Queria mais.

Ele afastou as coxas mais amplamente e acariciou-lhe com um ritmo mais fácil que a levou a loucura, enquanto os olhos dele olhavam para ela calmamente, com uma mistura de diversão e luxúria. Quando o polegar dele apertou seu clitóris e depois segurou assim com uma leve, mas devastadora pressão, ele inclinou-se, sussurrou em seu ouvido:

— Diga Haley.

— Sua casa, suas regras... sim... sim... oh, Deus, sim!— Seu orgasmo explodiu atrás de seus olhos em uma explosão incandescente que colocou um raio de vergonha.

— Veja, algo que você pode fazer você mesma, mas algo que é muito melhor quando há alguém envolvido.

Também passaram a discutir, ela baixou a cabeça em seu ombro forte e inalou o cheiro de almíscar e da pele que todo homem, ela iria para sempre associar com Remy.

— Você é tão bonita, tão bonita, cherre — ele murmurou, enquanto ele tocava seu cabelo, seu rosto, quase como se ele estivesse em algum tipo de transe.

Com exceção dos comentários estranhos que Devlin tinha feito, ela nunca tinha sido chamada antes de bonita, pelo menos não depois que um rapaz tinha conseguido o que queria na cama. Capaz, sim.

— Eu não sou

— Sim, você é. Para mim, você é, e agora, eu sou o único que conta.

Sua cabeça ainda se sentia vaga do orgasmo, mas seu tom havia perfurado através da neblina, e ela deu um pequeno começo.

— Você realmente quis dizer isso.

— Você parece surpresa.

— É só que você não me conhece muito bem.— Não como ela o conhecia.

— Verdade. Mas nós já passamos por muita coisa, você não acha?

Ignorando a pergunta, porque ela não queria levar a mais que ela não estava preparada para responder, ela disse — Eu deveria deixar você limpar, fique à vontade.

— Eu estou realmente muito confortável agora.— A mão dele mão acariciou as costas de seu pescoço. — E você é muito boa em desviar.

Ela levantou a cabeça de seu ombro e olhou.

— Qual é a sua especialidade com as equipes? — perguntou ela, embora já soubesse. Ela também sabia que ele não tinha mais nenhuma especialidade, desde que ele deixou a Marinha.

Ele sorriu.

— Interrogatório. Então, você realmente não tem uma chance aqui.

Ele afastou-se do meio das pernas dela e caminhou para onde estava sua bolsa ou lado da lareira.

Agachado sobre os calcanhares, ele vasculhou-a enquanto ela fechou sua camisa com os botões que permaneceram e admirava a maneira que os músculos das costas dele ondulavam, a forma como sua pele brilhava sob o luar entre nuvens que passavam através da janela.

Quando ele voltou para ela, ele estava segurando uma pequena bolsa preta, o conteúdo no qual ele colocou na mesa. Então ele puxou uma cadeira e tomou o pé novamente. Ele abriu um pacote de folhas de papel e retirou uma compressa com álcool, que ele usou para limpar seu ferimento.

— Por que o Presidente da Força?— Ele perguntou, disse isso mais como um comando do que uma questão, mas desta vez, ela não se ofendeu, mesmo que ele fez piada com seu serviço militar. Ainda mais intrigante foi a forma como seu coração se agitava quando

Remy inclinou-se para soprar ar sobre o local onde ele havia acabado de colocar o algodão embebido em álcool, cortando o ferrão.

Nossa, ela era mais fácil do que ela pensava.

— Eu não tinha o dinheiro para a faculdade, e a Força Aérea tinha um programa de meteorologia.

Ela se perguntou se ele detectou a corrente de amargura em sua voz. Amarguras resultantes do fato de que seus pais tinham de repente encontrado dinheiro sobressalente apenas depois que ela anunciou a sua intenção de unir as forças armadas.

— O que seus pais acham da sua escolha de carreira?

— Eles ficaram mortificados.

— O que faria seus pais desaprovarem a carreira militar tanto assim?

— Meu pai era um manifestante profissional, e minha mãe era uma advogada ambiental até que ela saiu para protestar com ele em tempo integral.

— Ela sorriu para o misto de memórias de crescer com os pais hippies ultra liberais que tinha plantado um vaso ao lado do vaso vegetais orgânicos no jardim de sua casa em Oregon.

— Eles odiavam qualquer coisa que representasse o controle governamental, violência, guerra, o nome disso.

— Ah.

— Sim. Eu cresci sem disciplina alguma. Eu comia o que queria, fazia o que queria. Nem sequer vestia roupas ou escolhi o meu nome até que eu tinha quatro anos.

— Você escolheu o seu nome?

— Eles não acreditam na formação da vida de uma criança com roupas limitando-a ou com um nome que não fosse de sua escolha.

— Porra, dizendo isso e tendo a visão de seus pais, você fez uma coisa muito desafiadora se juntando ao serviço.

— Eu era rebelde— , explicou ela, e alguns diriam que nada havia mudado. — Engraçado como quando você não tem disciplina qualquer, você encontra maneiras de fazer seus pais darem isso a você. Acho que queria ouvir o que fazer pelo menos uma vez.— Ela balançou a cabeça. — Eu decidi realmente rápido que isso não era uma boa idéia.

— Veja, falar sobre si não foi tão difícil, agora, foi?

— Não para você— , ela murmurou, e lembrou de alguns de seus primeiros dias na ACRO, quando eles a mantinham ocupada em entrevistas, aconselhamento e testes. As sessões de perguntas e respostas, haviam sido tão intensas, que ela não tinha certeza de uma hora para outra se ela estava indo ou vindo. Pelo menos, não até que o povo da ACRO tivesse mostrado a ela como o seu orçamento de equipamentos, salários e atribuições seriam.

Ele pressionou.

— Então, por que o clima?

Sem dúvida, ele sabia exatamente como fazê-la falar de assuntos que gostava, e ela reconheceu que a manipulação, ela jogou junto. Qual fosse, claro, que ele tinha esperado.

— Ele é poderoso. Muitas vezes imprevisível, não importa quão duramente nós tentemos. Há muito que não sabemos.— Ela praticamente se contorcia de excitação quando ela pensou em todas as descobertas ainda não foram feitas. Talvez por ela.

— Quando eu era criança, eu assisti uma bola de raios perseguir meu vizinho através de sua casa, e depois tacar-lhe fogo. Ninguém acreditou em mim. Durante toda a minha carreira, minhas teorias foram recebidas com ceticismo e risos total de outros meteorologistas. Então eu sempre quis provar, sem dúvida, que isso existe.

E talvez, um pouco, ela quis justificar a sua carreira de seus pais.

Ele balançou a cabeça, não olhando para ela como se fosse louca, mas ele tinha que ser pensando nisso. — Eu acho que soa estranho para você.

— Não é verdade.

Apoiando-se em suas palmas, ela inclinou a cabeça para trás para começar uma boa olhada nele.

— Por que você se alistou na Marinha?

— Para sair desta merda. Para ficar longe do meu velho. Para fazer algo significativo com a minha vida.

Sua voz rasgou-a. Ela sabia muito bem como era querer fugir de algo, sair do lugar onde você cresceu, de seus pais

Pela primeira vez em anos, ela queria confortar alguém, e uau, que o tempo nada inconveniente para nutrir seu instinto para queixar-se. Antes que ela pudesse parar a si mesma, ela chegou a tocar seu ombro. Ele o puxou de volta. Como ela, ele não queria piedade de ninguém. E, como ela, ele queria mais da vida do que ele havia crescido ao redor.

— Eu não acho que você precisa de pontos. Um curativo borboleta deve funcionar, mas você vai ter que ficar fora de seu pé por um tempo.

— Diz o homem com a costela quebrada.

— Faça como eu digo, não como eu faço.

Ela arqueou uma sobrancelha. — Eu pareço uma pessoa que faz qualquer coisa que alguém me diz para fazer?

Balançando a cabeça, ele sorriu.

— Não, pelo menos.— Ele alisou um curativo sobre o seu corte. — Eu aposto que você infernizou seus pais.

Uma pontada de arrependimento beliscou seu intestino, e ela mordeu o lábio. Ela não queria voltar lá novamente.

A ACRO não estava pagando o suficiente para derramar tudo para um alvo. Então novamente, que não tinha pago a ela para ter relações sexuais com ele também.

Bem, ela supõe que eles tinham. Devlin queria resultados, obtidos por todos os meios necessários.

E Haley, sentindo-se obrigada pelas pessoas lhes tinham dado o trabalho dos sonho, finalmente cedeu.

Mas nunca mais.

Cada detalhe compartilhado, cada toque, cada sorriso desviou seu rumo, fora da colocação e em direção a um território perigoso e pessoal que ela não devia ter explorando a dentro.

— Haley?— Remy a puxou contra ele, e ela percebeu que começou a chorar. Suas lágrimas rolaram no peito dele, deixando rastros sobre a pele limpa que tinham sido pulverizadas com lama durante a tempestade e durante o sexo que tinham tido no chão.

— Shhh, cherre. O que há de errado?

Ela não podia responder-lhe porque ela não tinha certeza. Ela não era de chorar. Remy devia ter arrancado mais do que apenas respostas com o seu interrogatório, algo até mesmo os psiquiatras da ACRO ainda não tinham sido capaz de fazer.

— Eu acho ... Eu acho que estou exausta.— Isso era muito verdadeiro. A última vez que tinha verificado o gráfico do isóbaro, o display do tempo havia dito uma da manhã, e que deve ter sido uma hora atrás.

Ele acariciou as costas levemente, embalando os soluços—maldito seja ele—a levando mais próxima. — Foi uma longa noite — disse ele suavemente. — Parece mais longa.

Parecia. Parecia que ela conhecia ele por anos ao invés de horas, e isso deveria ser mais estranho do que foi. Naturalmente, toda a noite poderia ser escrito como um grande episódio de *Twilight Zone*⁴.

Logo abaixo para estranho cantando o em sua cabeça.



HOUVE TEMPOS que Creed era capaz de confiar completamente no seu próprio sexto sentido para guiá-lo através de uma situação com um fantasma mijando e tempos que ele precisava da ajuda de seu espírito para sentir nada.

Esta não era nenhum daqueles tempos, e seu próprio senso comum disse-lhe para ficar longe do contato direto com o portal— e para ficar com

⁴ *The Twilight Zone* é uma telessérie americana criada por Rod Serling e dirigida por Stuart Rosenberg, apresentando histórias de ficção científica e terror.

Annika.

Por alguns minutos, ele ficou fora da porta do quarto dela, e em seguida, uma vez que ele ouviu o chuveiro correndo, ele entrou.

Ela deixou a porta do banheiro aberta, apenas o suficiente para ele obter uma visão clara sua no chuveiro.

Tinha dezesseis anos quando ele a conheceu — ele tinha 24 — e ela tinha sido muito mais que uma garota para dar a ela mais do que um relance.

Durante a noite, ela cresceu em uma mão quente, quase batendo na bunda dele, especialmente a forma como ela caminhou ao redor ACRO como se fosse dona do lugar. Nos últimos anos, ela tinha virado mais do que algumas cabeças, mas supostamente não tinha pego nenhuma das ofertas dos operadores.

Ele não lhe ofereceu nada. Ainda. E agora ele estava todo de boca aberta, olhando a corrente de água quente sobre seu corpo através da porta de vidro claro do chuveiro.

Ela era perfeita, com uma figura de ampulheta normalmente escondida debaixo da BDUs pretos que ela usava em uma base diária na ACRO — os ombros dela eram largos para o seu quadril, a cintura diminuiu para nada e que bunda...Formato de coração. Feito para suas mãos.

Ele começou a suar.

Ele já tinha tirado sua jaqueta perto da porta e agora ele havia tirado a camiseta também, a sua coluna contra a parede de gesso frio, e ainda assim ele foi ficando mais quente.

Sabonete correu pelas costas dela em voltas cremosas. Ela balançou a cabeça sob o jato e seu pênis saltou, quase o levou para dentro da água com ela.

Ela não iria afastá-lo—não, ele tinha certeza que ela ia ajudá-lo a tirar sua calça e deixá-lo tomar ela, a bunda dela encostada no vidro ou azulejo ou onde quer que ele equilibrasse ela.

As tatuagens ao longo de seu lado direito latejavam incontrolavelmente com uma primitiva, pulsante batida.

Ela ficaria apertada e quente quando ele entrasse nela, as pernas dela segurando a sua cintura, sua boca na dela.

Ou talvez ele se ajoelhasse no azulejo rígido de vez e espalhar suas coxas, lambe seu sexo até que ela viesse toda sobre sua cara.

Ele engoliu em seco e pensou em sair da sala.

Não, trata-se da segurança dela. O espírito tinha consciência do seu caminho e descobriu a sua profunda ligação com Dev. Adicionado à carga eletromagnética dela, e ela era como um pára-raios para esse espírito se descarregar.

Ela virou-se ligeiramente, o suficiente para ele ter uma boa visão, seios firmes, apenas grande o suficiente, com mamilos cor de rosa que já estavam tensos. Ela arqueou sob a água, correu as mãos para cima para brincar com seus mamilos, ele gemia baixinho.

Seus próprios dedos colocaram o anel de prata que corria através do seu mamilo esquerdo enquanto tentava trazer a sensação para esse lado do seu corpo—para aliviar um pouco da pressão, para equilibrar-se.

Quando uma de suas mãos deslizou entre suas pernas, passando o triângulo loiro perfeitamente depilado para a fenda rosa debaixo dela, seu gemido se tornou baixo sussurro. Ele abriu a braguilha porque não havia nenhuma maneira dele se livrar disso sem que fizesse.

Estava passando o polegar pelo clitóris, circundando a protuberância lentamente, intercalando a ação, colocando um dos dedos dentro de si. Sua boca estava aberta, contorcido de prazer, e ele ouviu um baixo, gemido lamentar sobre o som da água.

O pênis dele estava vazando assim que ele o colocou, pra frente e para trás, seus dedos brincando ao longo da fenda que ele imaginava ser dela.

O nome dele estava nos lábios dela— ele podia ver a forma como eles se contorciam quando formaram o C, a forma como sua mão movia-se rápido e mais rápido, no ritmo dele. Suas bolas apertadas, sua pele estava tão sensível que o ar frio da casa machucava.

E então ela gritou— honesto com a bondade gritou como ela veio, como se o lançamento fosse tão incontrolável que não tinha outra forma de expressá-la.

Algo chiou através dele, o prazer completo e absoluto quando ele começou a colocar a camiseta que ele tinha.

A casa parecia tremer com a força dos orgasmos dela, o suficiente para Creed sair de vista e para Annika abrir a porta do chuveiro e gritar.

— Quem está aí?

Ele ficou do lado de fora da porta do quarto, ouvindo ela se vestir, esperando suas pernas pararem de tremer... e pensando.

Bem, agora, esta era uma interessante mudança de eventos, de ambos os de Annika e do fantasma. Ele havia estado bastante certo de que havia capturado uma certa vibração do espírito quando ele e Annika foram colocados cara a cara, lá embaixo na entrada, mas agora ele sabia exatamente o que o fantasma queria.

Ele sabia exatamente o que queria também.

Capítulo 9

— Ele me deixou lidar com ele umas poucas vezes. Gete toi⁵ —
Gargalhadas ressoaram enquanto Suzette sorria maliciosamente para Haley, jogou um beijo a Remy e piscou antes de voltar para a segurança do grupo.

— Vá para dentro, Haley — ele repetiu.— Isto não tem nada a ver com você.

— Tem se eles tentarem machucar você.

— Não importa.

— Importa para mim.— E então ela atirou com a espingarda para o ar, duas vezes.

— Isto foram seus únicos avisos. Na próxima vez, eu vou apontar para rótulas. Vai ser mais difícil correr dos crocodilos desse jeito, não acham?

— Ela está blefando — alguém gritou.

E então uma velha mulher que ele não reconheceu deu um passo à

⁵ Gete toi : (Francês) Foda-se.

frente, vestida em uma túnica na altura dos joelhos, sapatos de vovó e olhando para todo mundo como uma amável avó.

— Eu conheci sua mãe. Você é a razão de ela estar morta.

Suas entranhas se apertaram, sua boca se abriu – mas nada saiu. O rosto da mulher mudou, mastigando algo como se ela tivesse provado algo azedo e sórdido enquanto ela gritava algum tipo de maldição vodu. O grupo gritou vários cantos, o que se tornou um rugido mudo, e uma chuva de pedras, madeira e mesmo um par de velas o cobriram. Ele bruscamente empurrou Haley para trás do abrigo de seu corpo, e então o cheiro de gasolina enviou uma pontada de alerta em sua espinha. Uma lufada de fogo atravessou a noite. No grupo, alguém tinha acendido algo.

Ele deu um passo à frente, decidido a rasgar algum idiota antes que eles queimassem a casa, mas uma brilhante luz laranja gritou em direção a ele. Ele se inclinou e o golpeou, desviando o bastão em chamas com seu punho antes que atingisse Haley. Ele girou para o chão lamacento e se apagou sibilando, mas a fumaça cinza se enrolava para cima como se ainda quisesse um pedaço dele. Fúria o queimava como o fogo nunca poderia, o vento se rompeu entre as árvores – e foda-se, alguém era malditamente sortudo, por que ele teria que matar o filho da puta que jogou o bastão se Haley tivesse sido ferida.

— Dêem o fora daqui! — ela gritou, curvando a arma um cabelo para a direta da multidão. Ela disparou, removeu a casa de passarinho pendurada em um velho plátano ao menos quarenta e cinco metros de distância.

— Agora.— O estrondo da espingarda mais uma vez encheu o ar, e lama explodiu na frente do grupo, respingando as pessoas mais próximas

— Lembre-me de não irritar você — ele murmurou enquanto observava o grupo se afastar. Eles não correram, mas o sul tinha um ritmo de movimento lento, e em sua estimativa, estas pessoas estavam se movendo mais rápido do que elas jamais tinham.

— Você quer dizer, mas do que você já o fez?

Ele sabia que ela quis dizer mais como uma piada, mas não se assentou bem com ele, não com a adrenalina pulsando por seu corpo do jeito que estava.

— Dê-me a arma — ele disse, e ela entregou a ele sem nenhum outro argumento. O clima no lado de fora tinha se acalmado significativamente desde que o grupo tinha desocupado o local, mas não havia maneira de que isso iria permanecer desse jeito por muito tempo.

A mão de Remy tremeu quando ele fechou a porta. Haley não notaria o leve tremor, mas ele se odiava por isto. Relembrando as vezes que ele deixaria a casa ou o jardim da frente de alguém e se virar para vê-los espalhando sal atrás dele. Afinal, isto era o que você fazia quando queria manter um visitante de retornar a sua casa.

T-Remy é má sorte, má notícia, mal tudo.

Às vezes funcionava para ele, toda a imagem de garoto mal. Funcionava bem o suficiente que ele podia escapar para a cidade mais

próxima quando o velho desmaiava. Ele roubava a caminhonete e cruzava a ponte para terra de ninguém e a linha de bares locais se esticava ao do caminho para as cidades maiores. Eles continham elementos mais grosseiros que Remy jamais tinha visto, embora umas poucas crises com seu pai e as crianças na escola tinha mais que o preparado para cuidar de si mesmo.

Ele tinha quinze na primeira vez que entrou, com nenhuma identidade, sem plano e um inferno de muita coragem. Ele caminhou direto para o bar e pediu uma cerveja, então imediatamente se envolveu numa briga com dois locais que o reconheceram como a aberração da natureza. Literalmente.

Isto não impediu as mulheres, a maioria das quais estava convencidas de que elas seriam aquela a controlá-lo. Domine Remy e seus insaciáveis desejos. Deixe-o tentar transar com você até você perder a cabeça.

Ele tinha aceitado várias delas em suas ofertas. Demais. E ele não conseguiu nada em retorno exceto parcial e temporário alívio.

Um trovão ressoou do lado de fora e um relâmpago rompeu no céu, relembrando-o de quem ele era. Do que seu futuro guardava. Ele fechou seus olhos e viu a tatuagem – a tatuagem de Haley – brilhar subitamente em seu cérebro.

— Por que você veio para fora, porra?— ele exigiu de repente, e agarrou Haley pelos ombros.

— Por que eles iam machucar você! E você estava apenas parado lá, pronto para deixá-los.— Ela não tentou se afastar. Se qualquer coisa, ela empurrou seu peito em direção a ele, o queixo se projetava, como se ela estivesse pronta para enfrentá-lo.

A temperatura despencou enquanto as emoções dele se agitavam novamente, e o vento açoitava a já desgastada casa. Ele precisava se controlar, mas de alguma maneira, não estava funcionando. Não esta noite, e não importava o quanto ele tentasse.

— Você está lidando com alguém de quem você não conhece nada — ele avisou, mas ela recusava ser intimidada.

— Eu sei que aquelas pessoas estão com medo de você. Eu sei que elas queriam machucar você. E eu sei que não é a primeira vez que algo como isto acontece.— A voz dela suavizou.— Diga-me por que elas estão com medo, T-Remy.

— Não me chame assim,— ele disse, enquanto o familiar zumbido começava a vibrar dentro de seu crânio. E Haley estava se aproximando para acariciar seu cabelo, sua bochecha. Seu pênis começou a endurecer doer com necessidade, e Haley olhou para ele como se soubesse. O corpo dela se fundia com o dele facilmente, o desejo aumentando e ele sentiu como se estivesse respirando dentro da água.

— Maldição, Haley, por que você apenas não me deixou partir quando eu queria?

— Por que você precisa de mim,— ela disse.

— Eu não preciso de ninguém. Ponha isto na sua cabeça.

— Eu posso ajudar você.

— Ninguém pode me ajudar.— Ele se afastou dela e cobriu suas orelhas em uma tentativa de impedir a pressão de crescer, mas era tarde demais. O zumbido em suas orelhas era quase insuportável, como um trem tentando conduzir diretamente por sua cabeça.

Sua virilha latejava dura como pedra, e o toque de Haley em seu braço fez ficar pior.

— Diga-me o que está acontecendo — ela estava dizendo, mas sua voz soou distante. Ele procurou por ela, por que por mais doloroso que fosse tocá-la, as coisas ficariam muito piores se ele não pudesse estar com ela. E logo.

— Eu não posso dizer a você. Eu posso mostrar a você — ele disse depois de um minuto, quando ele soube que não poderia esperar mais.

Ele a agarrou pela cintura e a puxou para tão perto que ela ficou na ponta dos dedos, e então ele começou a se mover. Ela foi forçada a se enrolar ao redor dele, pernas seguras na cintura dele quando ele levou a ambos pela casa e para fora da já quebrada porta dos fundos, o que arrancou suas dobradiças quando ele a chutou para abri-la.

O vento uivava descontroladamente, chutando tudo em um espiral saído dos pés de Remy. E então a chuva começou as grandes gotas pousando com pequenos baques na já encharcada terra em um amplo círculo em torno deles. Ele fechou seus olhos, segurou Haley firme contra ele e se perguntou se o que ele queria mostrar a ela iria funcionar quando ele já estava tão longe do controle.

Ele abriu os olhos quando ouviu e não sentiu as gotas de chuva. Levou a Haley um minuto a mais para perceber que eles não estavam ficando nenhum um pouco molhados, e ela olhou do céu para ele e para cima de novo, e ele reuniu cada grama de força de vontade para evitar de move-la para a macia terra e tomá-la enquanto a chuva derramava-se ao redor deles.

— Você realmente está fazendo isto, não é?— Ela perguntou, tocando a bochecha dele como se ele tivesse acabado de dar a ela algum tipo de grande presente.

— Como você está fazendo isto?

— É complicado,— ele sussurrou.

— É mágico,— ela sussurrou de volta, e assim, o clima se partiu. Por que não era mágico para ele. Era doloroso, bizarro e tudo que ele não queria mais.

Ele a largou e esperou até que ela se levantasse antes de caminhar novamente.

— Por que você está fazendo isto comigo?— ele gritou para o céu, punhos no ar. A Mãe Natureza respondeu da mesma maneira com o cintilar de um intenso relâmpago que estava perto demais para o conforto da maioria das pessoas. Não para ele, e não para Haley também, por que ela estava procurando por ele.

Ele se afastou do alcance dela, continuando a discursar para céu, a maneira que ele queria mais cedo quando a Mãe Natureza tomou a ponte —e sua única esperança de sair daqui logo.

— O que diabos você quer de mim?— ele gritou o trovão chegando a seu cérebro e ao céu, explodindo tão alto quanto ele jamais ouviu, até que ele não sabia se estava mantendo o céu refém ou se era da maneira contrária. Até ele não se importar.

Ele caiu de joelhos.— Eu não sei como lidar com isto. Eu não sei o que você quer de mim. Quoi tu veux⁶,— ele murmurou, repetidas vezes, até o barulho de chiado desacelerou e seus dedos se curvaram fundos na lama.

— Remy, venha para dentro.

— Deixe-me.

— Não, eu não vou fazer isso.— As mãos de Haley estavam firmes em seus ombros, o puxando do chão.

⁶ Quoi tu veux Gete toi : (Francês) O que você quer.

— Apenas diga a ela para me deixar em paz — ele balbuciou.

— Dizer a quem, Remy?— ela perguntou, e ele começou, como se a visse pela primeira vez. Seus olhos eram azul brilhante, a cor do céu em um dia limpo, suas bochechas coradas, e seu cabelo rebelde ao redor de seus ombros e o sangue dele se movia quente. Quase incontrolável.

Era inútil – ele nunca iria estar livre dessa febre.

— Haley, você precisa ir. Vá para dentro. Por favor.— A voz dele soava estridente, quase irreconhecível enquanto ele implorava para ela.

— Eu não vou deixar você sozinho aqui fora. Venha para dentro comigo — ela disse, seu tom mais como um comando do que um pedido, e qualquer ilusão de controle que ele tivesse se rompeu.

Ele a alcançou pressionou seu corpo contra o dela como se a preparando para o furor crescendo dentro dele. Ele a teve antes, e ela tinha gostado. Ele não iria pedir para ela partir de novo.

— Entrar soa como uma boa idéia, Haley — ele murmurou na orelha dela.— Você vai gozar para mim, comigo, de novo e de novo até você não agüentar mais, até você não poder ver claramente?

— É o que você quer?— ela perguntou.

— Não quero. Preciso.— Ele agarrou seus quadris e a fez ficar de joelhos.— Preciso foder você, aqui mesmo. Preciso estar dentro de você.

Seu couro cabeludo puxou apertado, sua pele coçava e vibrava como se muitos choques elétricos tivessem se acumulado ao longo dos pontos de pressão de seu corpo. Um relâmpago iluminou o céu, em parceria com o trovão seguindo logo em seus calcanhares a um taxa impossivelmente rápida.

Ele rasgou os retalhos restantes da roupa de baixo dela para fora de seus quadris a fim de chegar a ela antes de colocá-la confortavelmente de costas. Ele mal abaixou suas próprias calças antes de introduzir-se nela, tomando ali, na lama, com suas pernas entrelaçadas, corpos escorregadios de chuva e suor, levantando os quadris dela do chão com cada firme investida.

Ele permaneceu de joelhos, com seus braços totalmente estendidos como forma de alavanca assim ele podia conduzir a si mesmo para dentro dela mais fundo ainda, e as mãos de Haley estavam escorregando da pele lisa de seus ombros enquanto ela tentava elevar-se. Quando ela finalmente teve sucesso, ela envolveu seus braços ao redor do pescoço dele, puxando seu peito para o dele assim eles estavam presos juntos, movendo-se como uma unidade única, seu peso suportando todo o dela.

Ela lambeu sua garganta, então sugou a sensível pele na base da clavícula, e ele gemeu, lutando para conseguiu um firme suporte na lama debaixo de suas palmas. Ele acabou em seus cotovelos em vez disso, e as mãos dela começaram a percorrer suas costas, movendo-se para mais baixo. Quando ela começou a dedilhar seu traseiro, ele se afastou em surpresa e a encontrou sorrindo para ele.

— Jesus, Haley — ele gemeu, e ela ainda continuou ocupando-se dele em uma maneira que ele jamais tinha permitido a alguém antes, a parte macia do dedão dela pressionando o franzido buraco, o balanço de poder lentamente mudando com cada um das carícias dela. Quando ela penetrou, ele gozou com uma inesperada ferocidade, seus dedos se curvando, gritando algo que nem mesmo ele conseguiu entender. E então o peso do seu corpo se acomodou sobre o dela como se ele nunca fosse levantar de novo.

Mas Haley, não tinha acabado com ele, surpresa o despertou quando ela os rodou em um único movimento rápido. As costas dele atingiram a quente lama com uma alta batida, mesmo enquanto ela matinha um suporte em seus ombros. Ele ainda estava dentro dela, de alguma maneira ainda impossivelmente duro. Ele empurrou seus quadris para cima, conduzindo a si mesmo tanto longe quanto podia, até que ele era aquele que não podia ver claramente. Ela praticamente o mantinha sob controle quando ela começou uma longa e lenta subida e decida sobre seu sexo.

Ele lutou para se sentar, vira-la, mas era inútil quando ele estava tão absorto no prazer que ela deu a ele.

Ele queria isto, tinha que ter repetidas vezes, e não importava em qual posição estivesse quando conseguisse sua dose.

Ela arqueou de volta, suas coxas pressionando a dele enquanto o calor molhado dela se contraía ao redor dele, e ele deixou seu próximo orgasmo passear por ele. Outro veio rápido logo atrás e ele estava gozando com tanto força que se perguntou se jamais ia obter qualquer tipo de controle sobre si mesmo novamente.

Um súbito ímpeto de energia explodiu por ele, e se sentou. Haley ainda em cima dele. Ele apertou os olhos fechados firmemente e colocou sua testa contra a dela.

— Faça parar, Haley. Por favor, faça parar — ele sussurrou contra a boca dela, e então a beijou, um quente e exigente beijo que o sacudiu até a alma. Ele ouviu som de estalos encherem o ar como se faíscas de energia estivessem sendo liberadas de seu corpo, para o universo, e afastou sua boca da dela quando uma forte chuva açoitava ao redor deles.

— C'est pas le peine⁷,— ele balbuciou enquanto Haley saía dele, se levantava e o arrastava com determinação para seus pés em direção a casa.— É inútil.

⁷ C'est pas le peine: (Francês) Ainda não é tudo.

Capítulo 10



O cérebro de Haley teve um curto circuito. Esta era a única explicação do porque, depois de ver provas de que Remy podia fazer o que seu pai disse, ela não estava tonta de entusiasmo.

Os instrutores de primeiro contado que a tinha preparado para esta missão alertarem que pessoas com habilidades especiais freqüentemente desprezavam seus poderes, raramente os entendia e a maioria provavelmente não tinha controle total sobre ele. Remy parecia preencher todas as três categorias, e em vez de estar em êxtase com sua descoberta, tudo que ela queria era ajudá-lo a encontrar paz com o que ele era e com o que ele podia fazer.

Membros pesados depois de tantos orgasmos que ela tinha perdido a conta, ela conduziu Remy para a casa, que estava escura, o gerador tendo finalmente esgotado a gasolina. Ela tinha esperado que causasse mais problemas, mas ele estava estranhamente maleável. Ela sabia que isto mudaria logo, que ele iria recuperar seu duramente conquistado controle e excluí-la, ela não podia permitir que ele voltasse a um modo isolado.

— Aqui, Remy.— Ela insistiu com ele em direção ao banheiro, parando brevemente para alçar uma lâmpada de furação do fim da mesa.

Ela a colocou na tampa de privada mais próxima e acendeu o pavio rapidamente, a luz da lâmpada iluminando o rosto de Remy e as emoções que a atravessavam. Confusão. Dor. Tristeza. Tudo isto passageiro, e tudo isto o suficiente para fazer o coração dela se partir só um pouco.

Chuva batia suavemente no teto enquanto ela pegava uma toalha e a correu sob a água na pia. Quando ela trouxe a toalha para o rosto dele, ele nem mesmo piscou. Ela limpou os riscos de lama de sua testa, suas bochechas, e a ponta de seu nariz, quando ele olhava para frente, sua postura toda uma atitude militar.

— Remy? Você está bem?

— *J'aurais pas du de venire me fourer ici*⁸,— ele disse, mas para si mesmo do que para ela.

— O que isto quer dizer?

O maxilar dele se apertou enquanto ela corria a toalha sobre suas mãos, fazendo o melhor que podia para tirar o pior da lama delas.

— Eu não devia ter vindo aqui. Este lugar não me faz bem algum.— Ele deu um suspiro profundo e estremeceu.

— Deus, eu estou cansado.

⁸ *J'aurais pas du de venire me fourer ici*: (Francês) Eu não devia ter vindo aqui

— É sempre assim?

Ele olhou desorientadamente para os rastros de lama que eles tinham deixado no piso, mas ela não sabia se ele realmente os viu.

— Ela nunca fodeu tanto assim comigo. Eu não entendo. Você é a metereologista. Parameteorologista. O que seja. Você não tem algum tipo de atalho?

— Eu gostaria que eu tivesse.

Uma rajada de vento gritou por entre as árvores, como se a Mãe Natureza tivesse ouvido Remy tentando se livrar dela.— Merda.

Ele tirou suas mãos das dela, manteve seus punhos ao seu lado, e sua expressão ficou mais sombria. Mesmo na luz opaca da chama da lâmpada, ela reconheceu o olhar, aquele cheio de calor, luxúria e furiosa batalha por controle.

— O que eu posso fazer Remy? Diga-me como ajudar você.

Ele não disse uma palavra, meramente envolveu seu braço ao redor da cintura dela e a atraiu para seu corpo duro. Lama fria em suas calças gorgolejava contra as pernas nuas dela. Sua ereção queimando na sensível pele de sua barriga e na ainda mais sensível tatuagem; que tinha começado a formigar novamente.

Ela o alcançou tocando-o gentilmente.— Isto é parte do seu vínculo com o clima?— ela perguntou, e ele hesitou.— Está tudo bem, Remy. Você pode me dizer. Faz parte, não é?

Os investigadores da ACRO que sondaram o passado e o presente de Remy, que tinha examinados todos os movimentos dele pelo mundo, incluíram em seus relatórios declarações de mulheres que afirmavam que quando o clima piorava, a luxúria de Remy se tornava insaciável. As próprias dúvidas de Haley tinham sido dissipadas não muito depois de conhecê-lo. Ainda assim, o desejo dele poderia ser explicado como algum estranho fetiche por tempestade, o que ela deveria pensar que era tão estranho, dado que clima pesado sempre dava a ela uma excitação sexual, ou algo do tipo.

— Sim,— ele disse entre dentes cerrados.— Tempestades. Elas me afetam — Ele cobriu a mão dela com a dele, a segurou contra sua virilha.

Fome brilhou rapidamente em seus olhos, tão intensa que ela se contorcia enquanto eles estavam parados na crescente poça de lama que escorria pelas pernas deles.

— Nós devíamos nos limpar enquanto a água ainda está quente — ela disse, sem ânimo, por que ela não tinha desejo algum de se limpar. Ela queria se sujar de maneira que não envolviam lama.

Um canto da boca dele se contraiu em um meio sorriso, passou ao redor dela e ligou a torneira do chuveiro.

— Não. É perigoso tomar banho durante uma tempestade.— E ela tinha investigado eletrocussões em banheira o suficiente para saber.

— Você estava tomando banho quando eu cheguei aqui.

— Isto foi por que não estava chovendo. Não estava até você chegar aqui...

— É — ele murmurou, e ela desejou que não tivesse levantado isto.

— Mas nós estamos seguros. Ela não vai ferir você.

Embora Haley tivesse suas dúvidas, ela permitiu que ele removesse a camisa dela, não se importando que seu método de remoção envolvesse rasgá-la assim os dois botões restantes se espalharam. Se ela passasse muito mais tempo com ele, precisaria de um novo guarda roupa.

O corpo inteiro dela já pulsava, e a dor se aprofundava enquanto ela assistia seus longos e sensuais dedos manusear o único botão em sua cargo que ele ainda não tinha desabotoado do lado de fora. O zíper se abriu amplamente e o total e espesso comprimento de sua ereção saltou livre.

Deus, ele era lindo. E grande, ela ficava com água na boca com a memória de como era o sabor dele, e seus músculos internos se apertaram com o mero pensamento de como ele a preencheu, apesar do fato de que eles tinham acabado de ter sexo quente e selvagem.

A névoa de luxúria e o vapor do chuveiro borrava sua visão, até que ela mal parecia ver, e levou seu doce tempo empurrando suas calças para baixo. Os rígidos globos de seu traseiro se moveram e se flexionaram sedutoramente quando ele girou para chutar a cargo para um canto, e precisou de cada última grama de forma de vontade para mantê-la de agarrá-lo. De alcançá-lo entre as pernas por trás e acariciar seus testículos, talvez ficar de joelhos e sugá-los em sua boca enquanto o masturbava, acariciando-o com seu punho

Pegando-a primeiro, ele a empurrou para o chuveiro com ele. O duro borrifo ardeu até que ele o bloqueou com seu corpo, e ela esguichou um espesso fluxo de coco e manga – sabão perfumado em sua esponja de banho.

Eles se livraram da lama, rolando pelo ralo enquanto ela gentilmente esfregava o peito dele, suas voltas, vagarosos movimentos em desacordo com a maneira que seu interior se agitava e seus hormônios se lançavam por seu corpo. Do lado de fora, trovão deslizou, e com um gemido, ele inclinou sua cabeça para trás no fluxo da água. Sua garganta trabalhava em um duro engolir e ele lançou um mão para se apoiar contra a parede do chuveiro.

Ela lavou seu caminho para cima, para os braços e ombros dele. Seus músculos contraíam e relaxavam embaixo de sua esponja, e longas trilhas de sabão serpenteavam entre os vales. Quando ela seguiu para baixo, o vento do lado de fora ganhou forças.

— Tempestades fazem você

— Querer foder.

A cabeça dele estalou para frente, e ele a perfurou com um olhar duro. Ela estremeceu com a ferocidade em seus olhos, a rude afirmação. O corpo inteiro dela ficou quente, tão quente que a maldita tatuagem parecia como um marca nova, com dedos que queimavam, formigavam e estavam conectados ao seu sexo.

— Elas me fazem querer foder até eu desmaiar. É isto o que você queria saber?

— Sim — ela sussurrou, incerta de que ele a ouvira sobre o som agudo do vento.

Suas mãos estremeeceram quando ela passou a esponja sobre as coxas dele. Ela deixou seu braço roçar em sua ereção, cada toque de relance fazendo o peito dele expandir bruscamente. Relâmpago banhou o banheiro em luz prateada.

— Quando você está excitado... como quando não há tempestades...

— Eu atraio qualquer clima próximo.— Ele assobiou quando ela ensaboou sua palma e a fechou ao redor de seu pênis, incapaz de adiar tocá-lo intimamente por outro segundo. Alguma vezes se forma de lugar nenhum.

Havia muito mais que ela queria perguntar, mas ele a beijou tão perfeitamente e por tanto tempo que a água começou a ficar mais gelada mesmo com seu corpo ficando mais quente. Com não poderia, com a maneira em que ele se introduzia em suas mãos ensaboadas como se ele nem mesmo

percebesse o que estava fazendo, a maneira que ele olhava para ela como se quisesse devorá-la.

Oh, ela se lembrava como ele a tinha devorado horas mais cedo, como sua língua batia por sua fenda e então introduzia mais fundo. Lamber, mergulhar, repetir. Doce Senhor, ela dançaria nessa batida a noite inteira.

— O que...— ela engoliu secamente e deu um passo atrás das geladas gotas que borrifavam sua pele.— E se há uma tempestade e você não conseguir sexo?

Ele fechou a água e balançou sua cabeça como uma grande e poderosa besta, lançando gotículas de água que respigaram como chuva na cortina do chuveiro.— Eu tenho que ter. Ela me obriga.— Ele apertou metade do frasco de sabão e se aproximou silenciosamente, o que parecia impossível, uma vez que eles estavam dentro de uma banheira.— Eu posso me masturbar — ele disse, esfregando suas palmas juntas até que sabão cremoso escorria por seus braços — mas é melhor ter uma mulher.

Ela não conseguia respirar enquanto ele esfregava seus seios e descia para sua barriga e quadris.

— Você se importa, Haley? Se importa de eu ter você? Repetidamente?— Ele abaixou a cabeça, encostou-se ao ombro dela. Arrepios de prazer rompiam sobre a pele dela.

Ela não se importava, e tinha uma sensação de que nunca se importaria. Mas ela estava começando a ver por que outras mulheres

poderiam. Seus arquivos indicavam que ele nunca manteve uma namorada por muito tempo. Suas intensas necessidades sexuais, bem como o violento fenômeno climático que o acompanhava, provavelmente assustavam totalmente suas parceiras.

Felizmente para ele, Haley não se assustava facilmente, e nunca por causa de clima.

— Repetidamente,— ela jurou.

Levantando a cabeça, ele lançou um olhar a ela cheio de uma fome obcecada que partiu o coração dela em milhões de pedaços.— Você não pode ser real.

Não havia tempo para responder. Ele apoiou o rosto dela em suas palmas ensaboadas, segurando-a enquanto ele baixava sua boca na dela. Ela nunca tinha apreciado beijar, mas Remy beijava como fazia amor – com habilidade bruta e primitiva que evocava uma resposta feminina primitiva que ela se recusava analisar.

A língua dele se aprofundou, acariciando a dela em um lento e entorpecente ritmo. Quando ele sugou sua língua, puxado-a alternado firme e delicada pressão, ela se agarrou a cintura dele e se perguntou se jamais o deixaria partir.

O beijo ficou mais quente, mas molhado, e assim fez o seu sexo, até que ela não podia mais suportar o vazio. Envolveu uma perna escorregadia ao redor das coxas dele, gemendo com a pressão contra seu acúmulo. Apenas um

pequeno gentil esfregar bastaria; seu corpo estava tão disposto e pronto que ele poderia fazê-la chegar ao orgasmo na conversa a este ponto.

Remy pegou seu lábio inferior entre os dentes e pincelou sua língua sobre ele, e oh, como ela desejava que ele fizesse isso de novo, apenas mais embaixo. Inclinando seus quadris, ela aliviou a dor latejante contra o músculo da dura coxa. Sua ereção fizera cócegas na barriga dela, e embora água e sabão escorresse por seu abdômen, ela ainda podia sentir o sedoso e quente pré ejaculação correndo pela ponta.

Trovão explodiu em algum lugar, mas estava mudo, distante.— Por que a tempestade não ficou pior?— ela perguntou, embora ela mal pudesse entender a si mesma, a maneira como sua voz soou áspera e rouca.

— Não sei — ele disse contra sua boca.— Não me importo.— Ele trouxe suas mãos para baixo, uma deslizou pelo traseiro dela, a outra baixou entre eles para envolver seu sexo.— Deus, você está molhada.

— É você em sua maioria — ela gemeu, enquanto o dedo médio dele deslizava para frente e para trás em sua fenda, fazendo-a se contrair com cada carícia extremamente leve sobre seu ponto super sensível.

— Eu — ele murmurou, sua voz vibrando por ela como algum tipo de gatilho secreto, por que subitamente ela estava gozando, e ele estava dizendo,— Apenas, eu, baby, apenas eu.

Seu clímax gritou através dela, e ele a penetrou enquanto seu sexo ainda estava se apertando com espasmos poderosos. O sabão criou uma escorregadia e sensual fricção enquanto ele a tomou contra o azulejo frio.

— Mais forte Remy— Ela se envolveu mais apertado ao redor dele e jogou a cabeça para trás.

Ele se movia mais rápido, introduzia mais fundo, e ele devia ter ensaboado as costas dela, por que ela deslizava para cima e para baixo na parede como se movesse sobre trilhos lubrificados. Parecia como ser acariciada em 3-D, por trás, frente, dentro, e Deus, ela não iria durar muito mais tempo. A tripla sensação estava fazendo-a se quebrar, fazendo-a estender-se sobre o precipício de alívio que ameaçava fazer todos os outros desta noite parecerem moderados.

Sua boca baixou na dela uma vez mais, selando os dois juntos. E então, de lugar nenhum, relâmpago iluminou o banheiro, mantendo-o acesso enquanto um trovão quase malditamente tirou a casa de suas fundações. Remy rugiu na boca dela, chocando-se nela, e ofuscantes explosões de luz lançaram-se sobre seus olhos quando ela gozou uma vez mais, seu orgasmo aumentado pelo dele.

Seu alívio seguiu sem parar, um orgasmo de corpo inteiro que ela sentiu a nível celular. Ela era um para raios e Remy era o relâmpago, queimando-a a cinzas.

Suor, sabão e exaustão os unia, e ela se perguntou se ele podia sentir o chiar febril de sua tatuagem como uma marca na pele dele. Ele baixou sua

testa contra a dela, seus olhos fechados, sua respiração rouca. Do lado de fora, a chuva parou tão subitamente quanto tinha começado.

Se ele era ou não responsável não estava claro. Mas uma coisa era certeza: Ele tinha uma conexão com o clima. Quais elementos, e como, exatamente, ainda tinha que ser determinado. Mas ACRO tinha achado para si um novo operador, um X-Man, algo do tipo, precavendo-se que Remy aceitasse a oferta deles. E ele iria. Ninguém recusou a agência secreta de elite que oferecia a desajustados algo que ninguém mais poderia: um sentimento de pertencer. Sem mencionar as mais interessantes tarefas que se possa imaginar.

Ela se deixou relaxar nos braços fortes de sua tarefa, deixando-se embalar pelo som da batida do coração dele. Ela tinha que desfrutar agora, por que amanhã, depois de entrar em contato a ACRO com suas notícias, relaxar com Remy seria uma coisa do passado.

Capítulo 11

Dev tinha deixado Marlena levá-lo de volta para sua casa, no lado norte do complexo, ainda era bastante protegida de intrusos por dois portões, um sistema de segurança melhor do que qualquer outro presidente e, claro, guarda-costas.

Ele odiava o fato de que ele precisava de guarda-costas. Estes dias, mais do que nunca, ele queria ficar sozinho quando chegasse em casa. Mesmo que os homens e mulheres que guardavam suas costas eram competentes, profissionais que ele confiava sua vida, só por um dia ele gostaria de voltar para casa, para uma casa completamente vazia.

Claro, se ele desativasse sua segunda visão e derrubasse seus sentidos, ele poderia fingir, mas isso nunca funcionou tão bem quanto parecia.

— Você acha que Haley será capaz de controlar a operação em potencial?— Marlena perguntou antes Dev saísse do carro.

— Eu não acho que alguém pode realmente controlar outra pessoa— disse ele. — Não por muito tempo de qualquer maneira.

Controle. Isso tinha sido sempre sobre o controle de Dev sobre si mesmo, uma dura vitória, quase uma batalha diária por grande parte de sua

vida, culminando em sua perda de visão e do acidente que o levou para fora do banco do motorista e aterrando sua vida.

Ele andou pelas salas familiares em seu caminho e subiu as escadas, mesmo que ele soubesse que não ia ser capaz de dormir, deixando seu corpo em vez de seus poderes guiá-lo.

Talvez ele deveria ter deixado Marlena entrar com ele, ela poderia ter ajudado queimar alguma dessa energia extra. Mas ela também o preocupava.

O vazamento da ACRO o estava comendo vivo.

Ele podia confiar em Ender, um dos seus assessores mais valorizados, o homem que salvou sua vida do acidente de fogo que tirou a visão Dev quase dez anos antes. Mas se ele disse a Ender agora, a superproteção já desenfreada do homem retrocederia em velocidade mais alta.

Não, ele tinha que descobrir por conta própria quem era a toupeira. Os dois principais médiuns que trabalhavam diretamente com ele estavam prontos para admitir a derrota, mas Dev sabia o que tinha de fazer.

Enviando Annika e Creed frente à sua casa de infância era tudo parte do plano, que poderia facilmente explodir em sua cara.

Os poderes extras que a casa parecia fornecer eram quase demais para ele, eles já tinham inutilizado ele uma vez antes, três anos atrás. Foi a principal razão pela qual Oz, a melhor médium que a ACRO tinha visto, saiu depois que ajudou Dev a recuperar o controle.

Ele queria que Dev promettesse que ele não convocaria aquele espírito de novo, mas é claro.

Dev nunca poderia prometer isso. Não quando a agência estava em jogo.

— Eu sei como controlá-lo agora— ele disse a Oz. — Eu sei como fazer ele parar de me tomar.

— Você está brincando sozinho, Devlin. Ninguém comanda o mundo espiritual. E se você estiver pensando assim, você já foi longe demais.

Oz tinha sumido do escritório e da ACRO e não tinha sido visto ou ouvido desde então.

O único consolo de Dev era que Oz era bom demais para ser tomado por Itor.

Então, sim, Dev sabia alguma coisa sobre tentar controlar os poderes que eram quase incontroláveis. Ele sabia Haley teve o trabalho entalhado para ela... E ele sabia que ele estaria de volta ao escritório dentro de algumas horas, depois ele se jogou, virou-se e fingiu dormir.

Ele se perguntava se ele nunca seria capaz de parar de fingir.



Annika não podia escapar dele. Creed era como o Terminator⁹, todo de couro preto, correntes e persistência implacável. Quando ela quis tirar um cochilo após o banho dela, ele insistiu que ela mantivesse a porta que separava os dois quartos abertos e, em seguida ele saiu, sem camisa, na cama dele, um sorriso de satisfação no rosto que a fez se perguntar que diabos ele estava fazendo.

E apenas agora, ela mal tinha ido para a cozinha e se sentado antes que ele a encurralasse escada a baixo. Pelo menos o espírito assustador que sacudiu a casa enquanto ela estava no chuveiro tinha ido embora tranqüilo.

— Você dormiu um pouco?— Ele pisou forte pelo chão e pegou uma garrafa de água da geladeira.

Graças a Deus Dev havia contratado um caseiro para manter o lugar limpo, paisagístico e abastecido com bebidas e alimentos não perecíveis. O caseiro também colocava lençóis limpos em todas as camas da mansão de sete quartos. De morrer, mas o cara provavelmente não tinha muita coisa para fazer.

— Um pouco.— Muito pouco, porque com Creed na sala ao lado, tudo o que podia fazer era pensar nele. Pelado. Felizmente, ele tinha, pelo menos, colocado uma camisa nova.

Preta como a velha, mas esta tinha um logotipo do Jack Daniel's. — Você ronca .

⁹ o exterminador do futuro

— Isso pode ser corrigido.— Um clarão iluminou os olhos moleque.
— Eu só ronco quando estou sozinho.

— Eu aposto que você ronca muito.

Ele riu um som profundo, masculino que estremeceu através dela e agradou a todos os lugares que precisavam ser agradados. Oh, isso era ruim. Claro, ela tinha conseguido se aliviar mais cedo no chuveiro, mas a libertação não tinha feito nada para aliviar os desejos estranhos que ela estava tendo para com o corpo dele.

Toda vez que ela colocava os olhos sobre ele, o conhecimento de que ela não poderia abalá-lo o tornou oh-tão-tentador. Para poder ter relações sexuais e não se preocupar com o seu orgasmo colocar o cara no hospital... O paraíso.

Mas por que diabos o único cara que ela poderia foder tem que ser o cara que ela realmente, realmente não pode suportar? A única pessoa da ACRO que parecia mudar de caminho só para irritá-la? Quando todos os outros lutavam por afastar-se de sua abordagem, Creed pisou em seu caminho e também a fez andar em torno dele ou empurrá-lo para fora do caminho.

— Você não ronca— . Apoiando uma palma na mesa da sala de jantar, ele curvou o grande corpo mais perto, invadindo o espaço pessoal dela de uma maneira que outros temiam fazer. Lambeu os lábios, tão cheios e beijáveis, e seus olhos perigosamente escuros.

— Mas você faz muito barulho no chuveiro. Você é uma gritadora .

A respiração dela explodiu de seus pulmões. Tinha ele tomado ela em sua oferta sarcástica, afinal?

Ela sempre foi capaz de sair com os caras, falar como eles, beber como eles, chutar bundas como eles. Ela nunca tinha tido um problema com nudez, passou vários dias descansando em praias de nudismo européias, tinha sido colocada como stripper e prostituta em missões. Mas, de repente, a idéia de Creed ter ouvido— ou assistido— ela se masturbar a deixou fora do eixo.

E enviou uma emoção proibida através de seu corpo.

— Quanto show que você conseguiu pegar?

Ela podia imaginá-lo acariciando seu pau enquanto ele estava fora da porta, ouvindo os gemidos, gritos que escaparam não importava quão forte ela mordesse o lábio. Se ele soubesse que o homem que ela tinha fantasiado sobre havia sido ele, que ela o imaginava de joelhos na frente dela, sua língua perfurante trabalhando nela profundamente, duramente, úmido.

— Vamos apenas dizer que eu sei que você é uma loira verdadeira.

Oh, Deus. Ele tinha visto ela. Ele tinha visto tudo. Luxúria pulsava através dela, tão pura e rica que ela tremeu com ela.

— Bem, eu espero que você tenha uma ótima memória, porque isso é tudo que você jamais verá.

Não importa o que, nada poderia acontecer entre eles. Ela podia não ser capaz de feri-lo intencionalmente, mas o que aconteceria se, em sua excitação, ela enviasse um parafuso de sobrecarga de eletricidade? E se o próprio desejo dele baixasse sua resistência ou algo assim?

Dev ficaria chateado se ela matasse um cara com quem ele praticamente cresceu junto.

— Isso é provavelmente o melhor — disse Creed— mas não é o que nenhum de nós queremos .

Burro arrogante. — Você não tem idéia do que eu quero. Agora, fique longe de mim.

Creed não se moveu, simplesmente olhava para ela com um olhar quente que a fez deglutir repetidamente.

— Eu disse, fica longe de mim— ela se impôs, satisfeita pela sua falta de ar fazer o seu tom parecer ainda mais furioso.

Ela pontuou sua ordem com um empurrão com força contra o peito dele, e então ela saiu da cadeira. Quando a mão dele se fechou em torno de seu pulso, ela o abocanhou.

O olhar no rosto de Creed, quando ele encontrou-se batendo contra a parede foi inestimável.

Claro, ela apostava que o olhar em seu rosto quando ele pegou um punhado dos seus cabelos e levou a boca dele para baixo sobre a dela era apenas divertido.

Capítulo 12

Haley encarou as telas vazias e ouviu ao silêncio morto. Morto, em necessidade de uma autópsia.

Em algum ponto durante a noite, sua bateria reserva, que deveria ser boa por quarenta e oito horas, estava arruinada.

Graças a Deus ela arquivava todos os dados depois que ela e Remy terem se lavado no chuveiro gelado e antes de eles terem caído juntos em exaustão na cama.

O baque de pés atingindo o chão fez seu coração pular contra suas costelas. Ela ainda não estava pronta para encará-lo. Estaria ele arrependido de introduzi-la em seu segredo? Estaria ele disposto a deixá-la realizar alguns testes? E o que elaalaria quando ele começasse a fazer perguntas?

Por que ele faria. As tempestades tinham desviado sua atenção ontem a noite, mas hoje, com céu claro e umas poucas horas de sono, ele iria querer detalhes a respeito de seu trabalho, seu chefe e seu equipamento.

Mentir seria fácil o bastante, mas com o segredo de Remy descoberto, cada hora que ela adiava o começo do processo de recrutamento, poderia potencialmente trazer o inimigo muito perto de conhecer seu segredo. Contar a Remy a verdade antes que ele começasse seria o melhor, mas ela precisava

conseguir o momento exato, precisava ler a atmosfera que não tinha nada a ver com clima.

E esta era a parte mais preocupante de todo este negócio, tentar ler um humano em vez do clima. Ela podia cronometrar a aproximação de uma frente fria pela maneira que insetos se agrupavam em cascas de árvores, mas prever a reação de Remy quando contasse a ele por que ela estava realmente aqui? Impossível.

E fascinante. O homem era como um furacão, apenas previsível no dano certo. Exceto, que o dano de Remy era para si mesmo, e tanto quanto ela podia dizer, ninguém tinha estado por perto para a limpeza pós-tempestade.

Deus, estar sozinho no que ele tem passado... fazia seu peito doer. Ela se entendia sozinha bem demais, mas o segredo dele o colocava em uma categoria de isolamento que ela nem podia compreender.

A porta do quarto se escancarou, e ela pulou, batendo seu quadril na mesa. Estremecendo, ela abaixou o cós de seus shorts e quase suspirou com a visão se sua tatuagem, suas linhas pretas em relevo e avermelhadas, como se fosse nova e não tivesse oito anos. Como ela não notou isto quando se vestiu esta manhã? Bem, ela esteve muito ocupada com o resto de suas dores, os arranhões e cortes da queda barranco abaixo, as contusões do sexo selvagem.

A porta do banheiro fechou quando ela cuidadosamente traçou seus dedos sobre o padrão da tatuagem, o imprevisto do Comando de Estratégia Aérea de seus dias militares. Talvez ela tivesse sido mordida ou picada por algum tipo de inseto. Seja o que tivesse acontecido, ela provavelmente deveria

ver um doutor quando voltasse a ACRO. Ter a maldita coisa finalmente removida, algo que ela tentou fazer seis meses atrás, apenas para ter o laser do doutor quebrado quando ele começou.

Altas batidas de passos a sobressaltaram novamente, e Jesus, soavam como alguém que acordou mal humorado.

Mas quando Remy entrou na sala de estar, ele parecia calmo, tranqüilo... e gloriosamente nu.

Músculos afiados talhavam nitidamente ao longo da parte superior de seu corpo, a luz do começo da tarde enfatizando detalhes que ela não tinha notado na noite passada. O grosso comprimento entre suas pernas atraíram um olhar de admiração, e ela mordeu suas bochechas, se forçando a olhar para outro lugar. Como para seu traseiro, quando ele se virou.

— Bom dia — ela disse, soando um pouco mais sem ar do que teria desejado. Sem ar e estúpida, vendo como a manhã tinha passado duas horas atrás.

— Hey.— Ele agarrou sua mochila e a vasculhou.

— Tem rosquinhas.

— Nós não temos tempo.— Ele vestiu rapidamente um par de calças cargo com estampa de selva.

— Nós precisamos conseguir gasolina para o gerador antes que fique escuro. Nós podemos apanhar alguma comida enquanto estivermos fora.— Puxando uma camiseta preta da mochila, ele lançou um olhar ao pés dela.

— Bom, você está de botas. Vamos.

Ela não podia argumentar, por como sua bateria reserva estava morta, ela precisava de força para fazer funcionar seus equipamentos.

— Tudo bem, mas nós podemos conversar primeiro?

— Nós conversaremos na piroga,— ele disse, movendo em direção a porta.

Ela parou subitamente.— O que?

— É um bote.

— Um bote? Como em, isto flutua? Na água?

Ele parou na soleira e franziu para ela.— O que está errado?

— Nada.

— Não minta para mim, Haley.— Ele se moveu em sua direção, e ela viu que ele apanhou a faca que tinha usada na noite passada.— Eu odeio que mintam para mim.

— E eu odeio que me dêem ordens.

Ele arqueou uma sobrancelha, mas a firme posição de sua boca suavizou, e ela se perguntou se talvez sair na piroga era mais sobre ele querendo conhecê-la do que era sobre estar no comando.

Por alguma razão, ela esperou pelo primeiro, enquanto o último seria irritante, mas melhor para a segurança de sua carreira e objetivos pessoais, nenhum dos quais havia espaço para um homem.

— Eu não gosto de água. Há uma razão para eu me juntar a Força Aérea invés da Marinha. Sem exigência de natação — ela disse finalmente, e se ele pensava conseguir outra palavra dela, ele tinha estado em tempestades elétricas demais.

Ela odiava água desde que tinha seis anos, quando ela caiu de um píer por que seus pais estavam ocupados demais se amassando do que prestando atenção.

Felizmente, seu pai tinha ouvido seus gritos e a puxado antes que se afogasse, mas a memória se manteve com ela, e ela jamais ficou mais que a profundidade do joelho novamente.

Algo em sua expressão deve tê-la traído, por que ele a alcançou, envolveu sua bochecha com as mãos. Uma instantânea e chiante faísca arqueou entre eles, e ela sabia que ele a sentiu também, por que os olhos dele cintilaram com confusão e incômodo.

— Eu tomarei conta de você.

Ele engoliu o protesto dela com um beijo, como se ele pensasse que ela desfalecesse e o seguisse a qualquer lugar apenas por que ele poderia fazer coisas com a boca que eram provavelmente ilegais neste miserável estado.

Claro, quando ele deslizou sua língua dentro da boca dela, gosto de pasta de dente, ela meio que derreteu contra ele. Seu corpo ficou todo flexível e quente, e sua mente ficou toda vazia e atordoada.

Ela desfaleceu, maldição.

A lingual dele varreu sua boca, fazendo cócegas em sua gengiva, e seu céu da boca. Ele pegou seu lábio inferior entre seus dentes, extraindo um longo e alto gemido dela. O som sinalizando seu destino, e Remy forçava sua vantagem transformando o beijo em algo forte, profundo e faminto.

Quando ele finalmente se afastou, ambos estavam arfando, e os olhos deles brilhavam com satisfação.

— Vamos, *baby*,— ele disse, tomando sua mão.— Nós temos muito a fazer.

— Eu preciso do meu celular.

Ela apanhou sua mochila que continha seu telefone e arma de fogo na saída, o ignorando quando disse a ela que o telefone não funcionaria na baía. Ela o seguiu para garagem, onde ele reuniu uma lata de gasolina e uma

lanterna, e então a guiou pela lamacenta entrada até um dique que parecia tão firme quando uma cerca de varetas de pirulito.

Ela esperou que ele não tivesse notado como suas pernas tremeram enquanto ela subia no barco de fundo plano para sentar-se em um dos dois bancos. Remy permaneceu em pé e empurrou o dique, usando algo que ele chamou de remo de pá larga para conduzi-los por águas chocolate cheias de ervas e árvores apodrecidas.

— Então — ele disse, dez minutos depois e no meio de Deus-sabe-
onde

— você disse que queria conversar. Sobre o que?

Colocando o remo no assoalho, próximo da mochila dela, ele sentou do outro lado dela e apoiou seus antebraços em suas coxas, repousando suas palmas nos joelhos dela. Ela tentou não olhar para a água, ou agarrar os lados do barco forte demais.

— Ontem à noite.

— Há algo que você precisa falar comigo?

Merda. Em sua cabeça, ela tinha ensaiado o que diria, mas agora, sob seu intenso e curioso olhar, deu branco. Todo seu cuidadoso planejamento deu um mergulho direto na água infestada de jacarés e dominadas por insetos.

Sua concentração ainda mais dispersada quando suas mãos flutuavam para cima em uma lenta e comprimida seção de massagem.

— Haley?

— Certo.— Ela limpou sua garganta, completamente perdida, o que era algo que nunca acontecia.— Coisa de pós-manhã embaraçosa, eu acho

— Isto acontece com você freqüentemente? Você sabe, pós-manhãs embaraçosas.

Bem, isto quase fez sua garganta fechar. Antes que ela pudesse sufocar um indignado — Não!— os dedos dele firmaram em suas coxas, não forte, mas firme o suficiente para deixá-la saber que ele queria sua total atenção.

— Você não é casada ou qualquer coisa, não é?

— A este ponto, isto realmente importa?

— Ontem à noite não — ele disse, em uma voz amarga que contou a ela o quanto ele odiava este fato.

— Hoje, com minha cabeça limpa, sim. Eu não invado propriedade alheia, e se algum marido enfurecido vir atrás de mim, eu gostaria de um alerta.

Mágoa e raiva agitaram-se como um dirt devil¹⁰ em sua barriga. Ele pensava que ela era o tipo que trai? Então novamente, ele não a conhecia em

¹⁰ dirt devil : marca de aspiradores

absoluto, e ele de má vontade admitia que poderia estar se perguntando a mesma coisa se a situação fosse inversa.

— Eu não sou casada. E para responder sua próxima pergunta, eu estou usando pílula, e meu último exame físico completo dois meses atrás veio limpo.— ACRO fazia todos seus empregados passarem pela gama de testes a cada seis meses – testes de que a maioria dos doutores nunca ouvir falar.

Um severo aceno com a cabeça foi sua única resposta. O que tinha acontecido ao Remy da noite passada? Aquele que podia estar meio louco, mas que também ardia de vida e paixão. Ela podia conversar com aquele Remy. Este era frio demais, emocionalmente distante demais, e não podia lê-lo de maneira alguma.

Uma coisa ela não podia negar: O Remy de hoje manteve todas as habilidade sensuais da versão da noite passada. A suavidade de seus dedos a torturava com uma média quantidade de pressão, sem dúvida designada para extrair a resposta requerida, para fazê-la buscar o toque dele do jeito que ela precisava. Mais firme. Mais rápido. Mais intenso.

Em vez disso, ela buscou compostura em um tragar de ar azedo da baía e forçou suas mãos a soltar os lados do barco. Ela as plantou domesticadamente no banco.

— Ontem à noite você parecia pensar que meu estudo ambiental era besteira.

— Eu não acho.— Ele traçou um oito imaginário na parte interna da coxa dela.— Eu *sei*.

[Indivíduo apresenta tendências arrogantes.]

O analista de perfil da ACRO merecia um cumprimento nessa. Remy não podia— saber— coisa alguma. A agência montou seu disfarce bem demais, e suas habilidades de atuação não eram tão ruins.

Sentando um pouco mais reta, ela apertou suas pernas juntas, mas Remy apenas sorriu, as empurrou afastada e continuou desenhando pequenos esboços geométricos, seu olhos fixaram onde ele brincava.

Ela se ofendeu.— Por que você não esclarece o como você *sabe*?

— Por que você não confessa por que está aqui?

— Pelo meu trabalho.

— Ah.— Os padrões que ele fazia em sua pele agora pareciam aleatórios. Como as batidas do coração dela.

— Então nós estamos de volta no estudo ambiental? Você ainda está tentando passar essa besteira por cima de mim?

Algo passou rapidamente por seu estômago, grande e vigoroso demais para serem borboletas.

— Meu trabalho era estudar você.

Ele assentiu como se esperasse a resposta.

— Para quem você trabalha?

— Isto soa suspeitosamente como um interrogatório.

Seu olhar se levantou, capturou o dela e o manteve prisioneiro.

— Se fosse, você estaria na água em vez de em cima dela.— Um breve sorriso curvou a boca dele, como se para acalmá-la.

— Agora, para quem você disse que trabalha?

Oh, sim, isto era um interrogatório, não importava o que ele afirmasse. Ele tinha simplesmente adaptado suas habilidades para extrair informação de uma mulher que estava sexualmente afetada por ele.

Filho da puta esperto. Que pena para ele que ela planejou revelar tudo de qualquer maneira.

— Eu trabalho para uma agência secreta que emprega pessoas com habilidades extraordinárias.

— Como quais?

— Levitação. Piroquinese. Captação de mortos.— Ela parou, procurando seu rosto por descrença, mas ele permaneceu inexpressivo.

— Alguns podem ler mentes. Nós temos um cara que pode absorver conteúdos inteiros de um livro ou arquivo apenas o tocando. Outro que tem pés com membranas e espinhos venenosos.

— E quanto a você? O que você faz?

Os dedos dele traçavam leves e retas linhas. Curvas. Algo familiar... Ah sim. Ele estava desenhando sua tatuagem.

— Eu estudo clima no laboratório de meteorologia da agência. Eu não tenho qualquer habilidade especial.

Ele a analisou com um sombrio e apreciativo olhar.

— Não se subestime, *baby*. Você me mostrou todo o tipo de habilidades especial ontem à noite.— O ar sibilou de seus pulmões com as palavras dele

.— Então me diga, me foder era parte do seu trabalho?

Um brisa agitou as árvores, e tudo bem, agora ela entendeu. O calmo não estava calmo de forma alguma. Isto era Remy contendo sua raiva. Ele estocou para frente e bateu suas mãos em ambos os lados do banco dela, a prendendo com seu corpo e espessos braços. Se ele pensava que podia intimidá-la, contudo, ele estava muito, muito errado.

Ela podia ter terror de água, mas Remy Begnaud não a assustava nem um pouco. Ou assim ela disse a si mesma quando o olhou nos olhos.

— Você não pareceu se importar.

Agarrando toda a coxa dela em uma mão, ele a puxou contra ele assim seu traseiro pendia na borda do assento.

— Isto faz parecer que me importo?— Sua ereção balançou em seu centro, e enquanto sua mente sabia que ele estava brincando com ela, seu corpo pulsou com desejo.

— Isto foi parte de seu trabalho? Diga-me?

— Ou o que? Você vai tirar com prazer a informação de mim?

Ela envolveu suas pernas ao redor da cintura dele e o puxou para mais perto, aproveitando o breve olhar surpreso que suavizou suas feições esculpidas antes que ele se fechasse novamente.

— Talvez eu não vá ser tão agradável.

Arqueando para ela, ela roçou, zombou, dando a ele um gosto de seu próprio remédio.

— Não tente me assustar, Remy. Não faz parte de você ferir uma mulher.

— Como diabos você sabe? Eu a tenho sozinha aqui, onde ninguém pode ouvir você gritar... o que faz você pensar que me conhece bem o bastante para ter certeza?

— Por que — ela disse — eu conheço você melhor que qualquer um neste planeta.

Ele bufou e se afastou dela.

— Depois de um noite de sexo e um par de dias na minha casa? Você não sabe merda nenhuma.

Levantando uma sobrancelha, ela inclinou-se para frente.

— Eu sei que seu relacionamento mais longo aconteceu enquanto você estava baseado em San Diego. Ela era uma garota Hooter chamada Kimberly Boone, e vocês saíram por vinte e sete dias, embora apenas a viu quatorze deles. Ela o dispensou no dia depois de uma particularmente sórdida tempestade.

Ele pulou de volta em seu banco como se tivesse tomando um tapa, e ela aproveitou o momento.

— Eu sei que quando você foi mantido prisioneiro naquele buraco do inferno na Guatemala, você desenhou tiras de quadrinho nas paredes da cela. Eu sei que dói toda vez que seus companheiros olham você com desconfiança quando equipamentos falham. A pior de todas foi quando seu GPS quebrou e

não era sua culpa, mas eles o acusaram com os olhos de qualquer maneira. Esta foi a primeira vez que você pensou em partir.

Era a vez dela se inclinar para frente, manter o controle deste cabo de guerra por poder em qual eles estavam engajados.

— Agora, você quer me dizer que eu não sei coisa alguma sobre você?

Um músculo em sua mandíbula se contraiu enquanto ele a encarava, sua expressão de fúria e descrença.

— Como?— ele rosnou.

— Como você sabe essa merda, porra?

— Eu lhe disse, eu trabalho com pessoas que tem habilidades que você não pode nem mesmo compreender.— O vento agitou a baía novamente, e ela franziu.

— Bem, talvez você possa.

— Direito ao ponto, Haley. O que você e sua agência de desajustados querem comigo?

— Nós queremos você. Meu trabalho era garantir que você era um negócio real. Você é. Nós podemos ajudar você aprender a controlar totalmente seu dom.

— Dom? Isto foi o que eles mandaram você me dizer? Para me fazer pensar que isto é algo por qual eu deveria ser grato?

— Você não precisa ser grato por isto, mas você pode escolher fazê-lo trabalhar por você. E para o bem do mundo.

Trovão estalou. Haley pulou.

— O bem do mundo — Remy devaneou, olhando sobre o pântano.— E como você deveria me convencer a participar de sua agência especial?

Relâmpagos cintilavam sobre o topo das árvores e nos olhos de Remy.

— Sexo?— Ele alcançou o zíper de sua cargo, deixando seu longos e sensuais dedos hesitarem.— Este é seu método preferido?

A boca dela secou, e ela lutou por uma resposta. Talvez a tempestade estivesse bagunçando com a libido dele, daria a ela uma chance de adiar a conversa um pouco, talvez usar sexo da maneira que ele disse, a maneira que os Sedutores a ensinaram.

Ele ficou em pé, balançando o barco o suficiente para fazê-la agarrar os lados. Seus dedos trabalhavam com os botões, e cada vez que um botão deslizava, o corpo dela reagia. Seus seios corados com calor. Seu pulso ricocheteava por suas veias. No último botão, um fluxo de umidade encharcou sua calcinha.

— Era sexo, Haley? Ou algo muito mais fodido?

Com uma sacudida, ele rasgou o lado direito de suas calças para revelar um pedaço de pele em seu quadril. Um raivoso e avermelhado pedaço de pele.

Marcado com uma réplica exata de sua tatuagem.

Capítulo 13

Dev provavelmente iria matá-lo, mas Creed não se conteve. Com a mão de Annika ainda firme em sua garganta, a dele na parte de trás do pescoço dela e sua libido ainda em alta velocidade de vê-la no chuveiro, sua boca roubou a dela.

Ela estava meio que correspondendo, meio lutando, e não havia nenhuma maneira que ele iria deixá-la ir tão facilmente. Se ela quisesse, realmente quisesse, ela poderia quebrar a sua aderência. Ele a fez apenas dura o suficiente para influenciar a si mesma a se manter em cativo pelo seu beijo.

Ele adorava essa parte, o beijo, porque as sensações estavam sempre lá, tudo apenas começando a aumentar, e ele não podia mais fingir que ele não pensava em Annika na maior parte do tempo que ele estava com outras mulheres ... desde a primeira vez ele a tinha visto no escritório de Dev.

Tentar comer a namorada do patrão não era a melhor maneira de manter um emprego, mas não havia forma de ele parar. Não quando os quadris de Annika balançavam contra ele ou os seios dela pressionados em seu peito quando ele correu a bola do piercing em sua língua ao longo do céu da boca dela, e ele não se deu por cada grama de auto-controle para chegar e escovar seu mamilo. Porque isso iria fazê-la fluir.

Ele nunca soube de Annika ter medo de nada, então para ela ter essa resposta de luta-ou-fuga ao seu beijo o intrigou. Especialmente após o orgasmo forte dela.

Ele ia ter que persuadí-la gentilmente.

Tão gentilmente quanto ele pudesse ser com a mão dela apertada contra a sua garganta. Ela poderia matá-lo com seu dedo mindinho, e de alguma forma, isso apenas acrescentou emoção.

Ele puxou com relutância sua boca fora da dela, notou sua respiração rápida, com mais do que uma pequena satisfação.

Ele provavelmente não deveria ter sorrido, como isso só fez ela aumentar o aperto sobre sua traquéia.

— Medo que eu faça você gritar?— Perguntou ele.

— Você está muito seguro de si mesmo, não está?

— Você não?— Ele deixou sua mão acariciar a nuca dela por um segundo, logo antes de ele a puxar de volta para mais um beijo. E desta vez, ela não lutou contra ele. Muito.

Ele não se preocupou em dizer que ele sabia que ela tinha gritado o seu nome no chuveiro. E ele não ia ser o primeiro a soltar. Ela ainda segurava-lhe a garganta com uma mão e se apoiou contra a parede com a outra. Com a sua mão direita ainda firme na nuca do pescoço dela, a esquerda estava livre

para vagar, ao longo da parte inferior das costas dela e depois para cima do lado dela para envolver o volume dos seus seios.

Ela recuou um pouco assim que os dedos dele roçaram em um mamilo tenso por cima da sua camisa, e ele jurou que ela gemeu em sua boca.

Tanta coisa para odiá-lo. O aperto dela na garganta dele vagorosamente afrouxou, até que suas mãos segurassem os ombros dele e empurrasse seu peito contra a mão dele.

Ele aliviou a mão e ergueu a camisa dela, provocando seus mamilos sem barreiras, e ela gemeu de novo, um suave e penetrante som que vibrava por ele assim que seus dedos se aproximavam da terra prometida.

Ele deslizou um dedo sobre o pico tenso através da renda de seu sutiã, e ela puxou a boca para fora da dele, mas permaneceu perto, apertou-lhe a testa contra a dele e sussurrou:

— Deus, isso é bom.

— Vai ficar ainda melhor—, ele murmurou enquanto ele desengatava o fecho frontal do sutiã, assim ele poderia cuidar de um mamilo descoberto entre o seu polegar e indicador, do jeito que ela tinha feito sozinha. Ela apertou forte os ombros dele, como se ela ainda estivesse lutando para permanecer no controle e perdendo a batalha rapidamente, e então ela deixou suas mãos vaguearem para baixo em direção a cintura dele. Ela puxou a camiseta dele para cima, para fora das calças, as palmas das mãos dela frescas como o céu contra a pele dele aquecida, e ela o beijou novamente.

O lado direito do corpo dele latejava docemente, doendo em agonia enquanto ela sugou seu lábio inferior entre os seus dentes e deslizou as unhas levemente para baixo nos dois lados de seu peito, parando para brincar com o anel em seu mamilo esquerdo.

Quando ele moveu suas mãos para baixo até a cinta de suas calças, a boca dela afastou-se da dele, seus lábios vagarosos no rosto e depois no pescoço dele, e ele conseguiu—ela estava indo seguir a tatuagem para baixo, tanto quanto ela fosse. Ele perguntou se ela iria parar na cintura, recuperar o fôlego e se recompor, ou se ela iria seguir a trilha até o fim.

Ela se libertou da mão dele, que havia quase aberto o zíper de sua calça, e com relutância, ele a deixou. Ele estava tremendo, quase se partindo em dois assim que ela passou a língua ao longo de seu peito para traçar os confusos modelos de tribais que estavam ficando vivos sob sua carícia.

Quando ele tinha descido as escadas, o seu plano tinha sido de dizer a ela que eles estavam muito bem presos na casa, que Kat mencionou que o espírito não planejava deixá-los sair, e que quando ele tinha tentado as portas e janelas, elas não abriram. Ele também não tinha serviço no celular e as linhas de telefone principal estavam caídas.

Ele estava indo forçar o espírito a falar mais com ele, da forma que tinha antes. Ele, e não Annika. Essa era a única maneira de manter ambos, ela e Dev seguros.

Se eles escaparam agora ou mais tarde, o perigo na casa ainda seria o mesmo. Mais perto que Annika ficasse dele, mais segura ela estaria.

Merda, ele não poderia ter feito uma desculpa melhor se ele tivesse tentado. Ele não tinha planejado ficar preso desta forma—embora, hey, um homem poderia sonhar. E Annika caindo de joelhos na frente dele era uma visão que definitivamente valia a pena ver.

Ela traçou o modelo sob a cinta de suas calças com um dedo, enquanto ela usava sua outra mão para desabotoar e abrir o zíper do couro macio. Ela estava indo encontrar algumas surpresas, a primeira das quais ela parecia encantada. Ele sempre achou que as roupas de baixo desprezíveis de qualquer forma.

Ela puxou as calças até os tornozelos dele. Ele observou enquanto ela tentava tirar tudo de uma vez, a forma como a tatuagem rodeava em torno de sua coxa direita e nádega, descendo a panturrilha até seu pé.

Mas ela não tinha chegado tão longe, porque estava muito ocupada olhando, de boca aberta, para o pênis dele.

— Oh, meu Deus— , ela respirou.

— Como ... Isso não doeu?

Ele balançou a cabeça lentamente.

— Eu nasci com isso.

A mão dela acariciava o lado direito do seu pênis, decorado com os mesmos tipos de matrizes, e pelo resto da explicação dele prendeu em sua garganta. Ele puxou uma respiração áspera assim que ela explorou suas bolas, a mão dela fazendo uma pausa para envolver a tatuada.

— O que são esses símbolos?

— De origem Nativo americana. E eu não tenho paciência para explicar cada uma e todas para você agora. —

A mão dela circulou seu pênis, acariciou-o mesmo quando ele inclinou a cabeça para trás contra a parede e suspirou. — Isso é bom, baby. Você vai fazer alguns gritos por mim?

— Eu percebi que eu tenho que igualar o placar primeiro — disse ela.

Jamais um placar o deixou tão bem, principalmente quando ela rolou a sua língua ao redor da cabeça de seu pênis e os olhos dele se moveram para trás de seu crânio.

— Sim. Oh, sim — ele murmurou, assim que ela empurrou suas coxas separando-as impaciente para que ela pudesse ganhar fácil acesso para suas bolas. Sua língua corria pelo lado direito do seu pênis, como se ela soubesse quão muito mais sensível que aquela parte era, e ela continuou a trajetória até a sua bola de direita. Ela chupou suavemente, e levou aquilo para dentro de sua boca, e as coxas dele começaram a tremer.

Um longo, baixo gemido escapou da sua garganta. Ela riu suavemente e fez novamente. Porra, ela queria ouvi-lo uivar. E se ela mantesse aquilo numa lenta, doce tortura, isso não ia ser um problema.

Ele roçou uma mão sobre o cacho sedoso de seu cabelo, então deixou seus dedos se entrelaçarem entre os fios macios como se isso pudesse salva-lo de afundar no chão assim que ela levou-o profundamente em sua boca.

O quente, úmido calor de sua boca e lábios e língua, combinados com o jeito que ela alternadamente acariciava suas bolas e chupava ele, foi rapidamente fazendo com que ele perdesse o controle. Como sempre em situações sexuais além da simples masturbação, os seus sentidos começaram a sobrecarregar, e ele começou a se situar na linha entre o prazer e a dor.

Ele nunca tinha certeza de qual iria ganhar um fora, mas sabia que era raramente o prazer. Sexo sempre foi um pouco como um jogo de roleta russa. Às vezes, isso doeria menos do que outras, mas a esperança do prazer perfeito manteve ele em constante modo de busca, fez ele sentir Kat mais e mais, já que ela estava na raiz de tudo.

A maneira dela de lembrar-lhe para não chegar muito perto das outras mulheres que não ela.

Primeiro, o rugido começava em seus ouvidos, afastando qualquer outro som, e então sua visão começava a escurecer. Ele fechou os olhos para bloquear isso, e perdeu o seu sentido de olfato.

Você está fechando, cara.

Seus dedos ficaram dormentes e ele não podia dizer se suas mãos ainda estavam no cabelo dela.

A sensação seria a última a ir, e ele rezou para que a sensação da boca dela ordenhando ele não desaparecesse. Não desta vez.

E, de repente, ele estava consciente da luminosa energia que os dedos dela criaram assim que eles cavaram em seu quadril direito. Seu pênis latejava e ele abriu os olhos, e o rugido em seus ouvidos parou como ele veio, um tremendo, gritando orgasmo que pulsava o prazer para cada parte do seu corpo, até que ele tinha certeza que ia desmaiar. E ele poderia ter também, por apenas alguns segundos, mas se capturou-se antes de ele deslizar para baixo da parede completamente.

Annika já estava em seus pés, e ele estendeu a mão para ela, para puxá-la para perto. Porque ele era mais do que preparado para terminar este trabalho.

— Nós não acabamos, Annika— disse ele, sua voz áspera e pesada.

Ela jogou o cabelo para trás de seu rosto.

— Uh, sim, nós acabamos. Eu pensei que se eu levasse você ao limite, você me deixaria em paz.

Ela parecia tão séria, embora suas bochechas ainda estivessem vermelhas e os mamilos dela o insultavam através do tecido fino de sua

camiseta. Ela queria ele, ele sabia disso. O que estava segurando ela afastada era uma história completamente diferente.

— Isso é sobre Dev, não é?— , Ele perguntou enquanto ele puxava as calças para cima.

Annika virou-se, seu desejo não utilizados gerando raiva frustrada, mas merda, ela não poderia ter relações sexuais com ele, e ela não podia lhe dizer a verdade. Descer nele tinha sido uma má idéia. Ela esperava dispersar um pouco da tensão sexual que vagava entre eles, mas aquilo parecia ter feito as coisas piores.

— Sim— disse ela, olhando-o nos olhos, porque ela era um inferno de uma grande mentirosa — é isso. Eu não fodo com outros além dele.

— Você deve estar brincando comigo.— Ele ficou boquiaberto com ela como se ela fosse uma idiota.

— Você não pode pensar que ele é fiel a você.

— O que eu acho não é da sua conta.

Ela empurrou-o, mas ele agarrou seu braço e a trouxe de volta ao seu redor, sua expressão em uma mistura de emoções conflitantes. Ele respeitava Dev, mas provavelmente pensou que ela estava recebendo um tratamento injusto. Como stand-up dele.

— Ele não é, você sabe.— Seus dedos apertados em torno de seu antebraço, e amaldiçoou a sua incapacidade de eletrocutá-lo. Então,

novamente, se ela pudesse eletrocutá-lo, ela nunca teria permitido as coisas entre eles irem tão longe quanto haviam ido. — Ele está apaixonado por alguém. E ele tem as mulheres. Merda, outro dia eu tive que refrescar meus calcanhares por vinte minutos, porque Marlena estava se comendo com ele em seu escritório.

— Eu não me importo com o que ele faz com sua secretária.— Inferno, ela não se importava com o que Dev fez com qualquer uma das mulheres — e, ocasionalmente, os homens — ele dormiu com eles, porque ele sempre deixava eles na cama para ficar com ela quando ela aparecia no meio da noite. E sim, ela sabia tudo sobre o amor dele há muito perdido, mais ainda que provavelmente Dev percebia que ela sabia.

Isso não era realmente sobre Dev, entretanto. Isto era sobre não dormir com Creed, algo que ela queria mal o suficiente para tornar a situação perigosa.

— Você o ama, não é?

Ela se lançou para fora de seu controle, olhou nos olhos dele, e desta vez não tinha que mentir.

— Sim .

Ela o amava como um irmão muito-velho ou um pai muito-jovem. Ele era da família, a única que ela tinha. Ela dormiu com ele mais vezes do que ela podia contar, ambos deles completamente vestido e entrelaçados no sofá dele, onde eles caíam adormecidos depois que ela chorava em seu ombro.

Ninguém além de Dev a tinha visto chorar desde que ela era uma criança. Só ele sabia de sua história, e só ele tinha conseguido chegar até ela quando ela tinha sido pouco mais de um animal selvagem durante meses depois que a ACRO a resgatou. Um perigo para todos, ela tinha sido mantida em isolamento, e tinha feito alguns danos sérios a quem vinha ao seu alcance. Mesmo Dev sofreu distensões, luxações e queimaduras elétricas.

Ele poderia ter derrubado ela. Em vez disso, ele a salvou. Primeiro da CIA, e depois de si mesma.

— Você vai se machucar .

Ela riu com isso.

— Por que você se importa? E não me diga que você se preocupa se o meu pequeno meu coração ficar quebrado.

— Eu me preocupo, porque se Dev tem você, ninguém tem chance.

Ela não teve tempo de ficar atordoada pela sua confissão, porque ele inclinou o seu olhar sobre ela assim que ele se angulou um pouco mais perto, perto o suficiente para que ela pudesse sentir o cheiro de couro, suor e sexo, tornando-a mais molhada do que ela já estava.

— Olhe— disse ele, em voz baixa e dura, — eu não sei o que está acontecendo entre vocês dois, mas ele não está aqui. Nós estamos. E há definitivamente alguma coisa acontecendo entre nós.

— Sim, alguns hormônios superaquecidos.— Ela revirou os olhos com tanta indiferença quanto ela poderia juntar, quando o que ela queria fazer era derreter em um conjunto de nervos e luxúria.

— Eu acho que nós podemos lidar com isso. Estaremos em casa em alguns dias, você pode encontrar alguma garota motociclista em um bar local e chegar nela, eu vou foder com Dev e tudo voltará ao normal.

Exceto que agora nada jamais seria normal. Ela sempre se perguntaria se Creed poderia ser o único. O único que não iria acabar em uma UTI depois de andar com ela. Dev tinha passado vários dias cobrindo o incidente em particular. Mas ela não tinha mais dezessete anos, e talvez ...

Ela balançou a cabeça, porque essa linha de pensamento só poderia terminar em frustração. Dela própria. De Creed. De Dev quando ele teve que conter os danos que ela causou ou ouvi-la chorar por qualquer outra coisa.

Talvez ela devesse ligar para Haley. Annika não tinha amigos, e enquanto ela não pudesse ligar para Haley, a parameteorologista era uma das poucas pessoas na ACRO que não estava nervosa ao redor dela, e ela era uma mulher. Certamente ela teve problemas com homens. Claro que ela tinha problemas com homens. Então de novo, ela provavelmente consideraria homens como qualquer outra coisa, como se eles fossem mistérios para serem resolvidos. O tempo a ser previsto.

Ela provavelmente tinha tabelas e gráficos que mapeavam o cérebro masculino. Essa medíocre Força de Operações Especiais da Marinha que ela tinha sido colocada estava, sem dúvida, refletindo de qual planeta Haley tinha chovido. E essa missão era também a razão que Annika não poderia ligar para

Haley. Ambas estavam em missões, e problemas pessoas tinham que ser postos de lado.

Ela olhou para Creed, que assistia ela com uma fome escura nos olhos, e ela quase gemeu, porque colocá-lo de lado não ia ser fácil.

E ela não tinha certeza se queria mesmo fazer isso.

Capítulo 14

Agora eles estavam chegando ao ponto. Remy olhou para o rosto de Haley detalhadamente, porque ele finalmente começou a obter respostas, respostas reais. Não só as explicações idiotas que nas quinze horas passadas ela vinha dando a ele, enquanto ela batia nele e simultaneamente a Mãe Natureza fodia com ele.

Ele não gostaria de mais anda, se não mostrá-la no que aquilo realmente implicava, mas mais do que nunca, ele precisava ficar calmo. No controle. Ele foi treinado para fazê-lo pela Marinha, e ele não planejava desistir sem atingir Haley Holmes. Porque tudo que ele precisava saber, era do que se tratava a agência que ela trabalhava.

Esta meteorologista espiritual poderia ser capaz de lidar com ele na cama, mas ele tinha certeza de que ela não estaria preparada para os seus métodos de interrogação.

E, ela não parecia nada preparada. Ela simplesmente sentou lá, olhou para o seu lombo, para sua face, então tornou a olhar para a tatuagem. Então ela deu um pequeno passo para encurtar a distância entre os dois, não percebendo a importância daquilo.

Ela tocou a levemente inclinada ferida, com tentação no começo, e então passou os dedos pela superfície avermelhada, exatamente como ele tinha feito a ela. Remy se esforçou para que a sua respiração permanecer

calma, ainda que os acontecimentos da noite passada viessem rugindo à sua consciência.

Primeiro ele tentou controlar a tempestade, e a tempestade o enforcou e o feriu pior do que um crocodilo faminto. Ele tinha perdido aquela batalha, e obviamente também a porra da sua mente, já que ele tinha se achado com aquelas merdas de tempo como se ele fosse uma porra de circo de malucos. E agora ele sabia a verdade parcial sobre o que Haley queria dele.

— Da onde isso veio?— ela sussurrou, como se alguém além dos crocodilos pudesse ouvi-los tão longe dentro da selva.

— Eu estava esperando que você soubesse.

— Eu não.. quero dizer.. puta merda.— Ela deu uma boa olhada nele, e pareceu perceber que ela estava no meio do barco - numa posição nada segura. Ela conseguiu alcançá-lo e o segurou firme, seus dedos rispidamente cravados na pele do seu bíceps nu, e ele a abraçou, segurando-a pela sua cintura.

— Se você continuar balançando desse jeito, nós vamos ambos cair na água.— Ele disse, e embora isso não fosse um mau plano mestre do jeito que as coisas iam, ele teria que eventualmente salvá-la.

— Remy, você tem que acreditar em mim, eu não tive nada a ver com a tatuagem. Nada.

— Eu não tenho que fazer nada do que você me diz, baby. E só pra constar, eu não acredito em você.

Ela se afastou dele, e o barco balançou de novo. Ele estava acostumado a balançar muito mais do que isso, e ainda que Haley não estivesse, ela conseguiu se agüentar. Ela começou desabotoando os seus shorts, e ele olhou e encontrou a visão da sua bunda exposta.

— Elas ainda estão iguais— Ela ia dizendo.

— É, eu percebi — ele começou, mas abruptamente parou. Era a sua vez de olhar mais uma vez para a tatuagem suave de Haley, que agora estava mal feita e borrada. — Porra, o que aconteceu? Eu fiz isto?

— Não, você não fez. Você não me machucou.— Ela olhou para ele seriamente, e ele lembrou do jeito que ela tinha parecido noite passada, iluminada pela luz, vindo por cima dos seus braços. Ele lembrou de perder o controle e não se preocupar que desta vez não tinha ninguém para pegá-lo.

— Deve haver algo que você não me disse, porra.— A voz dele saiu mais alta do que ele planejava. Ele queria agarrá-la e balançá-la pelos ombros para fazê-la falar, mas uma parte dele se perguntava se não era melhor não saber de nada.

— Deite-se — ela falou de repente.

— Eu não acho que esse seja o melhor lugar pra-

— Deite-se.— ela repetiu, havia um fogo nos seus olhos que ele não deveria se dar ao trabalho de discutir.

Ele empurrou o mastro fundo dentro da água e amarrou a linha da âncora ao redor para não deixá-los flutuar muito longe. Então ele removeu o

assento de uma das pontas do barco para fazer espaço para o seu corpo, e saiu do convés.

Ela já estava sentada enquanto ele se contorcia, estava agarrada firme nos lados do barco até que ele estivesse estável. Então ela ficou de joelhos e rastejou até ele. Ela começou a se aproximar, e colocou a palma das mãos perto dos seus ombros, e se lançou sobre ele até que o seu pau estivesse no meio das suas pernas.

Por um longo momento, eles simplesmente se olharam, Remy não tinha certeza se ele iria algum dia confiar no que vinha da boca dela de novo. Não que isso a faria muito diferente de qualquer outra pessoa na vida dele, mas ele queria que ela fosse diferente, ainda que ele não tivesse percebido isto até o momento.

— Olha só isso — ela disse. Ela tinha se afastado dele um pouco, colocando mais do seu peso no seu lado direito. Ele escorou um cotovelo e olhou para ela. Ela apontou para a sua tatuagem e então para a dele. — Olhe — ela disse, se abaixando.

Remy olhou, e as duas tatuagem juntas se encaixavam perfeitamente quando eles estavam em uma posição particularmente familiar. Ele esperou até ela se abaixar o suficiente até que nenhum deles conseguisse mais ver as tatuagens.

— Eu não faço idéia de como isto aconteceu. Você precisa confiar em mim quanto a isto. Eu nunca poderia ter feito isto enquanto você estava dormindo.— Disse ela.

— Talvez a sua agência super secreta fez enquanto eu dormia.— Ele disse, e ela franziu a testa e balançou a cabeça, apesar de não parecer que ela estava convencida de que isto não tivesse acontecido. E se tivesse, que porra de lugar estavam pedindo a ele para trabalhar?

— Eu vou pedir mais uma vez, Haley, e eu quero uma resposta.— Ele disse. — Me diga o que realmente está acontecendo aqui.

— Eu te disse o que eu sabia. Eu trabalho pra uma agênc —

— De malucos. É, eu entendi isso. Aonde é? Quem administra? Qual o propósito?

— Eles não são malucos. Você não é um maluco.

— Porra, você não vai tentar transformar isto numa sessão de terapia, vai? Porque eu normalmente não trepo com pessoas que tentam foder minha mente. É complicado demais, e eu não preciso de mais complicações na minha vida.— Ele tentou tirá-la de cima dele, mas ela não sairia facilmente. — Eu vou te jogar na água se eu precisar.

— Pode jogar, se eu me afogar, você nunca conseguirá as respostas que você quer.— Disse ela.

— Ah, pode ter certeza que você não vai se afogar bebê. Você só vai se molhar, então você vai me implorar —

— Do jeito que você implorou pra mim a noite passada, Remy?— Ela perguntou. Ele percebeu que a respiração dela tinha ficado mais rápida, e a dele também. Ele estava passando a excitação dele pra ela, enquanto ela continuava.

— Noite passada, na chuva, você nem percebeu o que você estava dizendo. Me implorando pra te segurar e deixar você vir.

— E você fez aquilo.

— É, e agora eu estou dizendo o que você precisa saber. Eu posso dizer o nome e a localização da agência se você concordar em dá-los uma chance. Então, você vai ser levado para um local seguro para se encontrar com o chefe da agência, aonde você pode perguntar tudo o que você quiser.

— Quantos malucos vocês têm lá?

— Nós atualmente empregamos quinhentas pessoas. Nem todos são das Operações Especiais. E até agora, nenhum pode fazer o que você faz.

— Então, o que, eu sou um maluco no meio de malucos?— ele pediu, então ergueu a mão e disse. — Sabe? Nem responde.

Ele recostou a cabeça, fechou os olhos e deixou o sutil balanço do barco acalmá-lo.

Quando ele era mais novo, oito ou por aí, ele costumava entrar na selva de noite, levar seu velho barquinho e empurrá-lo tão longe da costa, até os seus braços cansarem e ele estar coberto de suor, tudo parecia possível.

Na maioria das vezes, ele gostaria que ele fosse seqüestrado por piratas ou bandidos, e fosse para lugares que o dessem a aventura que ele sempre quis, e para lugares que ninguém o conhecia.

Ele não tinha encontrado lugares assim até ter entrado nos SEALs, e ainda que não tivesse durado tanto quanto ele queria. A agência que Haley

tinha falado era só mais um time, e não havia porra de jeito nenhum que iria dar certo. Além do mais, ele já tinha mensagens de duas firmas procurando por ele.

Ouvimos que você é um dos melhores. Precisamos de homens que possam pensar com os pés no chão, trabalhar independentemente.

Claro, se ele não podia trabalhar como um time, não havia esperança para ele em nenhum time. Mas ele sempre soube.

Ele não tinha nada a perder, exceto que ele não planejava em adquirir algo para perder.

— A agência... há pessoas que podem te ensinar algumas coisas lá. Eu posso te ensinar coisas.— Ela disse.

Ele mudou um pouco a sua posição sob o peso do corpo dela, o que fez o barquinho balançar. Ela agarrou os ombros dele e ele se empurrou com os dois cotovelos, forçando-a a ficar em uma posição estranha.

— Tipo o que? Que tipo de coisa você faz para fazer as coisas diferentes?— Ele pediu.

— Você já parou pra pensar que talvez haja um jeito que ao invés disto te controlar, você possa controlá-lo? Um jeito de utilizar o seu poder de um jeito melhor?— ela pediu, e ele deixou sair uma risada longa e amarga.

— Controlar isto? Eu nem queria tê-lo, Haley. Não quero deixá-lo mais forte, encorajá-lo, ou pensar sobre meu poder — ele disse.

— Não é verdade. Você já o fortaleceu. Eu vi você fazer isto.

— É a vida,— ele resmungou.— Posso me levantar agora? Nós realmente precisamos pegar gasolina antes que a escuridão chegue até aqui.

— Remy...

— Eu não quero falar sobre isso. Não agora. Nós temos um longo caminho para seguir, baby, e de qualquer maneira, eu não creio que você queira fazer isto no escuro.

— Ela se afastou dele relutante, fechando o zíper de seu shorts, e o desapontamento se instalou no estômago dele. E em outros lugares. Ele começou a remar através da água.

Noite passada, ele tinha dormido menos de uma hora quando a dor o acordou, e sob a luz do lampião que ele tinha trazido para o banheiro com ele, viu o que achava ser uma ferida.

Quando ele tinha percebido que havia sido tatuado sem o seu consento, ele mal podia conter a sua fúria. Mas ele conteve, principalmente porque ele não queria acordar Haley com a tempestade causada por sua fúria. Não, ele tinha outros planos. Ele procurou os equipamentos de Haley, tentando conseguir informações. Ele não teve sucesso tentando penetrar os códigos das máquinas, principalmente por causa de um espasmo de raiva que soltou uma carga elétrica que deu um curto-circuito na bateria principal.

— Você planejou tudo isto, eu vir aqui?— ele pediu, sem se preocupar em se virar para ela. Ele os conduzia através da água escura da selva, sob cipós e galhos de árvores.

— Sim, isto foi planejado. Eu precisava me encontrar com você.

— Cadê o meu velho, então?— ele pediu.

— Eu não tenho certeza de onde ele foi.

— Mas você disse que ele estava bem na última vez que você viu ele. Era verdade?

— Sim, ele estava bem, Remy. Ele é a razão de você ter sido descoberto.

Ele olhou para ela. — Você o deu dinheiro, não deu?

— Sim.

— Já era de se esperar.— Ele parou quando a quantidade de risadas vindo da lateral da margem. Velho Joe vendia gasolina e suprimentos de uma pequena cabana, ao lado da propriedade da sua família. A casa principal era uma grande casa bonita, mas em ruínas, que já fora usada como uma casa para Joe, sua família de seis filhos e esposa. Que depois de tanto tempo fora nem o reconheceriam.

Se ele não chamasse uma tempestade sem querer, eles estariam bem. Ele tinha se segurado até agora, podia segurar mais meia hora.

O som de música e risadas ressoava pela floresta enquanto eles iam se aproximando. Ele gritaria na sua conversa, sua expressão desencorajando mais conversas, então Haley passou o tempo estudando danos da tempestade, os galhos caídos e árvores quebradas não se comparavam aos danos que a casa tinha sofrido.

Mãe Natureza parecia ter coisas inacabadas com Remy.

Através da cortina de árvores, Haley viu um barco-casa e um ancoradouro, ao qual Remy direcionou o barco. Enquanto eles se aproximavam, o aroma de porco cozido com temperos fez a boca dela se encher de água.

O barquinho bateu contra o ancoradouro, e alguém gritou. Montes de alguém, na verdade. Nas estimativas de Haley, tinha ao menos cem pessoas, de todas as idades, dançando e lançando fogos de artifício em um quintal alastrado. Um buraco de churrasco queimava do lado do quintal, e duas grandes tendas tinham sido armadas, uma com mesas e cadeiras, e a outra provendo proteção para a mesa de comidas.

Remy amarrou o barco no píer. Várias pessoas ergueram seus copos, os cumprimentando, e também os surpreendendo, devido à cena da noite passada.

— Eles parecem... legais,— ela disse.

— Freguesia diferente, eu não vinha aqui faziam oito anos.— Ele ofereceu a mão, e ela segurou e saiu do barco com calma e pisou nas madeiras nada seguras.

— O que nós estamos fazendo aqui?

— Você disse que estava com fome.

— Nós vamos entrar de penetras no casamento?

— Não somos penetras, nós fomos convidados.— Ele apontou para aonde alguns caras seguravam cervejas.

Ela franziu a testa. — Pessoas bêbadas abanando a mão, significa um convite?

— Por aqui, sim.

— Certo, qual o plano? Eu distraio eles com os meus conhecimentos meteorológicos e você suga gasolina de um dos veículos?

— Ele a encarou. Como se ela tivesse dito isso sério. — Esses caras tem uma lojinha e uma estaçõzinha de gasolina.

Eles mal tinham saído do píer quando um grupo de homens, alguns usando camisas e shorts e várias outras formas de se vestir formalmente se aproximaram.

— T-Remy. Já faz algum tempo,— disse um cara meio nervoso com uma barba. Sua camisa manchada de vermelho estava balançando na cintura e aberta no peito, claramente, a festa já estava acontecendo fazia um tempo.

Remy assentiu cautelosamente e ficou perto dela, como se ele esperasse problemas. Porra, as pessoas sempre o trataram tão mal que ele automaticamente presumia que o pior ia acontecer? Isto fez ela querer abraçá-lo, protegê-lo, o que era ridículo, porque ela nunca conseguiria proteger um homem que era capaz de se proteger.

— Eu espero que nós não estejamos interrompendo.— Remy disse.

O olhar do cara nervoso se virou para o barco. — Só se vocês estiverem aqui pela gasolina.

Antes de Remy poder responder, o cara de barba abriu um sorriso.

— Cara, isto é uma festa. Eu me casei!— Seus amigos gritaram e bateram os copos plásticos e garrafas de cerveja juntos, derramando líquido nas suas roupas e sapatos. — Então, eu vou deixar meu pai abrir a loja para vocês, mas só depois que vocês se juntarem a nós, dançarem e comerem.

Remy balançou a cabeça e sorriu de um jeito que fez ela respirar admirada. Ele não tinha sorrido daquele jeito para ela, e um ridículo sentimento de inveja a beliscou.

— David, você sempre foi meio retardado.

David riu e fez um gesto para uma mulher vestida com uma coisa que só poderia ser descrita por um lixo de cigana e um véu de noiva. Ela se apressou, seguida por um grupo de mulheres vestidas similarmente.

— Esta é minha mulher, Amber.— David a abraçou no pescoço e a trouxe perto. — Nós fizemos um casamento com tema de ciganos para honrar a parte da família dela.

Ela deu um soco brincalhão na barriga dele. — Falando de ciganos, o teu papai quer ajuda pra consertar o furo no teto.— Ela finalmente deu uma olhada a Remy e Haley. — Seus amigos?

David e Remy trocaram olhares confusos. — Nós fizemos o ensino médio juntos por um tempo. Agora, leve a namorada dele e a apresente pros outros?

Antes que Haley pudesse protestar contra a coisa de namorada ou pela oferta de apresentações, Amber a pegou pelo braço e a levou em direção à casa.

— Qual seu nome?

— Haley, mas eu-

— Vamos lá, menina, nós vamos te arrumar para a festa.—

Remy sumiu com os caras, como se ela nunca tivesse existido, então Haley deixou Amber e suas amigas a levarem para dentro da casa. Elas a levaram para um banheiro cheio de malas, aonde elas brincaram de se vestir e falaram sobre luas de mel, algo que Haley nunca planejou ter, ainda que uma pequena parte dela se arrependesse da decisão.

O resto da conversa foi omitida pelos seus próprios pensamentos, alguns do tipo: Como Remy tinha sido marcado com uma tatuagem exatamente o oposto da dela? Ela não o tinha marcado, e ela duvidava que ele fosse o responsável, então só sobravam influências de fora.

Ela tinha trabalhado na ACRO o suficiente para saber que tudo era possível, mas como a ACRO tinha conseguido algo tão longe? E se eles tivessem, por quê?

— Feche os olhos.

Haley suspirou, esperou enquanto Amber aplicava sombra nos olhos e mascara. Ficou estranho. Ela não usava maquiagem desde o tempo da aeronáutica.

— Voilà! — Amber deu uns passos para trás, e Haley caiu da cadeira quando se olhou no espelho.

A mulher olhando de volta para ela não era a cientista que tinha crescido com pais hippies. Haley nunca na sua vida tinha usado sombra azul ou uma máscara de glíter, nunca tinha usado uma blusa amarela e vermelha, e uma saia quase transparente. Calças pretas sempre tinha sido o seu estilo. Se o pessoal da estação de tempo a vissem agora, eles se ririam por séculos.

— Você está linda,— Amber disse. — Seu namorado nunca vai saber o que o atingiu.

— Ele não é-

Ela parou. Amber estava tão empolgada em fazer isto, e era o dia do seu casamento, então Haley não tinha coração para desapontá-la. Além do mais, ela não tinha um namorado fazia... bom, anos. Fingir por algumas horas não a mataria.

Ela se lembrou do jeito que Remy a segurava, a beijava, olhava para ela tão possessivamente----fingir ser dele não seria tão difícil.

O problema seria abafar a pequena e quase inaudível voz que queria que fosse verdade.



Creed já tinha pensado em fazer isto, em ficar com Annika, fazê-la se aproximar dele, e ele quase fez. Ela o queria---ele poderia dizer pelo jeito que ela lambia o lábio inferior quando ela olhou para ele, pelo jeito que seus

mamilos ficavam duros, mesmo que através do algodão da sua camisa. E ele nunca tinha experimentado prazer, a não ser que ele mesmo fizesse o seu orgasmo. A idéia que talvez a mulher que ele mais queria poderia ser a mulher que quebraria o feitiço que Kat o tinha envolto, fazia suas pernas cederem. De novo.

Mas quando o chão embaixo dos seus pés começou a vibrar com uma intensidade que ele sabia que não seria nem boa, nem relacionada a sexo, ele se moveu longe da parede e mais perto dela, para deixar seja lá o que fosse que estivesse chegando saber que Annika estava fora dos limites.

Ele já tinha problemas o suficiente com mulheres de carne e osso, ele não ia deixar um fantasma o abater. Não um fantasma que ele não conhecia. O seu próprio espírito seria o maior obstáculo, mas ele cruzaria a ponte quando chegasse a ela.

— O que tá rolando?— ela pediu, e ele notou que ela instintivamente tinha se aproximado dele. Às suas palavras, a casa inteira pareceu estremecer, e um grande estrondo emanou do andar de cima.

Annika se moveu com reflexo para puxar a sua arma, e então percebeu o que ela tinha feito. Ela guardou sua arma rapidamente.

— Talvez nós devêssemos sair daqui.

— É, bem, tem um problema nesse plano. Nós estamos presos aqui.— Ele disse, e o fantasma arremessou uma foto para longe da parede para confirmar que era verdade.

Ainda assim, ela olhou para Creed com descrença e foi até a porta da frente, como se ela já estivesse farta. Farta da casa e dele. E por mais que ele

quisesse estar errado e que a porta se abrisse quando ela a tocasse, ele sabia que não estaria.

Ela deu um puxão e então mexeu no trinco antes de puxar de novo. Então ela o olhou por cima do ombro.

— Porque você não está falando com o fantasma?— ela pediu enquanto andava para tentar a janela. Mesma merda.

— Estou esperando Quaty voltar---ela me ajuda a me comunicar. É por isso que este fantasma é frustrado---está tentando revelar algo a mim, mas eu não consigo entender muito o que ele está dizendo.

— Eu achava que o nome da bruxa era Kate Betts — ela disse, e por um Segundo ela pensou porque Annika se preocuparia em pesquisar sobre a bruxa.

São só rumores,— ele disse.— e completamente errados. O nome do espírito é Quaty, mas todos que o ouviram tinham mal interpretado e pensaram que era Katie.

— Mas eu te ouvi a chamar de Kat.

— Eu faço isso para irritá-la.

Ela bufou, como se entendesse a irritação de Kat muito bem. — Então como você consegue o seu espírito de volta uma vez que já a irritou?— ela pediu.

— Existe um jeito que com certeza vai funcionar.

— Qual é?

— Sexo.

— Sexo?— ela repetiu. — Se você e eu fizermos sexo, o seu espírito volta para você?

— Sim, Kat é muito possessiva.

— Ela não apareceu quando eu estava te chupando.

— Ela virá, quando eu estiver dentro de você.— Ele disse.

Ela apertou os lábios e balançou a cabeça devagar. Como se ela realmente quisesse matá-lo. — Então, uma vez que você estiver dentro de mim, nós teremos dois espíritos furiosos na casa?

— Tem alguma idéia melhor?

Ela começou a andar e parou na frente dele. — Então, primeiro de tudo, essa história funciona?

— Que história?

— Toda a história de: durma comigo se você quiser ver meu espírito? Você a usa com todas as mulheres que você está?

— Eu não tenho que usá-la com outras mulheres---elas todas querem dormir comigo do jeito delas.— Ele disse, ele podia jurar que viu um pouco de inveja nos olhos dela.

Ele tinha dito a verdade neste caso---Kat ficaria furiosa se ele trepasse com Annika. Porque ele queria ela fazia um tempo, até sonhava com ela.

— Sabe, eu podia contar pro Dev que você está sendo extremamente inapropriado.

— Você está me pagando pela última missão, Annika?— ele pediu.
— Porque eu acho que você e eu sabemos que eu fiz a coisa certa. Eu posso te querer----pra caralho--- mas eu nunca faria nada para comprometer um trabalho. Nunca.—

— E você acha que eu faria?— disse ela.

— Você já fez antes — ele disse quase inaudível---e sim, esse não era o único jeito de conseguir uma transa. Ou entrar no coração de Annika.

— Eu não quero falar sobre o que aconteceu na missão passada — ela disse. — Eu só quero sair daqui. A opção que você disse não é viável, ache outra.

— Nós podemos esperar, mas este espírito é meio teimoso — ele disse. — Ele tem estado aqui por um bom tempo----cinquenta anos, pelo menos. Ele sabe um monte de segredos e quer compartilhar alguns.

— Obviamente você pode se comunicar com essa porra----- ela começou, e outra pintura voou da parede com um alerta.

— O espírito não gosta de ser xingado.

— E eu não gosto de ficar trancada sem o meu consentimento!— ela gritou, para cima das escadas, aonde ele disse que o portal estava. E antes que ele pudesse parar ela, ela começou a subir as escadas, o que era realmente uma má idéia.

— Annika, desça daí — ele chamou.

— Eu não tenho que ouvir você. Talvez essa coisa fale comigo. Eu ouvirei. Nós podemos negociar.

— Você sabe que espíritos não funcionam assim — ele disse, mas ela estava muito longe.

Ele não tinha certeza se ela estava mais furiosa pela sua sugestão de dormir com ele, ou pelo fato de que ela queria dormir com ele. E se o seu amor por Dev fosse a razão---bem, por alguma razão aquilo não parecia a verdade para ele. Ou talvez ele queria ela tão intensamente que tinha escolhido não se importar com a reação do seu chefe.

Ele deu dois passos até as escadas, olhando para as fotos na parede, caso elas quisessem voar nele. Claro, que o lustre de cristal em cima da sua cabeça foi outra coisa que ele manteve o olho.

Outro lustre---um pouco menor, mas um tanto quanto mortífero--- estava pendurado em cima das escadas, as quais Annika estava se aproximando rapidamente. Ele olhou para cima e viu que o teto estava rachando.

Na velocidade da luz, ele estava em cima das escadas, com o braço agarrado na cintura dela e a jogando de volta nas escadas, ao mesmo momento que o ornamento de metal pesado caía em cima das escadas, se amassando, enquanto ele vinha rolando na direção deles.

Creed puxou Annika com ele para a segurança do Corredor entre o vestíbulo e a cozinha. Ela tremeu um pouco, mas não estava machucada, exceto pelas dores que os dois iriam sentir por causa da queda.

— Porra. O Dev vai me matar — ela disse, mas ele não estava preparado que ela voltasse ao normal ainda.

Ele a segurou pelos ombros, os quais ela balançou ao seu toque, e ele olhou diretamente nos seus lindos olhos azuis. — Você precisa escutar mais — ele disse com força.— Tem gente que só quer o melhor pra você. Que quer te ajudar, mas você precisa deixá-los agir.

Ele sabia o básico sobre Annika---como ela cresceu e porque ela tinha sido trazida para a ACRO. Isto explicava um monte sobre o porquê ela não acreditava, mas, se ela acreditasse, ela pode se tornar uma ótima recruta. Mas Creed não acreditava que isto seria um bom jeito para ela viver.

— E você é uma destas pessoas?— ela pediu, a voz mais suave do que ele já tinha ouvido.

— Sim sou.

Ela olhou para ele por um longo minuto e falou de novo. — Vá para o inferno, Creed.— Ela falou, virando e voltando a subir as escadas antes que ele tivesse uma chance de pará-la.

Capítulo 15

O senhor Remy Begnaud não precisava beber no bar flutuante que freqüentava fazia anos, mas agora que a garota Haley tinha pago uma boa soma em dinheiro pela informação...

Ele tentou ir em lugares mais chiques do que a — Bayou Lantern— tinha comprado coquetéis chiques em todos eles, mas ele se sentia tão fora de lugar que preferia estar na lua.

Além do mais, ele sempre virava uma dose de whisky seguido de um galão de cerveja e desmaiava.

— Eh, Sr. Remy, como anda seu garoto?

Uma mão pesou nas costas do Sr. Remy (pai do nosso bonitão Remy), e Leon Breaux, um velho estranho, sentou num banquinho do lado dele.

— Faz tempo que não o vejo — disse o Sr. Remy, ainda que não fosse verdade---ele tinha visto Remy mais cedo, mas ele estava com a parameteorologista no barquinho e a situação não parecia muito agradável.

— Ouvi que ele está de volta. Ele trouxe aquela tempestade com ele.

Sr. Remy chamou o atendente e dono, para trazer-lhe outra rodada de whisk e cerveja.

— Não é problema meu, Leon. Eu te disse, não o vi.

Mas ele tinha visto, e várias vezes. Nos pesadelos que tinham o atormentado toda noite desde que tinha aceitado a soma em dinheiro que a meteorologista lhe deu. O seu garoto vinha nos sonhos, acusando, pedindo por que o seu papai tinha o vendido. Não importava o quanto ele tentasse dizer, que era para o bem do próprio Remy, nada mudava. O sonho sempre terminava do mesmo jeito, com Remy soltando um raio elétrico no corpo de Sr. Remy, o vaporizando em um segundo.

Ross voltou com os drinks, e Sr. Remy engoliu os dois, a sua mão tremia tanto que ele derramou tudo na frente da camisa. Ele amava o garoto, porra, e queria o que era melhor para ele. Talvez não iria ganhar o prêmio de Pai do Ano, mas ele tinha dando a Remy comida e abrigo, coisas que ele não teve quando crescia.

E ele nunca, nunca tinha tratado Remy como se ele fosse uma inconveniência. Verdade seja dita, o garoto provavelmente salvou a vida do Sr. Remy, fez com que ele não fizesse algo estúpido quando perdera Fay Lynne.

E ele o pagou vendendo o seu segredo.

Remy balançou a cabeça, tentou tirar à força as palavras da sua mente, mas todas elas estavam chacoalhando em sua cabeça. Porra do caralho.

Porque ele precisava se sentir culpado? Remy o devia isto porque o Sr. Remy o aceitou quando ninguém mais queria. Sr. Remy merecia cada centavo do dinheiro que ganhou daquela mulher, dinheiro que ganhou por todas as vezes que ele salvou a vida do menino.

Ele riu alto, porque não era nada engraçado, não importava quantas vezes ele dissesse para si mesmo alguma coisa, ele não conseguia enfiar dentro da sua cabeça. Ele não achava que conseguisse ficar bêbado o suficiente para falar consigo mesmo, para fazer ele mesmo acreditar que merecia o dinheiro. Não quando Remy não sabia nada sobre isso.

Amanhã, a primeira coisa pela manhã, ele iria contar tudo para o seu filho. Contá-lo a verdade.

Dizer que ele o amava. Dar-lhe a grana de volta para a Senhorita Haley.

Bom, talvez ele fizesse esta última parte.

— Eh.. Sr. Remy? Você está bem?

Ele piscou, e percebeu que tinha chegado a algum lugar que não deveria, e agora o outro cara começou a olhar para ele como se estivesse preocupado.

— Me deixe sozinho, Leo.

Leon o deu um tapinha nas costas e ficou.

— Se você precisar de uma carona, deixe-me saber.

Ele cambaleou para uma mesinha no canto do bar, onde os seus amigos Billy e Lloyd estava discutindo sobre um lance perdido.

Remy olhou para a entrada, pensando se ele conseguiria passar a noite na boa, porque isso não tinha acontecido ultimamente. A porta se abriu, e ele apostou consigo mesmo que quem entraria seria Crawfish Matthews, mas ele perdeu a aposta por muito.

Não era o velho e barbado fazendeiro quem tinha entrado, ah não senhor. Era um tipo de anjo, todas as cabeças se viraram para ver, um personagem luminoso que fazia a luz penetrar na taverna escura.

Ela deu uma olhada em volta como se nunca tivesse estado ali, e ele tinha certeza que ela nunca tinha estado mesmo. Ele lembraria de uma pessoa assim.

O olhar dela se fixou nele, e ele engoliu seco, ela parecia estar andando na sua direção, as suas botas de escalada batendo no chão, as suas longas, e definidas pernas dentro do jeans colado. A sua camisa sem mangas, umbigo aparecendo, só realçavam a sua cintura, e quando ela passou os dedos pelos cabelos loiros, ele percebeu um abdominal definido.

A beleza do dia.

Ela sentou sua linda bunda perto do Sr. Remy, mas não teve chance de dizer nada, porque Ross se assanhou todo oferecendo-lhe um drink. Por sua conta. Em algum lugar, porcos davam cria.

Ela balançou a cabeça, e a cara de Ross parecia a de um coco que caiu de uma árvore. Porra, Sr. Remy pensou que Ross ia chorar quando o anjo o negou.

— Você é Remy Begnaud?

Sotaque sulista. Ela não era das proximidades. — Talvez. Quem pergunta?— ele respondeu, esperando que suas palavras não parecessem tão bêbadas para ela quanto pareceram para ele.

— Meu nome é Karen Anderson. Trabalho com Haley Holmes.

O seu estômago gelou. — Ela disse que estava trabalhando sozinha.

A mulher balançou a cabeça. — Mudança nos planos. Há... um problema.

— O Quê aconteceu?— O seu estômago latejando de medo, ele agarrou o braço de Karen. — CADÊ O T.?—

— Ele está na casa. Algo está errado. Ele está bravo e chamando por você.— Ela se inclinou e abaixou sua voz. — Nós não conseguimos falar com ele para desligar o tempo.

Remy quase caiu, mas se segurou no balcão do bar.

— Tenho que falar com ele.

— Espere — ela disse, agarrando o seu braço. — Eu dirijo.

Ele cambaleou duas ou três vezes até a porta, mas ela era surpreendentemente forte, segurou-o de pé como se ela pesasse uma tonelada, e não fosse uma mulher magrinha e bonita.

Eles entraram no ar úmido da noite, e ela o guiou através do beco. — O estacionamento é do outro lado.— Ele disse.

— Estava cheio. Eu tive que estacionar nos fundos.

— Oh, Okay.— Estranho. Não tinha tanta gente dentro, mas antes que ele pudesse pensar, o cabelo da sua nuca se levantou.

A Senhorita Karen tinha agora um sotaque europeu, talvez Russo.

— Espere aí,— ele disse, diminuindo a velocidade. — Pra quem tu disse que trabalha?

— Explicarei no caminho.

— Acho que não.

Ela parou e balançou sua cabeça sem olhar para ele. — Você não podia ser um simples bêbado e me seguir, claro que não.

O que veio a seguir foi um movimento muito rápido, um som, e dor. Karen apanhou o seu braço e o torceu tão forte nas suas costas que ele ouviu um crack, sentiu uma sensação branca e quente, uma ponta de agonia que trouxe lágrimas aos seus olhos.

Um homem chegou do nada e colocou a mão na sua boca, antes que ele pudesse chorar.

Então o jogaram no porta-malas de um carro. As suas pernas e braços eram inúteis, estavam presas de alguma maneira, ainda que ninguém tivesse as prendido.

— Depressa— , disse a senhorita Karen, — Preciso tomar um banho antes de botar o pé naquele lugar.— Ela xingou com palavras que não deveriam sair da boca de moças. — Hakata vai me pagar por me mandar para o seu compromisso inútil.

Da onde ela estava, ela olhou para Remy com uma certa raiva que fez suas partes íntimas gelar. — E você vai me pagar por me fazer tocá-lo, inseto.

O punho dela bateu na sua boca, a seco, ele sentiu gosto de sangue.

— Cadê o Remy?

Ele cuspiu um dente e sentiu um canino solto com a sua língua. — Quem é você?

— Eu que pergunto, seu bosta.

O seu Segundo soco foi nas costelas, e uma dor fulminante se alastrou por seu peito. Eletossiu, inalou ar mas veio com sangue e ele se engasgou.

— Vamos tentar de novo. Remy não está em casa. Aonde ele estaria?—

— Não sei,— ele falou meio a cuspidas, lábios sangrando. — Não falo com ele faz anos.

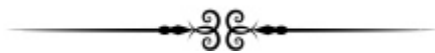
Um homem parado perto da mulher falou: — Ele está mentindo, Oksana.—

— Sério? De verdade?— Ela olhou irritada para o cara.— Estou muito feliz que Hakata mandou um paranormal para me dizer o óbvio.— Voltando os olhos, ela se inclinou para o Sr. Remy até que seus peitos tampassem a visão.

— Nós podemos colocar armadilhas, mas se você disser aonde ele está, será mais fácil para nós dois.

— Vá se foder.

Ela riu. O seu punho chegou na sua cara em câmera lenta, então o mundo sumiu.



A sua saia tinha aberturas obscenas e ficava balançando, insegura, Haley andou pela festa procurando Remy. Se ela o perdesse agora estaria em sérios problemas, porque estava sem nenhum equipamento.

Ela foi até a grande tenda aonde mesas cheias de comida estavam alinhadas. Não achou Remy, mas o seu estômago estava rugindo. Ela ia comer enquanto andava por aí procurando-o.

— Tsk-tsk.— Um homem de cara amarrada com um sotaque caipira parou-a. — Porque você não toma um dos drinks especiais do Léo?—

— Eu, uh...

Ele deu uma balançada dramática na sua cabeça, e encheu um copo plástico com gelo. — Você não quer me ofender agora, quer?

Ela riu, conquistada pelo pequeno homem que usava só suas calças e suspensórios. Sem sapatos, sem camisa, nem mesmo um relógio.

— Eu certamente não quero ofender.

— Boa menina.— Ele encheu o copo com um líquido vermelho.—

— Isto é uma batida de cereja. Um pouco disto, um pouco daquilo, uma árvore cheia de cerejas e um caminhão tanque cheio de tempestade branca.

— Tempestade branca?— Parece meu tipo de drink.

Ele piscou. — Laisses le bon temp rouler, cher. Deixa rolar, querida.—

Ela agradeceu a Léo, e ficou de olho procurando por Remy, ela deu umas beliscadas na comida enquanto andava pela festa, até que ela estava numa subida de grama aonde pessoas dançavam. Com certeza Remy não estava dançando.

Ela colocou seu prato vazio perto de uma lata de lixo, mas segurou seu drink, que era bem gostoso.

O som de música bateu direto na sua barriga, a batida lenta tocava o fundo da sua alma.

A batida de cereja, cheia do que Léo chamava de — Tempestade branca,— fazia jus ao nome, passando por suas veias como um arame, dando choques em todos nervos do seu corpo. Ela conseguia sentir tudo, até vibrações de uma gaita francesa... a noite em si parecia acariciar sua pele.

Ao redor dela, a celebração tinha explodido como uma flor da lua, como se as amigas da noiva tivessem esperado até a noite para se soltar. As

peessoas já estavam dançando quando ela e Remy chegaram, mas agora, jaquetas e sapatos tinham sido tirados, gravatas tinham sido soltas ou até abandonadas, e a maioria parecia vestido com roupas casuais.

Haley tirou suas próprias botas, e movida pela música, ela queria tirar o resto das suas roupas. A lã estava grudada ao seu corpo, uma barreira entre ela e a essência da noite, onde insetos e sapos cantavam pela selva, audíveis até através da música da banda.

A grama fazia cócegas nos seus pés enquanto ela se deixava entrar no meio das pessoas que dançavam. Ela não tinha idéia de onde Remy estava, mas se perguntava se ele se juntaria a ela, se eles juntariam os corpos como o da maioria dos casais.

Eles fingiriam ser um casal, fingindo ser amantes casuais. Fechando levemente seus olhos, ela entrou em uma fantasia, imaginou o seu peito acariciando sua bochecha, as mãos dele puxando o seu corpo, aproximando os dois.

Ela queria viver naquela fantasia para sempre, e por alguns minutos ela deixou tudo de lado, seu trabalho, sua vida, e quis que eles pudessem ficar ali um pouco mais de tempo.

Perdida no seu mundo imaginário, ela não sentiu o puxão no seu vestido de primeira.

Então alguma coisa pisou no seu pé, e ela olhou e viu uma pequena menininha, talvez tivesse cinco anos, sorrindo para ela.

— Dança?

— Eu amaria.

Haley pegou a mão da menininha e a girou por aí, se divertiu como nunca tinha se divertido com algumas músicas, então alguém a agarrou, e ela girou pela multidão, trocando parceiros e curtindo a noite como nunca antes. Quando uma mão forte se agarrou na dela e a puxou para perto, ela sorriu.

Não era Remy. Ela olhou para o jovem, esguio e alto, estava entre jovem e adulto. Ela tentou imaginar Remy em uma idade similar, curtindo a vida e tentando pegar mulheres, mas algo a disse que ele tinha pulado isto, tinha passado de criança, se ele já tivesse sido isto, para homem.

Ela não conseguia imaginá-lo agarrando sua bunda tão desajeitadamente como o garoto estava fazendo. Ela tirou os dedos dele mas segurou a sua mão. As bochechas do garoto ficaram vermelhas, uma combinação bonitinha de vergonha e culpa.

— Deixe eu te dar um aviso, Randy.

— É Jacob, madame.

— Que seja.— Ela se aproximou, o forçando a dançar.

— Veja, mulheres odeiam ser pegas desse jeito. Você nunca vai comer ninguém se sair por aí molestando a gente.

Ela o virou para um grupo de jovens garotas perto da água. — Vê aquela loira? Ela tem olhado pra você. Vá pedir para dançar com ela, mas não a toque em nenhum lugar que estaria coberto por uma roupa de banho. Okay? Confie em mim, você vai ir muito mais longe do que sair agarrando a bunda das pessoas por aí como um homem das cavernas.

As bochechas do garoto ficaram da cor do drink de cereja. — Sim, madame. Obrigado.

Ele saiu, e ela sorriu quando ele e a loira entraram na multidão. Ela olhou por aí procurando por Remy, e ela finalmente foi recompensada pela visão dele perto do pavilhão de comida, um prato na mão, conversando com David. Remy se encostou num poste de suporte, parecia relaxado, sem preocupações, mas ela sabia que ele tinha seu olho em todos e em tudo, ainda que ele nem olhasse na sua direção.

Porra, ele estava bem. Esculpido, definido, músculos poderosos e uma aura de perigo que fazia as mulheres irem e virem.

Ela deveria ir até ele, dizê-lo que eles deveriam sair. Mas a música parecia muito boa para parar... Muito sexy.

A sua saia se enroscou nas pernas, moldando suas formas, mostrando a parte interna das suas coxas, até as menores curvas. Ela nunca tinha se sentido tão sexy.

Ou tão gostosa.

Ela molhou sua testa, deixou o drink gelado esfriar a sua vontade febril. Ela molhou suas bochechas, sua garganta, então seu peito. A mistura passou pela sua pele, fazendo cócegas e resfriando enquanto passava no meio dos seus seios.

Jogando sua cabeça para trás, ela balançou o quadril, entrou na noite, a música, a sensação do drink gelado na sua pele quente. Sem dúvidas de que eles sairiam logo, e que daí ela voltaria ao trabalho.

O trabalho não significava mais foder com o Remy pela ciência.

A culpa invadiu seu interior. Ela não precisava da ciência como uma desculpa para dormir com ele; ela faria de qualquer jeito. Mas ele iria querer, agora que a Mãe Natureza não estava fodendo com ele? Provavelmente não, e a idéia de que ela tinha sido só um receptáculo não tinha a incomodado até agora.

Claro, ele estava bastante excitando quando estava entre o barco e ela, mas como um homem. Um homem com uma mulher em cima dele. Se não tivesse uma ereção ela acharia que ele era gay.

Mas ele iria querê-la agora, especialmente sabendo que mentiu para ele?

E porquê ela deveria se importar?

Talvez porque ela tinha tido namorados, mas nenhum nunca a quis do jeito que Remy queria.

Precisava, não queria, sua idiota.

Ela suspirou e tomou um gole do negócio de cereja, os seus olhos fechados. Quando ela os abriu, Remy estava olhando para ela. Ela não podia respirar, mal podia engolir a saliva.

As sombras do crepúsculo escondiam a intenção do seu olhar, mas nada podia esconder a intensidade. Ao redor dela, a escuridão engoliu a festa até que ela só pudesse ver Remy. As risadas e a música sumiram até que ela só ouvisse seu coração. A sua tatuagem estava queimando, e ela pensou em todas as outras vezes que tinha queimado, e de repente, ela entendeu o que significava.

Remy queria sexo.

E havia uma tempestade próxima a ser vista.

Capítulo 16



Tinha muito tempo desde que Remy quisera sexo. Porque normalmente ele não tinha a chance de querer. Desejar. Sentir. Não, sempre foi uma necessidade direcionada e pulsante que o atravessava como os furacões que ele sempre parecia estar no meio.

Mas vendo Haley, seu corpo balançava ao ritmo cigano, a saia fluindo roçando as panturrilhas e amaldiçoadamente perto para ver através, o modo como o decote da linda blusa acentuava seus seios grandes...

Ansiava por ela, quando ele deveria estar correndo dela – para muito longe. E não poderia decidir qual dos sentimentos iria vencer. Ele a queria, mas a idéia, o sentimento de ser um homem normal era demais pra ele. Ele se mexeu, o volume em suas calças era cada vez mais evidente. Sua tatuagem começou a chamar a atenção para si mesmo, ardendo e queimando, e ele viu Haley pressionando sua mão contra a sua própria tatuagem.

O ar em volta estava diferente. Ele realmente não tinha mentido quando lhe disse mais cedo que a baía pantanosa era um lugar mágico. Ele sempre acreditou que era, agora mais do que nunca.

A mesma mágica o conectava com outra pessoa de um jeito que ele

começava a não entender. E ele estava estranhamente calmo a respeito disso.

O esforço físico de consertar o teto tinha liberado uma pouco da tensão que estava segurando desde a descoberta da tatuagem, mas o trabalho não era nada perto do que ele precisava para relaxar. Ele tinha tomado um drinque, e embora o efeito do álcool fosse forte, não era suficiente.

Ele se perguntou como eles poderiam saber sobre seus desenhos, seus sonhos, o que ele tinha desejado por tanto tempo que quase parecia que tinha acontecido em uma vida diferente.

O feitiço do amor verdadeiro que uma das namoradas do seu pai o ensinou chegou primeiro. A fantasia infantil de uma criança solitária brincando com algo que ele não entendia e que deseja tão intensamente uma garota que poderia entendê-lo. O desenho no seu sono tinha chegado em seguida – sempre o símbolo que era a tatuagem de Haley que ele incluiu no feitiço como uma forma de realmente dizer quando aquele verdadeiro amor chegasse, desenhado grosseiramente primeiro, aperfeiçoado em suas horas de vigília, quando ele passava o tempo a inventar personagens de quadrinhos. Super-heróis.

Mas ele não era de papel e caneta ou aquele menino de antes. Não, ele era um homem de carne e sangue, misturado com mágica. E ele não precisava de uma tatuagem para saber o que estava começando a sentir por Haley.

Quando uma batida lenta e constante começou a tocar e os casais começaram a se juntar uns aos outros, Haley fez um gesto para ele se aproximar.

Ele se afastou da árvore e dirigiu-se a ela, seu ritmo deliberado. Predatório.

Ele ficou parado diante dela por um segundo antes de pegá-la em seus braços, pressionando seu corpo contra o dela, seus quadris balançando juntos como se fosse um.

— A baía parece concordar com você, *chéri*.— Ele murmurou

— Eu não pensei que tivesse tanta diversão em uma baía.— ela falou. Ergueu seu pulso para mostrar-lhe a fita que tinha amarrado. Na ponta pendia uma faixa de casamento de ouro falso. — Eu peguei essa medalhinha da sorte no bolo.

Ele riu suavemente. — As mulheres sempre pensam que é uma medalha de sorte. Os homens não tem sempre a mesma reação.

Ela riu pra ele. — Seus amigos são legais.

— Eles não são meus amigos

— Eles parecem gostar de você.

Ele sorriu. — Eu acho que sim.

— Eu gosto de você também, T-Remy.— Ela disse. — Até mesmo quando você é um pé no saco, eu gosto de você.

Ele queria respondê-la, perguntar por mais, mas ele não podia. Em vez disso, ele pressionou sua excitação contra ela, enquanto as mãos dela acariciavam a parte de trás do seu pescoço, moveram-se entre seus cabelos e o puxaram para um longo e lento beijo.

— Vamos, Haley.— Ele disse quando se separaram, seu timbre de voz era baixo e pesado, ele sabia que não ia ser capaz de esperar muito mais tempo por ela;

— Eu tenho que devolver estas roupas.— Ela disse.

— Se alguém vai tirar suas roupas, vai ser eu.— Ele a segurou. — Nós podemos fazer isso aqui mesmo, se você quiser.

As narinas dele queimaram levemente, procurando pelo cheiro dela, e suas bochechas ruborizaram. Sem palavras, ela pegou a mão dele, agarrou suas botas e o seguiu até o cais. Ela deixou que ele a pegasse e a colocasse no barco, e quando ele empurrou, tudo que conseguia pensar era em achar um lugar escondido sob a sombra de um cipreste alto para deitá-la e possuí-la.

Ele não conseguia lembrar quando, se alguma vez, foi a última vez que tinha realmente tido prazer com sexo, quando ele tinha desmontado sobre o toque de uma pessoa.

Eh, ele teve prazer, mas sempre foi como se alguém estivesse no comando, e porra, ele estava cansado disso. Queria, precisava sentir, e Haley o fazia tremer em todos os lugares.

Normalmente, era só prazer, mantendo a mulher segura e mantendo sua sanidade. Com ela era diferente. Ele poderia explorar. Ela sabia e ainda estava ali. Querendo mais. Parte do seu cérebro, a parte treinada desde cedo para nunca confiar, imaginava o motivo dela, porque ele sabia que queria mais dela do que só prazer.

A parte que queria ceder disse pra ele continuar pensando com a cabeça debaixo. Porque ele planejava explorar cada parte dela com sua língua, sua boca...

Nada a perder, T-Remy. Nada a perder...

HALEY OLHOU SURPRESA quando ele conduziu o barco em uma enseada deserta. Por um minuto, ela realmente agarrou os lados do barco lutando ou em modo de vôo, até que ele tirou sua camisa. E então, ela sorriu, esfregou suas mãos sobre seus seios, seu rosto carregado com um olhar sonhador de tanto álcool e desejo reprimido.

— Eu não entendo isso.— Ele disse, com a voz mais áspera que o usual. — Eu deveria odiar você pelo jeito que me enganou, deveria dizer para você voltar para sua agência com um grande *foda-se* meu pra eles. Mas eu não posso.

— Então não faça.— Ela falou, fazendo parecer tão simples.

Desejo deveria ser simples. Sem complicações.

Ele se recusou a pensar sobre o fato que eles deveriam estar fodendo a mente dele, que Haley estava no plano para hipnotizá-lo para que ele se juntasse a agência dela. Ele não se permitiria pensar em nada a não ser sentir o corpo dela em seus braços.

Estava ameaçando escurecer, mas enquanto eles ainda tivessem luz, ele tinha planos. Ele desabotoou suas calças, se divertindo com o jeito que ela mordida o lábio inferior, enquanto as deixava cair.

Pela segunda vez no dia, ele relaxou no fundo do barco e se apoiou nos seus cotovelos.

— Venha aqui, *chéri*.— Ele disse. Ela colocou a mão dentro da sua saia e tirou sua calcinha rosa primeiro. Ela se abaixou sobre as mãos e os joelhos e tirou sua saia do caminho enquanto subia devagar sobre ele. Ela se posicionou sobre o corpo dele, sua mão circulando sobre sua ereção para guiá-lo para dentro dela.

Ela deixou a saia cair enquanto se pressionava contra ele, o direcionando tão profundamente dentro dela, ela solou um grito abafado que dispersou alguns magníficos pássaros de seus locais de ninho nas árvores próximas, os gritos deles misturavam com os dela enquanto eles escapavam sobre a água e ele escapava para dentro dela.

Ele se abaixou de seus cotovelos, colocando sua cabeça no convés e deixando suas mãos vagarem para cima debaixo da camisa dela, amando a suavidade de sua pele. Ela lançou sua cabeça para trás e balançou contra ele, e ele deixou dedos traçarem seus mamilos lentamente.

— Nunca tinha sido assim — ele murmurou. Tudo parecia diferente, como se ele estivesse embalado em algum tipo de transe. Seus mamilos enrugados, endurecidos enquanto ele os rolava em seus dedos.

— Tire isto, *baby* — ele persuadiu. Ela puxou a blusa sobre cabeça, desatou a saia e ambos estavam nus no meio do pântano em um barco que não via tanta ação desde que ele tinha estado no segundo grau, e aquilo empalidecia em comparação com isto.

E enquanto ela descia todo seu peso sobre ele, ele dava uma última olhada na tatuagem dela se movendo para encontrar a sua.

— Vá devagar, Haley.— Ele agarrou a cintura dela e a impediu de se mover tão freneticamente quanto ela queria. — Só por um minuto.

Ela não duraria nem um minuto. Seus músculos internos já tinham começado a se contrair em volta dele, e o fogo corria através das terminações nervosas dela a cada ponto de contato.

— Eu preciso me mexer.— Ela gemeu, mas ele fincou seus dedos nos quadris dela e a segurou.

— Eu preciso que isso dure.

As palavras dele tocaram no seu coração. Seus outros encontros não tinham sido muito mais que corridas quentes e brutais para terminar, e ela imaginou que toda a história sexual dele não fosse muito diferente.

Loucura suficiente. A vida sexual dela tinha sido exatamente o oposto. Ela nunca teve medo de experimentar, mas na maioria das vezes chocava seus parceiros com sua ansiedade para testar os limites eróticos. Como resultado, o sexo raramente terminava com nada mais que uma prazerosa diversão de trabalho.

Sexo com Remy era muito mais. Tudo com Remy era muito mais. De explodir a mente. Viciante. Pura adrenalina.

O desejo ondulado por suas veias quando ela o assistiu observando-a, sua expressão uma mistura arrojada de necessidade e querer. Abaixando sua boca para a sua, ela escovou a ponta de sua língua através das linhas de seus lábios, saboreando cerejas e raio branco.

— Beije-me, Remy,— ela murmurou. — Faça amor com a minha boca, se você não fará isto de qualquer outro modo.— Ela meneou seus quadris para dar ênfase, e ele a agarrou mais forte.

Seus olhos escureceram perigosamente, e então ele tomou sua boca com uma fome que ela não antecipou. O choque deu lugar ao prazer enquanto sua língua investia profundamente, acariciando contra a sua em um feroz e molhado emparelhamento. Uma de suas mãos subiu para enredar em seu cabelo, e ela choramingou quando ele puxou sua cabeça para trás, apenas distante o suficiente que sua respiração soprasse sobre seus lábios, mas eles não se tocaram.

— Remy

— Shh.— Ele a segurou, seu pescoço torceu de lado assim ela não podia mover, mas ela não estava com dor. Então, tão lentamente que pensou que morreria, ele sacudiu sua língua sobre seu lábios, provocando , forçando pequenos suspiros toda vez que ela abria sua boca para deixá-lo entrar.

Mas ele nunca entrou. Ele provocava sua boca com pequenos beijos, lambidas, e o ocasional chupão galanteador.

E o tempo todo, ele a segurou cativa, fazendo sua cabeça nadar com estimulação e seu sexo lançar um fluxo de líquido sedoso sobre o comprimento do seu membro. Precisou de toda grama de auto restrição para impedi-la de roçar seu monte contra ele.

— Por favor.— Ela sussurrou sem ter certeza do que estava pedindo.

— Isto era o que você queria, *baby*.— Ele tomou seu lábio inferior entre seus dentes e deixou sua língua roçar lentamente sobre a dela antes de soltá-la. — Você queria que eu fizesse amor com a sua boca. Imagine eu fazendo isto entre suas pernas.

Um soluço escapou e ela lutou para mover sua cabeça, seus quadris, mas seu agarre se apertou, deixando-a completamente imóvel e impotente.

— Abra para mim.

Ela estremeceu e obedeceu, gemeu quando a língua dele rodeou o seu lábios e então empurrou para dentro para provocar sua língua com longos golpes aveludados e então rápidas e firmes apunhaladas que a deixaram fraca.

— Isto é o que quero fazer com seu sexo, Haley.— Ele circulou seu lábios novamente, como fiz para a entrada de seu sexo ontem à noite, e desta vez ela gritou, tão desesperada por liberação que estava tremendo com isto.

Ainda assim, ele a atormentou, envolvendo-a, traçando seus lábios, chupando delicadamente em sua língua, o tempo todo a dominando embora ela estivesse em cima. Ela puxou contra a prisão de seu aperto, sem proveito. Era frustrante. Enlouquecedor.

Erótico como o inferno.

Finalmente, com uma roçada fútil de seus lábios contra os dela, ele se afastou, perfurando-a com seu olhar sombrio. — Monte-me — ele comandou. — Agora.

Soltando-a, ele arqueou com tal força que os joelhos dela saíram do convés. Fogo a consumiu enquanto ela se empurrou para cima para suportar suas palmas contra a parede muscular de seu tórax. Ela bombeou seus quadris, dirigindo pequenos e fortes golpes para cima e para baixo de seu membro. Oh, era bom, tão bom que quando o barco começou a oscilar, ela não se importou. Ela se rendeu a isto, deixando o ritmo realçar suas investidas.

Um baixo e ressoante som surgiu do peito dele, as vibrações subindo por todas as direções dos braços dela. Embaixo de suas palmas, sua batida do coração martelava. Dentro dela, seu membro inchava e pulsava enquanto o orgasmo dela pairava naquele lugar terrível entre tortura e êxtase.

Ela alcançou atrás, plantando suas mãos nas coxas dele e arqueou para trás, abrindo mais suas pernas. A posição a expôs para o ar da noite e o olhar de Remy, que ela sentia como uma marca quente.

— Me toque.

Seu dedo polegar deslizou entre seus corpos, e por um momento ele o segurou ali, onde eles estavam unidos, de forma que toda investida trazia a carícia de seu toque para ambos. Então, lentamente, ele bateu o dedão calejado sobre suas dobras lisas, parando logo antes de tocar onde ela mais precisava.

Ela silvou em frustração. — Maldito seja, Remy...

Algo como uma risada ofegante veio dele, e ela rosnou, alcançadas entre suas pernas e envolvendo suas bolas. Ele inspirou entre seus dentes, e foi sua vez de sorrir. Ela alisou suas unhas suavemente sobre o saco fortemente envolvido e então apertado firmemente contra o suave e delicado trecho de pele atrás deles.

— Ah, merda — ele soltou, e a brisa agitou as árvores, envolvendo-os uma fração de segundos antes dele atingi-la com violentas e mecânicas investidas.

Seu dedo polegar deslizou para em cima, empurrou o clitóris dela tão habilmente que ela submergiu sobre o limite da liberação e o levou com ela. Ele gozou em jatos quentes que pareciam continuar para sempre e espirravam

contra a entrada de seu útero em estouros de sensação, soluçando gritos torcidos bem do fundo.

— Remy, oh, Remy...— Ela caiu adiante, desmoronando em seu peito levantando.

Ele estremeceu embaixo dela, e quando subiu sua mão sobre as costas dela, ela podia ter jurado que tremeu. Seus dedos se espalharam sobre a curva de sua espinha como ambos tentavam recuperar o fôlego.

Quando ela podia respirar sem bufar, escuridão tinha engolfado completamente a baía, mas a lua deixava bastante luz de prata. Haley se sentou com Remy ainda dentro dela. Ele estremeceu, e ela percebeu que empurrou contra suas costelas doloridas.

— Eu sinto muito — ela sussurrou, e se curvou para beijar a contusão escura.

Ele inspirou ar entre seus dentes. — Tudo bem.

— Como aconteceu?—

Um dedo traçava indolentemente ao longo de sua panturrilha enquanto ele dobrava seu outro braço atrás de sua cabeça.

— Alguns idiotas saltaram sobre mim no estacionamento de meu apartamento.

— Eles roubaram você?

— Nah. Eu não acho que estavam atrás de dinheiro.— Sua expressão ficou mais perturbada. — Não percebi isto até agora.

Alarmes de advertência ressoaram na cabeça dela. — O que o faz dizer isto?

— Eles estavam muito organizados.

Ele agitou sua cabeça como se tentando esquecer, mas ela não podia fazer o mesmo. Se seus atacantes eram mais que assaltantes insignificantes, eles podiam pertencer a Itor. O que significava que eles se moveram mais rápido que qualquer um da ACRO previu. E eles podiam muito bem saber onde o Remy estava agora mesmo.

Ela precisava contatar Dev. Imediatamente.

— Nós devíamos provavelmente ir. Eu preciso fazer meu equipamento funcionar.— Ela saiu dele, ignorando o vazio enquanto ele escapava de seu corpo, e agarrava sua roupa íntima.

— Espere.— Ele agarrou seu pulso. — O que é agora?

— O que você quer dizer?— Mas ela sabia. E seu coração se apertou, porque ela não tinha idéia alguma do que dizer.

— Onde nós ficamos, Haley? E onde sua agência entra? Porque eu ainda tenho muitas perguntas.

Perguntas da agência ela podia responder, ainda que a resposta fosse nada além de — eu não posso dizer agora mesmo.— Mas as perguntas pessoais... aquelas eram mais complicadas.

— Você está disposto a escutar o que eu tenho a dizer sem ficar louco?

— Eu não posso prometer isto.

Ela movimentou a cabeça, esperando tanto. — Vamos conversar quando nós voltarmos para a casa, então.

Tão graciosamente quanto ela podia no barco oscilante, ela vestiu suas roupas, e ele fez o mesmo. Então, enquanto ela encolhia os ombros na blusa agradável, ele ficou mortalmente quieto.

— Você ouve isto?

Sua taxa de pulsação triplicou. — Ouvir o que? Eu não ouço nada.— Se ele dissesse jacarés, ela morreria.

— Exatamente.— Seu olhar afiado passou pela área, seu perfil duro na luz da lua. — Está muito quieto. Alguma coisa está errada.

Oh, Deus. Ela podia permanecer no caminho de um tornado, podia ser esbofeteada por chuvas de granizo, mas estar no meio de um pântano escuro a assustava demais. — O que nós fazemos?

— Nós precisamos voltar para a casa.— Ele agarrou o remo, e começou a movê-los silenciosamente pela água, seus bíceps dobrando de um modo que lhe daria água na boca se não tivesse ficado toda seca e arenosa com os nervos.

— O que— ela engoliu em seco — -o que pode ser isso?

— Eu não sei. Caçadores, talvez.— Mas sua expressão falava de alguma coisa pior. O vento que assobiava entre as árvores confirmava isso.

— Ou?

Ele fechou os olhos, a concentração selvagem na sua expressão era tão severa que contraiu seu rosto, e então o vento morreu. Quando ele abriu seus olhos de novo, eles brilhavam com a violência de um raio.

— Tudo que eu sei é que tenho estado em um monte de situações de merda para ignorar meu instinto.

Ela não tinha estado em um monte de situações, mas tinha um instinto.

E seu instinto lhe dizia que eles, de fato, estavam encarando caçadores.

Apenas que as presas que estes caçadores estavam atrás eram humanas.

Capítulo 17

— Annika! Maldição, abra a porta!

Depois de sabe-se-Deus-quanto-tempo de implorar, discursar e, finalmente, gritar, o tom de voz de Creed mudou. Annika se afastou da porta e bateu as partes de trás de seus joelhos contra a cama. Seu mundo girou fora de seu eixo, e pela primeira vez em sua vida, ela não confiava nela mesma. Não com ele. Se ele ao menos olhasse para ela

A porta se partiu. A moldura estilhaçada. Fragmentos de madeira voaram através do quarto, e por um segundo ela pensou que o fantasma não-tão-amigável da casa estivesse irritado novamente.

Mas Casper¹¹ era a menor de suas preocupações.

Creed encheu a entrada, punhos cerrados, olhar possessivo e mais quente que o inferno, o que ela amaldiçoou. Incapaz de se mover, ela ficou parada enquanto ele caminhava. Cada passo pesado vibrava o assoalho e enviaram pequenas ondas de choque subindo por suas pernas para o lugar entre elas que doía.

¹¹ (Casper – Gasparzinho, o fantasminha camarada.)

Quando ele parou na frente dela, ela viu só a parede larga de seu tórax enquanto subia e descia com respirações profundas, freqüentes. Sua própria respiração vinha em dolorosos ataques e arranques, e ela se tornou intensamente ciente do endurecer de seus mamilos contra as extremidades de seu sutiã, que ela não se importou em consertar depois que ele soltou o gancho mais cedo.

Creed enganchou um dedo em baixo de seu queixo, e ela estremeceu enquanto ele erguia seu rosto até que seus olhares se prenderam. O desejo cru rodando em seus olhos envolvidos nos delas, e tão rápido, estava terminado. Ela tinha perdido a batalha.

Triunfo masculino iluminou sua expressão. Ele não se importou em esconder isto quando deu um passo atrás e esperou enquanto ela erguia sua camiseta acima da cabeça. Antes que ela pudesse soltá-la no chão, ele estava nela e ela estava na cama, a boca dele esmagada na sua. Um formigamento elétrico se espalhou por sua pele, uma lembrança de que ela não devia fazer isto. Entretanto seu sutiã tinha partido, e seus sapatos e calça jeans a seguiu, os dedos de Creed estavam acariciando suas coxas internas e nada importava além de seu toque.

As carícias aveludadas de sua língua contra a dela a deixava louca, e o deslizamento do piercing ali a fez se perguntar como sua língua se pareceria em outros lugares.

— Você não vai fugir desta vez — ele disse suavemente, tão certo, tão arrogante, mas a briga não dependia mais nela.

— Não.— Apesar de suas ações ao longo das últimas horas, fugir não estava em sua natureza, e estava na hora de enfrentar alguns de seus demônios.

Ela o ajudou a despir de sua camisa, mas então ele pressionou suas costas sobre a cama e roçou seus lábios através de sua clavícula enquanto ele se livrava de suas botas e calças. A visão de seu corpo nu trouxe um ímpeto de fome, uma necessidade animal por contato pele-com-pele. Se ela tivesse a noite toda, ela lamperia cada uma das tatuagens que marcavam o lado direito de seu corpo, mas ela tinha alguns minutos no máximo.

Quanto mais carregada ela ficasse, em mais perigo Creed poderia estar.

Agora mesmo, entretanto, o perigo era para ela, porque ele tomou seu seio em sua boca, e antes dela poder recuperar sua respiração, ele envolveu seu sexo, pressionando interiormente o restante de sua palma até a pressão a fazer gemer.

— É isto — ele murmurou contra sua pele. — Eu quero ouvir você.

Ela não queria que ele a ouvisse, saber o quão fraca ela era, como não podia controlar seu próprio corpo quando ele estava no mesmo quarto, quanto mais fazendo coisas eróticas nela. Tudo que ela tinha que fazer era dizer a ele para parar...

Sem chance. Não quando a língua dele roçou sobre seu mamilo, enviando sensações de chama quente lambendo profundamente em lugares que sua língua ainda não tinha estado.

Ela gemeu, envolveu suas mãos em seu cabelo sedoso e o segurou ali. Ela podia sentir a poça de umidade entre suas dobras, e ela se contorceu, tentando encontrar alívio em seu toque.

— Então é exigente.— Sua voz era profunda, áspero, afiada com intento perverso.

Ele tirou a roupa íntima dela num instante. Isto podia terminar em desastre, mas agora mesmo ela não se importava. Ela queria que sua boca se arrastando para baixo de sua barriga onde sua língua rodava em seu umbigo enquanto seus dedos acariciavam seu sexo inchado.

Seu olhar faminto se ergueu e segurou o dela como se pedisse permissão, e ela respondeu espalhando mais suas pernas. Coração batendo, ela observou enquanto ele se ajoelhou entre elas e abaixou sua cabeça.

Pânico se alastrou no primeiro sopro de ar quente contra seu sexo. Ninguém tinha feito isto para ela, e ela se contorcia tanto com a impaciência e ousadia.

— Fácil — ele sussurrou, e segurou suas coxas com pressão gentil enquanto usava seus dedos polegares para estender sua carne lisa. — Eu queria fazer isto há tanto tempo...

Ela estremeceu ante suas palavras mesmo quando sua pele queimava.

A primeira tentativa de varrer com a língua dele por seu vale a levou para fora da cama com um grito. Um baixo, som de zumbido brotava do fundo do peito dele, e ele dirigiu sua língua dentro dela, a comendo zelosamente. Sensação se lançava por ela, picadas elétricas que começavam no lugar onde a bola do piercing de Creed sacudia sobre seu clitóris e terminavam nas pontas de seus dedos.

— Creed— ela ofegou, e sua língua se moveu mais rápido, dançando em seu mel quente e então empurrando dentro dela.

Demais, era demais. Sua pele ficou tensa até que ela pensou que racharia, e seu útero começou a apertar, e oh, Deus, raio crepitava por suas veias.

— Pare!— Ela o afastou, se arrastou de volta na cama, seu corpo inteiro tremendo e seu sexo palpitando com a necessidade do clímax. — Eu eletrocutarei você. Eu não posso controlar. Não quando eu gozar.— Ela estava balbuciando, mas seu corpo e sua mente eram uma mistura de sensações que ela não podia conter, que obviamente afetavam sua boca também. — Você parece ser imune, mas...

Creed rastejou sobre seu corpo, seus olhos quase pretos com luxúria, e agarrou seu quadril como se assegurando que ela não correria. — Você tem tentado me eletrocutar?

Engolindo secamente, ela encarou seu sexo duro, a inchada e vermelha cabeça, as veias ela queria traçar com seus lábios. Ela sabia o gosto dele, salgado e metálico, e sua boca se encheu de água, aliviando a seca.

— Annika?

— Certo. Sim. Eu tentei lhe acender algumas vezes. Você me irritou muito.

— Bem, se eu sou imune... Ele sorriu, um sorriso sinistro, pecador, e deslizou sua mão entre suas pernas antes que ela pudesse protestar. — Vamos ver o que acontece.

— Mas...— Mas a última vez que um homem a tocou intimamente, com nada além de seus dedos, ela quase o matou.

— Shh. Eu tentarei a sorte.— Ele empurrou um dedo dentro dela e cobriu sua boca com dele, e ela já estava tão preparada, tão pronta, que quando seu dedo polegar circulou seu clitóris, ela explodiu.

Seu corpo sacudiu para fora da cama como se cada célula parecesse vaporizar, inflamado por calor, eletricidade e o toque talentoso de Creed. Ela ouviu um grito, e em algum lugar atrás de sua mente nebulosas ela registrou um gemido de Creed, o modo que ele se contraía, e, oh, Deus, ela esperava que não tivesse o eletrocutado.

Ela tremeu, incapaz de funcionar em qualquer nível até que seu corpo parasse de se contorcer e sua pele parasse de chiar, e então Creed estava em cima dela, observando atentamente com seus olhos em admiração.

— Santa merda — ele ofegou. — Isso foi tão fodidamente quente.— Sua mão acariciou o comprimento de seu lado, parando de vez em quando para envolver seu seio. — Foi como se meus piercings estivessem conectados. Como condutores elétricos. Porra, Annika, eu senti seu orgasmo.

— Eu estou só contente que eu não fritei você.

Mas maldição, ela se sentia livre como nunca antes. Seu medo tinha partido, junto com o medo dele. Ela odiava sentir medo, odiava se preocupar com Creed quando ela nunca se preocupou com ninguém em sua vida.

Melhor de tudo, ela podia fazer sexo.

Como se um peso tivesse sido erguido, ela envolveu seus braços ao redor dos ombros dele e arqueou seus quadris para sua ereção dura como pedra.

— Agora. Eu quero tudo.— Ela nunca tinha sido de prolongar seus desejos. Satisfação imediata era mais seu estilo.

— Sim, senhora — ele disse, e empurrou suas coxas separadamente com uma das suas. — Maldição. Espere. Preservativo.

— Eu tomo pílula — estupidamente, seus nervos faziam sua boca se mover sem o benefício do pensamento. Claro que ele sabia que ela tomava pílula. Como muitas agências, ACRO exigia que todas as operativos de campo tomassem contraceptivo. — E eu não quero sentir você por um preservativo. Não pela minha primeira vez.

— *Nossa primeira vez.*

— Bem, sim. Mas é minha primeira vez de todas.

Ele piscou. — Você podia dizer isto novamente?

— Primeira vez. Você é surdo? Eu sou uma virgem.— E Jesus, ele um dia seguiria em frente? Ele apenas continuava a encarando. Era o suficiente para tornar uma garota paranóica.

— Mas... Dev?

Ela rolou seus olhos. — Eu não estou dormindo com ele. Eu deixo os garotos pensarem que estou assim eles me deixão em paz. Eu nunca fiz sexo porque, sabe, cinquenta mil volts na ferramenta do cara... quero dizer, eu masturbava os garotos, mas -

— Sim, eu não podia saber disto.— Ele se moveu sobre ela, engolindo audivelmente, seu olhar a assimilando como se ela lhe tivesse dado algum tipo de grande presente. Uma Ferrari ou ingressos de basquete profissional ao lado da quadra em vez de uma cereja estúpida.

Um fragmento de irritação a lanceou.

— Você vai apenas me olhar a noite toda?

Seus olhos se levantaram para os dele nitidamente. — Inferno, não.— Ele se estirou sobre ela e sugou o lóbulo de sua orelha entre seus lábios. — Deus, Annika — ele murmurou — ser o único homem que teve você...— Ele estremeceu, e ela enganchou suas panturrilhas ao redor de suas pernas para trazê-lo para onde ela precisava dele.

— Então me tenha.— Ela alcançou entre eles e pegou seu membro, apertou, fascinada pelo modo que o lado tatuado queimava mais quente que o outro.

Erguendo seu joelho, ela deu espaço para os quadris esbeltos dele entre suas coxas, e o guiou para sua entrada. Ele hesitou, olhando para ela ferozmente, possessivamente, e a respiração dela se prendeu.

— Eu não sei o que fazer — ela admitiu, esperando que ele não pensasse que era completamente inapta. Ela tinha experiência no lado de ceder—ela garantiu isto—mas receber assim era uma coisa nova, e ela menosprezava ser uma amadora em qualquer coisa.

— Eu ensinarei você.

Ele empurrou, penetrando-a suavemente, milímetro por milímetro, então puxando de volta e começando de novo. Ela teria reclamado sobre o tempo que ele levou, mas seu comprimento espesso a esticava deliciosamente,

deslizando sobre terminações nervosas que ardiam e estalavam, desacostumadas com a lenta e erótica massagem.

O gemido de Creed ressoou em seu peito, fazendo cócegas no dela. — Você é tão apertada. Tão molhada. Envolver suas pernas ao meu redor.

Ela fez, e desejo se juntou e pulsou. Ela esperou tanto por isto, e não estava no clima do lento, fácil e tolo. Ela queria rude, selvagem e uma grande e gorda desconexão emocional.

— Me foda, Creed. Eu não quebrarei.

— Eu não quero machucar você.

— Jesus!— Ela balançou contra ele, envolvendo-o completamente dentro dela. Uma afiada punhalada de dor a fez sugar ar, e ele ficou completamente imóvel enquanto ela retomava seu fôlego.

Ele a observou com uma convencida expressão eu-te-disse, e então ele se pressionou contra ela e ela engoliu um grito na primorosa sensação de plenitude.

— Eu quero que isto seja bom para você.— Ele puxou quase todo o caminho para fora e então seguiu fundo. — Tão bom que você nunca se esqueça.

Prazer se rompeu por ela, fazendo-a apertá-lo firme entre suas coxas e o agarrá-lo forte em suas mãos. De nenhum modo no inferno ela esqueceria.

Os músculos duros dele se agitaram sob suas palmas. Ela os arrastou para baixo, agarrando seu traseiro firme, o sentiu apertar enquanto ele bombeava nela. Algo chiava do lado de dentro, serpenteando firmemente por todo seu útero nos inícios de uma liberação que ela sabia que faria todas as outras pálidas.

— Sim... Creed, oh, Creed...

Ofegando, ele abriu sua boca contra sua garganta, puxado-a firme contra ele. — Goze, baby. Goze para mim.

Sua voz a lançou acima do limite, em um poço de prazer ardente. Faíscas picavam sua pele, perfurava sua carne, dissolviam seus órgãos. Lampejos ofuscantes de explosão leve atrás de suas pálpebras, queimando a imagem erótica da expressão de Creed de êxtase em seu cérebro.

Ele grunhiu, enchendo-a com um borrifo quente de sêmen enquanto seus espasmos apertavam seu duro sexo, ele parecia estar preso dentro dela, ligados por calor quente e paixão lisa.

Muito fraca para se mover, ela se deitou embaixo dele. A respiração dele saindo sobre seu ombro. Os dedos de uma mão acariciaram sua bochecha. A outra mão agarrou seu traseiro, segurando-a forte contra ele.

Ele era pesado, mas ele era um pesado com, o tipo que provavelmente faziam mulheres se sentirem todas seguras e a salvo, duas coisas para que

Annika não precisava de homem algum. Quando ela sofria o momento ocasional de insegurança, ela tinha Dev.

— Você está me esmagando.

— Desculpe.— O Creed rolou para fora dela e a puxou sobre si assim ele permaneceu dentro dela, seu membro ainda pulsando. Cada pulsação fazia seu sexo ter espasmos de prazer.

— É sempre assim?— Ela perguntou, sentindo-se um pouco estúpida e ingênua.

Seu olhar sustentou o dela com tanta intensidade, tanto enfoque que ela ficou completamente imóvel. — Nunca tinha sido tão bom.

Oh, Deus. Ela não tinha idéia alguma de como responder, mas quando ele se debruçou e roçou seus lábios sobre os dela no beijo mais suave, mais gentil que ela já experimentou, ela respondeu se afastando.

Coração batendo ridiculamente, ela rolou para fora da cama e agarrou sua calcinha de onde eles a penduraram no suporte da cama.

— O que você está fazendo?

Ela não olhou para ele enquanto se vestia. Ele era sensual demais, magnífico demais, e ela não precisava da distração. — Eu quero estar pronta no caso de sua sombra super protetora voltar irritada e querer um pedaço de mim.

— Annika — ele disse, se apoiando em um cotovelo e observando-a, — não há necessidade de sair correndo. A casa parece ter se acalmado por agora. Eu acho que a entidade que vive aqui sabe que não pode ter você. O fato que tentou jogar um lustre em você foi uma grande pista.

— O que você quer dizer com que ela sabe que não pode me ter?

— Eu não deixarei acontecer.— Sua voz era uma baixa, ressonante pronuncia, e de repente ela percebeu que Creed era mais que só mais outro nerd psíquico. Ele era um guerreiro, e muito mais letal que ela pensava. — Só existe espaço para uma possessão aqui.

Whoa. Okay, aparentemente ela não tinha terminado em estar em território de virgem, porque ter uma conversa como esta foi a primeira. — Eu realmente tenho que ir.

— Nós devíamos conversar.

Evitando seu olhar, ela arrastou sua calça jeans sobre seus quadris. — Olhe, eu não preciso de um pouco de abraço mulherzinha pôs-transa. Obrigado por estalar minha cereja, mas eu estou bem, ok? E não era como eu estivesse me guardando para alguém especial, então você não tem que se preocupar comigo me apegando como uma irritante de olhos arregalados.

Ela colocou sua camisa e não se incomodou com seus sapatos porque tinha que sair dali. O quarto estava se fechando e não tinha nada a ver com os malditos fantasmas...

— Eu vou arranjar alguma comida.

O som dos pés de Creed batendo no chão a perseguiram do lado de fora. Não que ela estivesse correndo. Ela apenas estava faminta.

E ela desejou que Dev ligasse com sua próxima tarefa, uma que a deixasse chutar alguns traseiros, porque ela estava pronta para matar algo. Pena que a maior parte das pessoas nesta casa já estava morta.

Creed não podia mentir para si mesmo—seu orgulho se inchou no pensamento de ser o primeiro de Annika, e um desejo súbito e feroz de chamá-la de *sua* rompeu por seu coração.

Nenhuma maravilha ela estar correndo.

Antes dele poder se desenredar dos lençóis para segui-la—novamente—o frio familiar começou na base da espinha de Creed, fazendo seu caminho lentamente para sua nuca e movendo finalmente para seu escalpo, que parecia puxado apertado contra a força das maquinações de Kat.

— Bem-vinda de volta, baby. Obrigado por toda a ajuda — ele murmurou. A resposta de Kat foi uma brisa leve e um aperto em seu bíceps direito, o que significava que ela iria verificar o espírito por si mesma. Annika deixou a porta aberta, e Kat a fechou suavemente na sua saída.

O zumbido distante de seu telefone o distraiu—colocado para vibrar, o som era abafado, a celular enterrado no chão entre a pilha de suas roupas

descartadas. Amaldiçoando, ele examinou suas calças e camisa até que ele descobriu o telefone e verificou a identidade de quem ligava.

Dev.

Bem, pelo menos os telefones estavam funcionando.

— Sim, Dev — ele respondeu, enquanto lutava para puxar suas calças para cima e a porta se abriu. Kat estava de volta, um pouco rápido demais.

— O que aconteceu?— A voz do Dev crepitou em interferência, provavelmente causada pela casa.

Tantas maneiras para responder esta pergunta e nenhuma delas apropriada o suficiente para serem apreciadas pelo homem que era em última instância seu chefe.

— Seja quem vive aqui não está tão feliz, Dev. Quer sair.— Isso era, pelo menos, a verdade. Mas Kat sabia melhor e ele estremeceu visivelmente quando ela fez contato direto com ele novamente.

— O espírito está solto?— Dev perguntou.

— Não completamente. É isso que você quer?

Dev ignorou sua pergunta. — Como está Annika?

— Ela está bem,— Creed disse.

— Você sabe que ela vai levar um tempo para voltar as boas com você, mas uma vez que ela fizer será ferozmente leal. Protetora.

— Dev...

— Escute-me, não seja muito duro com nela. Ela aparece como toda durona, mas na verdade...

Ela é minha. — Ela é um docinho?

Dev bufou. — Eu não iria tão longe.

Não, você não iria. Mas eu fui.

Kat o socou nas costelas por este pensamento.

— Você será capaz de conseguir mais de uma leitura?— Dev perguntou.

— Kat está de volta— ela deve ser capaz de ajudar — ele disse. — Mas coisas estão ficando perigosas. Esta coisa nos prendeu na casa, cortou a comunicação.

— Você quer se retirar?

Não, ele não queria se retirar de forma alguma. — Porra!— ele gritou quando Kate o beliscou.

— Creed?

— Merda. Sim. Desculpe, isso não foi dirigido para você.— Ele suspirou, passou uma mão por seu cabelo e bateu sua língua perfurada ligeiramente contra seus dentes dianteiros antes de falar novamente. — Eu acho que nós ficaremos bem. Eu saberei mais em aproximadamente uma hora.

— Cuide de Annika — Dev disse.

— Farei, Devlin.— Ele desligou o telefone e o enfiou em seu bolso. — Não comece comigo, Kat. Eu preciso de sua ajuda — ele disse enquanto passava sua camisa sobre sua cabeça, agarrou suas botas e saiu descalço para achar Annika, ainda murmurando.

— Com quem você estava conversando?— Annika estava de pé na cozinha, bebendo uma Coca-Cola Diet e comendo de um saco de batatas chips.

— Kat está de volta.

— Estava na hora. Talvez agora nós possamos trabalhar — ela disse.

Ela iria tentar fingir que eles não acabaram de ter sexo de estourar a cabeça, que sua primeira vez não foi maravilhosamente fora dos gráficos. E Creed não iria deixar isso acontecer.

Nem Kat, porque o saco de chips foi arrancado das mãos de Annika e lançado através do cômodo;

— Hey!

— Kat, corta essa,— ele disse.

Annika cruzou seus braços sobre o peito e olhou para ele, e ele teria provavelmente, naquele momento, a alcançado para agarrá-la e a beijá-la, mas aquele frio familiar agarrou seus ombros, dizendo a ele que Kat estava para fazer contato com seja que diabos comandava esta casa.

Sua vida pessoal teria que esperar. — Vamos — ele disse. — Esta coisa está pronta para conversar novamente. E finalmente concordou em deixar você sozinha.

Capítulo 18

Minutos mais cedo, Haley estava conduzindo. Agora Remy se perguntou se ela o estava levando numa volta esses últimos dias. Mas a forma como os seus lábios pressionaram juntos e seus punhos se apertavam disse a ele que ela estava tão preocupada com as invisíveis visitas como ele.

— São seus?— perguntou, a sua voz tão suave que nem sequer foi um sussurro.— Sua agência?

Ela abanou a cabeça e puxou uma Glock da mala que tinha trazido mais cedo. Ele arrancou sua própria arma do outro lado do barco - uma Sig Sauer - e por um segundo eles apenas se olharam.

Esta era sua equipe agora. E pelo menos ele soube que ela sabia como disparar. Dispare primeiro, pergunte depois - e ele tinha um monte de perguntas para Haley.

Permaneça em baixo, ele sussurrou, e ela agarrou sua mala e o seguiu para fora do barco no pântano que limitava a traseira da casa, ainda escondido pela imensidão das árvores cipreste.

No primeiro relance, não havia nada fora de ordem - nada óbvio. Sem pegadas. Sem sinal de entrada forçada. Nada que mostraria que outros tinham estado aqui, ou que tinham entrado.

Mas isso não era necessariamente verdade. Porque qualquer sinal dos dois jacarés que viviam ao longo deste pátio traseiro se foram, e ele cheirou o arrebatador cheiro de sangue fresco.

Haley tentou passar indo em direção da casa, mas ele colocou um braço para impedi-la, e abanou sua cabeça.

Meu equipamento, ela sussurrou.

Ele abanou sua cabeça de novo, mais que preparado para transportá-la fora daqui se ela não comesse a cooperar. Mas ele apanhou um flash repentino vindo do lado oeste da propriedade pelo canto do olho e se percebeu que estavam sendo observados.

Sem aviso, ele se virou e disparou.

De repente ele se encontrou contra uma árvore, seus pés oscilando, lutando por uma respiração como se mãos invisíveis se envolvessem em torno da sua garganta. Ouviu tiros.

Haley atirando. A sua direita, ele viu um homem, o seu braço esticado e um olhar de intensa concentração em sua cara. Ele não conseguia avisar Haley, não com a sua garganta sendo apertada, e ele não conseguia levantar a sua arma, não com o seu braço fixado de algum modo a seu pé. Isto era louco. Impossível. E não ia acontecer.

Ele não precisava se concentrar, não com a fúria que se atravessou dentro dele. Uma queimação varreu sua pele enquanto ele olhou o homem, e então uma ventania rugiu, atirando esse filho da mãe fora de seus pés, e então Remy estava no chão, sugando goles de ar.

Ele agarrou Haley pelo braço e a transportou até as árvores ciprestes pelo pântano, que fornecia cobertura.

— Nós iremos a pé — , ele disse. — Não serei capaz de despistá-los depressa o suficiente com o barco.

Ela acenou, agarrando a sua mala. Ele fez o mesmo e então eles correram. Ela recolheu a saia acima tanto quanto poderia, e as suas pernas logo iriam estar cortadas pelas amoras em que foram forçados a passar, mas ele estava impressionado pela forma como ela se moveu.

Ele tinha que os levar ainda mais no interior do bayou- no escuro, não iria ser um bom lugar para estar, mas ele tinha experiência o suficiente para manter ambos a salvo dos elementos

— Aqui.— Agarrou-a, puxando-a de encontro ao tronco de um cipreste, com os ramos envolvendo-os e lhes dando cobertura suficiente. Ele não estava ofegando, e a respiração de Haley estava apenas um pouco acelerada, o que significa que ela estava em boa forma.

— Não podemos nos esconder por muito tempo — ela disse.

— Alguma coisa está vindo— ele disse, e ela o olhou afiadamente.—
Tempestade - não é minha. E vai ser má .

A tatuagem começou a coçar, e conforme ele trouxe a sua mão para
tocar o quadril, ele
observou Haley fazendo o mesmo. O espelho da sua imagem.

— Você acha que consegue apressar a tempestade? Fazê-la mais
severa?— ela perguntou, e ele a olhou para ter a certeza que ela compreendeu
o que realmente estava perguntando.— Você me quer ajudar com a
tempestade?

— Sim. Eu apenas não tenho certeza que o que está vindo vai ser o
suficiente para travar este particular grupo de pessoas— ela disse.

— Você quer elaborar mais em “este particular tipo de pessoas”?

— Eu irei, mas mais tarde. Vamos nos concentrar no tempo por
agora,— ela sussurrou, sua morna respiração atormentando sua orelha. Seu
sexo se agitou, seu corpo inteiro ficou em alerta de diferentes maneiras. —
Você pensa que pode fazê-lo?

Se ele não conseguisse eles não teriam nenhuma hipótese, porque o
que quer que essas pessoas quisessem deles, não iriam parar.— Eu tenho que
permanecer quieto, concentrado,— ele disse.

— Posso ajudar?

— Você já o fez— ele disse, seus olhos se atrasando em seus seios, e ela sorriu. Era difícil o bastante tentar controlar o tempo e o seu sexo ao mesmo tempo, mas Haley o estava encorajando a controlar o tempo, e a situação o estava exigindo. Mas fazer isso vinha com um preço e ela parecia não se importar de o pagar. Ela estava excitada pelo pequeno show. E ela ficando molhada o estava fazendo querer tomá-la, mesmo aqui. De novo. Isso teria que acontecer mais tarde.

Desviou o olhar, prestando atenção ao céu e as sombras das árvores libertando cada pedaço da energia adicional, que ele normalmente enterrava tão profundamente para que não resultasse em algum tipo de tempestade. Mas de momento ele tinha a cooperação total da mãe natureza, e ela iria ter a sua também.

Ele pensou sobre a maneira que a sua vida tinha sido virada do avesso, mais ainda nas passadas 24 horas do que ele acreditou ser possível, pensou sobre a forma que seu pai o vendeu por dinheiro e pensou sobre aqueles vasculhando a sua casa. O trovão arrebentou, alto o suficiente para fazer Haley saltar com o seu surgimento. E então a névoa começou a penetrar dentro, mais densa do que ele alguma vez tinha visto, e se Haley não o tivesse segurando, ele não teria a certeza se ela continuava lá.

Ele deu alguns passos para trás, até que eles tivessem visíveis. Podia ver a névoa como se fosse uma parede a sua frente, os libertando de sua armadilha.

— Isso deve funcionar por agora. Vamos— ele disse, apertando o seu pulso e liderando-a longe da chuva e névoa que os escondiam... e

esperançosamente atrasando os seus inimigos. Pelo menos agora os filhos da mãe teriam problemas em rastreá-los se viessem de barco ou pelo ar.

Do que Haley lhe tinha dito sobre a sua agência, ele não tinha certeza do que estas pessoas eram capazes. Mas então, ele não tinha certeza do que ele era capaz - mas ele iria descobrir brevemente.

— Onde nos estamos indo?

— Um lugar que eu não tenho ido por anos,— disse. Ele não estava seguro se ainda estaria lá, escondido no musgo acima do pântano a 2 metros de altura, ou se seria mesmo viável, mas era melhor que nada. Embora eles não fossem apanhar a pior parte da tempestade - a parte que ele criou - a mãe natureza ainda lhes enviaria um dilúvio.

Outra milha na chuva e terminaram nas estruturas que mantiveram o abrigo de ser inundado.

Ele passou muito tempo aqui quando era criança - seu próprio lugar privado, onde ele podia pensar e sonhar e desenhar suas tiras, onde ele era o super herói invencível. E agora, enquanto avançava para pressionar as pranchas com sua palma para verificar a sua estabilidade, reparou nas iniciais que ele mesmo desenhara 15 anos atrás.

Ele mesmo as fez na primeira vez que encontrou o lugar - depois de um mau dia na escola quando foi apontado mais que o usual, acusado de criar feitiços com o tempo quebrando as janelas dianteiras da loja Jean Marie's Daddy'. Ele permaneceu aqui por dois dias, até que T-Remy o veio buscar.

Seu velho tinha trazido comida e lhe contou o que aconteceu. Seu pai lhe tinha dito que correr dos problemas os fazia geralmente piores e o tinha urgido a voltar de novo para casa.

Fez perfeitamente sentido que o seu refugio do passado lhe iria prover abrigo agora, embora Remy soubesse bem o bastante por experiência que o problema que o seguia não se iria manter afastado por muito.

— Isto deve agüentar sem problema — ele disse. — Vamos entrar e sair desta chuva.— Içou-a para cima, a segurando bem rápido porque ela estava ensopada e ele mal podia ver através da chuva, e finalmente ela se arrastou para dentro. Então estendeu uma mão para o ajudar a subir. Ele sorriu, abanou sua cabeça e lançou o seu corpo para a estrutura velha.

Rangeu, mas agüentou. Haley já se tinha movido a um canto assim poderia olhar as duas pequenas janelas que davam para o exterior - uma virada para o norte e outra para leste. Sua arma. O cobrindo.

— Estamos seguros por agora — ele disse — A menos que você pense que eles nos possam alcançar através da tempestade.

— Eu penso que é forte o suficiente para prendê-los por um tempo. Além disso, eles não conhecem os pântanos como você. Eu tenho um pressentimento que não estão nos mapas.

— Sim é. Mas essa gente deve ter outras formas de nos acharem.

Ela acenou. — Eu espero que eles não tenham trackers.

— Este pântano não deixa trilhas,— ele disse.

— Não, não como isso. Trackers são pessoas que podem ver pegadas psíquicas. Eles vêem auras em vez de trilhas reais. Não funciona na água, por isso devemos ficar bem.

— Com que tipo de pessoas você lida?— ele perguntou, e o olhar de preocupação na sua cara deve ter sido óbvio, porque ela o alcançou, tocando a sua bochecha.

— Não se preocupe comigo, Remy. Eu posso tomar conta de mim mesma. E você.— As suas roupas se colavam no seu corpo, e Deus, era obsceno para ele se excitar agora, mas a linha entre a luxúria e o perigo era impossível de ignorar.

— Eu preciso saber mais sobre este inimigo que estamos enfrentando— ele disse.

— E eu preciso me certificar que você continua com a tempestade — ela murmurou, seus dedos já trabalhando nos botões da sua camisa. Puxou-a aberta, e correu as mãos ao longo do plano dos seu abdômen. Suas narinas se alargaram e a sua respiração ficou presa na garganta enquanto ele se concentrou nela e na tempestade.

— O que mais precisa?— ele perguntou.

— Tornados — disse — Ou algo que irá baralhar com suas comunicações e suas habilidades de se moverem. Algo grande.

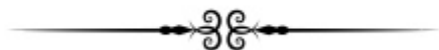
Ele acenou, observando como ela se ajoelhava perante ele, abrindo o zíper e o libertando.

— Você pode fazer isto Remy. Eu preciso que você faça isso.

Seus dedos se retorceram na suavidade de seu cabelo enquanto a sua boca o envolvia. Ele estremeceu perante o calor da sua boca de encontro a seu corpo arrepiado pela chuva e forçou a si mesmo apenas se deixar ir, para ser o herói de Haley nesse momento.

Ele nunca teve que fazer isto antes - forçar uma tempestade a crescer mais poderosa do que as circunstâncias atmosféricas normalmente permitiriam. Mas pelo que pareceu horas depois e dela o impedir de vir duas vezes, Haley pressionou seu corpo despido de encontro ao seu e o beijou os fundindo como dois adolescentes dando uns amassos na sala dos seus pais, aproveitando o momento e não se importando se eles podiam ser apanhados.

Finalmente, a agitação se construiu debaixo da sua pele até que a eletricidade disparou fora de seu corpo e ele sentiu a terra tremer abaixo de seus pés. Um uivo como um trem próximo ecoou na distância enquanto ele se concentrava nas coordenadas onde antes se encontrava o inimigo, e quando ela o deixou se afundar em seu calor, ele rezou ter feito o bastante.



Oksana Minsky apertou seus dedos contra as palmas ate que o sangue

começou a gotejar. — Imbecis.— Apertou seus dentes mas conseguiu apenas com que a sua têmpora torna-se ainda mais quente.

— Seus imbecis! Nós tínhamos ele. Como o deixaram fugir?

Niles, O britânico cujos extraordinários poderes telecinéticos tornavam um desperdício matá-lo, girou para ela, enlameado e ensopado após a chuva torrencial e o tornado que quase matou a todos. — Não tínhamos forma alguma de saber que Remy tinha esse controle. Talvez se você e Apollo tivessem torturado mais informação de seu pai, não estaríamos parados aqui como idiotas sangrando.

Seu punho foi em direção a sua cara, produzindo um som satisfatório, enquanto ele caía para trás, agarrando o seu nariz.— Apenas um de nós é um idiota sangrento.

Ela não precisava que relembrassem a sua falha. As suas formidáveis habilidades empáticas que tinham ajudado a tirar Remy sênior do bar lhe permitiram dirigir a interrogação em direções mais prováveis de ganhar as respostas que ela queria. Infelizmente, os sentimentos de culpa que rolaram fora dele em ondas insuportáveis tinham-no permitido provavelmente resistir a todos os seus modos de tortura. O homem não tinha falado uma única palavra sobre seu filho. Nem mesmo quando arrancaram o seu dedo mindinho.

Oksana não duvidava que poderia tê-lo quebrado, mas eles não tiveram tempo. Montar a armadilha para o Remy mais novo tinha sido sua prioridade.

— Nos temos o equipamento da agente da ACRO,— ela supôs que o speaker, um excedosapien¹² com uma força notável, pensaria que ele seria útil, mas como a maioria dos excedos, aceitação de sua maior capacidade física era uma grave falta de capacidade intelectual.

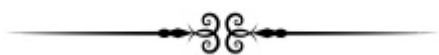
— Seu computador terá proteções. No momento em que tentarmos alcançar os arquivos, eles serão destruídos. É inútil.

Amaldiçoando, golpeou um mosquito que se deleitava em seu braço. Ela odiava missões de captura, de longe preferindo o espião infiltrado que permitia que trabalhasse sozinha como ela trabalhava na KGB. Itor ofereceu o melhor pagamento e as atribuições mais interessantes, feitos para os seus talentos empáticos, mas algumas vezes, como agora, ela desejou nunca ter deixado a outra agência.

Porque embora a falha no KGB significasse punição, falha para Itor significa muito, muito pior. Ela não estava entusiasmada para contar a Apollo, o líder da equipe, sobre a porra aqui.

— Niles, se você parou de sangrar, chame Apollo e lhe diga para proceder com o plano B. E diga para fazer extra-doloroso.— Ela olhou fixamente as árvores onde Haley e Remy tinham desaparecido. — Se eu tiver que pagar por isto, aquela vaca da ACRO ira pagar também.

¹² (Excedosapien – inclui reflexos rápidos, além de visão normal e velocidade. Essa definição se encontra no site da série (<http://www.sydneycroft.com/acro/operatives.php>)



Haley espreitou através da escuridão os músculos de Remy enquanto ele se preparava para a batalha. Ele prendeu a faca a seu braço e outra a seu tornozelo. As mãos, experientes prenderam o cinturão no seu lugar, e então, após verificar a munição, deslizou sua pistola no hostler¹³.

— Você sempre vai de férias preparado para a guerra?

Ela esperava um sorriso após a sua provocação, mas em vez disso ele disparou nela um olhar desprovido de todos os traços emocionais do sexo quente que eles tinham acabado de ter. Aparentemente, ele poderia dispensar a conexão física que eles tinham muito mais fácil do que ela poderia, dado que seu corpo ainda zumbia com o brilho pós-orgasmo.

— Isto não é férias. É uma emboscada.— Fechando os seus olhos, ele se concentrou, e o vento e a chuva pelo bayou aumentou a sua intensidade. O tornado tinha rasgado a uma das placas a sul, após o clímax dele. — Uma que você arrumou quando pagou ao meu pai para me seduzir.

— Eu sei que é muito tarde para uma desculpa, mas se lhe serve, eu lamento.— A culpa rasgou através dela enquanto verificava a munição da sua própria arma. — Os tipos maus não eram parte do plano.

¹³ http://www.defenceline.com/gun_hostler.jpg

— Então o que era?— ele se agachou ao lado de uma abertura para que pudesse olhar sobre as árvores. — Onde a sua gente me iria fechar com um sufoco invisível em vez de quem raios sejam aqueles que estão lá fora? E como ele conseguiu aquilo de qualquer forma?

Se deixando cair perto dele, colocou a sua arma perto dela tentando não tremer quando a sua saia roçou os cortes nas suas canelas. — Telecinesia¹⁴. Um de seus agentes deve ter muito poder.

— Isso é ótimo. O que mais eu tenho que prestar atenção?— Quando ela não respondeu, porque ela não tinha certeza de como fazê-lo, ele se virou para ela. — Haley? Eu preciso saber o que nos estamos enfrentando.

— Eu não sei. Itor é sempre secreto, e eu não sou uma operatdora, então eu não tenho toda a informação.— Uma brisa atravessou a sua roupa molhada, e ela tremeu, friccionando seus braços. — Mas baseado no que eu vi na minha agência, nós podemos estar lidando com poderosos psíquicos, pessoas com visão noturna, pessoas que podem se comunicar com os animais ou plantas, super-humanos com radares ou audição superior, velocidade-

¹⁴ A **telecinesia** é a alegada capacidade de mover fisicamente um objeto com a força psíquica (da mente), fazendo-o levitar, mover-se ou apenas ser abalado pela mente. Tal poder está agrupado na paranormalidade. A telecinese, telecinésia, telecinesia ou telecinética, é também conhecida como TK.

— Velocistas, pessoas que lêem mentes, lutadores — murmurou. — Você está me pedindo para acreditar na existência de agências múltiplas compostas de super-heróis e de super-vilões de quadrinhos?

— Yeah, bem, olá!, Sr. Eu controlo o tempo. O que é isso que vocês chamam de seu mundo de quadrinhos?

— Um Elementalista.— Ele jogou os seus dedos através do seu cabelo molhado, deixando-o desgrenhado. — É apenas... Merda.

— O que Remy? Você pode me dizer.

É duvidoso contar a ela exatamente o quanto ele pensou que podia contar. Ele saiu da escuridão, sua boca com um aperto desagradável, e o vento que tinha começado a morrer voltou a vida.

— Tem sido difícil o bastante aceitar o que eu faço — ele finalmente disse. — Assim a idéia que tem um mundo inteiro de pessoas lá fora que são como eu, que eu tenho lido e desenhado desde que era um menino...

Ela se levantou porque ficar sentada a estava deixando louca, mas não havia espaço para ela se mover sob o chão instável. — Há muito mais do que você pensa.

— Então quem são essas pessoas que trabalham para esse Itor? Onde eles estão? Para que governo eles trabalham?

— Trabalham para quem os contratar. Nós pensamos que eles têm uma central principal, mas que também têm várias centrais pequenas dispersadas pelo mundo inteiro.

— E sobre a sua agência?

— Nós trabalhamos numa só localização, mas tem se falado em expandir.— Ela jogou a cabeça para trás e olhou o teto, e desejou imediatamente que não tivesse. Mesmo na escuridão, ela podia ver teias de aranha do tamanho da sua cabeça pendurado nas placas. — Nos temos que conseguir um telefone. Meu chefe precisa saber sobre isto. Eles podem nos tirar daqui.

— Eu posso nos tirar daqui.

— Você não estava me escutando? Nós não estamos lidando com um punhado de turistas com armas.

— Eu posso-

— Não Remy. Você não pode. Eu sei que você não é um jogador de equipe, mas por uma vez, você precisa confiar noutra pessoa.

— E você é essa outra pessoa? Você, que tem estado mentido para mim desde o segundo que eu a conheci?

— Nem tudo tem sido uma mentira.

— Diga uma coisa que não foi.

Seu coração saltou no peito advertindo-a a não admitir qualquer coisa que fosse pessoal.

Mas Haley nunca tinha sido boa em seguir ordens, nem mesmo as que vinham de sua própria mente e corpo.

— Eu não estava mentindo quando eu disse que gostava de você.

Seu corpo ficou rígido, então ele se virou. — Essa é provavelmente a maior mentira.

Porque ela se importava se ele acreditava ou não era um mistério para ela, mas o fato que ele não acreditava, que rejeitasse a sua admissão, fez ela arder com humilhação.

— Pense o que você quiser — Ela estalou. — E continue sendo um patife, porque assim talvez eu pare de gostar de você.

Uma longa pausa foi quebrada pelo som da chuva no telhado da barraca minúscula.

— Ah, inferno— ele murmurou. — Eu quero acreditar em você, não sei por quê. Mas eu quero.

Era loucura, a forma como ela o queria golpear num minuto, e agora ela não queria nada mais do que saltar para o seu colo e deixar ele a segurar. Especialmente porque eles poderiam não ter muito tempo sobrando. Ou Itor

os capturava ou a ACRO os resgataria, mas de qualquer maneira, seus momentos sozinhos estavam contados.

— Eu espero que você possa— ela disse calmamente. Tinha passado um longo tempo desde que ela tinha pedido a alguém para ter fé nela. Apesar de tudo, se os seus próprios pais não podiam acreditar nela, como poderiam outras pessoas?

Sabendo que ela não devia, porque cada toque afastava a barreira emocional que existia entre eles, ela o alcançou, mas uma dor excruciante na sua têmpora a parou. Rangendo, ela pressionou a sua palma na testa. Agora não era o momento para uma enxaqueca. Não que isto parecesse como uma enxaqueca, mas...

Uma onda de agonia rasgou seu crânio. Ela gritou, mal ouvindo Remy repetindo o seu nome vezes e vezes sem conta. Ela agarrou o seu pulso, tentou olhar para ele, mas imagens flutuavam em sua visão.

O pai de Remy. Golpeado, Sangrento e quase irreconhecível. Um homem está batendo nele, dando lhe pontapés. Então ele se virou, a sua cara angular enchendo a sua visão.

— Você, Ms. Holmes, nos causou muitos problemas. Da forma que você causou problemas a seus pais por ter nascido apesar dos esforços da sua mãe tentando terminar a sua gravidez com ervas.

Meu deus, como ele sabia isso?

— Traga Remy até nós, e esqueceremos o tempo e o esforço que você nos custou. Concorde agora, e a faremos rica para além dos seus sonhos mais selvagens.

— Nunca,— ela gritou, e sentiu as mãos de Remy a confortando, sua voz preocupada perguntando o que ele podia fazer.

O homem sorriu doentio e a dor apunhalou seu cérebro como marteladas de uma máquina de pregos. — Diga a Remy que temos seu pai, e se o quer vivo, ele vira a Lafayette. South Red Rover Road. 3 Horas, amanhã.— O homem bateu a sua bota contra a cara de Remy sênior. — E Haley, não fale nem uma palavra disto para a ACRO, ou eu juro a você, eu irei arrancar a pele desse homem enquanto ele está vivo e enviarei as sobras enquanto ele ainda geme.

A imagem desapareceu, mas Haley ainda não conseguia ver, apenas conseguia sentir o sangue morno a gotejar do seu nariz e o som de um martelo na sua cabeça. Ela sentiu as mãos de Remy no seu corpo, mas ela não o conseguia ouvir. Tonturas e náuseas se apoderaram dela, e o mundo girou, e então mesmo antes de ela se levantar tudo ficou escuro.

Capítulo 19



Remy tinha bastante treino medico, ele tinha feito a sua parte em obstruir buracos de bala em seus colegas de equipe – e ele mesmo – com suas mãos. Ele carregou homens inconscientes através de um campo de tiroteio, e segurou as suas mãos enquanto morriam. E ainda, ele nunca teve o rasgo de medo absoluto atravessando o seu coração como agora, com Haley

inconsciente em seus braços.

— Haley.. Chéri,— ele sussurrou, embalando a cabeça em suas mãos. Ela não estava acordando e o seu pulso era rápido, mas estava respirando.

Ele a apanhou antes de ela bater no soalho e agora deixou ambos afundarem gentilmente nas pranchas de madeira. Ele descansou as suas costas contra o lado da estrutura, enfrentando a janela, e puxando-a mais perto entre suas pernas, assim seu corpo superior descansava de encontro ao seu, sua cabeça em seu ombro. E ele a embalou, sussurrando em sua orelha para ela por favor acordar porque, Deus, ele não a podia perder. Não agora, não quando ele acabou de achá-la.

— Por favor, Haley... Volta para mim.

Ela murmurou algo, agarrando a frente de sua camisola com os seus punhos. — Remy...

— Eu estou aqui. Eu estou aqui e você esta a salvo.

— Dói tanto..

— Não fale, só descanse.

— Eu não posso. Há problemas. Eu tenho que chamar-

— Nós não temos forma de comunicar com sua agência, a menos que você tenha um telefone que realmente funcione nessa mala — ele a lembrou.

— Mas eles o têm.. o feriram. Mal. Ameaçaram torturá-lo. Já começaram...— ela fechou seus olhos de novo e ele lutou contra o pânico que se levantou em sua garganta.

Ela estava apenas descansando. E mesmo que ele detestasse acordá-la de novo, ele tinha de saber o que diabos estava acontecendo. — Haley, você precisa me dizer o que está acontecendo— ele disse calmamente.

Seus olhos abriram, suas pupilas retornando lentamente ao tamanho normal. Ela hesitou por um segundo antes de finalmente falar. — Itor Corp – o inimigo – Tem seu pai— ela disse.

Ameaçaram torturá-lo... Já começaram...

Merda. Sua boca ficou seca, porque o seu pai não merecia esse tipo de tratamento. Não quando Remy era o alvo principal. — Eles o estão usando para chegar até mim — ele disse.

— Eu sinto mundo. Não era suposto acontecer. Se soubéssemos que Itor estava tão perto, nós tínhamos apenas pegado você.

A missão de sua vida, e ele não tinha nenhuma escolha senão aceitá-la.

— Dispare primeiro, faça perguntas mais tarde, certo?— ele murmurou.

— Não teria sido apenas para sua proteção. Para a proteção do mundo. Nas mãos erradas...

Ele correu seu dedo através de seu cabelo e suspirou. Porque ele entendeu. Finalmente, ele entendeu. — Eu sou uma ameaça. E você está magoada por minha culpa.

— Não, Remy. Meu trabalho é perigoso. Com ou sem você.

— Mas você disse que normalmente não se aproxima tanto de potenciais operativos – você geralmente não está na linha do fogo.

— Eu fui treinada no caso de precisar estar. Nós podemos ter ajuda para o seu pai e minha agência nos resgatando.

— Eu apenas não sento e espero ser resgatado. Não está em minha natureza.

— É muito perigoso para você tentar por sua conta.

— Eu tenho uma escolha — ele disse.

— Sim, você tem. Nos tire daqui, e então eu irei contactar o meu chefe. ACRO irá ajudá-lo e tirar seu pai disto.

— O quê, sem nada em troca?

— Tudo pede algo em troca, Remy. Mas eles não o irão forçar a entrar na ACRO contra sua vontade. Eu não vou mentir para você, se você não se juntar a nós, ele irão fazer o que quer que seja para assegurar que você não é um risco para você mesmo e para os outros.

Ele correu seu dedo através do seu cabelo mais uma vez, a enormidade da situação de repente se sentindo muito pesada para seus próprios ombros.

— Eu sou um risco agora, para você especialmente. Merda, Haley, me deixe ir sozinho.

— Não. Você ainda é vulnerável. Você precisa de mim — ela disse, seus olhos azuis trancados nele. O vendo, não o homem que podia controlar o tempo. — E eu preciso de você.

E por mais que ele quisesse recusar, discutir, ele sabia que não tinha forma de ele a deixar sozinha. Ela ainda estava fraca e de longe muito vulnerável, e o seu senso de cavalheirismo não ia deixá-lo abandoná-la agora.

A tatuagem na sua anca começou a queimar, e ela o olhava com aquela luxúria agora familiar em seus olhos. Desejo nunca tinha sido como isto, e ele nunca tinha sido não calmo, mesmo com a ameaça imediata caindo sobre ele.

De algum modo, alguma forma, ele estava ganhando controle sobre si mesmo, e ele suspeitava que Haley teve algo a ver com isso, mesmo se era algo que ela estava ou não consciente.

— Você realmente pensa que é capaz de me ajudar a controlar os meus -assim chamados poderes?

— Existem instrutores na ACRO que o podem ajudar também. Apenas levará tempo.

— Ele se afastou dela lentamente, se levantou, e então a ajudou a ficar em seus pés. Ela ficou ligeiramente instável ao princípio, mas depois que ela se esticou e massageou seu pescoço, ele viu que ela não sofria nenhum efeito permanente do que quer que seja aqueles monstros fizeram a ela.

— Nós seremos capaz de sair – Itor quer que sejamos capazes de sair. Eles nos querem ao encontro deles.

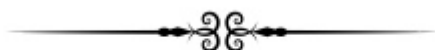
— Porque eles não invadiram a minha mente?— ele perguntou. — Não teria mais sentido?

Ela o olhou fixamente e ele podia ver que ela estava decidindo se segurar ou não. Ela escolheu não, e por um minuto ele não estava seguro se

aquela era uma coisa boa ou má. — Plantar imagens, que foi o que Itor me fez — Basicamente forçando uma imagem psíquica em minha mente — pode causar danos permanentes. Eles nunca iriam fazê-lo, você é muito valioso. Para Itor, eu sou descartável.

— Não para mim, Haley,— ele disse, sua voz segurando mais emoção do que ele normalmente se deixaria mostrar. — Vamos, iremos achar uma forma de contactar a sua agência.

--- Eles invadiram a minha mente, Devlin. Plantaram imagens horríveis. Eu não consigo ter muito mais que uma leitura nela agora.. Eu continuo vendo imagens do pai do Remy.



Dois dos três psíquicos atribuídos a Haley, sentados em diferentes quartos em cada ponta da casa principal, vieram apressados para reportar as notícias uma hora depois de ele ter pedido a Marlena para colocar um rasto em Haley.

Ele os deixou ainda tentando ver o que Haley iria planejar de seguida. Entretanto, ele precisava reunir ajuda para o bayou, e rápido. Felizmente para ele, dois de seus melhores operadores estavam livres para ajudá-lo neste caso.

Livres, e tentando matar um ao outro. Não interessa que eles fizeram uma completa balbúrdia da recentemente redecorada sala de gravação, que

Dev notou no segundo em que ele usou seu CRV para ver o que o problema era.

— Que diabos está acontecendo aqui?— ele exigiu de Ender, uma excetosapien com super velocidade e mágica com armas, também conhecida como Tom Knight no que diz respeito a selecionar alguns para a agência. Ender mede seis pés, três polegadas de músculo, e Wyatt Kenned, que estava colocando o seu especial talento de telequinésia ao bom, trabalho de jogar qualquer coisa que não fosse pregado a cabeça de Ender, igualando-o no peso mas o oposto na cor, com seus cabelos escuros e olhos.

Ambos eram teimosos como o inferno, embora Wyatt tivesse uma maior tendência em se dar melhor com as pessoas que Ender. Inferno, qualquer pessoa se entende melhor com pessoas do que Ender, que se orgulhou em ser tão solitário quanto a agência permitisse.

— Alguém andou colocando posters ‘procura-se’ de Ender de novo,— Wyatt soltou. Ele estava fixado parcialmente sob Ender, mas ele conseguiu que uma pesada peça de metal voasse pela sala até a cabeça de Ender.

Ender, claro, era muito rápido para isso, e em segundos o tumulto ameaçou começar de novo.

Os homens foram bastante igualados, embora Ender nunca iria admitir isso.

— Chega!— Dev gritou. — Um desses dias vocês se irão matar um ao outro.

— Um desses dias, eu irei matá-lo — Ender corrigiu.

— Hoje, você vai ajudá-lo a resgatar um novo recruta— Dev disse —
Me siga.

Ele o seguiu até seu escritório, seu CRV escurecendo ligeiramente desde que esteve acordado toda a noite. De novo. Ele ouviu o suave bater de pés atrás dele, a alcatifa propositadamente densa e luxuosa para manter a casa calma e tranquila.

— Marlena, não me interrompa até que haja alguma notícia da Haley — ele disse, sentido a sua constante presença na grande mesa fora de seu escritório.

— Sim, Claro Dev.— Sua voz era suave, mas havia preocupação ali. Sempre que um potencial operador tão eficiente como Remy estava pronto para ser capturado, todos estavam na borda.

Eles tiveram um ou dois indo embora nos últimos meses, e apesar de ainda não terem sofrido os efeitos disso, Dev sabia que a queda não seria boa. Ele já tinha um homem profundamente plantado no interior de Itor a fim de extrair aqueles particulares operativos antes que Itor quebrasse suas mentes para sempre.

Mas isso não importava agora em comparação com o trabalho que eles tinham em frente.

Uma vez que ele entrou no espaço familiar do seu escritório privado e ouviu a porta sendo fechada atrás dele, deixou-se cair de novo em sua cadeira de couro e desligou o CBL de novo.

Imediatamente, seus outros sentidos retrocederam em alta velocidade, e ele sentiu a tensão nos ombros de Wyatt e Ender – como todos os homens se preparando para ir em uma missão, sua adrenalina, já na ascensão da luta, era palpável.

— Não temos notícias de Haley por mais de 17 horas agora.— Dev tamborilou seus dedos na pesada mesa de carvalho. — Algo está errado.— Ele contou-lhes o que os psíquicos lhe tinham dito, porque ele nunca pedia a seus homens para irem numa missão sem conhecerem todos os fatos.

— Itor está se movendo mais rápido que nunca — Wyatt disse calmamente, e Dev notou a nota de especulação, e suspeita, no seu tom.

Itor tinha começado a saber coisas sobre ACRO e seus funcionamentos internos que ele nunca deveria ter sido capaz de descobrir. Não sem realmente estar aqui, e ter acesso a informações secretas.

— Sim, Itor tem estado em cima dos acontecimentos recentemente,— Dev disse.

— O que significa que tudo pode ser uma grande armadilha — Wyatt disse.

— Como sempre — Dev concordou. — Eu pensei que uma vez que cheguemos mais perto, eu serei capaz de dizer se isso é verdade.

— Você não está indo — Ender disse.

— Não me diga o que eu posso ou não fazer. A última vez que eu olhei você não estava no comando.

— Eu te pedi que não chamasse isso, especialmente não na frente de novos recrutas — Dev disse.

— Eu estava apenas tentando que Wyatt se sentisse mais em casa — Ender disse, e Dev colocou a sua mão fora antes que Wyatt pudesse fazer um movimento. Mesmo assim, o cinzeiro já partido chocalhou da lata de lixo ao lado de sua mesa, provando que Wyatt não estava achando piada a gracejos sobre sua estabilidade mental.

— Linha final, Dev — Ender continuou facilmente. — Você fica. Eu vou e salvo o SEAL¹⁵. Eu estou habituado a salva-los, desde que eles não conseguem conservar os seus próprios rabos.— Ender era um Delta force¹⁶, e nunca falhou em deixar os outros que serviam outros serviços militares saberem exatamente como ele se sentia acerca deles.

¹⁵ Mais conhecidos como US NAVY SEALS, é uma Força de Operações Especiais da Marinha dos Estados Unidos.

¹⁶ Força Delta é o nome popular dado a unidade reconhecida como US Army 1st Special Forces Operational Detachment é a principal unidade de elite das forças especiais do Exército dos Estados Unidos

Desta vez, Dev sentiu parte das cinzas que estavam no cinzeiro passarem pela sua cara e ouviu-o bater contra a parede, deixando Ender murmurando uma maldição.

— Você mereceu isso — Dev disse, então pressionou algumas teclas no computador a sua frente para se certificar que o helicóptero estava esperando para levar os homens a sua posição seguinte. Dev suspirou.

Por mais que ele odiasse ter que admitir, Ender estava certo – se ele fosse, ele estaria arriscando demais.

Assumir a cabeça da ACRO significava cada vez menos tempo em campo. Funcionou da mesma forma nas forças armadas, e Dev sentia falta da adrenalina das lutas, da tensão que tomava conta dos homens a sua frente esperando pela ação, como animais esperando para atacar.

Wyatt era um SEAL – ele poderia se relacionar com Remy de uma forma que apenas outro membro da equipa poderia. Ender, naturalmente, poderia relacionar-se a ninguém, mas ele era estupidamente eficiente. E Dev pensou sobre chamar Annika também – o seu especial talento com a eletricidade poderia muito bem ajudar com os poderes de Remy de alguma forma.

— Você quer que nós demos um jeito Itor, ou apenas tragamos Remy?— Wyatt perguntou.

Aquela era a pergunta de um milhão de dólar. Porque, por mais que Dev quisesse Remy a salvo e nos confins deste estabelecimento, até que ele

aprendesse o suficiente sobre o seu poder para proteger a si mesmo e o mundo a sua volta o suficiente, Dev também sabia que Remy precisava provar-se a pessoa mais importante – ele mesmo.

Um homem tem que vir em seus próprios termos, seu pai costumava dizer, e Dev compreendia isso. Os militares especialmente precisavam entrar nisto, orgulho intacto e prontos para trabalhar duramente nesta nova fase de suas vidas.

Aqueles que não foi dada a escolha, serão despedidos de suas responsabilidades por causas dos seus poderes, terão a transição mais difícil. Em vez de apenas se afundarem no calor de um lugar onde eles poderiam ser finalmente aceitos – e não serem assim tão diferentes – eles crescem suspeitos. Difíceis de controlar.

Eles terão de abordar Remy da forma em que eles abordariam um animal ferido, especialmente agora que Remy sênior estava em perigo.

— Vamos mostrar a Remy que ele pode funcionar numa equipe.—
Dev finalmente disse.

— Se ele não puder ser envolvido, ele irá se irritar e fazer a sua maneira. Agora mesmo, isso é suicídio.

Pelo canto do olho, ele viu Wyatt e Ender trocando olhares de silenciosa compreensão, mesmo antes de ele ouvir o suave som do choque das mãos dos seus operadores.



Pela milésima vez, Annika se perguntou o que infernos, Dev estava pensando quando ele a enviou para a sua mansão assombrada da Disney cheia de fantasmas de mau temperamento e um irritante caçador de fantasmas.

Pelo menos os espíritos não a estavam tocando mais. Ela nunca foi capaz de sentir fantasmas, não da forma que pessoas com uma habilidade natural poderiam, mas ela sentiu Gasparzinho tentando separar ela e Creed antes da sua sesta, e então uma hora atrás, envolveu seus dedos gelados em torno da sua garganta. Por instinto, ela se carregou com suficiente poder para carregar o espaço, e o que quer que a tinha tocado fugiu.

E então ela soube porque Creed lhe tinha cravado um olhar exasperado antes de explicar como chocar espíritos não era uma boa ideia.

Tattletales¹⁷. Nenhuma novidade Creed se dar tão bem com eles.

Agora ela se agachou em seus saltos e observou Creed fazendo a sua coisa enquanto comunicava com os mortos, que em sua opinião, não estavam mortos o suficiente.

¹⁷ Um tattletale é alguém que trai segredos ou — conta— outros. Fui pesquisar num dicionário inglês e dizia lá isso, n sei se faz muito sentido fui pesquisar na net no Google inglês e o resultado foi o mesmo .

Como ele poderia tolerar ficar deitado sem camisa no mármore frio estava além dela. Ele não parecia estar desconfortável, no mínimo. De fato, apesar dos seus braços se flexionarem ocasionalmente, e algumas vezes seus abdominais se apertarem revelando um belo tanquinho, ele parecia perfeitamente relaxado.

Maldição, ela queria alcançá-lo e passar a sua mão por todos aqueles músculos. Ela queria beijar a expressão de intensa concentração fora de sua cara, fazê-lo abrir seus olhos e adorá-la com eles como ele o fez no quarto.

Agora, embora, ele pertencesse ao Netherworld¹⁸, um lugar onde ela era uma estranha, ela estava feliz em mantê-lo dessa forma.

Energia queimou ao longo das suas terminações nervosas, e as luzes cintilaram. O corpo de Creed ficou tenso, e os seus olhos se abriram, olhando, com um assombroso vazio, fixamente para o teto.

— Creed?— Ela tentou enquanto o alcançava. Um frio se afundou profundamente em seus ossos na sensação da sua pele.

Merda. Isto era normal? Ela agarrou os seus pulsos para verificar a pulsação, e frias correntes de ar se envolveram em torno dela.

¹⁸ Um plano alternativo de existência, onde se encontra os espíritos e outros seres para quem acredita na sua existência.

— Fica longe de mim — ela rosnou para a entidade, deixando o seu corpo se inundar com energia. — Fique longe, ou eu vou, fodidamente , te queimar.

Um grito agudo, irritado vibrou na casa, mas o espírito recuou. A batida do pulso de Creed estava fraca debaixo dos seus dedos, demasiado fina para mal ser perceptível. Incerta sobre o que fazer, olhou para cima para as luzes que cintilavam.

— É melhor não o magoar, quem quer que diabos você seja.

— Aww, você realmente se preocupa.

O fôlego que escapou dela a irritou, mas pelo menos Creed estava bem. Mais que bem, se o brilho de humor na profundidade de seus olhos era qualquer indicação.

— Eu não dou uma merda para o que acontece com você.— Ela encolheu seus ombros de forma indiferente. — Mas Dev sim. Isso é o que me importa.

— Eu não acredito em você,— ele disse, dobrando um braço atrás da sua cabeça.

— E porque não?

Ele lhe deu aquele sorriso arrogante que sempre a enfurecia. — Porque você ainda esta segurando minha mão.

Ela se afastou como se ele a tivesse queimado. Imensos menos-que-educados nomes para ele passaram pela sua mente, mas o tom distinto da chamada do seu celular o salvou da humilhação. Ela tirou o celular do seu bolso. Dev, graças a deus.

— Por favor me diga que você tem uma nova missão para mim.

Um suspiro veio do outro lado.

— Você não está jogando agradavelmente com Creed, está?

Oh, ela jogou, mas definitivamente não tinha sido agradável. Tinha sido maroto e errado, mesmo assim ela queria fazê-lo de novo. O que era ainda mais errado, visto que ela ainda não conseguia suportá-lo.

— Apenas me tire daqui.

— Eu terei um helicóptero aí em meia hora.

Ela arqueou uma sobrancelha. — Sério?

— Você ira se juntar a Wyatt e Ender em Lousiana. Eles já se encontram a caminho para ajudar Haley. Eu terei todos os materiais essenciais para trazê-la a toda velocidade.

— Irei conseguir espancar os tipos maus?

— Provavelmente.

Sorrindo, ela agradeceu Dev e desligou. Creed estava sentado sob uma anca, apoiado por um braço, o outro descansava sobre o seu joelho. A forma como as suas pernas estavam espalhadas levou o seu olhar direto onde elas se juntavam, para a impressionante protuberância debaixo do couro.

Calor invadiu seu corpo, e ela desviou o seu olhar porque por mais que ela amasse ir noutra ronda com ele, ela não podia. Não agora. Ela levou vinte e um anos acreditando que ela nunca poderia ter sexo, a ideia de que agora era possível mas provavelmente apenas com Creed a tinha atingido duro. Ela nunca precisou de ninguém, e ela queria se certificar que se ela dormisse com ele de novo, seria porque ela queria sexo, não porque ela precisava. Ou precisava dele.

— Eu estou fora daqui.— Ela se empurrou para os seus pés e se dirigiu ao seu quarto para pegar a sua porcaria.

— Annika...

Ela parou, mas não olhou para ele. — Não.— Por um momento ela ficou lá, esperando para ver se ele diria qualquer outra coisa, e quando ele não disse ela tomou as escadas dois degraus de cada vez.

Ela não poderia pôr os seus punhos nas caras inimigas rápido o suficiente.

Capítulo 20

Haley não teve tempo para pensar muito sobre que o Remy disse sobre ela ser descartável.

Não para mim, Haley.

Mesmo agora, enquanto eles se mantinham nas obscuras ruas traseiras da cidade que Remy os levou, ela empurrou de lado o que ele disse. Haveria tempo mais tarde para pânico, para compreender completamente o quanto próximo dela o deixou chegar.

E o quão próxima ela se sentia chegando nele. Nenhuma dúvida que sobre isto, ela estava afundada até sua cabeça e rapidamente perdendo a força para progredir pela água.

Gemendo quando o que ela queria fazer era xingar, ela ajustou a mochila em suas costas e se concentrou em quanto seus pés doíam. Suas botas ficaram encharcadas quando eles correram pelo pântano, e o couro molhado esfolava sua pele. Seus pés não sofriam assim desde o treino básico, quando suas novas botas de combate tinha sido instrumentos de tortura.

— Haley? Você está bem?— Remy perguntou, vindo para uma parada próxima a uma fileira de cercas entre duas casas.

— Sim.— Ela não percebeu a dor a fez ficar para trás. — Desculpe. Eu estou um pouco distraída.

Ele a olhou cautelosamente, como se sentisse sua mentira, mas ela foi cuidadosa para não mancar, estremecer ou de qualquer forma revelar sua dor. Se ele soubesse, ele faria algo viril e estúpido, como a carregar.

— Dê-me sua mochila.

— Eu já lhe disse que posso lidar com isto.

— Nós falamos disso. Lembre o que aconteceu na última vez que você tentou algo sozinha?

Sua tatuagem formigou, e ela quase sorriu, recordando a lição que ele lhe deu na mesa de jantar. Então ela percebeu que embora ele tivesse mudado suas tática, ele ainda estava tentando comandá-la.

— Me dar um orgasmo não é muita de uma grande ameaça. Eu estou mantendo a mochila. E eu preciso tentar contatar a ACRO agora que nós estamos fora do pântano. Talvez eu tenha um sinal.

Ela girou a mochila, e ele deve ter pensado ela estava indo procurar seu telefone, porque ele parou seus movimentos agarrando seu braço. — Não se incomode. Eu causei um curto circuito no seu celular.

— Você o quê?

Ele trocou seu peso e teve a decência de parecer envergonhado. — Sim, bem, eu estava irritado sobre a tatuagem ontem à noite.

— Você realmente devia trabalhar em seu temperamento.

— Mais tarde. Agora mesmo nós precisamos apanhar o caminhão do meu pai e achar um telefone público.

Um cachorro uivado perto, um grito triste para a lua, e ela esperou que Linda, a principal psíquica da Tríade a quem ela foi designada, estivesse certa sobre o poder da lua cheia para realçar canais psíquicos.

— Não. Itor sabia coisas que eles não deviam saber, então eu não quero usar uma linha fixa não segura, no caso deles estarem escutando. Eu farei a coisa reserva.

— Reserva?

Ela assentiu, desejando que tivesse chegado a isto. Ela nunca tinha se comunicado psiquicamente antes, exceto em testes controlados, e apesar das garantias de Dev que funcionaria, ela tinha ceticismo suficiente nela para deixá-la nervosa. O que ela mais odiava era que comunicações psíquicas eram unilaterais, então ela não teria modo algum de saber se sua mensagem tinha sido recebida.

Ainda, era tudo que eles tinham.

— Eu preciso de um lugar silencioso.— Ela tentou fazer a conexão mais cedo, na baía, mas sua cabeça doía demais para fazer funcionar.

Embora as ruas estivessem na sua maior parte vazias, era sábado à noite, e até em uma cidade pequena—ou talvez especialmente em uma cidade pequena—as pessoas gostavam de festejar, e faróis cintilavam adiante.

Remy tomou sua mão e a guiou em uma travessa para uma área gramínea parecida com um parque com bancos de pedra. — Isto funcionará? O que nós estamos fazendo, de qualquer maneira?

Ela olhou para que ele parado a sua frente, suas roupas molhadas e barrentas como as suas, e pensou sobre como eles tinham estado em uma situação semelhante ontem à noite, quando eles fizeram sexo do lado de fora da casa durante a tempestade. Quando ele a olhou para como ninguém jamais fez, como ela fosse uma tábua de salvação.

Seus pais olhavam para um ao outro assim.

O coração batendo, ela uma vez mais lutou contra o pânico que a agarrou, e limpou sua garganta, ávida para voltar ao trabalho.

— Antes de eu ser enviada aqui, eu fui vinculada a um time de três psíquicos. Deveriam permitir que eu envie mensagens.— Vinculação com uma Tríade era uma opção oferecida a todos os agentes antes de uma missão potencialmente perigosa, mas porque ela não era uma operadora de campo completamente treinada, sua participação tinha sido obrigatória.

— Uh-huh.— Ele cruzou seus braços sobre seu tórax largo. — Então você está chamando a cavalaria com sua mente?

— Eu acharia você, de todas as pessoas, seria aberto à possibilidade.

— Eu acreditarei nisto quando eu ver.

Sim, ela iria também.

Ela se sentou e o puxou para baixo próximo a ela. — Só preste atenção em sujeitos maus que parecem psicóticos.

Fechando seus olhos, ela relaxou como foi ensinada, e então visualizou uma pedra azul em sua mente. Um brilhante topázio cortado de forma oval, girando como um pião. Quando a pedra começou a zumbir e então brilhar, calor infudiu seu corpo, sinalizando uma conexão com um dos psíquicos designados a ela.

Como se agravada pelo vínculo, sua cabeça pulsou, ferida pelo ataque psíquico anterior. Ela se perguntou se a ACRO sabia sobre o ataque. Linda mencionou que mesmo sem uma conexão deliberada, Tríades imediatamente ficariam cientes de trauma em um operativo designado.

A mente clama quando o corpo está ferido.

Rapidamente, porque a dor se intensificava com cada segundo que se passava, ela alimentou as imagens de pedra o que tinha acontecido até

agora—Itor atacando, ela e Remy escapando na escura baía pantanosa e então se misturando na cidade.

Ela se sentiu começando a tremer enquanto a agonia da conexão aprofundava, perfurando brancas unhas quentes em seu cérebro. Linda disse que imagens eram mais efetivas para comunicação que palavras, mas Haley não podia mais pensar, e invés disso gritou dentro de sua mente, *Itor tem o pai de Remy. Eles querem que a gente vá para Lafayette. Nós faremos contato quando nós chegarmos em um hotel.*

— Haley? Haley!

A voz de Remy rompeu por ela, separando o vínculo. Ela abriu seus olhos num estalo, e imediatamente mergulhou em arrepio no fundo dos ossos. Estremecendo, ela esfregou seus braços, e Remy a puxou em seu corpo quente.

— Você estava gritando. Tremendo tanto que eu pensei que você estava tendo uma convulsão. Você está bem?

Bem poderia ser um exagero, mas pelo menos ela não mais pensava que seu crânio quebraria. — Melhor agora. Mas eu podia usar um pouco de aspirina.

Suas mãos corriam para cima e para baixo nos braços dela em longas e tranquilizadoras carícias, e ela se afundou tão perto quanto podia, se deixando relaxar em sua força e calor. Ele cheirava como baía, ozônio e homem, e ela não achava que já tinha tão reconfortada por qualquer aroma.

— O que acabou de acontecer?

— Eu contei a ACRO sobre nossa noite— ela disse contra seu tórax.
— Nós precisamos cair na estrada e conseguir um hotel.

Ela apenas esperava que a caminhonete de Remy Sênior estivesse no bar onde Remy disse que seu pai ia toda noite, porque ela não queria ter que roubar um carro. A última coisa que eles precisavam agora era ser presos.

— Nós não temos tempo para um hotel.

— É onde minha agência nos encontrará.

— Sem ofensas, Haley, mas não vou confiar a vida do meu papai as suas ondas psíquicas.

Ela se afastou e olhou para ele. — Eu sei que não dei a você muita razão para confiar em mim, mas eu estou pedindo a você para ter fé nisto.

— Você está pedindo demais.

Dor cortava por ela. — Eu pensei que você disse que queria confiar em mim.

— Querer e ser capaz são coisas diferentes.— Ele envolveu uma mecha do cabelo dela ao redor de seu dedo, e então a traçou através da bochecha dela em um a longa e terna carícia. Ela imediatamente suavizou na sensação contrastante do dedo calejado dele e seu cacho sedoso em sua pele, e

seu corpo derreteu contra ele, seu coração descongelando como as calotas polares.

— Eu confio na minha arma e no meu instinto,— ele disse depois de uma pequena pausa. — Até agora, nenhum deles me desapontou.

Como você fez. Suas palavras não ditas suspensas sobre deles como nuvens negras no ar fresco. Ela se afastou e se levantou. — Nós precisamos ir.

Ele veio a seus pés e a puxou em seus braços novamente. — Haley, peça-me para fazer qualquer outra coisa.— Ele inclinou seu queixo para cima assim ela teve olhar em seus olhos. — Apenas não isto. Eu não posso jogar com a vida de meu pai. Ele não era o melhor pai no mundo, mas é tudo que eu tenho.

— Você terá muito mais se você apenas der a ACRO uma chance.

Dar-me uma chance

.

O pensamento disperso a sacudiu, e ela se libertou mais uma vez, como se ela tivesse falado alto. A distância não ajudou. Ela continuou pensando coisas malucas, como, *Confie em mim. Dê-me uma chance. Faça amor comigo até que nada exista além de nós.*

Sim, Progredir pela água tinha acabado de ficar impossível, e Haley estava afundando rápido.

O motel era velho, fora do mapa, e a cama rangida aos céus toda vez que Remy ou Haley se moviam. E eles iriam se mover muito, agora que tinham um quarto para si mesmos e nada mais para fazer além de esperar.

Depois que Remy fez uma ligação direta na caminhonete de Remy Sênior e eles saíram em disparada do estacionamento do bar e para fora da baía, ele notou que Haley parecia quieta.

A princípio, ele atribuiu isto ao que aconteceu a ela. Toda vez que ele pensava sobre alguém invadindo a mente dela, machucando-a daquele modo, sua raiva subia. O que não era bom, não para uma missão como esta, raiva não era a emoção mais saudável para levar na batalha com você; podia acabar com seu jogo se você não fosse cuidadoso.

Mas ela insistiu que estava bem, e quanto mais perto eles chegavam a Lafayette, mais tempo ela gastava o tranquilizando de que tudo ia ficar bem.

Agora, no quarto do motel, ela ainda estava tentando tirar sua mente das coisas—e embora não estivesse funcionando completamente, ela estava fazendo um maldito de um bom trabalho.

— Mmmmm, isto é bom, Remy— ela murmurou, de onde ela o montava na cama.

Ela tomou um banho enquanto ele verificou o perímetro do lado de fora do quarto deles—estava no segundo andar, com vista para a rua, que era exatamente o que ele queria—e quando ele voltou para dentro, ele a despiu de sua toalha assim que teve uma chance.

Primeiro, ele insistiu em usar o creme antibiótico e bandagens nos tornozelos e pés dela, culpa o arrastava porque ele não a forçou a deixá-lo carregar sua mochila—ou ela—pelos pântanos.

Maldita mulher teimosa.

Então ele ficou distraído por seu corpo nu, e beijou a seu modo para cima de suas panturrilhas assim como massageava seus pés.

Agora ele se sentou contra a cabeceira e tomou seu tempo para apenas brincar com seus seios perfeitos, chupando um mamilo e então o outro, até que eles se viraram num profundo cor de rosa, os bicos endureceram e ela estava lhe implorando por mais. Ele a torturou por um pouco mais de tempo, lambendo e soprando suavemente em cada bico tenso.

Ela estremeceu, agarrou-se a ele e ele realmente desejou que eles pudessem ficar aqui neste quarto de motel de merda para sempre.

Planos seriam feitos mais tarde—por agora mesmo, era tudo sobre Haley.

— Melhor que bom — ele murmurou, arrastando sua língua entre seus seios e deixando suas mãos vagar para baixo até suas nádegas nuas.

Ela pressionou seu sexo contra a virilha dele. — Você está vestindo muitas roupas— ela disse. — Deixe-me ajudá-lo com isto.

— Eu podia tomar um banho— ele disse.

— Não, não ainda.— Ela beliscou ao longo de seu pescoço. — Eu gosto do modo que você cheira—como baía e chuva fresca.

Ela o ajudou a sair da camisa e se moveu de cima dele, assim ela podia deslizar suas calças para baixo. E então ela lambeu seu caminho para cima de seu tórax e estômago antes que pudesse conseguir agarrá-la novamente.

Ela engatinhou entre suas pernas, e ele sorriu, porque nunca encontraria uma mulher que apreciava fazer sexo oral tanto quanto Haley. E logo depois dele agradeceu suas estrelas da sorte, ele se apoiou em um cotovelo, antes de perder o controle de seus sentidos e apressar o traseiro dela em sua direção.

Ela olhou para ele sobre seu ombro provocantemente. — Por que, *chér*, você está pedindo o que acho está pedindo?

— Pode apostar nisso— ele disse, dando-lhe um tapinha brincalhão e deixando-a montar seu peito com suas pernas.

Ela já estava tão molhada por ele, e enterrou seu rosto contra ela enquanto ela lambia o comprimento de seu membro e ambos os corpos sacudiram em uníssono pelo prazer.

Ele gemeu contra ela, então passou a língua sobre a protuberância dura de seu clitóris. Ela tinha um sabor tão doce, como se ele pudesse se acomodar e viver aqui entre suas pernas por um bom e longo tempo, e ele

acariciou suas coxas com suas mãos enquanto chupava e lambia para seu prazer.

Ele estava mais que ciente de como seu próprio corpo estava respondendo, o modo como seus músculos ficavam tensos com necessidade, e Jesus, a língua dela estava em todos os lugares, lambendo suas bolas e aquela área hipersensível logo atrás delas que o fez praticamente saltar para fora da cama.

Seus dedões do pé se enrolaram quando ela manteve as coxas dele separadas, equilibrando o peso de seu corpo nelas, e em resposta ele a esticou ainda mais e usou sua língua para introduzir-se tão profundamente dentro dela quanto possível. Ela agitou-se, mas ele a segurou no lugar com seus quadris enquanto o tamborilar de uma suave, mas persistente, chuva começou a bater na janela.

Ela meneou contra seu rosto, seus próprios gemidos vibrando ao redor do membro dele, e ela estava tão pronta, seus dedos cavando em suas coxas enquanto ela subia e descia em seu sexo. Apenas uma longa sugada em seu clitóris e ela estava gozando contra sua boca e ele estava gozando na dela e o trovão explodiu logo fora de seu quarto em apreciação, a chuva um tamborilar constante de aplauso.

Sim, a Mãe Natureza estava certamente mostrando seu senso de humor. Sua pele formigou com as correntes elétricas da tempestade que ele acabou de atrair em direção a eles, e Haley girou seu corpo para se aconchegar contra seu peito. Ela corria as pontas dos dedos de cima a baixo em seus bíceps e ele sentiu seu corpo relaxar no dele.

— Mmm, você ainda cheira como chuva. O que você estava fazendo lá fora mais cedo?— Ela perguntou, sua voz rouca. Seus olhos estavam com as pálpebras pesadas, e ele estava preparado para deixá-la sonhando acordada enquanto ele os protegia até a chegada do amanhecer.

De acordo com Haley, os homens mágicos deveriam aparecer a qualquer momento, em breve, e ele precisava estar igualmente preparado para quando eles aparecessem e se eles não o fizessem.

— Eu estava apenas reforçando este lugar — ele disse. — Falta um sistema de segurança adequado e eu não confio naquelas pessoas do Itor até onde eu posso atingi-los. Especialmente porque eles parecem poder *me* atingir sem problema.— Ele franziu a memória e ela o beijou ligeiramente na face.

— Nós os pegaremos, Remy. Eu sei o quanto preocupado você está sobre seu pai.

Ele encolheu os ombros. — Ele é a única família que eu tenho. Ele nunca demonstrou do jeito que eu queria, mas sei que ele se importa comigo em algum nível. Era o único que se importava.

— Não é o único agora— ela disse, e enroscou suas pernas pelas dele, e Deus, ele realmente queria acreditar nela.

— Você não acha que nós devíamos conversar sobre tudo isto?— ele perguntou finalmente. — Eu sei que você precisa dormir, que foi machucada, mas nós temos algo acontecendo entre nós.

Ela se afastou de seu peito e ficou sobre seu cotovelo, assim podia olhar para ele. — Você sabe que não tive nada a ver com isto,— ela disse, tocou em sua tatuagem que já parecia mais cicatrizada desde aquela manhã. A dela estava cicatrizando em uma taxa igual.

— Existe algo entre nós— ele repetiu. — Você sabe tudo sobre mim. Você me disse isto, antes na baía— ele lembrou a ela. — Você sabe minha história passada com mulheres.

— Suficiente para saber que você nunca quis uma história.

— Suficiente para saber que eu *não podia* ter uma, Haley. Existe uma grande diferença.

— E agora você quer uma história? Comigo?— Ela perguntou, e ele não estava certo se realmente queria ele dissesse sim ou não.

— Eu não sei se são as tatuagens, o clima ou o feitiço que eu lancei quando eu tinha dez anos...

— Que feitiço?—

Ele pausou, se perguntando se realmente iria admitir isto para ela.

— Quando eu era mais jovem, quando soube que era diferente... Merda, isto é embaraçoso.

— Conte-me, Remy.

Ele respirou fundo e continuou, contou a história rapidamente antes que ele se acovardasse.

— Eu queria alguém que me amasse, me amasse pelo que eu era. Apesar da minha merda com o clima. Alguém que entendesse isto e a mim. E então eu lancei um feitiço e pedi por tudo isto. E aquela noite, pela primeira vez, eu tive o sonho.— Ele engoliu forte e Haley acariciou seu braço. — Eu sonhei com o símbolo. Este símbolo.— Ele apontou para a tatuagem dela.

— Você tem sonhado com isto desde que tinha dez anos?— Ela perguntou. — Não é surpresa que você tenha surtado na primeira vez que viu.

— Sim. Isso era algo que eu nunca esperava ver. Eu esqueci sobre o feitiço. Desisti de encontrar alguém. Mas eu nunca parei de desenhar este símbolo.— Seu dedo traçou a tatuagem, a que ele podia—e fazia—facilmente desenhar em seu sono. — Nunca parei de sonhar com isto.

Haley se sentou completamente, enrolou o lençol ao redor dela como se subitamente tivesse um calafrio. — O que você está me dizendo? Que você me convocou? Que isto tudo é algum tipo de maldição vodu?

Haley olhou fixamente para ele, insegura de como lidar com isto. Não era que não acreditasse nele. Ela apenas não gostava da idéia que uma maldita maldição pode ter posto sua vida em um curso que ela não escolheu para si mesma. Não quando toda sua vida adulta tinha sido sobre o que lhe daria maior controle—sobre sua carreira, sobre suas relações pessoais.

— Conte-me, Haley, por que é que você chama minha habilidade de controlar o clima um dom, mas o que nós temos juntos é uma maldição? Em que tipo de critérios você está se baseando? E quem diabos toma esta decisão? Você?

Okaaaaay. — O que entrou no seu traseiro?

— Seu dedo, algumas vezes.

— Isto é muito engraçado.

— Estou feliz que você acha divertido, porque ainda estou me perguntando por que algumas coisas que não pode explicar são dons e outras são maldições.

Ela esfregou suas têmporas, insegura de sua própria resposta e pensando que o fato de que era duas da manhã não ajudava seu estado de espírito. — Eu não gosto de pensar que minha vida foi predestinada assim.

— E você acha eu gosto? Você não é a única com uma tatuagem, *baby*. E certo como inferno não passa seus dias que se preocupam sobre se você vai ou não machucar alguém ou se compromete uma missão por causa da porra de um vento forte.

Ele estava certo. Ela estava sendo injusta. Muito injusta, especialmente considerando que sua vida tinha sido uma grande trilha de tempestade influenciada por forças que ele não podia controlar.

— Eu sinto muito— ela suavemente disse. — Eu só... eu nunca quis me se apaixonar. Eu evitei isso toda minha vida. Então pensar que algum feitiço poderia influenciar meus sentimentos contra minha vontade...

— Por que você não iria querer se apaixonar?

Encolhendo os ombros, ela balançou suas pernas fora da cama. — Você não disse que queria conseguir algo para comer?

Remy agarrou seu pulso. — Haley?

Ele não disse, mas ela devia a ele. Devia por mentir para ele, por tê-lo trazido a Baía Blonde... o que levou seu pai a ser tomado por alguns dos vilões mais perversos no planeta.

— Amor faz você desistir de coisas— ela murmurou. — Faz você egoísta. E cego.

O olhar dele sustentou o seu com tal intensidade que ela teve que desviar. — De onde isto está vindo? Algum sujeito magoou você?

— Não, nada assim.— Ela se solou de seu aperto. — Olhe, eu não quero conversar sobre isto, okay? Meus pais estão mortos e enterrados

— Ah.

Ele disse isto como se tivesse entendido tudo. O psicanalista Remy Begnaud descobriu o que a fazia funcionar. Bom para ele, porque ela ainda tinha que entender.

— Eles tiveram um casamento ruim?— ele pressionou, e ela amaldiçoou seu treinamento como um interrogador. O tom de sua voz, então nivelado, medido, era feito para acalmá-la em pensar que podia compartilhar e que ele entenderia. — Um deles traiu?

— Trair?— Ela soltou uma risada amarga. — Meus pais tiveram uma relação muito amorosa. Infelizmente, aquele amor não se estendeu para mim.

— Eles não amavam você?— Ele se sentou, agarrou seus braços e a puxou de volta contra seu peito.

— Eles amavam.— Ela se contorceu para escapar do aperto íntimo, mas quando seus dedos começaram a massagear a tensão para fora de seus músculos do ombro, ela amoleceu como massa de biscoito. Ele tinha um modo de fazer isto com ela, e estava começando a gostar disto, maldito seja.

— Mas?

— Mas seu amor um ao outro era mais consumidor e extremo que todo o resto—trabalhos, casa, amigos, eu—vinha depois, muito depois. Era tudo muito Ron e Nancy Reagan.

Seus pais acreditaram que a relação deles não podia ser mais forte ou mais saudável, e eles estavam provavelmente certos, mas Haley sempre se

sentiu deixada de fora, e como resultado sempre visualizou amor como uma debilidade. Amar significava abandonar todos os outros pelos afetos de uma pessoa. De modo algum ela iria cair nessa armadilha. Sua carreira, sua auto-estima, eram muito importante para assisti-las saindo pelo ralo por causa de um homem. Sua mãe nunca viu nada de errado com desistir de sua própria carreira, mas aos olhos de Haley, sua mãe desistiu de tudo.

— Então o que aconteceu com eles? Você disse que estavam mortos.

Seus dedos polegares trabalhados em nó particularmente teimoso, e ela gemeu, disposto a lhe dizer qualquer coisa agora. O homem era bom. Bom demais. Ele a teria confessando todos os seus pecados e até inventando alguns se ele continuasse esta tortura feliz.

— A mamãe morreu de câncer um ano depois que me juntei a Força Aérea.— Haley compareceu ao enterro, mas seu pai se recusou a falar com ela. Nossa, ela não falou com qualquer um deles desde que foi empossada. Antes que ela e seu pai pudessem resolver suas diferenças, ele morreu, também. — Meu papai se foi seis meses mais tarde. Os doutores não podiam encontrar uma causa, mas todo mundo que o conhecia disse que ele morreu por um coração partido.— Ela engoliu o súbito inchaço em sua garganta. — Vê o que o amor faz? Torna você fraco. Mata você.

Respiração cobria seu couro cabeludo enquanto Remy pressionava um beijo gentil no topo de sua cabeça. — Também dá a pessoas algo para viver— ele sussurrou.

Lágrimas ardiam nos olhos. Maldição, ela não iria chorar. Ela se recusava a deixar seus pais a magoarem mais do que já fizeram.

— Nós podemos terminar com a coisa sentimental agora?— Ela beijou sua mão divertidamente e se lançou alegremente. — Eu realmente estou morrendo de fome. Talvez nós possamos pedir para viagem do Denny's do outro lado da rua.

Ele envolveu seus braços ao redor dela e a puxou ainda mais apertado contra seu peito. Ela estava completamente despreparada para a profundidade de emoção que seu abraço persuadido para dela. Ela nunca se sentiu tão segura. Anos de solidão desaparecidos em um momento.

Solidão que nem sabia que existia.

— Você fica aqui— ele suavemente disse. — Eu alimentarei você.

Ele saiu da cama e vestiu suas calças e camisa, que ainda estava molhadas e endurecidas com sujeira depois da fuga delas da baía. Ele verificou sua arma com graça qualificada e fácil, e um calafrio impróprio destruiu o corpo dela. Homens militares nunca tinham sido seu ponto, sempre irritando sua feminista interior, mas seus instintos femininos mais profundos e mais básicos não podiam evitar além de apreciar um homem que podia lidar consigo mesmo e mantê-la segura.

Então seu coração, que tinha se sentido todo confortável e seguro, saltou para sua garganta quando a porta abriu de repente.

Capítulo 21

— Que diabo...?—

Remy rolou a si mesmo e Haley da cama para o chão, mantendo-a abaixada enquanto ele sacou sua arma e a apontou em direção à entrada, mas era tarde demais. Se o homem de pé no meio do quarto, que se materializou de parte alguma, quisesse eliminar, Remy seria eliminado.

— Tudo bem, Remy. Ele é um dos nossos,— Haley disse. Ela se virou e puxou o lençol para se cobrir. Remy notou que o homem pelo menos manteve seus olhos respeitosamente afastados de Haley, mas o escárnio que ele mantinha especialmente para Remy não estava escondido absolutamente.

— Se eu fosse o inimigo, você estaria morto, SEAL— o homem rosnou. O sujeito era da sua altura, um pouco mais esguio, mas Remy apostava que ele teria rendido um inferno de uma briga se chegasse a isto.

Ex-militar, se Remy tivesse que chutar. Ele se perguntou qual era a habilidade especial do homem, além de aparecer do ar.

— Cristo, Ender, você precisa parar de fazer isto.— Outro homem alto apareceu na entrada aberta. Seu cabelo escuro era longo, quase em seus ombros, e ele fechou a porta atrás dele. — Você está bem, Haley?

— Eu sou bem. Mas eu gostaria de me vestir,— ela disse. — Se vocês pudessem dar a mim um pouco de privacidade por um segundo, eu podia chegar ao banheiro, isso seria ótimo.

Remy assistiu os dois homens se virarem e então trocaram sua atenção sobre Haley. Que olhou de volta para ele. — Você não disse que eu não podia olhar— ele disse em uma voz baixa, e o homem chamado Ender bufou.

Haley movimentou os lábios, *Seja bonzinho... eles são dois dos melhores da ACRO*, e então se fechou no banheiro. Quando Remy devolveu sua atenção para os homens que Haley tinha em alta conta, eles já estavam o encarando.

— Você deve ser o Remy— o homem de cabelo escuro disse. — Eu sou Wyatt Kennedy, e este é Ender.

— Ender?— Remy perguntou.

— Sim, Pequeno Remy — Ender disse, e foi a vez de Remy rosnar.

— Vamos, rapazes—isto não é hora para um concurso de empata transa— Wyatt, disse. — Nós temos trabalho a fazer, e não um inferno de muito tempo

Remy verificou seu relógio e assentiu.

— Qual é o seu plano?

— Você quer dizer que não inventou nada enquanto estava esperando? Ender perguntou. — Oh, certo, você estava muito ocupado.

— Ender, vamos — Wyatt o parou. — Seu velho está em apuros.

Ender suspirou, ruidosamente. Então girou e começou a esvaziar a bolsa que trouxe, desempacotando um laptop e armas variadas.

—Não é melhor você sair e fazer isto em seu próprio quarto?— Remy perguntou.

— Este é nosso quarto,— Ender declarou.

— De modo algum. Você dois não vão ficar aqui,— Remy disse.

Ender rosnou. — Você não me diz onde ficar, SEAL.

— Remy, cara, nós não podemos arriscar deixar você dois sozinhos— Wyatt explicou, entrando entre Remy e Ender.

— Eu estive bem até agora.— Remy lutou contra o desejo de mostrar seus dentes para Ender.

— Sim, você esteve— Wyatt disse, pondo uma mão em seu ombro, como se para tranquilizar Remy. Funcionou, momentaneamente. — Mas isto não é bom o suficiente agora.

— Você não tem idéia alguma do que você está contra — Ender adicionou.

— E você vai me explicar?

— Estas são minhas ordens.— Ender franziu como se ele repugnasse tanto as próprias ordens quanto ser ordenado. Remy entedia isto muito bem.

— O que agora?— ele perguntou.

— Agora nós trabalhamos. A menos que você precise dormir.— Ender disse isto como se sono fosse para os fracos. Nisto, Remy não podia evitar além de concordar. Sem outra palavra, Ender puxou sua arma e saiu do quarto.

— Onde ele está indo?

— Ele reajustará os alarmes do perímetro. Eles funcionam em inimigos normais — Wyatt explicou. — Não nas pessoas como nós.

— Ele é sempre assim?— Remy perguntou.

— Na maior parte.

— Como diabos você agüenta isto?

— Ele não é tão diferente de você e eu, verdade seja dita, Remy. Além disso, eu devo ao sujeito. Ele é a pessoa que me salvou e me trouxe para a ACRO cinco anos atrás

— O que você estava fazendo antes disto?

— Eu estava com as tropas — Wyatt disse, e Remy de repente sabia que seu velho ficaria bem, afinal.

Haley ficou em pé no banheiro, bochechas queimando em ter sido pega nua na cama. Pior, ela não tinha nada além de toalhas para vestir.

Depois que ela e Remy deram entrada no hotel, tentou contatar a Tríade novamente, mas sua cabeça quase explodiu, então ela desmoronou e ligou para Dev enquanto Remy fazia seja o que SEALs fazem do lado de fora. Então ela tomou banho, usou a oportunidade para lavar suas roupas, e agora seu vestuário gotejava de onde eles estavam pendurados, dispostos sobre a barra de chuveiro enferrujada.

— Haley?— Remy bateu suavemente na porta. — Seus amigos nos trouxeram algumas roupas.

— Meus heróis.

Ela pegou as calças cáqui de combate e uma camiseta preta de Remy, agradecida pela previsão da ACRO. Ou segunda visão. Não importava. Partes importantes do corpo seria cobertas.

Uma vez vestida, ela arrastou seus dedos por seu cabelo e saiu do banheiro, para encontrar os três homens dominando o pequeno quarto com suas presenças. Ender girou sua cadeira assim ele podia apoiar suas longas pernas sobre o parapeito, o laptop equilibrado em seus joelhos. Ele parecia relaxado, como ele estivesse surfando na web por prazer, mas ela não estava enganada. Ela não o conhecia bem, mas a reputação de Ender mais que o precedia, e sabia que ele tinha um propósito mortal.

Todos os três homens eram mortais, com ou sem suas habilidades especiais. Até com personalidade animada de Wyatt, ela não entendia mal por um segundo o perigo que havia embaixo daquele comportamento.

Remy se sentou próximo a Wyatt à mesa, mapas da área dispersa entre eles. Remy olhou para cima primeiro, sorriu, embora seus olhos mantivessem um brilho mais sério reflexo do que eles tinham mais cedo.

Ele estava em modo-missão. Um calafrio de pura e feminina avaliação deslizou por ela, e mais uma vez, ela se perguntou quando suas preferências em homens foram de ternos e gravatas para camuflados e botas de combate. Uma coisa era certa, depois deste, não havia volta para o corporativo casual.

Wyatt girou para ela, seu corpo magro e esguio gritando com energia de excesso e um excesso de sensualidade. Rumores diziam que além de telecinese, ele tinha o poder de seduzir qualquer um, fêmea ou macho, sem mesmo tentar. Haley acreditava nisto, tendo no passado caído vítima do mesmo anseio sexual que outras mulheres afirmavam sentir na presença dele, mas agora, agradecidamente, ela não sentiu nada.

— Haley, aqueles bastardos mostraram a você qualquer coisa além da Estrada Red Rober? Qualquer coisa que possa nos ajudar definir um provável local para Itor instalar um negócio?

Sua cabeça pulsava na lembrança da violação odiosa. — Eu vi uma zona rural. Campos pantanosos e cercas de arame farpado. — Ela caiu na cama e agarrou o kit médico que Remy deixou depois de colocar bandagem em seus pés. — E um cruzamento de três vias... eu acho que a encruzilhada é chamada algo como Washington. — Uma névoa vermelha de dor obscureceu a memória, e ela suspirou. — Eu sinto muito. Eu não posso ter certeza.

— Tudo bem. Nós acharemos. — Remy correu seu dedo sobre o mapa. — Pode ser Washout? Eu tenho uma Estrada Washout bifurcando Red Rover mais ou menos vinte milhas fora dos limites da cidade.

— Bom palpite — Wyatt disse, traçando o ponto do mapa com um lápis.

Ela rolou as suas pernas da calça para cima e tocou de leve o anti-séptico nos cortes de suas canelas enquanto Wyatt cavava por uma pilha de mapas e gráficos e retirava uma fotografia de satélite. — Há um monte de casas de fazenda isoladas e outras merdas na área.

Amaldiçoando, Ender cavou seu celular para fora do bolso de sua calça jeans. — Eu liguei para os Recursos. Eu não posso conseguir qualquer coisa em meu computador.

— Sobre o que você está falando?— Haley perguntou, se sentindo um pouco inútil.

— Nós precisamos de registros de propriedade e aluguel. Se nós pudermos conseguir uma lista das casas que foram alugadas recentemente, podia nos ajudar a localizar local da base de operações de Itor.

Remy agitou sua cabeça. — É difícil de acreditar que eles podiam se perder tão fácil na baía, mas se instalar tão bem aqui.

— Acredite, SEAL.— Ender se levantou, compassado enquanto falava com alguém no telefone.

Wyatt se debruçou de volta em sua cadeira e chutou seus pés com botos inicializados sobre a unidade de ar condicionado embaixo da janela. — Não os subestime, ele disse para Remy, Ainda que eles tenham estragado tudo na baía. Haley, que tipo de operadores nós estamos observando? Você viu qualquer coisa?

— Eu só vi dois homens. Um deles era telecinético.

— Telecinético como?

Remy esfregou sua nuca como se ainda pudesse sentir o sopro quando atingiu a árvore. — O idiota me levantou e me lançou mais ou menos seis metros.

Wyatt franziu, e Remy olhou entre ele e Haley. — Por que? Qual o problema? Existem tipos diferentes de telecinese?

— A maioria das telecineses são como você e eu. Nós podemos afetar *coisas*. Você reorganiza o clima. Eu posso lançar objetos inanimados ao redor.— Para provar seu ponto, Wyatt enviou uma das botas de Haley velejando sobre a cabeça de Ender e para a porta, que o lhe rendeu um olhar obsceno e uma viagem de volta da bota lançada com um braço hábil.

— Isso pode ser útil — Remy disse.

— Sim, e é. Mas eu diretamente não posso afetar seres vivos.

— Por que não?

— Humanos e animais são protegidos por auras que naturalmente barram energia telecinética. Precisa de um talento especial para ultrapassar a aura. Aqueles que podem, pode tanto afetar um corpo no lado de fora, como o que aconteceu a você, ou podem afetar do lado de dentro. Parar um coração de bater ou causar um derrame.— Sua expressão ficou severa. — Você não quer se encontrar com um dos últimos.

O mapa na mão de Remy se amassou em seu punho. — Foi alguém assim quem machucou Haley?

A preocupação suavizou os olhos escuros de Wyatt quando eles tremeram sobre ela. — Não. Aquele fodido é um tipo especial de psíquico. Existe apenas um punhado deles no mundo. A coisa é, eles não podem apenas

violentar a mente de alguém instantaneamente. Eles têm que possuir detalhes profundos, íntimos sobre a pessoa.

Ela não sabia sobre aquela limitação do poder de violentar a mente. Não queria pensar muito em nada daquilo—deixou Remy e seus métodos mágicos de persuasão na cama a distrair do fato que alguém usou sua mente—e seu passado—contra ela.

Dev sempre prometeu privacidade máxima para seus operadores. Algo estava indo errado na ACRO, e aquele pensamento fez sua cabeça doer residualmente.

— Seja quem ele era sabia coisas que ele não devia saber—sobre ACRO, sobre mim — ela admitiu, e Remy se moveu em direção a ela. Ele se sentou próximo a ela na cama, alcançado para massagem seu pescoço com uma mão forte enquanto Wyatt olhava para ela com preocupação.

— Dev irá querer conversar com você quando voltar, compreender como Itor podia ter conseguido o tipo de informação que eles precisavam — Wyatt quietamente disse.

Ela assentiu, porque Dev já disse tudo aquilo. No momento, entretanto, suas pálpebras ficaram pesadas, e isto era tudo que ela podia fazer para escutar ao plano dos rapazes. Ela colocou de lado o kit médico e se esticou na cama, apenas para descansar seus olhos.

Parecia como se fossem cinco minutos mais tarde quando Remy agitou seu ombro gentilmente, mas um olhar no barato relógio de cabeceira mostrou que ela tinha estado adormecida por três horas.

— Nós temos comida, *chere*.

O cheiro de toucinho, ovos, e panquecas a tirou de seu estado confuso e cambaleante, e ela agradecidamente se sentou em e pegou um prato Styrofoam de comida.

— Você descobriam onde Itor poderia estar?

Remy assentiu e se sentou próximo a ela, perto o suficiente que seu calor envolveu ao redor dela como um cobertor reconfortante.

— Há um trailer próximo daquele cruzamento que nós discutimos. Está bem escondido e foi alugado apenas três dias atrás.

Ele tinha tomado banho e vestia roupas idênticas as sua, embora suas calças de combate fossem de um padrão camuflado. Linhas de preocupação dobravam sua face, e ela o alcançou, tomou sua mão.

— Nós acharemos seu pai.

— Eu sei. Eu só continuo pensando sobre como eu quero rasgar aqueles bastardos pelo que eles fizeram com você. Uma vez que nós dispersamos do veículo, tudo que eu me importarei é em colocar minhas mãos neles.

Ender fez uma arma com seus dedos indicador e polegar.

— Tudo que com que me importo é atirar geometricamente, vento e distância.

— Atiradores de elite.— Wyatt rolou seus olhos. — Mas falando de vento, nós podíamos usar uma resumo de clima se você estiver disposta. Nós vamos atingi-lo uma hora mais cedo do que disseram. Duas da tarde.

Ela assentiu, contente por ter algo para fazer. Parte dos encargos das estações de clima da ACRO incluíam resumos de clima para toda missão e vôo, e dar os relatórios sempre tinham sido um de seus aspectos favoritos do trabalho.

Ela comeu enquanto usava o laptop de Ender para baixar modelos de análise atuais, imagens de radar e observações.

— Bem, meninos, parece o cara ruim caçando o clima de sempre. Em parte nublado, vinte e seis graus, setenta por cento de umidade. Ender, ventos virão do sudoeste ao redor de nós. Também há uma faixa estreita de chuva leve para o oeste, mas não deve apresentar problemas. Remy pode ser capaz de atraí-la por um pouco de poder extra.

Ender tirou um tempo de empurrar toucinho e salsicha em sua boca para amassar seu copo de café e lançá-lo no lixo. Ela nunca viu alguém comer tanta carne. Seu colesterol devia estar nas alturas. — O que, exatamente, você pode fazer, SEAL?

Remy congelou com seu garfo a meio caminho de sua boca e lançou a Haley um olhar de incerteza.

— Tudo bem, cara — Wyatt disse. — Você não tem mais que esconder isto.

O modo como Remy se moveu, apenas ligeiramente, na cama disse a ela que ele não estava pronto para se abrir com completo estranhos sobre algo que ele manteve enterrado por sua vida inteira.

Ela limpou sua garganta.

— Ele pode rapidamente alterar as condições atmosféricas locais para criar névoa, vento, chuva, granizo... e ele até girou um tornado na baía.

Wyatt sorriu. — Legal.

Ender bufou.

— O que é a pegadinha? Sempre há uma pegadinha.

— Emoções fortes podem gerar climas que eu não posso comandar,— Remy murmurou.

— Isto é um assunto de controle. ACRO pode treinar isto com você.— O olhar de falcão de Ender iluminou em Remy com intensidade predatória. — Eu estou conversando sobre a kryptonita. O que é?

Remy mostrou seus dentes. — Você diz a todo mundo qual é a sua? Você quer que pessoas saibam sobre seu interruptor de morte?

A testosterona no quarto se levantou como uma tempestade do verão, mas antes de alcançar uma massa crítica, Wyatt lançou uma caneta em Ender. — Ele está certo. A menos que nós precisemos saber...— Ele olhou para Haley. — Nós precisamos saber? Ele comprometerá a missão se esbarrar com a kriptonita?

— Eu nunca comprometi antes — Remy disse firmemente, e Haley agitou sua cabeça.

— Ele está certo.— Não existia nenhum tempo severo a caminho para bagunçar com sua libido, e, além disso, se as coisas piorassem, ela estaria lá com ele. — Então quando nós entramos?

— Não todos nós — Remy disse. — Nós aqui. Você vai ficar.

— O inferno que eu vou.

Wyatt engoliu seja o que estava mastigando.

— Annika está a caminho, e se Remy pode fazer o que você disse, nós devemos ficar mais que bem.

Ender meramente apontou seu garfo de plástico a ela.

— Você é uma suscetibilidade. Você fica.

Ela xingou.

— Eu percebi que não sou uma operativo de campo. Mas eu sou possivelmente sua única conexão de comunicação com Itor.— Nenhum deles parecia estar convencido, então ela jogou o cartão de perigo. — E se eles decidirem foder minha mente novamente enquanto estiverem fora?

— Ela tem um ponto,— Wyatt disse, e Remy agitou sua cabeça.

— Eu não gosto disto.

— Isto é porque você está pensando com seu pinto,— Ender falou pausadamente.

Remy girou para ela. — Eu ainda tenho que ser bonzinho?

Ender lançou seu prato vazio no lixo.

— Eu odeio concordar com o Wyatt em qualquer coisa, mas ele está certo, Haley tem um ponto. Se eles invadirem sua mente novamente, eles poderiam causar algum dano sério antes de nós podermos ajudá-la. Ela pode ir, mas ela fica na retaguarda.

Por alguma razão, ela se sentiu como se tivesse sido aceita pelas crianças populares pela primeira vez em sua vida. E pela primeira vez que ela estaria nas linhas de frente, na ação em vez de apoiar a missão com relatórios de tempo por detrás das cenas.

— Você fica muito na retaguarda.— Os olhos do Remy estavam ferozes, sua voz profunda e baixa. — Eu não quero que eles chegando perto de você.

Antes que ela poder se indignar com sua ordem, Wyatt limpou sua garganta. — Remy, cara, falando em chegar perto...

Encostando um quadril magro contra a mesa, Ender lançou a Remy um olhar de advertência que lançou arrepios pela espinha dele.

— Não os deixe levar você.— Quando Remy abriu sua boca para discutir, Ender levantou sua mão.

— Eu sei que você pensa que é um filho da puta tão mal que eles não podem lhe forçar a trabalhar para eles, mas eles têm modos. E nas mãos deles, você é uma arma de destruição em massa ambulante.

— Sim? E que tal nas mãos da ACRO?

Wyatt agitou sua cabeça.

— Nós não trabalhamos assim. Itor vende serviços para o lance mais alto. Tudo que nós fazemos é para o bem dos Estados Unidos e seus aliados. O que significa que nós não forçaremos você a trabalhar para nós. Mas você viu como eles operam. Nós queremos que você junte-se a nós de seu próprio livre arbítrio.

Haley segurou sua respiração, esperando que Remy não perguntasse o que aconteceria se recusasse, e felizmente, ele não o fez.

— Nós veremos o que acontece depois que isto estiver terminado.—
Ele a perfurou com um olhar aquecido. — Existem muitas coisas que precisam ser resolvidas.

Capítulo 22

A mansão da família de Dev ainda estava cheia de companhia, mas muito mais solitária desde que Annika partiu. Creed estava em pé na cozinha, olhando fixamente para a bolsa abandonada de batatas chips no chão e o refrigerante dela, enquanto tomava um gole do seu.

Ela pareceu um pouco preocupada quando o deixou, o que era legal. Ela nunca o viu quando entrava em um de seus chamados transes de conversa de fantasma, provavelmente surtou um pouco quando ele pareceu perder a consciência.

O que significava que ela se importou.

E embora ele desejasse que ela ainda estivesse aqui, por muitas razões diferentes, ajudar a trazer um novo operador em segurança era algo bom para Annika fazer parte. Perigoso, mas bom.

Ele se perguntou se os psíquicos que seguiam a maior parte dos membros do time da ACRO—três psíquicos por operador, todos de plantão por turnos de oito horas assim cada operação tinha cobertura de emergência vinte e quatro/sete—poderia sentir o modo como ele se sentia sobre Annika. Ele pensava que tinha autocontrole suficiente para mantê-lo debaixo dos panos.

Mas sendo a primeira vez de Annika, sua mente seria mais vulnerável. Confusa. Ele esperou que o código de honra e silêncio dos psíquicos se mativesse verdade, porque ele não quis tais informações delicadas chegando a Dev. Não deste modo.

Ele verificou seu relógio, viu que fazia nove horas desde que ele tinha estado sozinho aqui. Horas de Kat discutindo com o espírito, de fisicamente e emocionalmente trabalho desgastante, e eles não conseguiram nada além de descobrir que seja quem estivesse presos dentro desta casa queria acesso a Dev.

O que Creed tinha compreendido no segundo que pisou sobre a soleira, então ele esperou que não levasse mais nove horas para extrair informações adicionais.

Ele massageou sua nuca, antes de Kat assumir este trabalho para ele, aliviando parte da tensão que tinha começado a fazer suas têmporas pulsarem. Claro, parte da tensão era sua culpa em primeiro lugar.

— Você um dia vai me deixar ter minha própria vida?— ele perguntou a ela. Ele não conseguiu resposta alguma além de um leve toque em sua face e um ligeiro pulsar ao longo de seu lado direito.

Não, nem Kat ou Annika parecia o tipo para compartilhá-lo com qualquer outra. Então novamente, Annika não lhe prometeu merda nenhuma.

Um estrondo alto o trouxe firmemente de volta ao trabalho, quando sua atenção estava sendo exigida.

As portas no segundo andar abriram e fecharam, e ele golpeou o resto de seu refrigerante, lançou a lata e tirou sua camisa novamente.

Ele deitou no chão de mármore na parte inferior da escadaria. O espírito o queria mais perto do portal, mas não havia maneira disso acontecer.

Ele fechou seus olhos, concentrados em atrair o poder do espírito e finalmente conseguiu uma visão.

Um menino jovem, talvez quatorze. Cabelo marrom. Desengonçado, como se ele ainda não tivesse crescido em si mesmo.

Dev. Caminhando por esta casa, descendo a escadaria principal.

— Você conhece o Dev — ele disse, e Kat disse sim, o espírito conhecia Dev muito, muito bem.

— Eu tenho perguntas — de Dev, — ele disse.

— Eu quero conversar com Devlin diretamente — disse, e os olhos de Creed se abriram. Era raro que um espírito falasse diretamente com ele, em vez de ir por Kat. Um espírito forte.

— Você não pode conversar com Dev — ele disse alto. — Você vai ter que lidar comigo primeiro.

— Devlin mandou a você.

— Sim.

— Ele quer saber sobre o seqüestro — o espírito disse. — E algo mais. Algo sobre uma infiltração.

— Sim.— Dev mencionou seqüestro, mas Creed não tinha ideia alguma do que o espírito queria dizer por infiltração. Ainda assim, ele seguiu. — Dev quer saber sobre ambos.

— Você terá que me deixar sair para conseguir estas informações — disse.

— Você terá que levar isto a seja quem colocou você aqui. Eu não tenho este poder — ele disse, e a casa rugiu com raiva, com dor, e a emoção perfurou por ele. Ele se virou de lado, enrolado-se para se proteger quando os sons estridentes continuavam a bater sua passagem por ele.

Ele não estava certo de quanto tempo se passou, e então ele ficou ciente de um toque contra sua nuca, persuadindo-o a deitar reto novamente. Um toque que não era de Kat, mas ainda assim, ele desenrolou seu corpo, mantendo seus olhos fechados e fez o que estava sendo pedido a ele.

Outro toque, desta vez em seu peito—suave a princípio, e então mais insistente. Novamente, não de Kat, Então a carícia se moveu abaixo em direção a seu abdômen, e ele congelou.

Não, este fantasma estava emitindo vibrações para uma direção que ele não fazia.

Kat sabia disto, e ele sabia que sua superproteção iria entrar brevemente, mas ela iria deixar o espírito avançar um pouco, porque ambos precisavam de respostas.

— Quem é você?— ele perguntou, mesmo quando o que pareciam dedos fazia cócegas em suas laterais.

— Dev sabe,— disse, e Creed sentiu seus ombros e quadris pressionados contra o chão.

Iria tentar mantê-lo no chão. Kat acariciou seus ombros, seu modo de dizer a ele para não se preocupar, só para escutar.

Sim, fácil para ela dizer. Porque este espírito não podia ser confiado. Não que qualquer espírito pudesse, realmente. Eles eram todos trapaceiros.

Um fino brilho de suor cobria seu tórax, seu lado direito pulsava com energia em excesso e ele podia cheirar a eletricidade flutuando no ar que sempre acompanhava uma verdadeira assombração.

As pessoas gostavam de pensar que aquelas assombrações eram nada além de lendas urbanas, histórias assustadoras para contar em torno da fogueira de acampamento e rir sobre elas mais tarde.

Oz sempre costumava dizer que histórias de fantasma não eram para crianças pequenas, e de forma alguma para fazer piada—nunca.

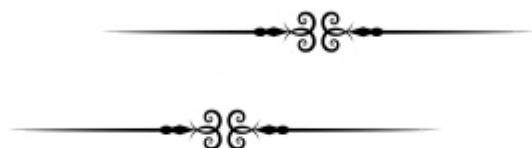
— Diga a Devlin que eu estarei esperando por ele, que eu o quero de volta,— o espírito disse, e com um toque final na bochecha de Creed, se foi.

Creed estava bem ciente de sua própria respiração, rota e áspera, e quando Kat tentou ajudá-lo, ele se afastou.

— Eu nunca deixaria qualquer coisa machucar você,— Kat disse a ele.

Ele deu as costas para ela, e ela o deixou sair, para cozinha, não seguiu ele. Ele afundou em uma das cadeiras em torno da mesa velha e descansou sua cabeça em suas mãos trêmulas, sentindo a fricção tranquilizante ao longo de seus ombros.

Foi uma das poucas vezes que ele de boa vontade permitiu que Kat o confortasse.



Eles estão em apuros, mas bem, o pai de Dev sempre costumava dizer sempre que ele ficava com aquele olhar, e a enxaqueca terrível que seguia, então mesmo do tempo que Dev era muito pequeno, ele sabia que o dom da segunda visão era algo a não ser invejado.

Problema com a missão envolvendo Remy era inevitável. Esperado. Mesmo que Dev sentisse isto, não havia nada que ele pudesse fazer além de esperar. Esperar, ter reforços prontos para partir no momento do anúncio e

tentar se libertar da dor ardente que sempre sofria quando um de seus operativos estava machucado ou em dificuldade.

Mas não havia regra alguma que dissesse que ele tinha que esperar sozinho.

— Tão bom,— ele murmurou depois, passou a língua sobre um mamilo tenso, um ato que produziu um gemido primitivo e uma investida para cima do corpo duro preso embaixo do seu. Suas bolas apertadas, a excitação familiar cerrava seu abdômen, e a dor em sua cabeça começou a diminuir em resposta a mudança de pressão de seu corpo. Mas não antes da voz da memória começou a brincar dentro de sua cabeça.

Você ama quando eu chupo seus mamilos, não é, baby?

Ele agitou sua cabeça suavemente, continuada a chupar no mamilo duro e áspero. Seu sexo pulsou quando seus dedos traçaram o lado inferior sensível dos braços ligados a cabeceira. Ele parou na parte interior dos cotovelos e continuados em cima dos antebraços, passado o pulsar do ponto de pulsação em baixo das correias de couro que mantinham o homem com o cabelo escuro abandonado contra as carícias de Dev.

Deixe-me prender você, Dev. Eu amo quando você luta...

— Eu posso foder a preocupação direto para fora de você,— o homem chamado Rich, um dos mais novos Sedutores da ACRO, treinado na arte do sexo e na arte de manter sua boca bem fechada, lhe disse quando ele

entrou em casa menos que quinze minutos mais cedo. Sua voz era rouca, o tom convencido, que era do jeito que Dev gostava de seus amantes.

Ele usou sua segunda visão brevemente para estudar Rich, o modo que seu cabelo preto era mais curto do que Dev normalmente gostava, mas ainda sim longo o suficiente para ele torcer em seus dedos, o modo como seus olhos eram mais castanho claro que chocolate... o modo como ele nunca iria se comparar as memórias de Dev.

Nada jamais iria.

Rich avançou corajosamente, abriu o robe de Dev e o lançou de seus ombros, e Dev se firmou e deixou a boca quente morder e chupar para baixo de seu tórax, em direção a seu abdômen. Ele deixou a língua talentosa provocar seu umbigo por alguns minutos com apertados e exploradores círculos que fizeram seu membro doer antes dele empurrar forte contra os ombros de Rich e puxou o homem de seus joelhos.

Eu vou foder você até você desmaiar...

— Você é quem vai ser fodido esta noite,— Dev murmurou, sua mão segurando firme os bíceps de Rich em um aperto que mostrava que não havia espaço para argumentos. Ou memórias.

Três em uma cama era lotado demais.

Rich não discutiu, deixou Dev o levar degraus acima. Dev o tinha nu e amarrado dentro de minutos, e Rich parecia achar fascinante que um homem

cego podia estar em tal comando de tudo, disse isto a ele enquanto Dev amarrava os braços do homem sobre sua cabeça, parando para chupar forte na pele terna de seu pescoço na frente de deslizar pelo corpo do homem mais jovem.

E agora Rich estava implorando para ser fodido, movendo seu corpo contra o de Dev daquele modo exigente que só alguém amado podia entender, seus gemidos dirigindo Dev para o lugar que ele precisa estar.

Dev agarrou o que precisava da mesa de cabeceira, rolou o preservativo em seu sexo e esguichou uma quantia generosa de lubrificante sobre seus dedos. Ele trabalhou o buraco apertado de Rich enquanto o homem inspirava um silvo afiado por seus dentes, e então ele começou a relaxar sob as maquinações de Dev.

Dev colocou dois dedos dentro de Rich, preparando-o, assim como ele curvou sua cabeça entre as pernas de Rich para aninhar o membro do homem, tomando -o em sua boca com uma longa e lenta deslizada.

O corpo de Rich empurrou para cima, seus pulsos puxando contra as restrições.

— Oh, sim... não pare.— Rich empurrou de volta contra os dedos de Dev, assim como ele adicionou um outro, e Dev brincava com sua língua ao longo da ponta do sexo de Rich, provocando, atormentando com boca e dedos, instruindo Rich a não gozar, até o corpo do homem brilhava com suor e seus apelos eram gemidos incoerentes.

Ele rastejou para cima do corpo de Rich, lançando as pernas do homem sobre seus ombros e o entrou, empurrando a cabeça de seu membro para dentro forte o suficiente para ganhar entrada. As costas de Rich arquearam e ele gemeu.

Dor com prazer, baby...

Dev esperou até sentir o corpo de Rich se ajustar a intrusão e então ele deslizou mais para dentro, se divertindo no ajuste apertado até que suas bolas estapearam o traseiro de Rich.

— Jesus, me foda agora, Devlin. Forte,— Rich ofegou, totalmente fora de controle e amando cada minuto disto.

Dev se inclinou e beijou Rich com uma ferocidade que cresceu durante as últimas semanas, quando ele tentou fazer o adequado com Marlena, com outras mulheres, com sua própria mão e chuveiros frios.

Nunca funcionava. Não importava o quanto Dev tentasse empurrar as memórias—as necessidades—, quando elas rugiram a vida, sua inabilidade para tirar Oz de sua cabeça e sua cama sempre o chocava. Era sempre quando ele finalmente atingia seu limite, quando ele não podia mais suprimir seus sentimentos, que podia desmoronar e trazer um homem para sua cama para tentar exorcizar os demônios que Oz deixou para trás.

E embora Rich não parecesse, cheirasse ou tivesse o sabor de Oz, se Dev desligasse sua segunda visão, ele podia usar o resto de seus sentidos para imaginar os cheiros certos, os sabores certos, e em vez de foder Rich ele

estava fodendo Oz, ouvindo os gemidos de Oz e outros sons do único homem com quem ele totalmente podia se deixar perder o controle.

O traseiro de Rich se apertou contra o sexo de Dev até que suas bolas estavam quentes e cheias e ele se lançava para dentro de Rich com uma necessidade frenética, batendo sua próstata repetidas vezes, até que ambos estavam escorregadio com suor e Dev tinha que se agarrar a cama com ambas as mãos só para ficar no lugar.

Eu quero mais fundo, Dev. Quero esta em todo o caminho para dentro...

Ele soltou as mãos de Rich porque ele precisava sentir braços ao redor de suas costas—fortes, que podiam segurá-lo se eles precisassem, e ele gemeu o nome, *Oz*, contra boca de Rich até que ele gozou, seu corpo estremeceu com a liberação que ele esperou, seu coração rasgando de seu peito mais uma vez.

Capítulo 23

Remy caminhou do lado de fora do quarto de motel para aspirar algum ar fresco, clarear sua cabeça e se preparar para a missão à frente dele. Porque ficar naquela proximidade de Haley sem ser capaz de tocá-la, ou conversa com ela sobre o futuro deles, o estava matando.

Claro, Ender estava do lado de fora também, debruçando contra um dos Humvees pretos, bebendo um café. Ele entregou um para Remy sem dizer uma palavra.

— Obrigado — Remy disse. — Tem um para Haley? Eu levarei para ela.

— É um trabalho, cara — Ender disse, apontando para o café extra, que era obviamente para Haley. — Não fique muito apegado a ela. ACRO tem políticas contra merdas assim.

— Ela não se preocupou sobre isto quando veio me buscar,— Remy disse, apanhando o café do teto de carro.

Ender bufou. — A ACRO está bem com sexo. Foi assim como ela conseguiu que você cooperasse em primeiro lugar, porque todas as operativos mulheres sabem que homens pensam com seus pintos. Mas a merda da relação? Fora de cogitação.

— Eu nunca disse qualquer coisa sobre uma relação — Remy começou, mas Ender levantou sua mão.

— Eu vi você suspirar por ela. Esqueça.

— Nós já estamos prontos?— Wyatt perguntou.

Remy girou e o viu encostado no capô do carro, se perguntou quanto tempo ele tinha estado ali e quanto ouviu. Mas Wyatt meramente deslizou do carro quando Ender disse, — Agora,— e entrou no banco de trás do carro que Remy iria com Haley.

De acordo com o plano, eles tomariam a casa Itor de quatro locais. Wyatt tomaria o leste sozinho, com Remy e Haley o dirigindo tão longe quanto necessário e então o deixando improvisar até a localização correta, no caso dos carros serem avistados. Remy e Haley continuariam junto para tomar o norte, e Remy recebeu permissão para ficar com Haley, depois de muito discutir e um final e intransigente comando eu-sou-o-cara-certo-para-protegê-la. Para o qual Ender apenas bufou e Wyatt sorriu.

Ender e a operativo que eles chamavam Annika tomariam o Sul e oeste, respectivamente—todos eles abandonariam os carros quando estivessem a um quarto de milha do local. Eles deviam ter o elemento surpresa a seu lado, especialmente desde que estariam lá uma hora mais cedo que o horário que o próprio Remy deveria encontrar Itor.

— Eu estou pronta,— Haley disse da porta do quarto. Ela tinha sua bolsa atirada sobre seu ombro, fechou a porta, caminhou degraus abaixo e em

direção a Remy. Ele lhe entregou o café, ignorando o sorriso irônico de Ender e observando quando a mulher que assumiu que fosse Annika entrou no estacionamento.

— Eu só quero conversar com Annika por um segundo,— Haley disse, mas Wyatt agitou sua cabeça, falando pela janela aberta do banco de trás.

— Nós não temos tempo. Precisamos nos mover,— ele disse, e Remy viu que Annika já estava se retirando, com Ender logo atrás ela.

Ele e Haley subiram no carro e dentro de minutos estavam dirigindo ao longo das estradas vicinais em direção a seu destino, fones de ouvido no lugar, mas não conversando. Remy realmente podia sentir a energia retida de Wyatt como se ela estivesse criando seu próprio campo elétrico.

Ele se moveu em sua assentou e percebeu que tinha tido sorte que o tempo resistiu tanto tempo. Embora, só estar ao redor de Haley fazia coisas mais fáceis para ele. Desde as tatuagens...

Ele olhou para cima e viu que, embora Haley estivesse olhando para fora da janela, ela estava massageando seu quadril, aquele com a tatuagem.

Cara, isto era um negócio estranho.

— Para aqui, Remy,— Wyatt disse.

— Eu pensei que você queria que nós chegássemos mais adiante?— Remy disse, apesar de fazer o que Wyatt pediu.

— Ender queria daquele modo. Eu não respondo a Ender.— Wyatt verificou seu equipamento e então deu a Remy um tapa no ombro. — Veja você no lado de dentro.

Remy observou Wyatt partir para as árvores, e dentro de instante, perdeu o homem de vista.

Ele recordou a reunião privada que teve com Wyatt e Ender ontem à noite também, muito depois que Haley foi dormir. Uma que discutiu planos reservas. Últimos recursos.

O plano de último recurso não era muito diferente do que ele e seus companheiros de SEAL costumavam discutir, mas havia muito mais na linha se Remy fosse capturado por Itor do que jamais houve com a Marinha dos Estados Unidos.

Ele voltou a estrada e começou a dirigir novamente. Haley ainda estava massageando seu quadril pensativamente. E Remy começou a sentir o formigamento familiar junto a sua pele, embora os céus estivessem em sua maioria limpos. Ele registrou o desejo por Haley e tentou ignorar o sentimento.

— Você está bem?— Ele perguntou a ela finalmente, quando o silêncio ficou espesso demais entre eles. O zumbindo tinha começado em suas orelhas também, e precisava tirar sua mente disto.

— Eu ficarei,— ela disse. — Que tal você?

— Eu ficarei,— ele repetiu, e ela sorriu. — Eu tenho uma pergunta para você,— ele disse, incerto se era a intensidade da missão a chegar que fazia seu coração bater tão rápido, ou o que ele estava prestes a perguntar.

— Okay,— ela disse, mordendo seu lábio nervosamente.

— Você transou comigo como parte de seu trabalho?

Ela inspirou uma respiração aguda, mas não respondeu.

Porra.

Você sabe que Ender é um idiota, então não pode confiar completamente nele.

Mas ainda assim, ele sabia que podia confiar a Ender sua vida. Ele imaginou que podia confiar em Haley também, mas ele queria mais que isto dela. Tanto mais, doía fisicamente enquanto se sentava ali e a esperava encontrar sua voz.

— Por que você me perguntaria algo assim?

— Eu sei por que você veio para a baía. Você conhecia todos os rumores sobre mim. E a única maneira que você podia testar suas teorias...

— Era levar você para cama,— ela terminou. — ACRO queria que eu tivesse o trabalho feito de qualquer forma possível.

— E você é boa em seu trabalho, não é?— ele perguntou, ciente que sua voz soava bruta, e mais ciente do quanto estúpido era por ter esta conversa minutos antes de partir, arriscando sua vida.

— Remy, não...

— Está tudo bem. Eu entendo. Eu faço. Eu sou tudo a favor de fazer qualquer coisa que precise para conseguir o trabalho feito,— ele disse, sua vida como um SEAL piscando diante seus olhos.

— Eu também, mas me importar com você nunca foi parte do trabalho. Não deveria ser. Eu não posso acreditar que aconteceu.— Sua voz se prendeu e ele desejou que pudesse encostar o carro e tomá-la em seus braços. Como estava, tudo que ele podia fazer era agarrar sua mão e apertá-la forte.

— Eu sei o quanto assustada está. Eu estou assustado também,— ele admitiu. — Eu nunca estive apaixonado antes.

Ele se permitiu tirar seus olhos da estrada por um segundo, porque ele precisava olhar nos dela depois de sua admissão.

— Você me ama?— ela perguntou, o encarou e cruzou seus braços na frente dela. Não exatamente o momento ele esperava, mas então novamente, quando diabo seria? E pela primeira vez, ele não se importou em sair neste precipício particular.

— Sim, eu amo você. E farei o que for preciso hoje para mantê-la segura,— ele disse, e então sentiu um sacudir de eletricidade descer sua espinha e apertou forte o volante. — Haley, algo está errado.

— O que você quer dizer, algo está errado?— Haley perguntou, se livrando do momento eu-amo-você que ela não tinha estado certa de como lidar.

Então ela aspirou uma respiração como se tivesse sido queimada, porque, oh, merda, ela preferia lidar com a coisa de amor. À frente deles, nuvens pretas chegaram como uma série de invertidas ondas correntes. Uma parede branca de granizo obscureceu a estrada apenas jardas adiante.

— Diga-me que você está fazendo isto. Você está fazendo isto?

— Inferno, não.— Remy diminuiu a velocidade, mas eles foram atingidos pelo tempo tão forte, ela vacilou, certa que o para-brisa quebraria pela força da batida de bolas de gelo sobre eles.

O barulho, ensurdecador e doloroso, a fez gritar em seu fone de ouvido aos outros membros de time. — Se vocês já estiverem do lado de fora, cubram-se. Nós estamos entrando em um clima meio brusco.

Brusco e... errado. Nem um modelo de previsão tinha indicado até mesmo uma possibilidade de tempo como este. E os estriamentos nas formações de nuvem, a forma do granizo... ela jamais viu algo assim.

O gelo era triturado embaixo dos pneus do Humvee enquanto Remy guiava pelo obscuro véu de precipitação. A visibilidade flutuou, mas ela podia distinguir uma forma adiante. Ela olhou de soslaio, ofegado ao mesmo tempo em que Remy soltou um gutural, — Porra!

Ele bateu com forças nos freios, e ela agarrou a barra lateral quando o veículo deslizou e deu uma girada final direito em um barranco, apenas faltando os quatro sedans pretos bloqueando a estrada.

— Nada bom,— Remy murmurou, lançando o Humvee em primeira marcha e se projetando para fora da vala. Mais três veículos se moveram em posição na estrada, vindo da direção eles acabaram de chegar, interceptando-os.

— Uh, Remy...

— Sim, eu vejo. Nós vamos passar direito por eles. Segure-se.

Ele pisou no acelerador. O motor desligou. Homens em macacões camuflados fervilhado saíram aos montes dos carros. Alguns carregavam armas. Outros, ela suspeitou, *eram* armas.

Remy agarrou seu braço e puxou. — No chão.— Então ele sorriu. O maluco realmente sorriu. — Hora para alguns ciclones.

Nada aconteceu. Se qualquer coisa, as condições melhoraram. O granizo se transformou em chuva, embora o vento ainda chicoteado pelo vale estreito.

— Que porra?— A concentração em seu rosto ficou vermelha. Veias incharam em suas têmporas. — Algo está errado. Eu não posso fazer merda nenhuma!

Haley espiou sobre o painel do carro. Um homem alto e magro se movia em direção a eles, suas mãos vazias, seu olhar direcionado a Remy. Ele fez um movimento brusco com sua mão, e um tiro ecoou; A janela lateral do motorista se espatifou.

— Saíam do veículo,— ele gritou, e Remy expôs seus dentes, agitou vidro para fora de seu cabelo.

— Vai se foder.

O homem encolheu os ombros. — Você quer seu pai vivo ou em pedaços?

Remy xingou sob sua respiração. — Deixe Haley ir. Liberte-a, e eu vou cooperar.

— Remy, não,— ela severamente sussurrou, mas ele não tomou conhecimento.

— Itor não negocia.

Remy abriu sua boca para dizer algo, mas só um grunhido estrangulado saiu quando seu corpo era pressionado contra o assento. — Eu odeio estes fodidos!— Ele cuspiu.

Homens se aproximaram da caminhonete, e pânico colocou o coração do Haley em atividade intensa. Ela se arrastou em direção a Remy, mas a porta do passageiro abriu de repente, e mãos agarraram seus pés. Ela gritou, chutado viciosamente, apreciando a pancada de seus calcanhares conectando com carne.

Remy berrou em ira. — Tire suas malditas mãos dela!

Ela agarrou o assento, cavando com seus dedos, mas outro conjunto das mãos se juntou ao primeiro, e um puxão áspero quebrou seu aperto. A mordida afiada de uma agulha espetou sua coxa, e então ela estava no gelado pavimento molhado, uma mulher inclinada sobre ela, olhando de soslaio. A mulher arrancou o fone de ouvido de Haley e o esmagou sob sua bota.

— Você é uma séria dor no traseiro, Srta. Holmes,— ela disse em um metálico sotaque russo. — Se minhas ordens não fossem para trazê-la viva, eu iria destripá-la e deixá-la para sangrar até a morte na estrada como um cervo atingido por um carro.

Maldições e ameaças de Remy pairaram ao redor de sua cabeça, e ela se perguntou se o pessoal de Itor estavam tão impressionadas com sua criatividade como ela estava. Ela tinha certeza que alguma das coisas que ele sugeriu fazer com eles eram anatomicamente impossíveis, mas então, ela não achava que era possível ser levada por asquerosos do mal e não se importar.

Seja o que tinha estado na seringa não era coisa boa. Não foi até ser colocada no banco traseiro de um dos sedans que ela começou a se importar.

Porque ela não podia mais ouvir os gritos de Remy. Ela podia, porém, ouvir seu rugido de dor.

— Merda!— Annika correu tão rápido quanto pode, seus pés esmagando pelo granizo, sua roupa molhada grudando como se ela tivesse saído de uma piscina. Ela chegou ao Humvee de Remy, onde ele tinha sido deixado na vala. Ender já estava lá, testando o motor, que não funconava. Wyatt deslizou a uma parada próxima a ela.

— Filho da puta! Era a porra de uma armadilha.

Ender raramente deixava passar uma oportunidade para vociferar, mas ele permaneceu de boca fechada, sua expressão tão severa quanto a de Wyatt. Por silêncio mutuamente concedido, eles correram de volta para o Humvee de Ender, entraram, Wyatt no banco traseiro, Annika no banco do passageiro, e então Ender soltou a tirada que estava segurando.

— Como nós podíamos ter entendido errado, porra? Aquele trailer é o único lugar lógico para eles se esconderem, e de maneira alguma que eles podiam ter nos visto chegando.

Wyatt reuniu os mapas na parte de trás do veículo. Ender pegou um punhado, e olhou para Annika. — Está com medo de se cortar com o papel, princesa?

— Cala a boca.— Ela olhou para fora da janela, procurando por uma visão de seja o que estivesse fazendo os pelos em seus braços se levantarem

com uma sensação estática. — Eu acho que... eu acho que posso encontrar Remy. Ou pelo menos nos colocar na proximidade geral.

Wyatt olhou para ela de uma fotografia de satélite. — Como?

— Algo está radiando uma porrada de energia. Como uma usina de energia nuclear. Mas diferente. Bizarra. Quase parece artificial. Tem que ser o Remy trabalhando seu mojo climático ou algo assim.— Ela apontou para as zangadas nuvens escura acima. — Você notou o quanto rápido essas porcarias aparecerem?

Ender e Wyatt trocaram olhares, e Wyatt encolheu os ombros.

— Não temos porra nenhuma. Não pode machucar ver onde seu sentido aranha nos leva.

Ender ligou o veículo, e Annika fechou seus olhos, deixando a picada atrás de suas pálpebras ser seu guia. — Vá para noroeste.

A caminhonete girou no pedregulho e então pegou a estrada com uma queimada de borracha. Adrenalina adentrou suas veias, elevando seus sentidos e realçando o chiar elétrico logo abaixo da superfície de sua pele. Ela amava esta parte de seu trabalho, a caçada, a perseguição, e então o clímax da batalha.

Esperançosamente haveria uma batalha. Primeiro, eles precisaram encontrar Remy e Haley. Se aqueles fodidos machucassem Haley, Annika eletrocutaria cada um deles até que parecessem com toucinho queimado.

Haley poderia ser uma pretenciosa irritante, mas ela era a coisa mais próxima que Annika tinha de amiga. E realmente, talvez ela não conhecesse Haley tão bem quanto pensava, porque a mulher no hotel mais se assemelhava a uma indomada mulher da selva que uma parameteorologista com um bastão no traseiro.

Talvez ela tenha levado a sério a sugestão de Annika de deixar Remy excitado. Bom. Haley precisava transar seriamente.

Como Annika tinha.

O pensamento fez uma erupção de calor explodiu em suas entranhas, e ela quase malditamente gemeu. Deus, tinha sido bom com Creed. Instinto feminino lhe dizia que podia ficar ainda melhor. Ela não tinha experiência alguma, e ele estava tentando ser gentil, mas se eles um dia se perdessem um no outro... oh, cara. Imagens dispararam em sua cabeça como um velho filme de carretel—quente, selvagem, uma hiperativa maratona sexual, estrelando os dois.

Ela se mexeu em seu assento, já desejando, inadequadamente. Uma operativo ACRO e um potencial operativo tinham sido levados. Sexo não tinha por que estar no cérebro. Creed não tinha por que estar em seus pensamentos de forma alguma.

— Annika? Ainda noroeste?

— Sim.— Ela abriu seus olhos e estudou o céu sufocado de nuvens. O puxão elétrico estava ficando mais forte... da mesma maneira que ela sabia

que o puxão em direção a Cred iria. Anos de frustração sexual se acumularam, e agora que ela tinha uma saída, planejava usá-la.

Ela apenas esperava que Creed não quisesse mais dela, porque ela não tinha nada além de seu corpo para dar.

Capítulo 24



Remy grunhiu enquanto seus pulsos eram atados separadamente, braços abertos e amarrados em uma barra de metal sobre sua cabeça. Ele foi forçado a se ajoelhar na sujeira macia do chão de celeiro, seus tornozelos presos juntos também. Ele sentiu a segunda picada de um hipodérmico em seus bíceps e o medicamento queimando por suas veias. Nenhum sedativo desta vez. Não, para o que estava vindo agora, estes idiotas o queriam muito bem acordado e pronto.

Eles não contaram simplesmente com o sedativo na primeira vez também—eles o acertaram sobre a cabeça, e ele ainda estava vendo dobrado.

Ele olhou para seus captores, um homem e uma mulher, esperou pelas perguntas inevitáveis sobre suas habilidades, mas nenhuma veio. Ao invés disso, o homem caminhou atrás dele e Remy ouvi o zunir de algo feito de madeira e o implacável zumbindo pelo ar segundos antes da batida em seus rins sacudi-lo adiante.

A mulher cruzou seus braços e sorriu.

Remy não fez um som. A princípio. E então ele forçou um gemido longo, logo antes deles atingi-lo novamente. E novamente, e o grito que ele soltou era mais raiva e frustração que dor, mas eles não saberiam isto.

Ele odiava mostrar qualquer debilidade de qualquer modo, mas aprendeu há muito tempo que dar as pessoas o que elas queriam faziam as coisas ficarem mais fáceis para ele. Eles queriam pensar que estavam o machucando muito, ele iria deixá-los pensar.

O que eles estavam fazendo não era nenhum passeio no parque, mas ele já passou por coisa pior.

Sua cabeça doía e ele se perguntou se eles fariam algo além de entupilo de drogas, porque ele ainda não podia conjugar tanto quanto um pingode chuva, não importava o quanto se concentrasse.

— Novamente,— a mulher comandou, e Remy se endureceu para o próximo golpe, forçando-se a fazer um balanço da situação.

A mulher era bonita—alta, loira, glacial. Ela se debruçou perto dele, sussurrou em sua orelha, — Dor e prazer, T-Remy. Eu posso lhe dar ambos.— E sim, ele estaria disposto a apostar que ela podia.

Mas quando ele não respondeu, ela respondeu passando as mãos por seu peito, não parando até que sua mão cobriu sua forquilha. — Por que você não me dá uma chance? Eu sei o que você precisa.

— Você não tem ideia alguma do que eu preciso, moça. E certamente não é o que você tem entre suas pernas,— ele disse.

Ela se afastou e o homem soltou outra pancada rápida em seus ombros.

— Manny, largue isto e afasta-se dele. Você também, Oksana.— A voz afiada o estalou para atenção, e o sujeito que tinha estado fazendo sua alegria tentando quebrar Remy cessou imediatamente e desistiu. Oksana sorriu mais uma vez e então soprou um beijo a Remy.

— Até mais, T-Remy. Eu garantirei isto. Você será um colega de jogo muito melhor que seu pai.

Remy inclinou sua cabeça e fez um esforço para vomitar. O suor frio que eliminava estava ajudando a soltar as amarras em seus pulsos, mas iria ser um modo doloroso de escapar.

— Eu sinto muito, Remy. Às vezes meus associados tomam muitas liberdades. É difícil conseguir boa ajuda estes dias.— Um sotaque britânico. Culto. Suave.

Remy ergueu sua cabeça, irritado por ter começado a ver em dobro novamente.

O homem era menor do que ele, atarracado, e ele não fez esforço algum para esconder a .44 Magnum que usava em seu coldre de ombro sobre uma camisa listrada, completada com uma gravata, como se ele estivesse saindo para jantar em vez de conduzir uma interrogação.

— Meu nome é Charles,— o homem continuou. — Bem-vindo a festa.

— Onde está meu pai?

— A seu devido tempo, T-Remy. A seu devido tempo.

— Você me tem agora, então não precisa dele para nada. Só deixe-o ir.

— Tanta lealdade.— Charles acendeu um cigarro e soprou anéis de fumaça, que ficaram suspensos no ar úmido.

— Eu sustentei minha parte no trato.

— Ah, mas isto é exatamente isto, Remy. Você não seguiu as regras. Você deveria vir aqui sozinho—e você tem que entender, nós não podemos correr riscos. Não com a ACRO respirando em nossos pescoços, mesmo que os três agentes da ACRO que seguiram você tenha sido corretamente dispensados. Mas eu apostarei que você entende o que é ter a ACRO tentando lhe encurralar.

Ele não estava dando Charles a satisfação de responder qualquer coisa, mas Charles não pareceu particularmente chateado por isto.

— Você tem muito treinamento na manga,— Charles continuou. — Mas nada disto vai ser capaz de salvar você no final. Não quando você tem

sido a vítima de uma maldição muito poderosa. Uma maldição que ninguém pode chegar a causa, não importa o quanto eles tentem.

É um dom, não uma maldição, ele ouviu a voz de Haley ecoar em sua orelha. Mas tanto quanto ele queria acreditar, havia uma vida inteira de dor e humilhação para apoiar o fato que dons não deveriam trazer tanta aflição.

Haley. No pensamento de seu nome, que tinha tentado seu melhor para deixar fora de sua mente no caso de eles serem de alguma maneira capazes de ler, a tatuagem começou a formigar.

Ele pensou sobre trovão, tornados, qualquer coisa. E ainda assim, ele não podia trazer qualquer coisa.

Ele tossiu, então gemeu na dor que o esforço causou ao longo de sua caixa torácica. Charles estava a seu lado em um segundo, uma garrafa de água em suas mãos.

— Beba um pouco de água, Remy.

Ele olhou para homem. — Onde está Haley?

— E se eu disse a você que a Senhorita Holmes está sendo muito bem cuidada?

— E se eu disse a você que não acredito que em uma fodida palavra que diz?— ele perguntou. Charles assentiu como se em acordo, ligou um

monitor de vídeo montado próximo à porta, e Remy conseguiu uma visão surpreendente de Haley, dormindo pacificamente.

Ela está bem. O alívio surgiu por ele, e se perguntou quanto tempo aquela sensação ir durar. — E quanto a meu pai?

— Ele não está tão confortável. Mas, então novamente, você realmente não quer que ele esteja, não é? Não depois do que ele fez a você. Porque se não fosse por ele, você não estaria nesta situação.

— Eu quero ver meu pai,— ele repetiu, odiando a validade das palavras de Charles.

— Certo.— Charles apertou a visão de monitor para um quarto onde o Remy Sênior estava sendo mantido. Seu pai tinha sido espancado, parecia assustado, machucado, perdido. — É isto que você quis ver?

— O que você quer de mim?

— Nós queremos que você venha trabalhar para Itor.

— Obrigado, mas eu já tenho um trabalho.

— Com a ACRO? O que, você acha que eles vão salvá-lo, Remy? Eles o têm exatamente onde querem.

Remy não respondeu, mas isso não importou.

— Você é nada além de uma arma para eles. Eles estão mentindo se lhe disserem qualquer coisa diferente.

— E como eu sei que você não está?— Ele cuspiu antes de poder se conter.

Charles sorriu, como se tivesse esperado por Remy fazer aquela pergunta. — Eles estão planejando fazer de você seu bichinho enjaulado, mantê-lo trancado como o esqueleto da família no armário até que eles precisem de você para algo. Assim como seu próprio pai tentou fazer. Pobre,leal Remy cai nessa toda vez.

As palavras o atingiram até o núcleo, mas ele forçou seu corpo, seus músculos faciais a ficar relaxados. Modo eu-não-dou-a-mínima. Estava prestes a dizer para o cara sair fora, chutar pernas de Charles debaixo dele, quebrá-las forte. Então Charles começou a falar novamente, sua voz baixa e relaxada.

— Haley te fodeu, não é? Fodeu até que você não pudesse ver direto, até que não pudesse diferenciar cima de baixo. Até você pensar que estava apaixonado por ela. E agora você pensa que deve segui-la qualquer lugar. Até na ACRO.

Remy cerrou seus dentes e tentou não escutar, mas Charles estava trazendo à tona medos que tocavam dentro de sua própria cabeça e se recusaram a ir embora, especialmente depois que ele professou seu amor para Haley.

— Isto é que a ACRO faz, Remy. Eles usam sexo para conseguir o que querem. E eles querem você—muito.

— E o que você está oferecendo é muito melhor, certo?— ele perguntou, dobrando seus braços assim as amarrações ao redor de seus pulsos tiniram contra o posto de metal. — Assim é como você trata seus operativos?

— Eu só estava tentando lhe dar um gosto do que a ACRO fará a você. Eles estavam planejando colocá-lo em uma gaiola, Remy. Trancá-lo como um cachorro para mantê-lo protegido de você mesmo. Eles não iriam treiná-lo e deixá-lo viver do modo que quisesse —com liberdade e poder. Eles iriam tentar salvar o mundo de você.

As entranhas de Remy se fecharam, porque ele não queria acreditar em qualquer coisa que este sujeito dissesse. Mas porra, sua merda do clima era perigosa—e também era o próprio Remy nas mãos erradas, e talvez até nas certas.

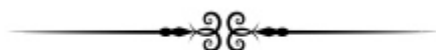
Charles chegou mais perto. — Todo mundo que você ama e confiança trai você. É o modo como sua vida foi feita para ser, começando com sua própria mãe.

Remy começou a hiperventilar, inspirando ar dolorosamente por seus pulmões. Ele ouviu gritos antes que desmaiasse completamente, e percebeu que eram seus próprios.

Maldição, seu jogo mental tinha ficado uma merda desde que conheceu Haley.

Quando ele acordou segundos mais tarde, não foi porque sua respiração estava sob controle. De certa forma, o formigar que fazia sua pele parecer muito apertada voltou com força total.

— A Tempestade está vindo, T-Remy,— Charles sussurrou em sua orelha.



— Ela está voltando a si.

Os olhos de Haley tremularam abertos. As partes de trás de suas pálpebras pareciam como revestidas com uma lixa, e ela gemeu enquanto arranhavam suas córneas. A luz brilhante acima a fez estremecer, e, desorientada, ela afastou sua cabeça.

Deitada. Ela estava em uma cama.

Dois homens estranhos usando calça jeans e suéteres estavam em pé próximos a ela. Um, um loiro alto, segurava um copo de água. O outro, calvo e atarracado, a ajudou a se sentar. Um trovão rompeu, e sua cabeça quase se abriu.

— Tome uma bebida,— o Careca disse, seu sotaque alemão profundo e gutural. — Você se sentirá melhor.

A tentação para bater copo para fora da mão do Garoto da água era intensa o suficiente para fazê-la tremer, mas sua boca estava tão ressecada que não podia recusar. Ela tragou todo o conteúdo enquanto o Careca a segurou. Ela queria perguntar sobre Remy, mas se Itor acreditasse em que ela se importava, eles explorariam tanto os sentimentos dela quanto os de Remy .

O Careca a soltou, recuou. Ele a observou por um momento, então franziu. — Eu não estou conseguindo muito,— ele disse para o outro homem. — Seus pais a estão protegendo.

Pega desprevenida, sua boca caiu aberta. Rapidamente, ela a fecho em um estalo. Ela tinha passado por treinamento de prisioneiros de guerra dos militares e da ACRO para deixá-los provocá-la.

— Protegendo-a? Como?

— Eles não estão conversando, e estão mantendo longe outros que poderiam conversar.

O Garoto da água xingou. — Srta. Holmes? Você possui algum tipo de habilidade especial?

Seu sotaque americano nasalado a irritou. Especialmente desde que ele estava jogando no lado errado. Ela sorriu e empurrou o copo para ele. — Obrigado pela água.

— Vamos,— ele disse para Careca, e então se virou para ela. — Sr. Mikos verá você brevemente.

Eles começaram a deixar o quarto minúsculo, escassamente decorado, mas na entrada, Careca se virou para ela. — Seu pai disse que ama você.— A testa dele se enrugou sobre olhos problemáticos, e ela se perguntou se Itor não fosse, talvez, sua primeira escolha de empregador. — Sua mãe... ela disse que está muito feliz em ver que você finalmente se apaixonou. Ela está me mostrando algum tipo de desenho. Um punho segurando um raio. Algo sobre almas gêmeas.

Careca fechou a porta, e ela tentou não tremer. Sem dúvida ele estava mexendo com sua cabeça, mas a mera ideia que seus pais realmente estavam a protegendo e tentando conversar com ela... bem, ele a provocou, exatamente como pretendia.

A voz fraca a sacudiu de seu lodo sentimental, e ela permaneceu, seus pés batiam no chão de madeira. Três passos a levaram para a janela, onde ela olhou do quarto no segundo andar na luz do dia cinza. Campos, árvores e uma colina suavemente inclinada cercavam a casa, isolando-a da civilização. Um celeiro em ruínas surgiu do pasto atrás da casa como uma verruga feia, e enquanto ela observava, a porta da frente se abriu, derramando luz fraca no dia sombrio. Um homem saiu, mas antes que a porta fechasse, ela pegou um vislumbre do interior.

Calafrios subiram por sua espinha na visão de uma mesa de metal, o tipo usado para autópsias. Uma gaiola. Ferramentas. Equipamento médico. Eles estavam mantendo Remy ali. Ela não o viu, mas sabia.

Insegura sobre seu plano, ela puxou a janela com força, mas naturalmente, tinha sido pregada. Ela tinha que sair. Tido que chegar a Remy de alguma maneira.

— T.

A voz novamente. Do homem. Mais alto. Não vinha de fora. Ela se moveu para a parede próxima à cama. — Oi? Alguém está aí?

— Onde está meu menino? Onde está T?

Oh, Deus. Remy Sênior. — Sr. Begnaud? É a Haley. Haley Holmes. Você está bem?

O som distinto de um punho atingindo a parede a fez saltar. — Onde está ele? O que você fez para meu filho, sua vadia?

— Sr... Remy, eu sou um prisioneira também. Nós estamos sendo mantidos por uma agência estrangeira que quer seu filho.

— Sua culpa,— ele gritou, e ela resistiu ao desejo de lhe dizer que ele era a razão de ambas as agências estarem atrás de Remy em primeiro lugar. O sujeito estava provavelmente meio fora de sua mente por agora de qualquer maneira.

— Ele vai nos tirar desta,— ela disse, esperando que ele acreditasse, porque não tinha certeza se acreditava.

Ela se moveu em torno do quarto, escutando Remy Sênior lançar-lhe maldições enquanto procurava por uma saída ou qualquer coisa que pudesse usar como uma arma. Ela tentou a porta. Trancada. Os tubos de aquecimento eram muito pequenos para permitir que um gato passasse confortavelmente.

Nada. A única mobília consistida na cama, uma pequena mesa de cabeceira e uma cômoda velha. Ela não podia nem alcança a lâmpada coberta no teto quando ela arrastou a mesa de cabeceira embaixo dela. Quebrar o bolbo teria pelo menos lhe dado um fragmento de vidro para uma arma.

Frustrada, ela se afundou na cama. Sua pele coçou, provavelmente uma reação para seja com o que eles a injetaram, e sua tatuagem começou a formigar. Talvez outro efeito colateral...

Raio cintilou, e sua tatuagem começou a queimar. Definitivamente não era um efeito colateral. A tempestade estava afetando Remy, e merda, o que iria acontecer se eles não pudessem estar juntos quando sua febre de tempestade chegasse com força total? Se ele estivesse contido, que, sem dúvida, ele estava, não poderia se aliviar.

E se há uma tempestade e você é não conseguir sexo?

Eu tenho que ter. Ela me obriga.

Medo embrulhou seu estômago. Ele ficaria louco, talvez até morresse se a pressão não pudesse ser aliviada?

Ela correu para a janela, olhou para a escuridão crescente. As luzes dentro do celeiro tinham sido desligadas, extinguindo o efeito sinistro. Ela podia facilmente estar olhado para a janela de uma pousada cama e café da manhã na exótica extensão dos arredores da fazenda.

Não estava certo. Mal devia parecer mal. Devia feder como carne podre, não cheirar como o desinfetante de pinho e amaciante de roupas que flutuavam ao redor de seu quarto.

Impotência a corria, fazendo seus músculos tremerem, seus ossos amolecerem. Uma sensação sufocante apertou em seu peito, e ela queria se lançar em uma bola de desespero, envolver seus braços ao redor de sua cintura em derrota, abrir suas pernas e imaginar Remy lá, seus dedos, sua língua...

Ela piscou. De onde veio isso? Olhando para baixo, ela viu que tinha empurrado o cós de sua cargo e estava massageando sua tatuagem. Pulsava e chiava, e os fortes contornos de tinta se elevaram, assim suas pontas dos dedos podiam lê-los como Braille.

Fraca, agitada e confusa, ela se arrastou em direção à cama em quase um estado de sonho, afundando nele como se seu corpo estivesse sem osso. Fechando seus olhos, ela tomou respirações profundas e lentas, se perguntando se as drogas estavam mexendo com seu sistema.

Uma súbita e ardente ventania de fogo girou por ela como um tornado de chamas. Ela ofegou. Seus olhos se abriram de repente. O odor de almíscar, ozônio... *Remy*... passou por ela, até que ela podia detectá-lo em sua pele, em

suas roupas, em seu cabelo. A essência dele penetrou cada uma de suas células. Era como se ele estivesse ali, dentro dela, possuindo-a completamente.

Ela podia sentir a fome correndo pelas veias dele. Seu coração martelando no peito.

Sua própria alma fundindo com a dela.

Lentamente, como se mover depressa pudesse quebrar a conexão, ela se deitou cuidadosamente e o absorveu até que sua força vital a intoxicou. Seus sentidos vacilaram, mesmo como sua mente tentando ficar focada, tentando entender isto. Mas no fim, não importava como tudo isso aconteceu, porque ela estava com Remy, e de alguma maneira ele estava fazendo amor com ela.

Capítulo 25



Algo estranho estava acontecendo. Num minuto, Remy era praticamente suspenso em seus braços, entorpecido, músculos gritando em dor, seus sentidos atacados por adubo, grama e ozônio.

No próximo, ele estava deitando entre pernas as pernas de Haley—e Deus, era suave e quente. Ele inalou o aroma de mulher, roçou seus lábios contra seu pescoço e concluiu que devia ter sido atingido por um raio. Devia estar inconsciente ou morto para poder ver isto, sentir tão claramente.

— Haley,— ele sussurrou contra a pele dela, assustado para cima e ver seu rosto, porque esta miragem podia desaparecer igualmente rápido.

Mas quando ele a ouviu sussurrar seu nome de volta, ele soube algo tinha dado certo. A tatuagem, que continuava sua queimação lenta, agora pulsada como se tivesse uma pulsação própria, como se seu coração e alma estivessem conectados a tinta embutida em sua pele.

Se a marcação o conectou a Haley, então muito definitivamente continha a melhor parte dele.

Foco, Remy. Ela está ajudando você por esta tempestade. Concentre-se—não quebre a conexão.

A conexão tinha o poder para soltar suas roupas—o que era bom, desde que ele não tinha exatamente uma mão livre.

— *Baby*,— ele murmurou, deslizou para dentro dela sem qualquer conversa adicional. Os quadris dela se moveram para encontrar os seus e se empurrar contra ele, enquanto um raio rompia no céu.

Eles de alguma maneira foram transportados um ao outro e para o centro da tempestade, abertos um ao outro assim como aos elementos de fora. A boca dela roçou seu seio, seu mamilo, mesmo quando a chuva misturado com granizo rasgou por ele, cortando suas costas nuas, enquanto movia seu corpo para cobri-la completamente e a proteger dos elementos.

Foque em mim, Remy. Só em mim.

Ele pressionou sua cabeça contra ela, seu doce e quente sexo o segurando dentro, ajudando-o a superar o que podia ter sido uma experiência dolorosa graças as suas mãos atadas, que o deixaram sem opção para dar alívio a si mesmo durante esta tempestade. Ao invés disso, ondas de prazer o acariciavam, as mãos ágeis de Haley varriam seu corpo—e ele estremeceu repetidas vezes dentro dela.

Trovão explodiu acima, expondo seus sentidos. Sua respiração era audível, afiada, seu peito apertado, e ele tremeluziu entre onde ele estava, braços puxando contra as amarras, e onde ele queria estar, de volta dentro de Haley, onde era seguro.

Ela não está segura, contudo. Nunca estará, enquanto você estiver por perto.

Ele sempre soube disto, mas a tatuagem os conectando confirmava. Ele tinha uma forte suspeita que apenas remover a tinta não quebraria a ligação deles—uma colocada no lugar muito antes dele encontrar ou se apaixonaria por Haley Marie Holmes.

Estava na hora de fazer a coisa certa. A escolha do herói. Ele tinha que estar pronto para o plano de último recurso, porque se Ender, Wyatt e Annika realmente tiverem partido, ele estava em um belo de um grande problema. E pelo modo como Charles tinha falado, também estava o mundo se Remy caísse nas mãos erradas.

Enquanto ele puxava contra as amarras, uma delas se soltou.

Em um minuto, ele estaria de mãos livres, e havia mais de mil modos de destruição ao redor deste celeiro velho para moldar uma arma.

Mas Haley estava se arrastando nele, puxando-o de volta para ela, como se ela fosse lutar contra seu plano até o fim.

Remy. Por favor...

As emoções de Haley giraram e se enredaram com as de Remy, tão rápido e furiosamente que toda vez ela alcançava para capturar e segurar uma, deslizava entre seus dedos. Amor, tristeza, alegria... estava tudo lá, mas ela

não podia chegar perto o suficiente de qualquer uma para absorver o significado por trás disso.

Ao redor deles, a tempestade rugiu, entretanto alguma parte distante dela sabia que ela estava morna e seca em uma cama macia. Eles flutuaram no coração da tempestade, granizo, vento e relâmpago girando embaixo, acima, ao redor, mas ela não se importou com nada exceto em como Remy parecia dentro dela.

Ela se envolveu ao redor dele, usando mais que seus braços e pernas—todo o seu ser o cercava e o mantinha com ela, porque alguma outra coisa puxava, tentando afastá-lo. Dor e tristeza... e pior, resignação.

Shh... me ame, Haley.

Ela não ouviu as palavras, mas ela as sentiu, da mesma maneira que ela o sentiu se mover dentro dela, sentiu sua batida de coração e respirações ofegantes sincronizadas com as dele.

Suas mãos estavam em todos os lugares de uma vez, acariciando seus seios, desenhando padrões sedutores na pele de suas costas, emoldurando seu rosto para segurá-la para um beijo que transmitiu o êxtase de ternura tão profundamente, tão completamente que o mundo ao redor deles parou de existir.

Eles rolaram juntos, assim nenhum estava em cima por mais que um momento, mas nenhuma vez eles se separaram. Seu membro a preenchia até o

transbordamento, e Deus era bom, o modo que se dirigiu nela, cada investida poderosa levando-a para o próprio limite.

As texturas, as sensações, elas eram mais intensas aqui. Prazer doce e agudo crescia com cada puxão astuto dos dedos dele em seus mamilos. Chama pura fluía por seu sexo, como se um fusível tinha sido ligado.

Sua mente girou com luxúria—sexual, mental, emocional. *Isto é amor*, ela pensou. *Isto é como devia ser. Nenhuma dor. Nenhum medo. Apenas confiança.*

Era uma altura que ela nunca tinha experimentado, e quando Remy empurrava dentro dela, a beijava barbaramente ainda assim ternamente, ela despedaçou. Seu orgasmo rompeu por todos os órgãos, seu cérebro a separou a nível molecular. Remy foi com ela, e foi como se um raio tivesse atingido, queimando-os juntos em uma possessão de êxtase que continuou sem parar.

Eu amo você.

Eu amo você também.

Agora não havia segredos, e ela conhecia o coração dele. E ele conhecia a verdade do seu, também. Ela o amava além de qualquer coisa que já acreditou possível.

Você estará segura agora, ele disse a ela. *Eu garantirei isto.*

A conexão começou a enfraquecer, como se eles estivessem em duas extremidades de uma corda de borracha que começou a esticar e rachar.

Eu garantirei isto? Sobre o que ele estava conversando?

A corda se partiu, lançando-a violentamente de volta ao quarto de fazenda, mas não antes dela pegar o último segredo de Remy. Aquele que rompeu por ela como uma bala.

Rolando, ela perdeu seu almoço no chão.

Remy iria garantir que ninguém o usasse como uma arma ou machucasse aqueles que amava.

Ele iria tirar sua própria vida.

Haley cambaleou com seus pés, seu corpo tremendo quando ela tropeçou para a janela. Ela escaparia, saltaria para o chão, e o pararia de alguma maneira.

A porta se abriu, e ela girou, o movimento súbito a deixando atordoada.

Um homem estava lá, um sujeito esquelético e baixo usando óculo. — Venha comigo, Haley — ele disse em uma profunda e calma voz que ela não esperava de um homem tão pequeno.

Esta era sua chance. Ela podia fugir dele, faça uma corrida para o celeiro. Antes que o pensamento pudesse ir mais longe, ele pegou seu pulso. Instintivamente, ela se afastou, mas seu braço estalou de volta para a mão dele.

Pegajosas cordas brancas se esticaram entre a palma dele e seu pulso.

— Sem fuga, disse a aranha para a mosca,— ele murmurou, e ela estremeceu. Os agentes da ACRO a enervavam às vezes, mas este o fator sinistro do sujeito passou direto pela troposfera.

Ele a empurrou à frente dele, e a corda se prolongou, assim ela foi forçada a conduzir enquanto eles se moviam pela velha casa de fazenda que tinha sido transformada, no lado de dentro pelo menos, em um louco covil de tecnologia e agentes Itor. Claramente, eles têm operado secretamente aqui por pelo menos alguns dias, provavelmente para assegurar bastante reforço.

Ela não tinha ideia que meia dúzia ou mais de agentes no piso principais abaixo possuía poderes especiais de qualquer tipo, mas não importava. Se eles fossem humanos completamente normais, ela não podia dominá-los e fugir.

Especialmente não com o assustador pequeno homem nerd preso a ela e logo nos seus calcanhares.

— Continue andando,— Homem nerd disse, em sua amável e aprazível voz que o fez ainda mais assustador. Ele a cutucou com um dedo, e ela começou a subir a escadaria na frente dela.

No topo dos degraus, ele apontou para uma porta no fim do corredor.

— Vá para dentro.

— O que está lá?

Homem nerd empurrou seus óculos horríveis para cima em seu rosto.
— O homem que decide se você vive ou morre.

Calafrios subiram por sua espinha, e seu intestino se apertou. — Eu penso que vou passar. Leve-me para o celeiro.

Rindo, Homem Nerd estalou o material pegajoso para fora de seu pulso e abriu a porta, que rangeu ameaçadoramente. Mesas carregadas com equipamento barulhento e telas cintilantes enchiam o quarto. Um homem de cabelo escuro estava sentado em uma escrivaninha, seus olhos castanhos enfocados como lasers nela.

— Por favor entre, Senhorita Holmes,— ele disse, em um agradável, com voz de inclinação grega.

— Eu tenho uma escolha?

Ele girou uma caneta entre seus dedos esbeltos. — Sempre há uma escolha. Você pode voltar ao andar de baixo, mas lhe advirto, meus operativos estão entediados e procurando por esporte, então fazendo isto será como lançar um gato em um canil.

— Bem, então,— ela disse, entrando e batendo a porta no rosto do Homem nerd, — Eu suponho não existe realmente uma escolha, afinal.

— Menina esperta.— Ele gesticulou para uma cadeira em frente a sua escrivaninha. — Mas então, eu esperaria tanto de um parameteorologista cujos pais eram advogados.

Esfregando seu pulso, ela se sentou, quando tudo que ela realmente queria fazer era quebrar a cara do homem. — Eu deveria estar impressionada pelo fato que você sabe tudo isso? Qualquer psíquico idiota de telefone poderá tirar isto da minha cabeça.

De repente, sua cabeça estalou de volta como se um punho invisível tivesse batido nela. Sangue explodido de seu nariz.

— Vamos deixar uma coisa clara, Srta. Holmes, eu não sou psíquico.

A dor pulsou, ondulados por seus seios da face até que seu cérebro doeu. Sangue fluíu em um fluxo lento de seu nariz, sobre seus lábios e fora de seu queixo, mas ela não fez nenhum movimento para parar isto,mesmo quando ele empurrou uma caixa de lenços de papel em direção a ela.

— Não, mas você certamente é um bastardo.

Ele sorriu, se levantou e olhou a janela pequena atrás dele. Raio bifurcou ao longe, e trovão ressoou pelo quarto. Ela se perguntou novamente sobre Remy, e tentou conter o pânico que a mantinha em um aperto firme.

Jogue de forma inteligente, Haley. Veja o que este sujeito quer, e então use para salvar Remy.

Inteligente, isso era bom e elegante, mas ela amaldiçoou sua falta de poderes especiais, que poderiam fazê-la útil nesta situação. Como era, ela estava impotente, nada além de uma suscetibilidade, como Ender disse. Remy lhe disse a amava, que morreria mantendo-a segura, e oh, Deus, ela não podia deixar isto acontecer.

Quando sua mãe morreu, seu pai definhou, e embora ela gostasse de pensar que não era tão fraca assim, agora entendia o poder do amor. Sua carreira sempre vinha primeiro, porque acreditou que amor diluiria sua paixão pelo clima, por seu trabalho. Mas Remy só o fortaleceu. Sem ele, seu trabalho como um meteorologista nunca seria o mesmo.

— Eu não suponho que possa encontrar o homem que arrombou minha mente?

— Infelizmente, ele está fora do país agora.— O ácido que gotejando de sua voz lhe disse que ele não estava tão triste quanto fingia estar.

— Por que estou aqui, Sr...?

— Mikos. Apollo Mikos.— Ele virou para encará-la. — Você está aqui porque Itor não tem um parameteorologista.

— Talvez seja porque as pessoas em meu campo têm ética.

O punho invisível bateu em seu intestino, e ela se dobrou, tossindo e ofegando.

— Eu tenho grande controle sobre o ar, Srta. Holmes, então você poderia pensar sobre como responde minhas perguntas.— Ele enfatizou seu ponto enrolando uma corda invisível ao redor de sua garganta e apertando até que sua respiração foi cortada e ela caiu no chão. O laço afrouxou, e ela ficou deitada ofegando, cada respiração como sugar brasas quentes em seus pulmões.

— Eu-eu estou apenas — Ela ofegou, e engoliu sangue que drenou de seus seios da face para sua garganta —apenas pensando que tortura pode não ser o caminho p-para recrutar pessoas.

O riso dele rodeou em suas orelhas, que já zumbiu pela falta de oxigênio, enquanto ela usava seus braços vacilantes para se empurrar sobre seus joelhos.

— Nós não torturamos todo mundo. Eu não fui torturado, por exemplo.

Isto é porque você já era do mal, idiota.

Sim, ela manteve este pensamento si mesma e agradeceu a Deus que ele não era um leitor de mente. A mão dele apareceu em seu lado, mas ela a evitou isto e se levantou sozinha. As ondas de vertigem a forçaram a se apoiar contra sua escrivaninha.

— Nós temos tentações.— Seu passo longo o levou a uma caixa metal aproximadamente do tamanho de um forno micro-ondas grande. — Você sabe o que é isto?— Ele gesticulou quando ela agitou sua cabeça. — Venha olhar.

Ela cambaleou alguns passos, e ele abriu o topo da caixa. Luzes cintilaram, agulhas de indicadores chamejaram... e seu passo hesitou, sua coordenação uma vítima de seu choque absoluto.

— Meu Deus,— ela ofegou. — Isto não é... isto não pode ser...

Apollo sorriu, e em qualquer outra situação, ela teria achando que ele era bonito. Vil, mas bonito. — É. Orgulho e alegria de Itor. O Gerador Meteorológico IWX-1. Quase faz seu namorado obsoleto.

Ela inspirou uma respiração áspera. — Ele não é meu namorado. Eu mal o conheço.— Era estúpido mentir, ela sabia, desde que psíquicos provavelmente já tinham peneirado por seu cérebro, mas maldição, ela tinha que tentar.

— Talvez não, mas ele se importa com você. Que, claro, é o suficiente para nós.

— Bastardo,— ela rosnou, e estremeceu, esperando pelo golpe chegar, mas ele nunca veio.

— Eu acredito que nós já cobrimos isto.— Ele girou um sintonizador na máquina, e a leitura no indicador de ventos aumentou. — Como você gosta de nosso pequeno brinquedo?

Era inacreditável. Realmente legal, se a ACRO tivesse isto e não os monstros loucos na Itor. Ela daria qualquer um de seus cinco sentidos para poder estudar a coisa.

— Por que você está interessado em Remy se tem uma máquina que pode fazer as mesmas coisas que ele?

— Nossas máquinas criam efeitos que são difundidos em vez de preciso. Por exemplo, nós podemos criar condições favoráveis para formação de tornado, mas nós não podemos apontar o funil onde queremos que ele vá. As máquinas também são limitadas pelo fato que podem apenas criar clima se os fatores ambientais necessários já estiverem no lugar. Nossa inteligência indica que Remy pode criar condições intensas a qualquer hora, e apontá-las exatamente onde as quer.

A maior parte do que ele disse foi direto para um arquivo perguntar-depois em seu cérebro, com exceção da pergunta mais urgente, uma que gelou o sangue em suas veias. — Você disse 'máquinas.' Você tem mais de uma?

— Isto era nosso protótipo. É compacto, portátil, mas pode apenas produzir muitos pequenos e fracos sistemas da tempestade, como o que você vê acontecendo ao nosso redor. Nossa IWX-2 é cem vezes mais poderosa, produziu furações categoria cinco que devastaram centenas de milhas dos

litorais dos Estados Unidos.— Ele se inclinou, falou suavemente como se lhe contando um segredo.

— Nós impulsionamos seu poder, e achamos que podemos varrer estados inteiros do mapa na próxima estação de furacão.

Náusea borbulhou em sua garganta. Devlin tinha estado certo quando colocou na ordem para seu lab achar evidência relativas à existência de dita máquina.

— Por que você trouxe esta menor aqui?— No momento que a pergunta estava fora de sua boca, ela soube. — Para opor as habilidades de Remy. Se você controlar a atmosfera, então ele não pode.

— Seu brilhantismo será um recurso para Itor,— ele secamente observou.

Ela o ignorou. — Como você sabia que funcionaria?

— Junte-se a nós, e nós compartilharemos nossos segredos,— ele respondeu, e ela quase riu porque sua resposta vaga lhe disse o suficiente.

— Ah. Você chutou.

Apollo olhou para ela com uma nova avaliação. — Eu julguei mal você.

Apollo se virou, tomou um passo em direção à escrivaninha, e antes que ela pensasse pensar sobre as coisas, ela atacou, o empurrou entre as omoplatas enquanto engancha seu pé ao redor de um dos dele, como seu treinador de artes marciais da ACRO a ensinou.

— Julgue mal isto — ela rosnou à medida que ele caía, e antes dele completamente bater no chão, ela se lançou, descendo seu pé nu na cabeça dele tão forte quanto pode.

Ele grunhiu, piscou, e então seus olhos se fecharam. Rapidamente, antes de ele recuperar a consciência, ela arrancou o telefone da parede e correu de volta para a máquina de clima. Ela abaixou o telefone abaixo forte na face eletrônica do dispositivo. Novamente. Novamente. Interruptores quebraram, e o vidro nos revestimentos indicador racharam. Mas não era suficiente.

Atrás dela, Apollo gemeu. Ela dispensou um momento para golpeá-lo na cabeça com o telefone, e não sentiu remorso algum quando sangue correu em seu rosto de um fundo corte em seu escalpo.

— Agora você sabe como parece, bastardo.

Ofegando, ela correu de volta para a máquina. Zumbiu, e do lado de dentro, algo faiscou, mas a maldita coisa continuou funcionando. Imaginou. Ela via equipamentos da estação de clima quebrar com um olhar severo, mas esta coisa devia ser alimentada pelo maldito coelho da Energizer.

Apoiando suas palmas contra o metal frio, ela empurrou tão forte quanto podia. A máquina provavelmente pesava tanto quanto Remy, e ela raspou com lentidão agonizante através da mesa em que estava

O som de tecido em chão de madeira sussurrou atrás dela. Merda. Ela não tinha muito tempo.

Esporeada por adrenalina e a realização que ela iria morrer não importasse o que, empurrou tão forte quanto podia. A máquina balançou na extremidade da mesa.

Apollo amaldiçoou, sua voz mole, como se sua boca estivesse cheia de marshmallows.

Ela empurrou. Algo esmagou em suas costelas. Ela gritou, empurrando uma última vez.

A máquina caiu no chão com um impacto e se despedaçou.

Do lado de fora, o trovão diminuiu. Do lado de dentro, estava só começando.

Capítulo 26

Levou quase cada pedaço de força mental que Remy tinha para quebrar a conexão que sentiu com Haley.

Mais um puxão forte nas amarras e um pulso estava libertado. Ele flexionou sua mão para apressar um pouco do sangue de volta para seus dedos mesmo quando ele manobrou seu outro pulso para fora da amarra de couro.

Ele tinha que estar pronto. O problema era, ele estava acostumado a fazer coisas para *salvar* seu próprio traseiro. Compreender como conseguir se matar era algo completamente novo.

Você só precisa fazer isto uma vez. Se chegasse a ter que tirar sua própria vida...

Se ele apressasse Charles ou Manny, eles apenas atirariam para derrubá-lo—ele valia demais vivo.

Prevendo o clima, ele ainda era impotente.

Algo sobre o modo como a última tempestade o atingiu não fazia sentido. Pareceu anormal. Pela primeira vez, não sentiu como se estivesse em um cabo de guerra com a Mãe Natureza.

Pare de pensar e apenas faça o que você precisa fazer. Havia muitas armas abandonadas no celeiro, coisas que podiam tirar sua vida rapidamente.

Ele agarrou uma foice de um gancho na parede do celeiro e pesou a ferramenta pesada em sua mão. Era pesada, inflexível; faria o trabalho. Mas merda, ele teria dado qualquer coisa por uma bala agora mesmo.

Enquanto seguia para o centro do celeiro, algo imperceptível se deslocou—a pressão mudou, e o ar ao redor dele zumbiu com energia estática. Como se a atmosfera tivesse sido libertada de algo horrível. Ele inspirou uma respiração profunda por suas narinas.

Talvez uma última tentativa...

Ele começou com algo fácil—chuva. Quando ele ouviu o leve borrifar no telhado, seu coração subiu rapidamente, e ele rapidamente lançou trovão, raio, pedras de granizo do tamanho de bolas de golfe. Então de bolas de baseball. Então—

— Você está tentando me matar, porra?

Ele girou ao redor, foice mantida na frente dele, para encontrar Wyatt de pé na porta do celeiro, seu braço sobre sua cabeça para se proteger do granizo voador até que ele entrou.

— Eu não podia fazer isto antes, eu estava bloqueado,— ele disse a Wyatt.

— Sim, eu sei. Mas você pode agora.— Wyatt pausou. — Então você está planejando trabalhar na fazenda, ou nós vamos fazer uma pequena demolição?— Wyatt olhou a foice e então olhou diretamente nos olhos de Remy, porque ele sabia o que Remy tinha pensado. Ele agitou sua cabeça. — Todos nós estivemos lá. Alguns de nós mais de uma vez. Não é sua hora.—

Remy percebeu que tinha estado segurando o metal tão forte, sua mão tremeu.

— Abaixei isto, cara. Não é sua hora

— Como eu saberei quando é, porra?— Ele perguntou a Wyatt quietamente.

Wyatt apenas encolheu os ombros, puxou um Sig Sauer de suas calças. — Quer isto?

Remy olhou fixamente para a arma e para Wyatt por um longo momento. Então ele soltou a foice e caminhou em direção ao ex-SEAL. Ele tomou o metal frio em sua palma, a pesada carga confortável e familiar em sua mão.

— Eu estou indo para a casa da fazenda para pegar Haley,— Wyatt disse. — Até agora, ela ainda está viva, mas não vai estar por muito mais tempo. Eu não posso continuar observando-a ou queimarei meus outros poderes. E eu realmente não tenho tempo para uma sessão de terapia.— Enquanto Remy observava, arma em punho, Wyatt saiu do celeiro e então feita para colina em direção à casa da fazenda.

Ele virou a arma em suas mãos e engoliu. Porque sempre iria existir alguém com algum tipo de máquina para foder com ele, alguém de quem cujo poder sempre iria ser maior que o dele. Sempre iria existir perigo cercando-o.

É por isso que você aprende a contar com um time. Aquelas palavras correram de volta nele. Seu primeiro instrutor do acampamento de recrutas disse a eles. E seu instrutor de BUD/s. Seu time ainda estava vivo e bem, e eles precisaram de sua ajuda.

Filho da puta. Ele saiu depois de Wyatt, a necessidade de salvar Haley, de vê-la, ultrapassando tudo.

O perímetro tanto da casa quanto do celeiro eram estranhamente silenciosos e livres de qualquer atividade que Remy teria esperado ver. Itor tinha que saber que ele tinha escapado, e certamente mandaria alguém—provavelmente mais que alguém—atrás dele. Mas quantos? Depois que o apagaram no carro, ele notou pelo menos dez caras.

Ele apertou suas costas contra a parede exterior da casa, entre uma janela e a parcialmente aberta porta da frente. Wyatt já tinha desaparecido do lado de dentro, e agora Remy ouviu gritos e um gemido estrangulado.

Ele se lançou ara dentro, arma sacada, para ver Annika lançando sua mão e eletrocutar um agente Itor.

— Já era hora de você aparecer,— Annika disse. — Eu resolvo isto. Estabilidade do perímetro. Seu pai está seguro. Ajude Wyatt a pegar Haley.—

Remy seguiu a trilha de corpos, a maior parte deles parecendo mais nocauteado que morto, até o terceiro andar.

Ele invadiu atrás de Wyatt, viu Haley e um sujeito de pé no centro do quarto, e Remy levantou sua arma. Mas Wyatt o empurrou de volta.

— Eu estou no comando aqui, porra— o ex-SEAL disse em uma voz baixa e controlada que trouxe Remy imediatamente de volta para o conjunto de mente de time. Sem tempo para guerreiros solitários aqui. — Se você matá-lo agora, ele ainda a terá. Ela cairá com ele.

Remy ficou atrás e deixou Wyatt fazer o que ele precisava fazer, embora assistir Haley lutar por cada respiração estava foddidamente matando-o.

— Deixe-a ir, Apollo, e você não será prejudicado.— A voz do Wyatt ecoou pelo espaço vazio, mas Apollo não pareceu estar escutando absolutamente. — Uma última chance, e então eu não posso ser responsável sobre o que sobrar de você.

Apollo bufou em resposta, apertou seja qual era o aperto psíquico que ele esteve usando no corpo de Haley, porque ela ofegou e agarrou sua garganta.

O corpo de Wyatt endureceu, quase imperceptivelmente, e então coisas começaram a voar em torno do quarto. A princípio, elas meramente pairaram pela cabeça do Apollo, mas elas eram o suficiente para distraí-lo, porque Remy viu as respirações de Haley vindo um pouco mais fácil.

— O sujeito precisa de toda sua concentração para matar alguém assim.

Wyatt disse a Remy. — Eu me especializei em ser um aborrecimento que você jamais pode se livrar. Não importa o quanto você tente.

Um sopro de ar roçou a bochecha de Remy, e então Wyatt voou para trás, esmagado contra a moldura da porta. Os objetos no ar congelaram como se eles tivessem sido suspensos em Jell-O.

A angústia de Haley diminuiu, mas ela ainda lutava para respirar, seus olhos selvagens e rodantes. Remy agarrou forte a arma, querendo fazer algo, qualquer coisa, ajudá-la, mas tão forte quanto o vento soprou do lado de fora, não fez nada do lado de dentro.

— Merda!— Wyatt se descascou para fora da madeira, e os objetos no ar começaram a se mover lentamente novamente. — Divisão. Este cara é bom.

Wyatt mandou uma impressora girando em direção a Apollo, mas no último segundo, a cabeça do Wyatt voou de volta e a impressora meramente atingiu o outro homem de relance no ombro.

— Divisão?

Wyatt rosnou, atingiu Apollo no rosto com um grampeador. — Ele amarrou sua conexão com Haley assim ele pode desviar um pouco de seu

poder para usar contra mim.— Ele empalou Apollo na perna com uns lápis, e a cabeça de Wyatt voou para trás novamente, seu lábio dividido. — Ele não pode fazer Haley melhor ou pior enquanto seu poder para ela estiver ancorado.

O quarto explodido com objetos voadores; Wyatt continuou empurrando enquanto alguma força invisível o atingia. A janela despedaçou. Uma luminária colidiu contra a parede. Uma cadeira de escrivaninha cruzou o quarto e finalmente pregou aquele bastardo atrás da cabeça. Apollo libertou Haley do aperto mental enquanto batia no chão frio.

Wyatt sacou sua arma e atirou no homem, estilo-execução na parte de trás da cabeça, e assentiu em satisfação.

— Mal assim não tem permissão para compartilhar meu planeta. Tire-a daqui,— Wyatt disse a Remy, que se apressou ao lado de Haley.

Remy tentou despertá-la, verificou seu pulso, mas Wyatt estava gritando com ele novamente.

— Caí. Fora. E se entregue se alguém entrar no seu caminho,— Wyatt disse, começando sua própria tempestade com equipamento voando ao redor deles quando outro agente invadiu o quarto, arma em punho e pronto para atirar.

— Ele é meu,— Remy rosnou, sacou o Sig Sauer rápido, sem hesitação, e atirou no morto homem. Sem esperar, ele agarrou Haley e correu com ela para fora da casa, incerto de onde diabos ele devia levá-la.

Vá para a estrada. Ache a estrada principal.

O chão embaixo de seus pés começou a agitar com aquela vibração familiar que Remy normalmente era agradecido para ouvir. Desta vez, se tornou imediatamente óbvio que seja quem estava no helicóptero de abordagem rápida e voo baixo não era amigável. E então os agentes de Itor que estavam correndo nos minutos de direção oposta anteriormente de repente estavam diretamente seguindo para ele, e ele tinha suas totalmente ocupadas por Haley.

Annika cortou a frente dele, Wyatt a seu lado.

— Eu cuidarei dos homens, você cuida do helicóptero!— Annika gritou para Wyatt, e Remy esperou em uma posição de fuga atrás de seu escudo humano, apertando Haley, preparado para usar seu próprio corpo para protegê-la se necessário.

Mas um por um, os homens pararam de correr, realmente caindo ao chão, seus rostos contorcidos em dor e aguentando o choque e temor que só podiam ter sido colocados ali por cortesia do homem que Haley disse possuir extraordinárias habilidades de ataques furtivos.

— Maldição, Ender,— Annika murmurou ruidosamente sobre o rugido do iminente helicóptero.

— O helicóptero ainda é meu, porra!— Wyatt gritou.

— Vá, Remy. Diretamente para a floresta,— Annika disse. — Não deixe Haley sozinha—esta é sua tarefa agora.

Remy não discutiu, correndo contra a força do vento causado pelas lâminas do cortador, tentando tanto quanto podia não empurrar Haley, e correu até que ele mal podia respirar, até que viu a trilha de concreto preto que cortava o trigo para as montanhas.

A explosão que aconteceu segundos mais tarde balançou o chão tão forte, que Remy quase perdeu seu equilíbrio. Mas ele continuou correndo, através da estrada e na área arborizada no outro lado.

Ele correu por pelo menos dez minutos, até que sua cabeça começou a girar. Camuflado pela folhagem de outono, ele parou e se virou para ver se alguém estava atrás dele. Quando viu que estava sozinho, ele ajoelhou no chão, ainda não soltando Haley, conversando com ela suavemente em francês Cajun, perguntando para ela *por favor acorde, chere*.

Ela não acordou. Por um segundo ele fechou seus olhos e pôs sua testa contra a dela, até que a voz de Wyatt veio quietamente sobre seu ombro.

— Remy, o helicóptero está esperando.— Wyatt ajoelhou ao lado dele e sentiu a pulsação de Haley, do modo como Remy fez segundos antes.

— Ela não está acordando. E meu pai...

— Ela receberá atenção médica uma vez que deixarmos o chão. Vamos—nós precisarmos tirar vocês daqui. Seu Pai está seguro; Ender já o colocou no helicóptero.

Remy assentiu, seu treinamento contribuindo. O perigo não estava terminado. Nunca estaria realmente, ele percebeu mais ou menos dez minutos depois de embarcar no helicóptero e deitar Haley sobre uma maca próxima a seu pai, que também estava inconsciente.

O helicóptero, que deveria estar ganhando altitude, de repente estremeceu e mexeu.

— Que porra?— Ender gritou.

— Nós estamos perdendo altitude!— O piloto respondeu.

— Merda.— Wyatt apertou seu rosto para a janela. — Itor. Eles tinham um segundo helicóptero e estão seguindo. Eles têm um Mech a bordo.

— Que diabo é um Mech?— Remy perguntou.

— O sujeito pode manipular motores. Eu não posso fazer merda alguma sobre isto, porque não estamos no solo—eu não posso lançar qualquer coisa neles, exceto este helicóptero.

Ender amaldiçoou sob sua respiração, murmurando sobre se preparar para evacuar, e Remy encarou a janela e então de volta a Haley.

— Eu posso derrubar o helicóptero deles,— ele disse com uma quieta tranquilidade que realmente sentia.

— Você pode fazer isto sem nos derrubar também?— Ender exigiu, e Annika e Wyatt viraram seus olhares para Remy. Ele lançou m olhar sobre Haley, que estava sendo deixada tão confortável quanto possível, então olhou para fora da janela.

— Eu não planejo morrer hoje,— Remy disse. Ele se afastou um pouco do grupo, mais próximo de uma das janelas, enquanto o helicóptero sacudia novamente. Ele se firmou com uma palma pressionando contra o vidro, a raiva para Itor e o que eles tentaram fazer a Haley, a seu pai, a ele, subindo em seu tórax.

Olhos fechados, ele se concentrou em exatamente o que precisava— algo que não o deixaria muito fora de controle, desde que todas suas opções normais relativas a liberaram eram severamente limitadas.

Ele abriu seus olhos, olhou fixamente para o outro helicóptero—sua pele apertou e formigou, o helicóptero deles se lançou para um lado e um relâmpago desceu em um ângulo perfeito para fatiar pelo helicóptero de Itor e o abateu.

— Nós estamos de volta no caminho!— o piloto gritou.

— Tire-nos daqui agora!— Remy rugiu.

Atrás deles, o helicóptero virtualmente desapareceu do céu em uma explosão ígnea que balançou o próprio helicóptero deles. O trovão explodiu e uma chuva pesado seguindo-os por alguns segundos, mas Remy fechou seus olhos e tomou algumas respirações profundas, e maldição, ele conseguiu.

— Excelente,— Wyatt disse, batendo no ombro de Remy. — Nós faremos a conexão com o jato dentro de quinze minutos, e então nós explodimos de volta para a ACRO.

Remy assentiu, se movendo para se sentar próximo a Haley pelo vôo inteiro e apenas rezou.

Capítulo 27

Quando o jato pousou no complexo da ACRO, Remy estava mais torcido do que já esteve em sua vida. Ele ainda não tinha ideia alguma do que diabo iria fazer a seguir, e a mulher que o guiou pelos últimos dias difíceis estava fria.

Ele estava morrendo de medo que ela nunca acordasse.

Tocando a mão dela enquanto removiam Haley de maca primeiro, ele os observou desaparecendo com ela para receber cuidado médico adicional. E então enterrou sua cabeça em suas mãos, tentando bloquear todo o ruído branco martelando seu crânio. Seu corpo doía por tantas razões diferentes, e sua mente parecia torcida e instável.

Quando ele finalmente saiu na luz pré amanhecer, ele viu que Ender e Annika tinham partido há muito tempo, mas Wyatt estava esperando por ele na faixa de aterrissagem. O homem estava deitado de costas no asfalto gelado, olhando fixamente para o sol enquanto espiava sobre a distante linha de pinheiros. Ele estava usando óculos de sol, mas ainda assim...

— Ei.— Wyatt se levantou quando viu Remy se aproximar. — Eu estava tentando mover as nuvens ao redor, mas a Mãe Natureza não é tão cooperativa.

— Nem me fale,— Remy murmurou. Trovão ressoou ao longe em resposta, e ele apenas agitou sua cabeça. — Você pode me levar para ver Haley?

— Não agora. Mas ela ficará bem—nós temos o melhor cuidado médico aqui.

— Então para onde eu vou agora?

— Você tem lugares para estar,— Wyatt disse, girando Remy na direção de outro sujeito alto e bem construído, que parecia estar em seus trinta e cinco anos. Ele vestiu roupas de combate pretas também, e levantou uma mão para Remy agitar.

— Remy, é bom finalmente conhecê-lo pessoalmente. Eu sou Devlin O 'Malley.

Diretor da ACRO. Wyatt assentiu para ambos os homens e partiu em direção a uma das grandes casas.

— Bom para encontrar você também, senhor,— Remy disse automaticamente para Dev.

— Venha comigo,— Dev disse, e embora o tom fosse agradável, Remy sabia que não era nada menos que um comando, e ele o seguiu para longe da faixa de aterrissagem, em direção à estrada.

Dois grandes guardas da ACRO apareceram do outro lado do jato, a flanquear os lados deles, e eles caminharam em silêncio até que Dev o parou fora de um grande furgão preto.

Um dos guardas bateu na porta traseira e então ela se abriu. Remy Sênior estava sentado do lado de dentro, sua cabeça enfaixada, parecendo culpado. E velho.

— T, você está bem. Itor me disse-

— Eles disseram muitas coisas para conseguir o que querem,— Remy interrompeu. — Eu estou ótimo.

— Eu estou bem também,— Remy Sênior disse. — Estas pessoas, eles disseram que vão me mandar para algum lugar. Dar-me uma nova identidade.

Remy se perguntou como diabos a ACRO iria conseguir que Remy Sênior não revelasse qualquer coisa, especialmente quando o sujeito estivesse bebendo, e decidiu que não queria saber.

— Eu perdoo você,— Remy disse, sua voz crua, seu corpo de repente fraco com emoção. Ele não falava sério — ainda — mas ele sabia, ele iria a um certo ponto.

— Você poderá vê-lo, uma vez que nós o tivermos instalado,— Dev disse por detrás de Remy. — Agora mesmo, é mais seguro para ele deste modo. E eu sei que você não quer que nada aconteça com ele.

— Não, eu não quero,— Remy disse. — Eu não quero que nada ruim aconteça para ninguém por causa de mim.

— Você não pode controlar tudo, Remy. Você pode apenas fazer o melhor que pode — Dev disse, e recuou.

— Eu verei você logo, Pai — Remy disse, se inclinando para dar a seu velho um abraço. Remy Sênior o abraçou de volta.

— Eu amo você, garoto — Remy Sênior disse. Remy assentiu, e os guardas fecham a porta no homem que havia sido o pai de Remy por toda sua vida. Seu único pai.

Em segundos, Remy e Dev eram conduzidos a traseira de um grande Humvee preto, completado com janelas escuras e vidro à prova de bala.

— Nós iremos para meu escritório — uma milha acima na estrada. Você pode apanhar uma garrafa da água para mim? Eu desliguei minha segunda visão por um algum tempo — Dev disse, e Remy não percebeu que Devlin era cego até então. Os olhos de Devlin eram claros, brilhante, e Remy assumiu que sua postura de não piscar tinha mais a ver com treinamento militar que qualquer outra coisa.

— Eu pisco, mas é apenas hábito.— Dev sorriu.

— Você pode ler minha mente também?— ele perguntou.

— Todo mundo sempre me pergunta a mesma coisa sobre piscar. Às vezes a melhor parte de ser psíquico é mexer com as mentes das pessoas.

O carro parou e ambos os homens saíram, entraram em uma bela antiga casa vitoriana que era feita com aço reforçado e vidro à prova de bala, embora as pessoas comuns que passassem não notariam aquelas proteções. Remy seguiu Dev pela escadaria sinuosa e em um escritório grande, onde uma mulher estava sentada atrás de uma escrivaninha.

— Nós iremos para meu escritório,— Dev disse. — Nenhum telefonema, a menos que seja uma emergência, Marlena.

O escritório do Devlin era grande, forrado com estantes de livros e computadores e, Remy notou, nenhuma janela.

— Eu sou mais seguro sem alguém poder ver dentro — Dev disse. — Mas você não se importa com isto. Você quer me perguntar algo.

— Eu quero saber sobre a tatuagem.

Dev olhou fixamente para ele com aquele olhar sem piscar. — Para este, eu ligarei a visão de volta. Mostre-me — ele disse finalmente, e Remy desabotoou suas calças e as abaixou para expor a tatuagem em seu quadril. Dev alcançou para tocá-la e ele disse — É da Haley.

— Sim.

— E você pode ganhar mais controle desde que apareceu.

— Sim. E quero saber como e por que me conecta a ela. Por que ela colocou isto aí.

— Ela não colocou, Remy. Você dois obviamente tem algum tipo de conexão — uma que não tínhamos ideia alguma quando a mandamos para encontrar você.

Remy reabotoou suas calças e então sentou pesadamente no sofá de couro, e Dev tomou a cadeira em frente a ele.

— Eu não sei se ainda quero esta conexão — ele disse grosseiramente, correu suas mãos por seu cabelo e expirou um suspiro frustrado. — Eu não quero ser responsável por colocá-la em perigo. Não novamente.

— Ela parece ser a única que pode aliviar suas necessidades durante as tempestades. Você fica mais tranquilo quando esta perto dela. E quando você não está com ela, a tatuagem pode conectá-los.

O que Devlin disse parecia tão malditamente lógico. Mas Remy já sabia que amor e desejo era tudo menos isto. — Tem que haver uma maneira melhor que nos ter conectados por toda vida com as tatuagens.

— Se existe, nós não sabemos o que é ainda. E nós não sabemos se machucará qualquer um dos dois se tentarmos remover as tatuagens. Agora mesmo, não fazer nada é a aposta mais segura para todos os interessados.

— Quem são “todos os interessados”?

— Apenas todo o mundo livre — Dev disse, e calmamente disse a Remy as várias maneiras em que seu poder de clima podia ser usado, e abusado, maneiras que Remy nem sequer tinha pensado.

Suas mãos tremeram, sua boca secou e ele afundou de volta em sua cadeira. — É exatamente como o cara da Itor disse. Eu sou uma fodida ameaça,— ele murmurou.

— Nas mãos erradas, sim.

— Em quaisquer mãos.

— Isto não é verdade. Se você decidir se alistar, nós podemos ajudá-lo com a parte difícil, a parte onde sente que jamais terá permissão para viver uma vida normal. — Devlin se debruçou adiante, cotovelos em suas coxas, e olharam diretamente nos olhos de Remy.

— Você não tem mais que fazer isto sozinho.

— Eu nunca vivi uma vida normal,— Remy admitiu. — Exceto com os SEALs, mas mesmo então, eles nunca me viram como normal.— Dev pescou um pedaço de papel de seu bolso e o entregou a Remy.

— Isto está terminado. E eu vejo você como muito normal, se ajuda. Então assine isto, e você será parte de nosso time.

Remy tirou o papel das mãos de Dev, examinando depressa.

— O que, pelos próximos seis meses, eu estarei vivendo, comendo, respirando ACRO? Uma folga a cada seis semanas? Ter meu tempo fora distribuído para mim pelo diretor responsável? E isto deveria me fazer feliz?

— Deveria fazê-lo o melhor, o melhor operativo que pode ser. Você é responsável por encontrar sua própria felicidade — Dev disse. — Mas eu posso fazer algo para ajudar com isto. Eu lhe mandarei felicidade toda noite, se quiser. Loira, morena, ruiva—todo as três se acha que pode lidar com isto.

— Eu não entendo como isto aconteceu — Remy murmurou.

— Há tantas coisas que não podemos explicar, Remy. Eu não posso explicar seus poderes, ou por que eles foram entregues a você, ou por que tenho os poderes que tenho. O melhor que podemos esperar é aprender a controlá-los e usá-los para o bem, por mais melodramático que pareça.

Remy rolou seu pescoço de um lado a outro para tentar aliviar a dor súbita que sentiu em sua cabeça, e então olhou Devlin nos olhos. Porque ele sabia que Devlin saberia que ele estava fazendo isto, esperaria isto. Mereceu aquele respeito por tudo que fez para Remy.

— Eu não posso assinar isto. Não agora. Não até que eu veja Haley e tenha algumas coisas endireitadas.

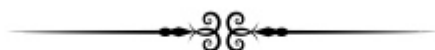
— Você não poderá vê-la até que ela acorde. Eu posso acomodá-lo no complexo até que isso aconteça, mantê-lo seguro até que você decida.

— Obrigado. Eu aprecio isto.

— Eu sei o que é parecer ter a vida que uma vez conheceu tirada de você — Dev disse, sua voz quieta. — Mas não espere muito tempo para se decidir, Remy. Eu quero você treinado, melhor do que jamais pensou que podia ser treinado.

Remy assentiu, se levantou e apertou a mão de Dev. Dev apertou um botão em sua escrivaninha.

— Marlena, você enviaria alguém aqui que pode levar Remy para a casa de hóspedes pela noite, por favor?



Haley odiava doutores quase tanto quanto ela odiava ter enxaquecas e pequenos homens sinistros que produziam coisas como a teia de aranha pegajosa do Homem Aranha que deu errado.

— Suas tomografias computadorizadas estão limpas, Srta. Holmes,— o doutor atraente e jovem demais disse. — Suas costelas estão contundidas, e você está desenvolvendo um par de olhos roxos, mas nós lhe daremos alguns medicamentos para dor e bolsas de gelo. Se ainda machucar para engolir e sua voz não retornar ao normal pela terça-feira, volte. Eu não suponho que eu posso convencê-la a passar a noite?

— Nós já discutimos isto.

Ele começou a dizer algo, mas quando ela o encarou, ele estalou sua boca fechada, anotado rapidamente algo em uma tabela e então disse — A maior parte do trauma, inclusive sua perda de consciência, foi causada por contusão psíquica. Eu penso que depois de alguns dias de descanso, você ficará bem.

Ótimo. Ela poderia estar fisicamente bem, mas mentalmente? Havia uma razão para ela não se alistar como um operativo super-espião. Exceto a absoluta falta de habilidade especial, claro. Ela era uma fracote. E ela realmente odiava ser espancada e estrangulada.

Felizmente, ela não se lembrava de muito depois que Apollo a esmagou em algum tipo de depravação invisível, mas ela recordou acordar enquanto médicos a tiravam de maca do jato da ACRO, e estar confusa porque Remy não tinha estado lá.

Ninguém podia—ou iria—dizer onde ele estava agora, ou por que não veio para visitá-la durante as quatorze horas que ela ficou presa na pequena clínica da ACRO. Dev mandou dizer que Remy estava bem, mas isso era tudo que sabia.

Estremecendo, ela saiu cuidadosamente de sua cama. Suas roupas tinham desaparecido, mas ela achou botas e uma pilha dobrada de roupas de combate pretas na cadeira de canto. Ela tentou alcançá-las, mas a cortina se abriu e ela agarrou a lacuna aberta da parte de trás de sua roupa de hospital ao invés disso.

— Você acha que eu podia ter um pouco e privacidade?— ela perguntou, sua voz rouca e áspera pelo estrangulamento de ar de Apollo.

— Eu já vi isso tudo, querida!

Haley girou, se encontrou cara a cara não com o doutor atraente, mas com uma mulher de cinquenta e poucos anos cujo distintivo branco a identificou como uma médium da Divisão Paranormal, mas que atualmente estava trabalhando no departamento Psiquiátrico da Divisão Médica.

— Quem é você?

— Dra. Helen McIntyre. Me chame de Helen. Eu sou uma conselheira. Todos os operativos são obrigados a frequentar pelo menos uma sessão comigo depois de uma missão, mas o diretor de Operações Especial achou que desde que você está ferida, seria melhor para mim lhe visitar.

— Não era uma missão — Haley murmurou. — Mais um sequestro. E Jason não é meu chefe.

— Não agora que você voltou, mas Devlin é, e ele concordou.

— Ainda assim não era uma missão.

Helen rolou seus olhos.

— Você é tão teimosa quanto seu pai diz que é.

Haley conseguiu se sentar na cama antes de cair.

— Você pode vê-los? Meus pais? Aquele cara da Itor não estava mentindo?

— Eu posso vê-los. E eles amam você. Muito.

Foi a vez de Haley rolar seus olhos.

— Moça, eles te enganaram *tanto*.

Helen puxou a cadeira do canto e se sentou.

— Você não acredita em que eles lhe amaram de forma alguma?

— Isto importa?

— Importa porque eles não querem que você tenha medo de ter crianças.

— Uau,— Haley disse. — Isso assunto é inesperado. Eu nem mesmo pensei sobre crianças.— Que era apenas parcialmente verdade. Ela não pensou sobre elas antes de Remy, mas agora... talvez crianças pudesse ser uma possibilidade.

E embora ela soubesse em seu coração que amaria suas crianças sinceramente, as memórias de como seus pais a deixavam de lado a favor de seu próprio caso amoroso a fez hesitar.

Helen bateu em sua cabeça com um dedo.

— Ow! Pra que isso?

— De seu papai. Ele disse que você aprendeu com os erros deles, e a conexão que você tem com o pai das suas crianças apenas intensificará seus sentimentos por elas, então pare de mentir para você mesma, e para mim.

Haley inspirou uma respiração áspera que machucou suas costelas.

— Você o viu?

— Quem?

— Remy.— Quando Helen a encarou inexpressivamente, Haley disse de mau humor. — Sabe, o pai de minhas crianças.

Um olhar endiabrado faiscou nos olhos verdes de Helen, e Haley sabia que tinha caído numa brincadeira. Psíquicos e seu estranho senso de humor.

— Eu peguei um vislumbre do mais novo menino dourado da ACRO mais cedo, e tenho um compromisso com ele amanhã.

Alívio a virou do avesso. Ela confiava em Dev, mas ouvir que Remy estava bem de alguém pessoalmente...

— Você pode me dizer o que acontecesse com as tatuagens?

Helen bateu seus lábios e olhado fixamente sobre o ombro de Haley por muito tempo, Haley começou a se perguntar se a outra mulher tinha entrado em um transe.

— Inteligente — Helen murmurou, e então mudou seu olhar para Haley.

— O que é inteligente?

— É um pouco complicado, mas... você acredita em almas gêmeas?

— Você está brincando, certo?— Haley cruzou seus braços sobre seu peito e estremeceu quando seu cotovelo bateu em suas costelas contundidas.

— O cara do Itor levantou isto. Eu joguei a bandeira da besteira então, e eu estou fazendo isto agora.

Helen fez um som de desaprovação com sua língua e estufou o peito como uma das galinhas poedeiras que os pais de Haley mantinham no quintal deles.

— Todo mundo tem uma alma gêmea, mas poucos fazem contato um com o outro enquanto vivem uma de suas muitas vidas humanas. Almas gêmeas passam tempo juntos principalmente no Outro Lado.— O ceticismo de Haley deve ter se mostrado em seu rosto, porque Helen bufou. — O que? Não me olhe assim. Eu estou tentando explicar isto.

— Eu estou escutando,— Haley murmurou.

Helen se inclinou para frente e tocou o joelho de Haley em um gesto esquisitamente confortante.

— De acordo com seu guia de espírito, muitas vidas atrás você e Remy desenvolveram uma maneira para conhecer um ao outro em forma humana. As tatuagens. O feitiço de infância dele os ativou, e se você sentar e pensar sobre isto, perceberá que você dois foram feitos para ficar juntos.

— Eu já percebi,— ela disse silenciosamente, porque embora ela ainda pudesse estar um pouco cética sobre a coisa de alma gêmea, ela de fato acreditava que ela e Remy pertenciam um ao outro. O que ela sentiu na casa de Itor tinha sido muito poderoso para negar. — Mas eu não suponho que você possa me dizer o que acontece com a habilidade de clima de Remy? Está relacionada com esta coisa de *alma gêmea*?

— Sinto muito, mas só posso discutir isto com ele.

Haley se sentou ali, entorpecida pela sobrecarga mística qualquer maneira. — Nós acabamos agora?

— Sim,— Helen disse, se levantando. — Eu gostaria que você marcasse uma hora em meu escritório semana que vem.

— É obrigatório?

— Vamos chamar de voluntário, mas se você não aparecer, eu enviarei uma ordem para fazer obrigatório.— Ela sorriu como uma avó

bondosa, o que não funcionou, não quando esta mulher passava uma vibração de uma forte pessoa madura.

— Eu acho que não discutirei, então.

— Isto é sábio. Eu sempre ganho.— Ela bateu levemente na cabeça de Haley como se ela fosse uma criança inoportuna. — E há outra pessoa aqui para ver você.

Remy? O coração de Haley ficou balístico. Dr. McIntyre saiu do cubículo cortinado. Alguns momentos mais tarde, Dev entrou, e Haley teve que sufocar um suspiro de decepção.

— Como está a nova diretora do departamento de Meteorologia?— ele perguntou, enquanto se movia infalivelmente para a cadeira próximo à cama.

— Eu acho que isto responde minha pergunta sobre se consegui ou não a promoção. — O que era ótimo, mas por alguma razão, ela não estava nem perto de tão excitada quanto teria estado apenas alguns dias atrás. Muito tinha acontecido. Vida, para um. Amor, para outro.

— Você conseguiu.— Dev rolou seus ombros como se tivesse ficado muito tempo em uma posição, como em uma escrivaninha. — Você lidou com sua tarefa como podia, dado o fracassado do Itor.

— O que aconteceu, Dev? Antes de eu partir para Louisiana, você me disse que Itor não conseguiria chegar tão perto de nós.

A mandíbula dele apertou e flexionou, e ela imaginou que ele precisara ver um dentista se continuasse rangendo seus dentes assim. — Eu não sei por que ou como nós fomos pegos com as calças abaixadas. Eu não sei como eles conseguiram informações privadas sobre você também. O que você diz a nossos conselheiros fica entre eles e você — e eu se eu precisar saber — mas é possível que alguém arrombasse o escritório...

— Ou que um dos conselheiros é responsável por vaziar informações.

— Falando de conselheiros, como foi a sessão?

— Eu estou certa de que você sabe. — A tentativa descarada de mudar o assunto de um possível traidor dentro de ACRO a aborreceu, e sua resposta saiu mais afiada do que pretendia.

— Existe algo que você gostaria de dizer?

Ela se virou, olhadas fixamente para as faixas azuis e brancas na cortina.

— Eu quero saber por que Remy não esteve aqui para me ver.

— A missão está terminada, Haley. Por que você quer vê-lo?

Nivelando um olhar para ele, ela soube que ele podia de alguma maneira ver, ela disse, — Porque ele foi mais que uma missão.

— Ah.— Ele se recostou em sua cadeira, enganchadas suas botas de combate nos tornozelos. — Eu esperei que ele se alistasse hoje. Ele recusou até que visse você. Então vá para casa, descanse um pouco, e farei com que ele seja levado para você amanhã.

Pequenas asas de borboleta tremularam em sua barriga ao pensamento que conseguiria ver Remy, como se ela fosse algum tipo de adolescente apaixonada.

— E então?

— Eu preciso que você trabalhe em um plano de treinamento para cobrir o segmento de clima da instrução dele. Quando você me ligou do hotel disse que ele ainda precisava trabalhar em alguns aspectos de seu controle?

— Sim. Mas agora que ele está em um ambiente onde não tem mais que esconder seu dom, onde ele é encorajado a usá-lo, eu acho que ele o dominará num instante.

— E as consequências sexuais?

Suas bochechas queimaram.

— Eu duvido que jamais seja fácil. A Mãe Natureza influencia sua atividade sexual do modo que faz com a depressão e depravação da luz solar e a mudança de estações. E as tatuagens, bem, eles tiveram um efeito colateral inesperado.

— Eu sei. Sua Tríade captou isto. A conexão de tatuagem será útil quando ele estiver fora e o tempo for para o inferno.

Ótimo. A Tríade provavelmente conseguiu uma espiada mental completa. — Eu quero romper o vínculo Tríade antes de ir para casa.

Ele assentiu. — Claro. E eu sei que você está cansada, mas vou precisar saber tudo que você aprendeu sobre a máquina de clima do Itor. E uma vez que você termine o plano de treinamento de Remy, sua primeira prioridade será determinar a localização da coisa.— Ele a lanceou com um olhar que penetrava apesar de sua cegueira. — Eu estou certo que não preciso impressionar você sobre a importância de achá-la.

Ela agitou sua cabeça. — Quanto mais eu penso sobre isto, mais assustadora a coisa toda é. Se a máquina deles é metade tão poderosa quanto Apollo disse, podia gerar tornados F5 em cidades como Londres ou Seattle, cidades despreparadas para este tipo de força. Ou pode soltar furacões tão destrutivos que cientistas teriam que revisar a Escala de Furacão de Saffir-Simpson. Itor podia atingir a costa dos Estados Unidos com furacões um depois do outro.

O possibilidades saídas de um pesadelos corriam por sua cabeça em câmera lenta. Centenas de milhares podiam morrer. O país seria mergulhado em ruína financeira. A anarquia podia desestabilizar o governo.

Ela se levantou, conseguido não estremecer na multidão de dores, e Dev veio para seus pés também.

— Eu cuidarei disso imediatamente. Mas eu posso pedir um favor?— Dev inclinou sua cabeça, e ela continuou. — Eu quero mais treinamento. Montes e montes de treinamento operativo. Com cada tipo de instrução de autodefesa que você tem.— Ela cerrou seus punhos a seus lados. — Ninguém vai me fazer sentir impotente novamente.— E ninguém numa mais faria Remy sentir como se ela fosse tão impotente que ele precisava se matar para protegê-la.

— Pode deixar.— Dev enfiou as mãos em seu bolso e olhou dentro, como se buscando um tipo específico de tranquilidade. — Mande seu relatório de missão por e-mail de manhã, e uma copia para Operações Especiais e OER. Os novos supervisores de Remy irão querer saber tudo que aconteceu.

Nenhuma dúvida. Jason, o diretor de Operações Especial, parecia ter seus dedos em todas as tortas. Akbar, chefe do departamento de Operativos Especiais Raros, provavelmente tinha também, embora ele fosse muito mais sutil sobre isto.

Dev não esperou que ela respondesse, simplesmente escapando como um fantasma.

O doutor atraente entrou e lhe entregou uma bolsa de gelo e um frasco de pílulas. — Tome uma a cada quatro horas para a dor. Elas lhe ajudarão a dormir.

— Ótimo. Obrigada.— Ela pegou as pílulas e escapou tão rápido quanto seu corpo duro a levaria. A caminho de fora, ela esvaziou o fraco em

uma lata de lixo. Ela não precisava de analgésicos e do sono profundo que eles traziam. Não quando queria estar de lúcida quando Remy viesse vê-la.

Ela precisava senti-lo dentro dela, suas mãos fortes nela, sua boca a consumindo até que eles estivessem ambos reduzidos a uma alma, como o que aconteceu quando Itor os tinha. E ela precisava lhe dizer o quanta o amava, porque embora ela esperasse que ele tivesse sentido seu amor durante o sexo mental—assumindo que experiência tinha mesmo sido real—ela não tinha falado alto. Ele merecia a verdade, e esperançosamente ele ainda se sentiria da mesma forma.

Capítulo 28

Dev dormiu muito mal aquela noite—agitou-se, girou e até tomou um banho frio a certo ponto para manter os fantasmas à distância.

Não funcionou. Ele estava pedindo seu carro pelas quatro de manhã, estava em seu escritório trabalhando quinze minutos mais tarde. Despejado sobre listas de empregados da ACRO, pondo seu enfoque em operantes com Habilidades Especiais e se perguntando como diabos um informante podia estar trabalhando na ACRO e ele não podia farejar esta pessoa.

Ele correu suas mãos pelo cabelo e suspirou profundamente. Existia alguém que ele podia chamar para ajudar, mas ele não estava pronto para isto. Ele poderia nunca estar pronto, não a menos que a agência estivesse em grande perigo. E havia ainda muito mais que o próprio Dev podia—e iria—fazer para evitar que isto saísse de controle.

Ele sacudiu suas mãos para fora de seu cabelo quando a explosão familiar de energia viajou sobre sua pele—era um leve toque porque havia uma parede entre eles, mas ele sabia que Creed tinha voltado para casa.

Creed podia lidar com isto junto a ele.

— Devlin, Creed está aqui para ver você.— Marlena sabia que Dev tinha esperado pelo tradutor de fantasma retornar de sua velha mansão de família.

— Mande-o direto,— Dev disse, sentado de volta em sua cadeira e esperou até que ouviu a porta abrir e novamente sentiu a energia que Creed sempre emitia, mais forte agora. Creed nem percebia que fazia—e não era um sentimento desagradável, mais como pequenos formigamentos na pele.

Creed sendo Creed, foi direto ao ponto.

— O que está acontecendo, Dev?

Dev não precisou usar sua segunda visão para ver que Creed estava agitado—ele podia ouvir isto na voz do homem.

— Você está bem? Você não está ferido, não é?— Dev perguntou.

— Eu estou ótimo, cara. Mas você não vai ficar.

Dev assentiu. Ele sabia que—agora apenas precisava de uma maneira para reassegurar Creed. — Eu posso cuidar de mim mesmo. Você sabe disto. Agora, você pode me dizer o que descobriu?

— Há um traidor aqui, Dev. Na ACRO,— Creed disse. — Mas você já sabia disto.

Dev assentiu lentamente. — Eu suspeitei. Eu apenas precisava de confirmação.

— Bem, eu teria gostado de algumas informações adicionais, mas eu não podia arriscar ficar lá. Aquela coisa quer sair, e muito. Se eu ficasse...

— Não, você fez a coisa certa. Annika sabe?

— Ela saiu logo antes do espírito decidir começar a conversar.

— Então vamos manter isto entre nós,— Dev disse, sabendo que ele podia contar com Creed para isto.

— O sujeito do clima está aqui?— Creed perguntou, e Dev assentiu.

— Ele está aqui. Não se alistou ainda, mas eu acho que ele irá. Ele parece ter cometido o erro de se apaixonar,— Dev disse, e desejou que não soasse tão cínico. Mas uma noite de sexo sempre despertava isto nele.

Creed bufou em resposta, como se compreendesse. E talvez ele o fizesse, em algum nível, desde que o espírito que pareceu viver como parte dele interferia muito com a vida amorosa do homem.

— Annika voltou?— Creed perguntou finalmente.

— Sim—voltou, e saiu em uma tarefa novamente.

— Você não lhe dá uma folga, não é?— Creed perguntou, e Dev tomou um choque particularmente afiado de Creed. Ele se perguntou por apenas um segundo se Creed sabia sobre a eletricidade que emitiu, ou se o homem vinha tomado lições de Annika. Mas Annika não queria ter nada a ver com Creed, então compartilhar dicas não parecia possível.

Dev riu. — Ela pediu para sair novamente. Não me diga que sente falta dela. Eu nunca imaginei que você fosse o tipo sentimental. Ela não é exatamente um também .

— Eu sei mais sobre ela do que você pensa,— Creed disse, e Dev brevemente se perguntou o que isso deveria querer dizer. — O que você quer que eu faça agora?

— Eu deixarei você saber. Por agora, eu quero que se mantenha perto de casa,— Dev disse. — Ambos teremos que nos manter um pouco mais perto de casa.

Foi Wyatt que acabou deixando Remy na casa de Haley na noite seguinte.

Depois de uma noite inquieta e um dia cheio em uma confortavelmente mobilhada casa de hóspedes que era o dobro do tamanho de seu canto na baía pantanosa, e uns poucos trovões e tempestades de raio que ele era quase certo que estivesse por trás, especialmente quando acordou depois de um sonho particularmente vívido sobre Haley, Remy recebeu uma visita do ex-SEAL.

— Ela acordou ontem à noite—ela está dolorida e está rouca, mas pelo que Dev diz, ela vai ficar bem,— Wyatt lhe disse antes de Remy entrar no carro. — Ela se recusou a passar a noite para observação.

— Teimosa,— Remy murmurou.

— Sim, meio que me lembra alguém.— Wyatt ainda usava os óculos de sol de ontem, tinha uma bandana azul enrolada ao redor de sua cabeça e agora estourava AC/DC do estéreo do carro, assim ambos tinham que gritar para serem ouvidos enquanto virava em uma esquina que levava a uma longa, curvada estrada suja. — Eu nunca agradei você meu caro.

— Você salvou Haley—considere-nos quites.

— *Você* salvou Haley. Agora tem que decidir se é hora de salvar a si mesmo.

Remy assentiu. — Você está certo que este lugar não usa gaiolas, tortura...

— Só para os caras ruins, Remy. Só para os caras ruins.— Wyatt lançou o carro a uma parada na frente de uma casa. — Eu estou achando que eu não devia me incomodar em esperar por você.

— Se coisas não forem bem, eu acharei meu modo de voltar,— Remy disse, saindo do veículo.

Wyatt assentiu, e com um aceno rolou estrada abaixo, cantando — Black in Black— a plenos pulmões.

Remy caminhou através da varanda largamente assoalhada, passando a cadeira de balanço e as plantas envasadas, e bateu na porta, desejando que não estivesse tão nervoso, que tivesse trazido flores ou algo que ela poderia gostar. Ele ouviu o estrondo de trovão acima e fez um ponto em tentar controlar seus nervos antes dela abrir a porta.

Ele não teve que esperar por muito tempo, e foi saudado por uma mulher sorridente com a sugestão de olhos roxos e as respirações afiadas de alguém cujas costelas tinham sido machucadas.

Ele conhecia a sensação.

— Ei,— ele disse, porque tudo ele realmente queria fazer era agarrá-la e beijá-la, abrir a camisa branca de botões que ela vestiu e deslizar sua caqui, mas imaginou que conversar primeiro era provavelmente a maneira de começar.

— Ei você — ela disse, segurando a porta de tela aberta para ele. — Venha para dentro.

— Você devia estar deitada. Descansando,— ele disse.

— Não há mais ninguém para atender a porta. Além disso, eu sabia que você estaria vindo.

Sua casa era grande—aberta, arejada e casual. Um lugar em que ele não se importaria de passar mais tempo. Ela o levou pelo vestíbulo para um solário em direção à parte de trás da casa e agora eles se sentavam juntos no sofá, virados para encarar um ao outro. E tudo que Remy queria fazer era beijá-la, mas ele se dominou.

— Belo lugar,— ele disse. — A ACRO encontrou para você?

— Eles acharam. Eles têm sido realmente bons para mim,— ela disse. — Você conheceu Dev, não é?

— Conhece. Ele é quem parece ser, não é?

— Nada falso sobre ele,— ela concordou.

— Eu estava realmente preocupado. É por isso que eu fiquei aqui—na ACRO. Assim podia ter certeza que você estava bem.

— Eu estou contente que ficou.— Ela pausou. — Eu meio que conclui, desde havia alguns temporais inexplicados na área.

— Sim, bem, você sabe que isso funciona.

— Sabe, a ACRO podia provavelmente ajudá-lo a chegar ao fundo do que está acontecendo com você—por que sua atração com a Mãe Natureza é tão forte,— ela disse, mas ele já tinha começado a agitar sua cabeça.

— Não é isso que estou procurando.

— Você não quer saber como pode fazer o que faz?

— Qual o ponto em saber o como, Haley? Eu sei que não consegui este poder por causa de uma mordida de aranha ou porque enfrentei meu medo de morcegos para lutar contra o mal no mundo. Eu não sou um personagem de revista em quadrinhos. Eu sou real—e eu não me importo se consegui estes poderes porque nasci em um furacão ou porque a Mãe Natureza me escolheu como especial. Tudo que eu sei é que desde que conheci você, tudo está melhor. Eu estou mais tranquilo, mais em controle, mesmo quando eu não estou diretamente próximo a você. Isso tem que significar mais que qualquer explicação que a ACRO pode apresentar.

— Eu acho que posso entender isto. Para registro, eu nunca vi você como qualquer coisa exceto um homem.

— Bem, isto é bom,— ele disse, e ela sorriu novamente e o desejo de beijá-la ficando mais forte.

— Você vai se juntar a ACRO?— ela perguntou.

— Eu precisava conversar com você primeiro. Sobre me alistar. Sobre nós.

— Não se aliste apenas por mim,— ela disse depressa. — Eu quero que faça esta decisão por você. Eu quero que seja feliz.

— E eu quero ter certeza que você fique segura, não importe o que aconteça comigo. Não importe que decisões eu faça. Primeiro eu preciso ter

certeza que eu não sonharei com o modo em que possa mantê-la segura e ainda permanecer no controle,— ele disse. — Eu quero dizer, quando eu fui capturado naquele celeiro, nós fizemos sexo. Sexo mental. A menos que as drogas que eles me deram eram realmente poderosas...

— Você sentiu isto também?— Ela sussurrou, alcançando para tocar o rosto dele.

— *Sentiu* é a palavra chave. Eu estava dentro de você, Haley. Você me ajudou a passar pela tempestade.

— Foi incrível. Eu estava logo ali com você,— ela disse, e automaticamente colocou sua mão no quadril onde sua tatuagem estava. Sua própria tatuagem começou a formigar no segundo que ele passou pela porta.

— O que isto quer dizer? Eu sei que no carro você disse que não podia deixar isto acontecer. Mas eu podia ter jurado, naquele celeiro, ouvi que você dizer...

— Eu amo você, Remy.

— Sim, foi isso que você disse.

Ela riu, um som maravilhoso. — Eu sei que foi isso que eu disse. E eu quis dizer isto. Eu amo você.

— Você me ama,— ele repetiu.

— Sim.

— Sua aparência está o inferno,— ele disse.

— Você certamente sabe como passar uma conversa doce em uma mulher.

Ele a atraiu para mais perto, seu toque gentil, mas firme. — Malditamente certo que sei passar uma conversa doce em você, *chere*. Eu sei o que você gosta, sei todos os lugares que fazem você gritar meu nome quando os toco,— ele murmurou contra seu pescoço.

— Então faça isto,— ela sussurrou.

— De jeito nenhum, *baby*. Não até que esteja completamente curada.

— Eu não posso esperar tanto tempo para tê-lo dentro de mim, Remy. Eu não vou quebrar.

— Não, eu acho que você não vai.— ele capturou sua boca em um longo e profundo beijo que lhe disse as palavras delas de era o negócio real. — E agora você precisa se deitar,— ele disse, pegando-a no colo cuidadosamente e a levando na direção dos degraus.

— Meu quarto é-

— Eu posso achar seu quarto,— ele disse, chegou ao topo dos degraus e seguiu instintivamente em direção ao quarto que teria a melhor

visão desobstruída do céu da noite. Quando ele cutucou a porta com seu pé, ele foi saudado por uma janela de retrato com vista para o lago, e uma faísca da descarga de um raio.

— Isto foi você, não é?— Ela perguntou.

— Tudo eu,— ele concordou, e a deitou suavemente na cama. — Agora, você apenas me deixe fazer todo o trabalho.

Ela põe seus braços ao lado. — Você não conseguirá quaisquer contra-argumentos de mim.

— Bom,— ele disse, e então ele a beijou. Sua boca era quente, tinha um gosto maravilhoso—como vinho doce e raio de sol, e porra, ele nunca seria capaz de conseguir o suficiente dela. Nunca.

Sua língua brincou contra a dela enquanto suas mãos roçavam ao longo da parte de fora de sua camisa, movia ao longo da curva de seu seio até que ele não podia aguentar mais.

Um botão de cada vez, ele abriu sua camisa, beijado a seu modo abaixo do caminho exposto enquanto empurrava o tecido de lado e então desenganchou seu sutiã. Ele pausou por um segundo para rosar as púrpuras contusões escuras próximas as costelas dela.

— Não é tão ruim,— ela disse enquanto guiava sua cabeça para o seio dela—deixando ele saber que até quando estava no comando, era ela que realmente comandava o show.

Ele não se importou nem um pouco, amou o modo como sua boca se curvou quando ele se inclinou e raspou sua bochecha áspera ao longo de seu mamilo antes dele o tomar entre seus dentes.

Com um mamilo inchado em sua boca, ele deixou sua mão entre flutuar entre as pernas dela, acariciando seu sexo pelo tecido até que seus quadris se agitaram e ela estava lhe dizendo para *tirar as calças dela agora*.

— Mandona — ele murmurou enquanto desabotoava e abria o zíper de suas calças.

— Com muito orgulho — ela disse, sua respiração dificultada quando ele trabalhou seu outro mamilo em sua boca.

— Teimosa também — ele disse quando puxou as calças para fora de suas pernas, junto com sua roupa íntima, deixando-a exposta para ele no luar que fluía pela janela.

— Sim,— ela disse quando seu dedo encontrou sua fenda e a acariciou primorosamente. — Remy, por favor...

— Sim, *baby*, eu irei,— ele disse. E embora ele quisesse tocá-la, saboreá-la, afundar sua língua em seu calor e passar uma longa e vagarosa noite fazendo gozar repetidas vezes, ele era tão fodidamente duro, que queria—não, precisava—estar dentro dela agora mesmo.

Ele espalhou suas coxas, gemeu em como ela conseguia estar tão apertada e tão molhada ao mesmo maldito tempo e balançou nela suavemente,

sua boca achando a dela novamente. Palmas abaixadas a ambos os lados dele, seus bíceps tremendo ligeiramente enquanto a tomava, mantendo suas investidas longas e constantes assim ela ficaria confortável.

— Eu não posso conseguir o suficiente de você,— ele respirou contra sua boca. — Eu acho que jamais vou conseguir me satisfazer.

— Toque-me — ela gemeu, e ele desliza uma de suas mãos entre seus corpos para tocar em seu núcleo. A ponta seu dedo polegar acariciou seu clitóris, e ela gritou, e ele estava tão perto do limite que ele podia ver lampejos de luz atrás de suas pálpebras.

Ele bobeou profundamente dentro dela, sua umidade lisa criando uma fricção devastadoramente quente.

Ele lançou sua cabeça para trás, seus dentes cerraram, se mostraram. Um estrondo baixo e severo começou fundo em seu peito, e ele estava ciente da quente eletricidade formigante que se lançava entre eles. Então ele se dirigiu para cima, e a mão dela se levantou para puxar sua boca para a dela, onde seu beijo emudeceu seus gritos de prazer.

O orgasmo dela aconteceu segundos antes do seu, uma profunda ondulação que o lançou sobre o limite com ela, até que ele não podia ver e mal podia respirar e se largou dentro dela, enchendo-a com jatos quentes de sêmen.

Momentos mais tarde, ele recuperou a respiração e percebeu que parcialmente desmoronou sobre ela, seu membro ainda pulsando dentro dela,

e ele se encontrou desejando que eles pudessem ficar nesta posição para sempre.

Mas eles não podiam, e saiu suavemente e rolou para o lado dela na cama, encarando o teto na escuridão. Instintivamente, sua mão alcançou para tocar o quadril dela, começou a traçar a tatuagem como se a estivesse desenhando, e se perguntou se sempre iria ser tão bom.

— Eu não sei o que fazer,— ele admitiu finalmente. — Eu nunca fui realmente próximo de ninguém.

— Você apenas continue a fazer o que está fazendo, e eu acho que ficaremos bem,— ela disse, sua voz ainda ligeiramente ofegante quando ela se apoiou em seu bom lado e traçou a tatuagem dele com seu dedo de um modo que imitou o que ele estava fazendo na dela. — Nós acharemos um jeito juntos.

Juntos. Isso realmente teve um belo som.

Do lado de fora, a descarga de raio continuou a se chocar, como se a Mãe Natureza concordasse com Haley. De agora em diante, ele estaria lidando com duas mulheres, e ele não teria isto de nenhuma outra maneira.

Epílogo



Em algum lugar ao longe, um trovão deslizou, e o coração de Haley cambaleou.

Empacotada em um cobertor dentro de seu balanço na varanda dianteira, ela olhou para a cumulonimbus que se formava através dos pomares cercando sua velha casa de fazenda. A propriedade, cinco milhas da sede da ACRO, tinha sido um dos incentivos da agência para se alistar. Não que ela precisasse de incentivos. O trabalho era mais que suficiente.

Um miado guinchante a advertiu uma mera batida do coração antes de Geordie, o gato ela que salvou de um abrigo algumas semanas atrás, saltado em seu colo. Ela acariciou a ronronante bola de pele enquanto dava um gole em sua sidra condimentava, notando o quanto insípida parecia, apenas como tudo ultimamente. Até seu sorvete favorito de noz preta tinha se tornado suave e desinteressante. Ela daria qualquer coisa por um pouco de jambalaya e cherry bounce agora mesmo.

Os raios brincaram juntos entre duas nuvens escuras, e um baixo e ameaçador estrondo de trovão desvendado através do horizonte, ficando mais alto. Calafrios se espalharam por sua pele, lembrando-lhe como parecia tocar Remy, como a própria atmosfera entre eles faiscava e chiava. Como tocá-lo parecia como agarrar uma cerca de alta-voltagem, mas sem a dor.

Grossos pingos de chuva cobriram o chão, e as árvores de maçã se curvaram a uma rajada glacial de vento da última tempestade de outono, e ela reuniu o cobertor mais firmemente ao seu redor. Geordie teve o suficiente, e se arremessou pela porta do gato para a casa.

Apertando seus olhos fechados bem forte, Haley sentiu a brisa envolve-la como um dos abraços íntimos de Remy, e se pensasse forte o suficiente, podia quase cheirar o extraordinário aroma que era exclusivamente dele, uma combinação de almíscar, homem e ozônio, algo que apenas uma meteorologista podia apreciar.

Trovão estalou, mais próximo. Uma pessoa sã se abrigaria, mas Haley permaneceu onde estava sentada

Ela abriu seus olhos. Os galhos balançaram, alcançando o baixo conjunto de nuvens de tempestade. Folhas mortas caíam ao longo do quintal.

Da direção errada.

Ela piscou. A tempestade tinha mudado, sua base rodando em uma rara rotação horária. Abaixo da base, uma parede de chuva se formou, e de fora da precipitação, Remy emergiu.

Seu coração ficou louco. Ela se levantou, soltando o cobertor. Seus intensos olhos azuis capturando os dela. Seu pulso martelou em suas orelhas, suprimindo o trovão que agora continuou ininterrupto.

Remy parou a cinco jardas da varanda, e de repente a tempestade se aquietou, deixando nada além do sussurro suave de chuva leve. A água correu em regatos abaixo de sua jaqueta de couro preto, e sua calça jeans estava ensopada, mas ele não pareceu notar. E, oh, ele parecia bem, maior do que ela lembrava. Mais forte. Mais confiante, o que dizia algo, dado que na baía ele radiou uma certa arrogância. Agora, depois da primeira fase de seu treinamento, todos os rastros de vacilação tinham partido. Ele cresceu em seu dom. Dominou. Nada o derrubaria.

Eles olharam fixamente um ao outro por um minuto inteiro antes dela engolir secamente e dizer, — Eu vejo que você aprendeu algumas coisas.

Ele deu um afiado aceno com a cabeça, lançando gotículas de água no chão. — Umas poucas.— Raio relampejou em seus olhos, e ela percebeu que nenhum tinha relampejado no céu.

Mesmo assim, trovão ressoou acima.

— Eu senti sua falta,— ela sussurrou. — Seis semanas é muito tempo.

— Tempo demais, e eu só tenho vinte e quatro horas de folga, então venha aqui.

Ela correu para ele e se lançou em seus braços. Seu coração chutado contra suas costelas, e por suas camadas de roupa, a batida de coração dele respondeu, martelando contra seu tórax em um ritmo idêntico.

Imergindo sua cabeça, ele traçou a concha de sua orelha com a língua, e ela sentiu a protuberância distinta de sua ereção contra sua barriga. — Você estava certa, Haley. Eu precisava da ACRO. Eu precisava de você.

Ela colocou uma mão em sua bochecha e trouxe seu olhar para o dela. — Eu estive sempre tão temerosa de precisar de alguém do modo como minha mãe fazia. Eu não queria um homem para definir quem eu era. Então eu substituí uma carreira por um homem, e sem saber disto, eu deixei meu trabalho me definir ao invés disso. Eu preciso de você também, Remy. Com você, eu posso ser muito mais que uma meteorologista.— Subindo nas pontas dos pés, ela roçou seus lábios sobre os dele. — Eu amo você.

— Então me mostre.

Um banho quente de necessidade zumbida por suas veias, e ela soltou suas mãos para seu traseiro firme e se balançou contra ele, deixando exatamente claro como ela o mostraria. — Só tente me parar.

Seu riso ressoou fundo em seu tórax, fazendo seus mamilos já duros doerem. — Por que eu faria isto?

— Não faço ideia.— Ela gemeu quando ele envolveu seus seios com a mão e os massageou entre suas palmas.

Ela alcançou, puxando a cabeça dele abaixo para sua garganta. — Eu quero que você me prometa uma coisa,— ela disse, lançando sua cabeça assim ele podia saquear seu pescoço com a boca.

— Diga.

A chuva parou. O ar ficou quieto e de alguma maneira ficou mais quente. E ao longe, acima do ombro de Remy, uma lasca de azul cortou o céu.
— Jamais tenha medo de me machucar. Sabe, durante o sexo de tempestade.

Ele deu um meio passo para trás, franzindo para ela. — Haley, é mais seguro para fazer isto pelas tatuagens.

— Agora que você ganhou tanto controle sobre seu dom, você acha que seus impulsos ainda serão tão fortes quanto eram?

Ele pareceu afetado, como se devesse ter vergonha, como se não quisesse divulgar, até para ele mesmo, que ele não dominou todo aspecto de seu talento. — Sim,— ele admitiu, — mas como eu disse, nós podemos ficar separadamente agora durante as piores partes, usar as tatuagens ao invés disso. Eu posso controlar os impulsos deste modo.

— Mas Remy,— ela disse, em uma voz baixa e rouca que mal reconheceu como sua própria, — Eu não quero que faça isto.

A garganta dele trabalhou em uma longa e difícil tragada. — Você está dizendo...

Ela o empurrou, tirando-o do equilíbrio, e enquanto ele ficou ali, atordoado, sua ereção que esticada contra a frente de sua calça jeans, ela escapou de sua camiseta tão rápida, que uma costura rasgou.

— Sim, eu estou dizendo.— Ela agitou-se até ele, cutucou-o no tórax forte o suficiente que ele deu um passo atrás. — Você não ouse se conter. Eu não vou quebrar.— Ela ergueu seu rosto para o céu e fechou seus olhos. — Dê-me tudo de vocês. Tudo.

A próxima coisa ela soube, foi que estava nos braços de Remy, girando súbita chuvarada quente, e ao redor deles, um raio dançava no céu, circulando-os em um anel acima de sua casa.

— É lindo,— ela ofegou. — O que mais você pode fazer?

— Você não tem nem ideia, *chere*.— Ele aninhou seu pescoço, levou-a forte para o chão de forma que estava em cima dela, a coxa dele entre suas pernas, pressionando contra seu centro, que precisava dele como ela precisava respirar. E ao redor deles, o ar eletrificou uma fração de segundo antes do cintilar do relâmpago de nuvem escura iluminar o céu—e permaneceu iluminado. — Mas eu vou mostrar a você. Você está pronta?

Seu corpo inteiro estremeceu com prazer. Ela olhou em seus olhos, intensos e cheios de paixão. Ela estava pronta.

Pronta para montar a tempestade.

Fim

A Série Acro continua em: *Unleashing the Storm*



Esta obra foi traduzida pela **Comunidade After Dark**, que tem como objetivo a tradução de livros ainda **não** lançados no Brasil. É uma tradução sem fins lucrativos. Portanto a venda ou troca deste e-book é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode tê-lo em seus arquivos pessoais, mas pedimos que, **por favor, não hospede este e-book em nenhum outro lugar**. Caso queira tê-lo sendo disponibilizado em arquivo público, entre em contato com a Equipe Responsável pela Comunidade através do e-mail: tadsuporte@gmail.com.

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503>

☺ All Creatures of the night get together After dark ☺

